

MARIA SANDRA DE OLIVEIRA GOMES ARAÚJO

**OS ASPECTOS EDUCATIVOS DAS INTERVENÇÕES SÓCIO-
COMUNITÁRIAS NO JARDIM EUROPA DE SANTA BÁRBARA D'OESTE/SP**

UNISAL
Americana/SP
2008

MARIA SANDRA DE OLIVEIRA GOMES ARAÚJO

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**OS ASPECTOS EDUCATIVOS DAS INTERVENÇÕES SÓCIO-
COMUNITÁRIAS NO JARDIM EUROPA DE SANTA BÁRBARA D'OESTE/SP**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Centro Universitário Salesiano de São Paulo (Unisal) como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Sócio-Comunitária, sob a orientação do Prof^o Dr. Marcos Francisco Martins.

UNISAL
Americana/SP
2008

Comissão Examinadora:

Profº Dr. Marcos Francisco Martins

Profº Dr. Paulo de Tarso Gomes

Profº Dr. Paulo Romualdo Hernandez

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos educadores, gestores, voluntários, militantes e todos aqueles que, envolvidos em intervenções sócio-comunitárias, acreditam que é possível transformar a sociedade e torná-la um lugar mais justo e harmonioso para se viver.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a Deus pelas oportunidades, pela minha família, amigos, colegas e pela saúde e coragem concedidos durante este projeto;

Ao Gil por ser companheiro em todas as horas, sempre com uma palavra de incentivo e apoio;

Aos filhos Gabriel e Maria Eduarda pela paciência em suportar as minhas ausências nos períodos dedicados aos estudos;

Aos pais, à madrinha e aos familiares que com sua proximidade ofereceram carinho e ânimo nos momentos difíceis;

Ao orientador Prof^o Dr. Marcos Francisco Martins pelas sábias palavras, apoio e acompanhamento durante esta caminhada;

A todos gestores, educadores, voluntários e participantes das intervenções sócio-comunitárias pesquisadas, protagonistas deste trabalho de pesquisa.

É esse efetivamente um dos mais importantes papéis dos intelectuais que se querem orgânicos às classes subalternas nos dias atuais: construir a educação sócio-comunitária mediante a articulação da práxis comunitária com a práxis social. Mas como bem disse Gramsci, é preciso que eles sintam o que o povo sente, assim como também é preciso que o povo saiba o que eles sabem. Quando o povo souber o que os intelectuais sabem e os intelectuais sentirem o que o povo sente, nós estaremos a um passo de realmente transformar não a realidade regional, fragmentada e local, mas o mundo como um todo em uma realidade mais justa e fraterna (MARTINS, 2006).

RESUMO

O presente trabalho apresenta um mapeamento das intervenções sócio-comunitárias na região do Jardim Europa em Santa Bárbara D'Oeste, São Paulo. Os dados coletados são analisados tendo por referência algumas categorias marxistas, especialmente os conceitos gramscianos. Nas intervenções e dinâmicas societárias observadas na região pesquisada, detectamos alguns elementos educativos, que embora cooperem para a melhoria da qualidade de vida da população, constituem-se em estratégias burguesas de educar a sociedade para o consenso em torno de um modelo de sociabilidade capitalista que emerge na contemporaneidade. Nesse panorama social, um novo léxico passa a ser utilizado para designar e dar novos sentidos a antigos conceitos, entre os quais destacamos a emergência do vocábulo “terceiro setor” em lugar de sociedade civil, “voluntário” em lugar do militante - intelectual orgânico das classes subalternas. Porém, estes mesmos cenários em que as intervenções sociais ocorrem, são indubitavelmente arenas privilegiadas onde se travam lutas para a consolidação e difusão da hegemonia. Assim, o desafio da educação é forjar junto a estas realidades concretas, intelectuais orgânicos, que articulados com a população em condições de subalternidade, possa contribuir para a transformação da sociedade e a inauguração de um mundo mais humano, igualitário e justo.

Palavras-chaves: educação sócio-comunitária, intervenções sociais, sociedade civil, intelectual orgânico, hegemonia, terceiro setor, neoliberalismo.

ABSTRACT

The present work presents a map of the social communitarian interventions in the Jardim Europa County in Santa Bárbara D'Oeste City, São Paulo. The data collected are analyzed having as references some Marxists issues, especially the Gramsci concepts. In the social interventions and dynamics observed in the researched region, we detected some educational elements, which even though, cooperate to enhancement of the quality of life of the local people, it constitutes a set of bourgeoisie strategies to educate a society to a common sensuous around a capitalistic sociability that emerges from the contemporaneity. In this social panel, a new lexis starts to be utilized to design and give new meaning to old concepts, among them, we enhance a new vocabulary such as, third sector instead of civil society; volunteer instead of militancy - organic intellectual of undermining classes. Although, these same scenarios as such the ones the social intervention occurred are, with no doubt, privileged arenas where there is a great battle being fought to consolidate and diffuse hegemony. So, the educational challenges are to gather from these realities, organic intellectuals that will articulate together with the people in demeaning conditions to contribute to a social transformation and the opening to a world more human, equal and fair.

KEY WORDS: social communitarian education; social intervention, civil society, organic intellectual, hegemony, third sector, neo liberalism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
-----------------	----

CAPÍTULO 1: REFERENCIAIS DA PESQUISA	15
1.1 Localizando os conceitos: algumas categorias do materialismo histórico.....	15
 CAPÍTULO 2: CONSIDERAÇÕES ACERCA DA METODOLOGIA DA PESQUISA SOBRE AS INTERVENÇÕES SÓCIO-COMUNITÁRIAS NO JARDIM EUROPA.....	33
2.1 Aspectos metodológicos da pesquisa.....	33
2.2 Notas sobre o trabalho de campo.....	38
 CAPÍTULO 3: UM PANORAMA DA QUESTÃO SOCIAL HOJE.....	43
3.1: Da crise estatal à instituição do “neoliberalismo de Terceira Via”	43
3.2 As intervenções sociais no atual contexto sócio-comunitário: Sociedade Civil e Terceiro setor.....	62
 CAPÍTULO 4: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES DA REALIDADE PESQUISADA - O JARDIM EUROPA.....	67
4.1 Aspectos históricos.....	67
4.2 Aspectos estruturais.....	73
4.3 Os sujeitos que intervêm na realidade pesquisada	
4.3.1 O Centro Comunitário.....	76
4.3.2 As Escolas.....	79
4.3.3 A Sociedade de Amigos de Bairro do Jd Europa.....	82
4.3.4 As Igrejas.....	84
 CAPÍTULO 5: O MAPA DAS INTERVENÇÕES SOCIAIS.....	89
5.1 Os sujeitos sociais	
5.1.1 Centro Comunitário.....	89
5.1.2 Escolas.....	93
5.1.3 A Sociedade de Amigos de Bairro do Jardim Europa.....	95
5.1.4 As Igrejas.....;	96

5.2 Identificação escolar e econômico-social do público atendido nas diversas iniciativas de intervenção social presentes no bairro.....	100
5.3 As necessidades sociais apuradas.....	101

CAPÍTULO 6: OS LIMITES E OS ASPECTOS EDUCATIVOS DAS INTERVENÇÕES SOCIAIS REALIZADAS NO JARDIM EUROPA...105

6.1 Limites das intervenções sócio-comunitárias observadas.....	105
6.1.1 Intervenções do Centro Comunitário	108
6.1.2 As intervenções a partir das Escolas.....	113
6.1.3 As (não) intervenções a partir da Sociedade de Amigos de Bairro do Jardim Europa - SOAJE.....	121
6.1.4 As intervenções a partir das Igrejas.....	123
6.2 Os aspectos educativos das intervenções sócio- comunitárias.....	125
6.3 Os desafios da educação para transformação.....	135

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....140

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....145

QUADRO DE TABELAS

TABELA 1 Quanto à idade.....	100
TABELA 2 Quanto à escolaridade.....	101
TABELA 3 Quanto à situação econômica.....	101
TABELA 4 Dificuldades apontadas pelos usuários.....	102
TABELA 5 Dificuldades apontadas pelos gestores.....	104

ANEXOS

ANEXO 1 – Modelo do Questionário aplicado aos gestores das instituições que realizam intervenções sócio-comunitárias.....	161
ANEXO 2 – Modelo do Questionário aplicado aos usuários das intervenções sócio-comunitárias.....	163
ANEXO 3 – Roteiro das entrevistas realizadas com moradores.....	165
ANEXO 4 – Transcrições das Entrevistas.....	166
ANEXO 5 – Transcrição dos Questionários.....	187
ANEXO 6 – Mapas da Região Pesquisada.....	317

INTRODUÇÃO

O nosso interesse pelas questões educacionais e sociais é de longa data. Desde que iniciamos a atuação na área da educação, em 1995, tivemos a oportunidade de conhecer diversos contextos históricos e lecionar para discentes com origens sócio-econômica e cultural bem diferenciadas. Vivenciamos situações no ambiente escolar cujas origens encontravam-se nas condições extra-escolares, nas condições materiais que permeavam a realidade do aluno, da própria escola e da comunidade como um todo.

Concomitantemente à nossa prática docente, também passamos atuar em comunidades de bairro. Nas associações de moradores nos envolvemos diretamente num campo de disputa política pela conquista de direitos sociais comuns à população, participando de diversas ações populares principalmente na localidade em que residíamos no município de Sumaré.

Além disso, também desenvolvemos várias atividades junto a uma comunidade religiosa. Esse contato direto com a realidade comunitária das pessoas que procuram ou se filiam ao movimento religioso nos possibilitou entender melhor a dinâmica da vida daqueles que lutam por mudanças não só no campo espiritual, mas também nos aspectos materiais, como é o caso da melhoria da qualidade de vida e da superação das dificuldades que enfrentam em seu cotidiano.

Nessas atuações comunitárias passamos a perceber com maior clareza que as problemáticas sócio-econômicas presentes na totalidade do sistema

capitalista global encontram-se articuladas dialeticamente com as particularidades locais. De modo que, apesar das conquistas garantidas pela mobilização e organização comunitária, questões mais complexas emergiam, exigindo uma maior compreensão para que as ações pudessem ser perpetradas com maior alcance e impacto transformador naqueles grupos.

Tais fatos incomodaram-nos mais fortemente, de modo que fomos impulsionados a procurar conhecer o modo como as dinâmicas societárias nas múltiplas organizações comunitárias ocorriam e como suas ações eram articuladas diante da problemática social, das carências sociais dos sujeitos muitas vezes excluídos da sociedade ou em condições subalternas.

Disto decorreu a escolha do objeto de estudo apresentado neste trabalho: as intervenções sócio-comunitárias no Jardim Europa.

Definido o objeto, passamos a nos questionar sobre ele:

- que região é esta em que estamos atuando, qual sua história, sua estrutura sócio-econômica, como ela se constituiu?
- Quais intervenções sociais existem na região em foco? Como se caracterizam estas intervenções? Quem as realiza? Quem são os protagonistas destas ações?
- Quais os aspectos educativos das intervenções sociais já implementadas naquele contexto comunitário?
- Quais as necessidades sociais que existem na região pesquisada?

Assim, nossos objetivos neste trabalho de pesquisa são:

- produzir um mapeamento da região do Jardim Europa no que diz respeito às intervenções sociais ali existentes;

- apurar as necessidades sociais presentes no contexto observado.
- analisar as intervenções observadas de modo a conhecer melhor os limites e os aspectos educativos nelas presentes;

Deste modo, o trabalho de campo foi essencial para a pesquisa, pois por meio dele captamos os dados da realidade e os analisamos a luz do referencial teórico expresso no texto que se segue.

No capítulo primeiro, apresentamos os referenciais teóricos que embasam nosso trabalho, a saber, algumas categorias marxistas e gramscianas que nos são caras e primordiais.

No segundo capítulo, as considerações giraram em torno da metodologia da pesquisa, com certa ênfase nos aspectos e estratégias que nortearam a coleta de dados no trabalho de campo.

Não poderíamos deixar de fazer a discussão teórica que está contida no capítulo terceiro, que irá tratar especificamente do panorama das questões sociais na atualidade, ressaltando a emergência da política neoliberal de Terceira Via e a inoperância do Estado frente às questões sociais da atualidade. Ainda destacamos os tipos de intervenções sociais que emergem neste contexto societário, burilando alguns conceitos sobre sociedade civil e Terceiro Setor.

No quarto capítulo, fazemos uma descrição detalhada dos aspectos históricos e estruturais da região pesquisada, a apresentação dos sujeitos sociais que intervêm naquela realidade, assim como, a descrição pormenorizada das intervenções sociais realizadas no Jardim Europa, do público atendido nessas ações e o levantamento das necessidades sociais apuradas.

No último capítulo, apresentamos uma análise da coleta de dados, no que diz respeito aos limites das intervenções sociais observadas e os aspectos educativos dessas intervenções, também tecemos alguns pareceres sobre os desafios da educação para a transformação.

Nas considerações finais, refletimos sobre as intervenções sociais observadas no contexto societário em foco, apontando seus limites, mas acima de tudo, destacamos a positividade e as possibilidades manifestadas no aspecto político-educativo presentes nessas iniciativas comunitárias.

CAPÍTULO 1: REFERENCIAIS DA PESQUISA

1.1 Localizando os conceitos: algumas categorias do materialismo histórico

Discutir a dinâmica social e as problemáticas advindas da própria organização sócio-histórica não é uma tarefa fácil. No esforço de realizar esta atividade achamos oportuno expor neste primeiro capítulo, alguns conceitos do referencial marxista e gramsciano que nos ajudará a pensar as questões que serão abordadas ao longo deste texto.

Quando pensamos em realizar análise de qualquer realidade que seja, uma categoria a ser considerada é a de totalidade. A partir desta categoria, podemos conceber que não é possível avaliar e compreender a dinâmica social e sua organização isoladamente, como se o mesmo não fizesse parte de um todo estruturado e dinamicamente interligado.

A totalidade admite que para compreender melhor a realidade se faz necessário realizar algumas sínteses que forneçam uma visão de conjunto, entretanto, esta mesma síntese por si mesma, não é capaz de esgotar a realidade a que se refere, pois “a realidade é sempre mais rica do que o conhecimento que a gente tem dela” (KONDER, 1984, p. 37). Assim,

a síntese é a visão de conjunto que permite ao homem descobrir a estrutura significativa da realidade com que se defronta numa

situação dada. E é essa estrutura significativa – que a visão de conjunto proporciona – que é chamada de totalidade. A totalidade é mais do que a soma das partes que a constituem (KONDER, 1984, p.37).

Fica então enunciado que é de suma importância se compreender a conexão existente entre o particular-universal, a visão de conjunto reciprocamente articulada às especificidades, ou seja, não devemos isolar um objeto de estudo de sua totalidade, assim como não podemos considerar um todo do qual as partes não foram isoladas. Adotar esta postura é incorrer em equívocos e devanear sobre abstrações amorfas, a partir das quais não é possível compreender a concretude do objeto de pesquisa. É o que me parece estar explícito na afirmação que se segue:

Princípio metodológico da investigação dialética da realidade social é o ponto de vista da totalidade concreta, que antes de tudo pode ser compreendido como momento do todo. Um fenômeno social é um fato histórico na medida em que é examinado como momento de um determinado todo; desempenha, portanto, uma função dupla, a única capaz de dele fazer efetivamente um fato histórico: de um lado definir a si mesmo, e de outro, definir o todo; ser ao mesmo tempo produtor e produto; ser revelador e ao mesmo tempo ser determinado [...] Esta recíproca conexão e mediação da parte e do todo [que] significam a um só tempo: os fatos isolados são abstrações, são momentos artificialmente separados do todo, os quais só quando inseridos no todo correspondente adquirem verdade e concreticidade. Do mesmo modo, o todo de que não foram diferenciados e determinados os momentos é um todo abstrato e vazio (KOSIK, 1976, p. 49).

Por exemplo, em relação ao Jardim Europa - Santa Bárbara D'Oeste, se faz necessário compreender a relação dialética entre o sistema econômico - as dificuldades dele resultantes como a exclusão, a falta de acesso aos programas educativos e sociais e os outros fatores que compõem a dinâmica societária da comunidade posteriormente descrita neste estudo, elaborando uma síntese que configure a totalidade - representada pelo contexto macro social e histórico-econômico brasileiro a que essa comunidade pertence, e, simultaneamente, retornar às próprias especificidades observadas no contexto

particular-específico do objeto de pesquisa, sem contudo desprezar as múltiplas determinações históricas, as contradições que compõe o cenário em estudo.

Se quisermos ir além nesse processo, veremos que a própria nação brasileira também faz parte de um contexto global maior e que, por sua vez, como uma totalidade mais abrangente, igualmente sofre os impactos deste conjunto. E assim por diante, “a atividade humana, em geral, é um processo de *totalização*, que nunca alcança uma etapa definitiva e acabada” e a “totalidade é apenas um momento de um processo de totalização” (idem, p. 36 e 41). Pois “a totalidade concreta não é um método para captar e exaurir todos os aspectos, caracteres, propriedades, relações e processos da realidade; é a teoria da realidade como totalidade concreta” (KOSIK, 1976, p. 44).

Por isso, para se compreender um determinado contexto sócio-histórico e as intervenções que ali são realizadas (como é o caso de nosso objeto de estudo), se torna imprescindível ter em mente que:

A reflexão gramsciana sobre o social e o político, é atravessada pelo princípio da totalidade, evidenciando que estas duas esferas não são tratadas desvinculadas do fator econômico, ou seja, da relação entre infra-estrutura e superestrutura. Desde já é importante lembrar que, embora não haja em Gramsci uma densa tematização das determinações econômicas do capital, ele não entende a política como simples reflexo da economia, mas como esfera mediadora entre a produção material e a reprodução da vida humana. Não é, assim, o predomínio das questões políticas, econômicas ou culturais que explica a realidade social, mas antes o princípio da totalidade, que leva em conta as especificidades e determinações destes momentos parciais e seus encadeamentos recíprocos (SIMIONATTO, 1997, p. 1).

Não perder de vista a categoria totalidade-particularidade é um princípio essencial para análises da realidade concreta, a partir do qual se evita uma visão equivocada e limitada da mesma. Para realizar esta tarefa há a

necessidade se fazer uso do pensamento dialético, ou seja, daquele raciocínio que

não pensa o todo negando as partes, nem pensa as partes abstraídas do todo. El[e] pensa tanto as contradições entre as partes [a diferença entre elas: o que faz de uma obra de arte algo distinto de um panfleto político] como a união entre elas [o que leva a arte e a política se relacionarem no seio da sociedade enquanto totalidade] (COUTINHO apud KONDER, 1984, p. 46).

A dialética é a “doutrina da relatividade do conhecimento humano, que nos dá um reflexo da matéria em constante movimento” (LÊNIN, 1979, p. 37). Destarte, devemos ter em mente que para se conhecer qualquer objeto de estudo a partir do método marxista, devemos abdicar do pensamento unilateral, cartesiano e ampliar nossa concepção fazendo uso do pensamento dialético.

Por isso entendemos que não há como fazer análises ou mesmo ações que visem à superação de dificuldades concretas reais, olhando apenas para o local, para o comunitário, de posse de um pensamento unilateral, sem considerar as complexas relações imbricadas na totalidade. Entretanto, há que se lembrar que o local, o particular-concreto serve-nos sempre como ponto de partida para alcançar a visão de conjunto, de totalidade do qual o local é parte constitutiva. É o que me parece afirmar Noronha:

A história humana não é considerada a partir dos valores que os homens criam e aos quais se ajustam, mas a partir do modo social de produção e de reprodução em que os homens estão articulados. Os conhecimentos particulares da realidade empírica representam somente o ponto de partida para a construção do conhecimento científico que só pode ser alcançado mediante um processo de síntese entre o particular e a totalidade (NORONHA, 2006a, p. 17).

Desprezar a unidade entre totalidade-particularidade é incorrer no risco de realizar análises, ações ou mesmo intervenções comunitárias de caráter apenas pontuais e localizados. Por isso, para essa tarefa de compreender e intervir num determinado contexto histórico-concreto, deve-se considerar a

inter-relação dialética existente entre totalidade e particularidade. Ter conhecimento desse movimento é primordial para galgar sucesso na empreitada que visa à transformação da condição concreta das classes subalternas. Se esse cuidado não for observado, estaremos passíveis a realizar atividades improdutivas sob o ponto de vista revolucionário.

Ainda para se chegar à compreensão da complexa realidade concreta de um dado momento histórico-social, além de nos valermos da categoria de análise totalidade-particularidade, se faz necessário desvelar a condição histórico-material dos sujeitos sociais, pois “o todo não é imediatamente cognoscível para o homem, embora lhe seja dado imediatamente em forma sensível, isto é, na representação, na opinião e na experiência” (KOSIK, 1976, p. 36).

Portanto, uma outra categoria útil à análise que visa à compreensão conceitual da realidade é o par mundo da aparência/fenômeno e mundo real/essência.

O mundo dos fenômenos é aquele da manipulação prática da realidade, onde o homem se depara com representações das coisas que são aparências superficiais da realidade. Tais representações não correspondem à estrutura ou real por trás dos fenômenos. É necessário produzir “um esforço sistemático e crítico que visa a captar a coisa em si, a estrutura oculta da coisa, a descobrir o modo de ser do existente” (idem, p. 18). Sem esta atividade crítica racional seria impossível desvendar, compreender ou mesmo propor ações alternativas diante dos fatos históricos observados.

Então reiteramos que as formas fenomênicas da realidade que se reproduzem na mente dos homens através do pensamento comum e da práxis

cotidiana, necessitam serem investigadas pela atitude científico-filosófica capaz de desvendar a essência, a realidade manifesta no próprio fenômeno que a mistifica. Pois só assim o mundo real poderá ser de fato compreendido, representado e transformado intencionalmente pela atividade humana consciente.

O complexo dos fenômenos que povoam o ambiente cotidiano e a atmosfera comum da vida humana, que, com a sua regularidade, imediatismo e evidência, penetram na consciência dos indivíduos agentes, assumindo um aspecto independente e natural, constitui o mundo da pseudoconcreticidade [...] Captar o fenômeno de determinada coisa significa indagar e descrever como a coisa em si se manifesta naquele fenômeno, e como ao mesmo tempo nele se esconde. Compreender o fenômeno é atingir a essência (KOSIK, 1976, pp.15, 16)

Desse modo, a realidade só pode ser compreendida mediante um processo dialético do pensamento crítico que desmistifica a pretensa independência dos fenômenos aparentes da realidade, conferindo aos mesmos a existência e objetividade sem, no entanto, esquecer de admiti-los como reflexos da essência e não como sendo a própria realidade concreta.

Disto resulta que para assimilar a realidade concreta, é preciso articular dialeticamente a unidade do fenômeno e sua essência compreendendo-os em sua totalidade e múltiplas determinações (idem, p. 16). Novamente o pensamento dialético é central na condução do raciocínio que almeja a desmistificação dos fenômenos do mundo material.

A dialética não considera os produtos fixados, as configurações e os objetos, todo o conjunto do mundo material reificado, como algo originário e independente. Do mesmo modo assim como não considera o mundo das representações e do pensamento comum, não os aceita sob o seu aspecto imediato: submete-os a um exame em que as formas reificadas do mundo objetivo e ideal se diluem, perdem a sua fixidez, naturalidade e pretensa originalidade, para se mostrarem como fenômenos derivados e mediatos, como sedimentos da práxis social da humanidade (KOSIK, 1976, p. 21).

Somente por meio desta dinâmica de superação do pensamento comum pelo pensamento dialético, que é crítico, é que o homem poderá pensar alternativas superadoras das condições histórico-concretas dadas. Pois, na medida em que compreende o mundo em que está como sendo fruto de suas próprias relações sociais-históricas em constante movimento e devir, se faz também sujeito da história que intencionalmente ambiciona escrever.

A realidade pode ser mudada de modo *revolucionário* só porque e só na medida em que nós mesmos produzimos a realidade, e na medida em saibamos que a realidade é produzida por nós [...] o mundo da realidade é o mundo da *realização* da verdade, é o mundo em que a verdade não é dada e predestinada, não está pronta e acabada, impressa de forma imutável na consciência humana: é o mundo em que a verdade *devém*. Por esta razão a história humana pode ser o processo da verdade e a história da verdade. A destruição da pseudoconcreticidade significa que a verdade não é nem inatingível, nem alcançável de uma vez para sempre, mas ela e faz; logo, se desenvolve e se realiza (idem, pp. 22 e 23)

Neste caminhar, alcançar a consciência e a desalienação do homem de sua condição material de existência, de modo a romper com a sua pseudovisão acerca do mundo concreto, requer num primeiro momento, oportunizar o conhecimento e a reflexão acerca da dinâmica societária do qual o mesmo faz parte, a saber: uma sociedade classista em constante conflito de interesses, mas que pode ser superada pela ação da classe subalterna, desde que organize-se para desenvolver uma práxis revolucionária.

Ao explicar o pensamento marxista Konder assegura que “o conhecimento é um momento necessário da transformação do mundo pelo homem e da transformação do homem por ele mesmo”. Parafrazeando Marx, ele prossegue: “a tarefa de interpretar o mundo faz parte da tarefa maior de modificá-lo” (KONDER, 1974, p. 67).

Ao conhecer a dinâmica da sociedade dividida em classes sociais de interesses distintos, sob constantes conflitos (velados ou anunciados, direta ou

indiretamente) e que por sua vez ocasionam determinações, limitações e exploração da vida material humana, o homem adquire meios indispensáveis para implementar ações transformadoras, a começar pela mudança em seu próprio pensamento, cosmovisão. Ressaltamos que, este “conhecimento não é contemplação” (KOSIK, 1976, p. 28), mas é fruto de uma práxis social historicizada, não é dado por outrem, mas fundamentado “na práxis objetiva e na apropriação prático-espiritual do mundo” dialeticamente articuladas e projetadas na consciência do homem (idem, p. 32).

Partir das condições objetivas do homem histórico, explicitar os fenômenos sociais, culturais, romper o mundo da pseudoconcreticidade, torna-se então tarefa precípua a qualquer projeto que logre a transformação social.

Nas palavras que tomo emprestada de Pamplona, “se fazer da teoria também consciência de massa” – pois isso é condição imprescindível para a construção de uma identidade coletiva, atributo necessário à organização e luta política de classes. Ao falarmos em tomada de consciência lembramos da primorosa afirmação de Gramsci:

O início da elaboração crítica é a consciência daquilo que somos realmente, isto é, um “conhece-te a ti mesmo” como produto do processo histórico até hoje desenvolvido, que deixou em ti uma infinidade de traços recebidos sem benefícios no inventário. Deve-se fazer, inicialmente, este inventário (GRAMSCI, 1995, p. 12).

Isso nos leva a crer que, se não ocorrer o desvendamento da condição histórico-material dos sujeitos envolvidos em qualquer análise, projeto ou intervenção social é provável que as ações fiquem na superfície das questões sociais, no gerenciamento dos problemas e não na superação de suas causas.

Por meio da desmistificação do mundo da pseudoconcreticidade e da emergência de uma ideologia¹ proletária, poderá haver a organização política da classe subalterna que tenha por finalidade os interesses coletivos inerentes à classe e não apenas os interesses egoísticos-pessoais, desarticulados e impossibilitados de impactarem a estrutura social.

Entretanto, a passagem do momento egoístico-passional, para o momento ético-político, ou seja, para a consciência coletiva e universal, não é um evento mecânico, fruto do espontaneísmo. A mesma só se efetua a partir de múltiplas condições históricas objetivas que proporcionam ao homem a transformação de si mesmo, de seu pensamento, de modo a desenvolver uma consciência de sua posição social e de seus objetivos no terreno das superestruturas. Como podemos verificar:

A dimensão subjetiva e o momento ético-político, para Gramsci, não são o resultado de um efeito mecânico proveniente de estruturas objetivas, nem se identificam com uma idéia predeterminada que dirige a história misteriosamente, mas **são a expressão mais elevada do projeto hegemônico de sociedade que as classes subalternas são capazes de construir quando se constituem como sujeitos conscientes e ativos**. Nesse difícil e complexo processo de subjetivação, as novas forças sociais, antes agrupadas em sistemas econômico-corporativos, **assumem progressivamente atitudes em contraposição à ideologia dominante até amadurecer uma visão independente e superior de mundo**, para a qual convergem os diferentes grupos que lutam pelos mesmos

¹ O termo ideologia é utilizado aqui na acepção gramsciana e evoca uma concepção de mundo que orienta a prática social dos homens, a saber: “se dê ao termo ideologia o significado mais alto de uma concepção de mundo, que se manifesta implicitamente na arte, no direito, na atividade econômica, em todas as manifestações de vida individuais e coletivas” (GRAMSCI, 1995, p. 16). Completando o raciocínio, temos que as ideologias são válidas, pois “organizam as massas humanas, formam o terreno sobre o qual os homens se movimentam, adquirem consciência de sua posição, lutam, etc” (idem, p. 62). Portanto, quando utilizamos o termo “ideologia proletária”, nos referimos às concepções historicamente orgânicas das classes subalternas em oposição à ideologia das classes dominantes. “Gramsci sustenta que é possível e necessário para as classes trabalhadoras elaborar aberta e conscientemente, uma ideologia própria que permita unificar suas lutas e dar visibilidade ao seu projeto de sociedade, tornado-se expressão destas classes subalternas que querem educar a si mesmas na arte de governar e que têm interesse em conhecer todas as verdades, até as desagradáveis e evitar os enganos (impossíveis) da classe superior e ainda de si mesma” (SEMERARO, 2001, p. 102). Ou seja, o conceito de ideologia aqui utilizado, na perspectiva gramsciana, é diferente do de Marx, que a entende como “falsa realidade”, como aquela visão de mundo que é inculcada nos indivíduos das diferentes classes de forma a que eles não vejam a realidade como é, mas como convém aos propósitos da classe dominante. Os conceitos gramsciano e marxiano de ideologia são diferentes, mas complementares em muitos aspectos e importantes para entendermos a realidade social.

horizontes sociais e políticos (SEMERARO, 1999, p. 74 – **grifo nosso**).

Seguindo o pensamento que estamos a refletir no decorrer deste texto, recuperamos que, a desmistificação do mundo da pseudoconcreticidade, a compreensão das determinações materiais e históricas que refletem a condição de classe oprimida (e mais que isso, excluída), e a passagem do momento puramente egoístico-passional ao ético-político, só poderá se dar por meio da práxis como categoria central na mediação de caráter educativo e filosófico entre os sujeitos, ou seja, só poderão ser operacionalizadas essas esperadas transformações a qual nos referimos com a utilização dos conceitos da filosofia da práxis. Conforme referenda a transcrição que segue:

para Gramsci, a tarefa da filosofia da práxis enquanto ideologia superior, coerente e orgânica, é realizar uma crítica das concepções do mundo ainda confusas e contraditórias, marcadas por elementos “egoísticos-passionais”, corporativistas, individualistas; é promover uma “reforma intelectual e moral” que difunda entre as massas uma nova cultura superior, radicalmente laica e imanentista, que contribua para formar em torno do proletariado – convertido assim em classe hegemônica e nacional – um novo sujeito coletivo que encaminhe e promova a transformação radical da sociedade (COUTINHO, 1992, p. 65).

Assim a práxis pode ser compreendida como o momento da síntese entre a prática historicizada, mediatizada pelas relações sociais dadas e apoiadas concomitantemente, em pressupostos teóricos do conhecimento científico que nortearão os rumos e objetivos da própria prática, num movimento cíclico constante que pode ser explicado simplificada e pela equação ação-reflexão-ação.

Na práxis se descobriu o fundamento do real centro de atividade, da real mediação histórica de espírito e matéria, de cultura e natureza, de homem e cosmos, de teoria e ação, de ente e existente, de epistemologia e ontologia. [...] A compreensão das coisas e do seu ser, do mundo nos fenômenos particulares e na totalidade, é possível para o homem na base da abertura que eclode na práxis. Na práxis e baseado na práxis, o homem ultrapassa a clausura da

animação e da natureza inorgânica e estabelece a sua relação com o mundo como totalidade (KOSIK, 1976, p. 206).

Deste modo, para que haja transformação social é necessário que além de tomar consciência de uma condição social-histórica dada, a classe subalterna venha dirigir suas ações materializando a atividade interpretativa/teórica por meio de uma prática politizada. Nesse sentido, é que a práxis surge como uma categoria importante à análise e intervenção diante da realidade concreta, pois que é a síntese entre a teoria e a atividade prática transformadora. Portanto, teoria e prática se identificam no ato histórico (práxis), por meio da ação dos indivíduos oportunizando mudanças.

Vázquez (1977) também contribui com uma definição mais recortada sobre o conceito de práxis e nos ajuda didaticamente diferenciar vários níveis de práxis. Dentre eles, esse autor chama atenção para a práxis política que “enquanto atividade prática transformadora, alcança sua forma mais alta na práxis revolucionária como etapa superior de transformação prática da sociedade” (p. 201).

Segundo Vázquez, a práxis política-revolucionária está para além da práxis mimética-reificadora - que não conduz à transformação. Por isso o autor, ao contrastar os níveis de práxis, apresenta a política/revolucionária como uma “forma mais alta” da práxis social (idem).

O principal agente da mudança societária por meio de uma práxis revolucionária é o proletariado que, organizado em classe, deve na disputa pela hegemonia, de forma consciente, se dirigir para o objetivo da superação da estrutura capitalista.

Hegemonia na acepção do conceito gramsciano é um termo empregado basicamente para caracterizar a capacidade que um grupo tem de dirigir ética,

política, cultural e economicamente outros segmentos sociais e estabelecer um novo campo de liderança por meio do qual se estabeleça uma relação consensual entre os grupos sociais subalternos.

O momento da *hegemonia* é o da *direção cultural*. Sua eficácia se sustenta exatamente no consentimento que é dado pelas grandes massas à determinada ideologia, convertendo-a em história. Por isso Gramsci procura mostrar que, em Marx, além do aspecto da força da economia na análise do Estado, também está contido *in nuce* o aspecto ético-político da política ou a teoria da hegemonia e do consentimento (SOARES, 2000, p. 63).

Mas, na (e para) organização dos sujeitos sociais, das classes proletárias em torno da práxis política/transformadora, é necessário a figura do intelectual orgânico como dirigente e mediador na construção de uma consciência crítica filosófica inerente à classe trabalhadora. Parece-me serem estas as afirmações do filósofo italiano:

Autoconsciência crítica significa, histórica e politicamente, criação de uma elite de intelectuais: uma massa humana não se “distingue” e não se torna independente “por si”, sem organizar-se (em sentido lato); e não existe organização sem intelectuais, isto é, sem organizadores e dirigentes, sem que o aspecto teórico da ligação teoria-prática se distinga concretamente em um estrato de pessoas “especializadas” na elaboração conceitual e filosófica. Mas este processo de criação de intelectuais é longo, difícil, cheio de contradições, avanços e de recuos, cisões e de agrupamentos (GRAMSCI, 1995, p. 21).

Para Gramsci o intelectual orgânico é o indivíduo ou a organização social (como o partido político) que cumpre a função organizadora na sociedade civil a partir da referência que tem (organicidade) em uma classe social específica (SECCO, 2002, p. 102). Dessa forma, cada classe tem seus intelectuais próprios, orgânicos, que cumprem esta função de formuladores e disseminadores de uma determinada concepção de mundo, imprimindo direção ético-político-cultural a um determinado grupo social. Em outras palavras,

esses intelectuais contribuem para a construção e difusão de uma hegemonia capaz de representar os interesses da classe que participa.

Os intelectuais, entendidos por Gramsci como organizadores e difusores de determinadas concepções de mundo, que expressam interesses e projetos das classes sociais fundamentais, promovem uma “reforma intelectual e moral” na sociedade. Através da política, eles procuram modificar o conjunto das relações sociais e adequar a cultura às exigências práticas dos grupos sociais que representam, determinando efeitos positivos ou negativos, modificando a maneira de pensar e agir do maior número de pessoas, criando, portanto, uma “norma de ação coletiva”. A atividade política de direção cultural, realizada pelos intelectuais, é fundamentalmente pedagógica, pois visa difundir ideologias entre as massas para engendrar uma ética adaptada a uma determinada ordem social que se quer preservar ou modificar. Assim concebida, a atividade política é educativa e “ética”: propõe-se a definir uma outra moral coletiva (SOARES, 2000, p. 62).

Segundo a concepção gramsciana “todos homens são intelectuais [...] mas, nem todos os homens desempenham na sociedade a função de intelectuais” (GRAMSCI, 1995b, p. 7). Entretanto, o intelectual orgânico é distinto por ter a capacidade de organizar e possibilitar a atividade política prática dentro do grupo social a que pertence. Em outras palavras, é caracterizado pela capacidade de dirigir e “elaborar criticamente a atividade intelectual que existe em cada um em determinado grau de desenvolvimento” de modo a favorecer a formulação de uma “nova e integral concepção de mundo” (idem, p. 8), ou seja, uma hegemonia orgânica à classe que pertence.

Assim, entendemos que a competência organizadora do intelectual orgânico tal qual Gramsci anuncia, em se considerando os aspectos filosóficos-epistemológicos, é marcada por um ato político e pedagógico. Político na medida em que visa à elevação cultural das massas, por meio de uma reforma moral e intelectual do pensamento com vista à superação das condições materiais dadas por meio da práxis revolucionária. Pedagógico como atividade perceptiva de investigação da realidade concreta, que forja meios para e com

as massas de modo a oportunizar que elas assimilem espiritualmente sua condição concreta até se tornarem “classe para si”, e então formularem mecanismos, estratégias políticas, econômicas, sociais e culturais que visem superação da situação de exploração a que estão sendo submetidas (Cf. MARTINS, 2004, pp. 225, 226).

o âmbito filosófico-epistemológico é para o comunista revolucionário da Sardenha um espaço privilegiado de disputa pela hegemonia nas sociedades ocidentais [...] em sendo um dos ambientes da disputa que se trava pela direção e dominação da formação econômica e social, o conhecimento se torna uma arma, um instrumento de luta, uma força material, que é utilizada pelos que almejam consolidar a estrutura societária de classe, e, portanto, não devendo ser dispensado pelos que pretendem superar este tipo de sistema de vida e construir uma nova civilização (idem, p. 226).

O intelectual orgânico enquanto organizador da práxis revolucionária no seio da sociedade pode potencializar uma catarse, que pode resultar na construção de um novo bloco sócio-histórico. Ao nos referirmos à catarse, conclamos as palavras de Noronha que nos parecem ser esclarecedoras:

catarse se configura para Gramsci como o momento de superação do âmbito dos interesses corporativos, individuais e particulares na medida em que o indivíduo se eleva para a condição de sujeito elevando-se do momento egoístico- passional para o momento ético-político que corresponde à consciência coletiva e universal. O projeto gramsciano de construção de um novo bloco histórico encontra na idéia de catarse sua síntese histórica mais elaborada (NORONHA, 2006a, p. 47).

Já sobre o conceito gramsciano de bloco histórico, podemos dizer que o mesmo é caracterizado como um conjunto complexo que integra contraditória e discordantemente a estrutura e superestrutura, ou seja, é a concretização dialética das condições objetivas e concretas que opera a estrutura econômica com as expressões culturais e políticas das massas excluídas (Cf. SEMERARO, 1999b, p. 74).

Em suma, pensamos que o intelectual orgânico inerente às classes subalternas, com uma atuação politizada - práxis revolucionária, se constituiu

num dos elementos objetivos, entre as múltiplas determinações históricas complexas, capaz de oportunizar intervenções sociais de modo a obter resultados transformadores na realidade social, tal como já elucidado.

Assim, elencamos o conceito de intelectual orgânico como uma categoria central que nos ajudará a refletir sobre o objeto deste trabalho de pesquisa.

Dessa escolha decorre uma outra categoria imprescindível à construção de nossas análises teóricas. Vejamos: se o intelectual orgânico atua num espaço social concreto, objetivo, repleto de contradições, onde os sujeitos de sua ação organizadora se encontram inseridos, a pergunta que nos vem a mente é: o que/qual seria este espaço?

Na teoria gramsciana encontramos a resposta: “nas complexas e avançadas sociedades modernas, **o lugar decisivo onde se gestam os diversos projetos hegemônicos é o amplo e contraditório espaço da sociedade civil**” (SEMERARO, 1999b, pp. 82 e 83 - grifo nosso).

Para compreendermos a dinâmica social de uma determinada realidade se faz necessário utilizar a categoria sociedade civil tal como Gramsci nos apresenta, pois é nesse “terreno de controvérsias ideológicas, de concepções contrapostas de valores e interesses, mas também de diálogo e de consenso” (idem p. 83) em que são travadas as disputas pela direção societária nos campos cultural-ético-político.

Sociedade civil “è uma categoria dinâmica, de movimento, capaz de “combinar” na ação de grupos sociais diferentes, forças convergentes e situações conjunturais dentro de amplos objetivos estratégicos” (ibidem). Assim, o espaço da sociedade civil é *locus* privilegiado na medida em que nele

as classes subalternas podem se organizar, disputar e conquistar espaços hegemônicos com vistas a conduzir adiante o seu projeto de sociedade.

Ao apostar no potencial mobilizador da sociedade civil, Gramsci desloca o eixo principal da ação política do âmbito das instituições burocrático-administrativas para o terreno criativo das diversas organizações sociais dos setores populares [...] (SEMERARO, 1999, p. 79).

A sociedade civil compreende os organismos privados, voluntários, diversas organizações sociais, partidos, sindicatos, igrejas, escolas, empresas, meios de comunicação, revistas, jornais, entre outros, e é neste âmbito que se elabora e difunde as ideologias que visam dar direção à dinâmica societária. Portanto, a sociedade civil é uma esfera essencial no interior da superestrutura (COUTINHO, 1992, p. 77). É na sociedade civil que se trava a batalha pela hegemonia, essa é “a razão porque nela são determinadas os rumos da economia e se elaboram as ideologias, forças concretas de unificação da sociedade” (SEMERARO, 1999b, p. 84).

Entretanto ao debruçar-nos sobre a idéia de sociedade civil tal qual descrita por Gramsci, deparamo-nos com uma outra faceta articulada dialeticamente a essa, qual seja, a sociedade política.

Gramsci defende uma relação dialética de identidade-distinção entre sociedade civil e sociedade política, duas esferas da “superestrutura”, distintas e relativamente autônomas, mas inseparáveis na prática. Pois, enquanto a primeira – compreendendo os organismos “privados” e voluntários, como os partidos, as diversas organizações sociais, os meios de comunicação, as escolas, as igrejas, as empresas, etc. – se caracteriza pela elaboração e a difusão das ideologias e dos valores simbólicos que visam a “direção”, a segunda esfera – compreendendo instituições mais públicas como o governo, a burocracia, as forças armadas, o sistema judiciário, o tesouro público, etc. – se caracteriza pelo conjunto dos aparelhos que concentram o monopólio legal da violência e visa a “dominação”. Na realidade, porém, essas duas esferas estão intimamente unidas uma vez que, a articulação do consenso e a coerção garante a supremacia dum grupo sobre toda a sociedade e a verdadeira estruturação do poder (SEMERARO, 1999b, p. 74).

Ao articular a sociedade civil e sociedade política e ao descrever o equilíbrio existente entre suas funções e importâncias no interior das superestruturas, Gramsci na verdade, recria o conceito de Estado ampliando-o da noção de “sociedade política (ou ditadura, ou aparelho coercitivo para adequar a massa popular a um tipo de produção e à economia de um dado momento)” para a idéia de “equilíbrio entre sociedade política e sociedade civil” (COUTINHO, 1992, p. 76).

Portanto, o Estado em sentido amplo, “com novas determinações”, comporta duas esferas principais: a *sociedade política* (que Gramsci também chama de “Estado em sentido estrito” ou de “Estado-coerção”), que é formada pelo conjunto dos mecanismos através dos quais a classe dominante detém o monopólio legal da repressão e da violência, e que se identifica com os aparelhos de coerção sob o controle das burocracias executiva e policial-militar; e a *sociedade civil*, formada precisamente pelo conjunto das organizações responsáveis pela elaboração e/ou difusão das ideologias, compreendendo o sistema escolar, as Igrejas, os partidos políticos, os sindicatos, as organizações profissionais [...] (idem, p. 76).

Assim, sociedade civil e sociedade política, mesmo sendo realidades distintas e às vezes contrapostas, formam uma unidade dialética que se concretizam histórica e concretamente na identificação do Estado.

O materialismo histórico dialético permitiu que Gramsci rompesse com a idéia “instrumental de Estado, entendido só como governo ou aparelho monolítico sem contradições sociopolíticas, e visse na sociedade civil uma esfera muito mais abrangente do que o âmbito econômico” (SEMERARO, 1999b, p. 79),

É deveras importante a compreensão destas categorias gramscianas (sociedade civil, sociedade política e Estado ampliado), pois inevitavelmente recorreremos às mesmas no curso deste estudo.

Por fim, recobramos as categorias conceituais que apresentamos até o presente momento: totalidade - particularidade, dialética - unilateraridade,

mundo real - mundo pseudoconcreto, essência - fenômeno, práxis revolucionária – práxis mimética, intelectual orgânico - hegemonia, sociedade civil - sociedade política - Estado ampliado, catarse e bloco histórico.

Com base nestes referenciais é que pensamos a educação para a transformação. Pois compreendemos que a tarefa do intelectual orgânico ao disputar a hegemonia, (ou seja, um conhecimento provido de perspectiva ético-política com (e em) favor das classes subalternas), por meio de uma práxis revolucionária, constitui-se de fato como ação política, pedagógica e educativa que enseja a transformação.

Estas ações, como já frisado anteriormente, não ocorrem num espaço independente ou isolado da totalidade concreta, mas no terreno do que a partir de Gramsci denominamos sociedade civil, que por sua vez, está dialeticamente articulada à sociedade política, compondo assim aquilo que entendemos por Estado. Deste modo, através das complexas relações, unidade e contradições existentes no plano da sociedade civil e sociedade política é que se constrói a hegemonia capaz de dar direção à dinâmica societária.

Por isso, para pensarmos numa educação para a transformação, se faz necessário debruçar-nos sobre as questões que envolvem, sobretudo, a sociedade civil e o intelectual orgânico, diante das complexas e múltiplas determinações histórico-concretas que compõem o cenário societário da atualidade.

CAPÍTULO 2: CONSIDERAÇÕES ACERCA DA METODOLOGIA DA PESQUISA SOBRE AS INTERVENÇÕES SÓCIO-COMUNITÁRIAS NO JARDIM EUROPA

2.1 Aspectos metodológicos da pesquisa

Para a realização desta pesquisa foram estabelecidas ações para conhecer a realidade local, das quais se destacam os procedimentos adotados na pesquisa qualitativa, na qual os dados são coletados na interação entre os sujeitos envolvidos na pesquisa, sendo constantemente analisados, avaliados e compreendidos. Os procedimentos da pesquisa quantitativa também nos foram úteis especialmente, na tabulação dos dados coletados, facilitando assim a apresentação dos mesmos em forma de tabelas e porcentagens das informações recolhidas durante o trabalho de campo.

Segundo Chizzotti, na modalidade de pesquisa qualitativa o pesquisador participa, compreende e interpreta. Foi nessa direção que conduzimos o presente trabalho.

O termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível e, após este tirocínio, o autor interpreta e traduz em um texto, zelosamente escrito, com perspicácia e competência científicas, os significados patentes ou ocultos do seu objeto de pesquisa (CHIZZOTTI, 2003, p. 221).

Na coleta de dados - realizada entre os meses de junho/ julho de 2006 e julho/agosto de 2007, os principais procedimentos foram a observação da

realidade nas instituições durante visitas realizadas, que possibilitou um contato direto e pessoal com objeto de pesquisa e uma maior aproximação do fenômeno observado, a aplicação de questionários e entrevistas semi-estruturadas com perguntas abertas e fechadas aos sujeitos que compuseram a amostragem. Quanto ao uso de questionários, vejamos a seguinte afirmação:

Neste instrumento de coleta de dados, o pesquisador deve saber claramente as informações que busca e o que exatamente pretende extrair de cada uma das questões. Ao ler as questões o informante deve compreendê-las claramente, daí a necessidade de se avaliar muito bem as perguntas feitas, procurando eliminar as dubiedades que elas possam gerar (GROPPO & MARTINS, 2007, p. 50).

Os autores supracitados ainda alertam que a entrevista “difere fundamentalmente do questionário justamente por ser um diálogo entre o pesquisador e o entrevistado, com toda riqueza e dificuldades que isso implica” (idem, p. 51). Mas, apesar das dificuldades, esta técnica possui muitas qualidades.

A pesquisadora ressalta que também participa diretamente das atividades desenvolvidas pela igreja batista - um dos sujeitos sociais que atuam na realidade pesquisada. Desenvolve ali algumas atividades das quais destacam-se as seguintes: a educação religiosa, organização de eventos com adolescentes, jovens e famílias, participação em banda de música *gospel*² e outras eventuais tarefas.

Justamente devido ao envolvimento com as atividades, esta pesquisadora sentiu a necessidade de compreender melhor a realidade social

² O termo *gospel* vem do inglês e refere-se à música religiosa ou à música que leva a "palavra de Deus". Trata-se de um gênero musical contendo mensagens bíblicas, de forma direta e/ou indiretamente. Historicamente este estilo musical teve origem afro-americana nas fazendas escravocratas no sul dos Estados Unidos. Já no Brasil, o termo “gospel” generalizou-se e faz referências primariamente às músicas cristãs evangélicas, secundariamente contempla músicas de diferentes igrejas que professam o cristianismo como orientação para a fé (ver <http://www.babylon.com/definicion/gospel/Portuguese/14/11/2007>).

em que atua, tendo por finalidade a transformação histórico-concreta da mesma. Disto surgiu inclusive a temática que se discute neste trabalho. Sobre esta maneira peculiar de pesquisa científica é oportuno considerar as palavras de Brandão:

a ousadia da escolha pessoal dos procedimentos da observação participante devolve-me a autoconfiança. Descubro que sou objetivo sem precisar abrir mão de minha subjetividade, desde que saiba lidar com ela não como algo que deva ser mecanicamente controlado, mas como um fator a ser levado em conta como um dos próprios componentes da situação de pesquisa, como de resto, tudo o mais na vida. Eu, uma pessoa: esse instrumento afetuosamente subjetivo e, talvez por isso mesmo, o mais desafiadoramente confiável. Imperfeito e aperfeiçoável, sou para mim mesmo e no diálogo com os outros uma pessoa vocacionada a fazer-se crer através do que e de como se conhece quando interage consigo mesmo e com os outros. Através de como aprende a trabalhar com seriedade e criativo rigor as suas próprias percepções; através de como transforma vivência metodologicamente interativas em registro de fatos e de dados; através de como aprende a lidar com teorias e a pensar também teoricamente os mistérios da vida social que procura compreender para melhorar a sua própria maneira de estar presente, de participar e de agir junto a outras pessoas para transformar o mundo em que vivem no mundo em que sonham viver (BRANDÃO, 2003, pp. 47, 48).

Assim, entendemos que nossa atuação na comunidade pode contribuir para a transformação social e para a conscientização das pessoas, sobretudo se possibilitarmos um espaço para reflexão coletiva sobre a própria realidade, tendo por base um direcionamento político mesmo que transversalmente às ações propriamente religiosas. Mas, compreendemos que essa prática precisa ser ampliada, (daí o propósito de num futuro próximo implementar um programa sócio-educativo junto com outros líderes da própria comunidade como estratégia de superação das limitações atuais e ampliação das possibilidades existentes).

Nesse sentido, temos a intenção de ao término do trabalho, compartilhar com os sujeitos envolvidos na pesquisa, as impressões e resultados

observados durante o estudo, de modo a oportunizar a emergência de uma nova cultura política-coletiva. Como já instruíra o filósofo da Sardenha:

Criar uma nova cultura não significa apenas fazer individualmente descobertas “originais”; significa também; e sobretudo, difundir criticamente verdades já descobertas, “socializá-las” por assim dizer; transformá-las, portanto, em base de ações vitais, em elemento de coordenação e de ordem intelectual e moral. O fato de que uma multidão de homens seja conduzida a pensar coerentemente e de maneira unitária a realidade presente é um fato “filosófico” bem mais importante e “original” do que a descoberta por parte de um “gênio filosófico”, de uma nova verdade que permaneça como patrimônio de pequenos grupos intelectuais (GRAMSCI, 1995, p. 14).

Por meio desses futuros contatos, pretendemos despertar o interesse dos participantes já mencionados e quiçá, juntos elaborarmos estratégias comuns de ação para superação das dificuldades listadas, através de um projeto de intervenção social de interesse coletivo, das parcerias entre as instituições pesquisadas.

Há de se lembrar que, para além da busca de estratégias visando resoluções dos problemas locais, é importante ressaltarmos para o grupo a ser contatado, a meta de nos constituirmos coletivamente como sujeitos sociais, organizados politicamente a partir da própria comunidade, de modo que possamos vir a ter conquistas mais significativas, universais, em torno dos interesses das classes sociais representadas.

O pesquisador, como o educador, o líder político ou religioso e o dirigente sindical também precisam ser educados e esta educação só pode vir no bojo de sua prática dentro de uma realidade social que não tem nada de fria, estática e imutável. Aprender a rede de relações sociais e de conflitos de interesse que constitui a sociedade, captar os conflitos e contradições que lhe imprimem um dinamismo permanente, explorar as brechas e contradições que abrem caminho para as rupturas e mudanças, eis o itinerário a ser percorrido pelo pesquisador que se quer deixar educar pela experiência e pela situação vivida (OLIVEIRA, 1988, p. 25).

Este estudo procurou articular os dados coletados no contexto observado, analisando-os com base em referenciais teóricos dentro de uma abordagem do materialismo histórico-dialético.

Não se trata apenas de um relato de experiência, pois apresenta em si uma análise que se pretende criteriosa dos dados coletados pelo pesquisador, que à luz dos embasamentos teórico-metodológico-filosóficos buscou garantir rigor e cientificidade à pesquisa, de forma a que ela possa orientar a ação de intervenção na realidade para transformá-la. Além disto, há de se considerar que, “também eu e as minhas idéias e as minhas imagens colocadas em diálogo com os meus outros, e também o ‘meu jeito de ver e compreender’, são igualmente confiáveis” (BRANDÃO, 2003, p. 48).

Assim o nosso trabalho de pesquisa está para além da cartesiana oposição sujeito-pesquisador/objeto-pesquisado, pois em nosso esforço teórico-metodológico entendemos que entre estes, há a existência de uma pluralidade articulada dialeticamente que, “entrelaçando a dimensão pessoal e mesmo científica, com a questão do domínio do político e o seu poder [...] falamos, pesquisamos e criamos saberes” (Cf. BRANDÃO, 2003, p. 56).

Marcados por nossa realidade social e envolvimento com nosso objeto de pesquisa, lembramo-nos da séria advertência de Marx em sua décima primeira tese sobre Feuerbach, que proclama: “Os filósofos tem apenas interpretado o mundo de maneiras diferentes; a questão, porém, é transformá-lo” (Marx, 1888, p. 72)³; Diante disto anunciamos a historicidade de nosso

³ Em “A Ideologia Alemã” Marx explicita muito bem esta idéia quando faz as seguintes afirmações: “**é mister revolucionar o mundo existente, atacar e transformar praticamente o estado de coisas que encontra**. Se por vezes se observam em Feuerbach pontos de vista semelhantes a este, é necessário anotar que nunca vão além de simples intuições isoladas com muito pouca influência sobre toda a sua concepção geral; apenas podemos considerá-los como germes susceptíveis de desenvolvimento. **Para Feuerbach, a concepção do mundo sensível limita-se, por um lado, à simples contemplação deste último e, por**

trabalho, o comprometimento científico, sem contudo excluir a subjetividade marcada pelo desejo de mudança que permeia nosso caminhar e escolhas metodológicas, dito em outras palavras:

é necessário que o cientista e sua ciência, sejam primeiro, um momento de compromisso e participação com o trabalho histórico e os projetos de luta do outro, a quem mais do que conhecer para explicar, a pesquisa pretende compreender para servir (BRANDÃO, 1999, p. 12).

Por esta forma, o presente estudo orientado pelo método dialético, procura compreender o objeto pesquisado de modo à,

revela[r] a historicidade do fenômeno e suas relações em nível mais amplo, situa[ndo] o problema dentro de um contexto complexo, e, ao mesmo tempo estabelece[ndo] e aponta[ndo] as contradições possíveis dentre os fenômenos investigados [...] percebe-se que **o pesquisador está marcado pela realidade social**, toda observação está possuída por uma teoria, e o texto (relatório final da pesquisa) **não escapa a uma posição no contexto político, e a objetividade está delimitada pelo comprometimento do sujeito com sua realidade circundante** (BORGES e DALBERIO, 2007, p. 7, **grifo nosso**).

2.1.1 Notas sobre o trabalho de campo

O trabalho de campo foi essencial, pois a partir dele é que se pôde reunir e organizar um conjunto comprobatório de informações que auxiliaram no mapeamento das intervenções sociais realizadas na comunidade.

O recorte geográfico escolhido para esta pesquisa, resulta do envolvimento da pesquisadora com a população dos bairros do Jardim Europa,

outro, ao simples sentimento. Refere-se ao Homem em vez de se referir aos homens históricos reais (MARX & ENGELS, 1845, p.11 – grifo nosso. Disponível em: http://educoteca.acervo.goolepages.com/marx_a_ideologia_alema.pdf Acessado em 27/11/2007).

como já exposto anteriormente. Além do que, há de se ressaltar que este recorte é deveras relevante, pois a região em questão é marcada por uma série de fatores sócio-econômicos-culturais e geográficos que compõe o perfil e história da população barbareense da zona leste que vive uma situação de certa segregação em relação ao centro da cidade.

Justamente por se tratar de um território diferenciado em sua composição sócio-histórica e aspectos geográficos, acreditamos ser este um bom recorte para a pesquisa. Estas e outras informações sobre a região pesquisada serão apresentadas mais demoradamente no capítulo quatro.

O desafio e a importância de selecionar as pessoas a serem entrevistadas nos levaram a aplicar a elas os questionários. Optamos por escolher as que atuavam diretamente nas instituições pesquisadas, como gestores de alguma ação social interventiva ou como usuários/participantes das mesmas. De modo que alguns representantes destas categorias compuseram a amostragem da pesquisa.

De um modo geral, pesquisas de cunho qualitativo exigem a realização de entrevistas, quase sempre longas e semi-estruturadas. Nesses casos, a definição de critérios segundo os quais serão selecionados os sujeitos que vão compor o universo de investigação é algo primordial, pois interfere diretamente na qualidade das informações a partir das quais será possível construir a análise e chegar à compreensão mais ampla do problema delineado (DUARTE, 2002, p. 141).

Lembramos ainda que, quanto aos usuários/participantes das atividades sociais promovidas pelas instituições pesquisadas, priorizamos os que estavam entre a faixa etária de 12 a 18 anos de idade, que segundo o artigo 2º do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, são denominadas adolescentes⁴.

⁴ Art. 2º Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente, aquela entre doze e dezoito anos de idade. Parágrafo único. Nos casos expressos em lei, aplica-se excepcionalmente este Estatuto às pessoas entre dezoito e vinte e um anos de idade. (Estatuto

Somente na ausência de representantes desta faixa etária incluímos outros sujeitos com idade bem próxima.

Nossa preocupação em priorizar as crianças e adolescentes se deu pois nossa intenção neste trabalho é a de fazer um levantamento sobre que tipos de ações ou intervenções sócio-educativas estão acontecendo na realidade observada, tendo em vista o atendimento especificamente desta faixa etária.

A amostragem desta pesquisa ficou da seguinte forma: 7 instituições (já caracterizadas e denominadas anteriormente como sujeitos que intervêm na realidade local, sendo 3 escolas, 2 igrejas, 1 associação de moradores e 1 organização pública denominada: Centro Comunitário), 14 gestores⁵ que atuam respectivamente nestas instituições, 37 usuários que participam das intervenções sociais realizadas e 5 moradores do bairro - com vistas a coletar outras falas e impressões sobre a história local, de modo mais livre ou menos diretiva, e 1 administrador municipal⁶.

Lembramos que este número de sujeitos envolvidos na amostragem, totalizando 55 pessoas, foi considerado suficiente para que pudéssemos compor um material significativo para nossa análise⁷.

Numa metodologia de base qualitativa o número de sujeitos que virão a compor o quadro das entrevistas dificilmente pode ser determinado *a priori* – tudo depende da qualidade das informações obtidas em cada depoimento, assim como da profundidade e do grau de recorrência e divergência destas informações. [...] Quando já é possível identificar padrões simbólicos, práticas, sistemas classificatórios, categorias de análise da realidade e visões de

da Criança e do Adolescente – ECA. (Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L8069.htm> Acessado em 10/05/2006).

⁵ Gestores, foram considerados aqueles que de algum modo atuam na implementação e execução das diversas atividades de intervenção em suas respectivas organizações.

⁶ A entrevista com o administrador municipal foi importante, pois o mesmo sendo Secretário de Planejamento do município forneceu dados estatísticos oficiais referentes à região em foco. Assim como foi possível compreender outras facetas implicadas na pesquisa.

⁷ Obviamente, a pesquisa faz um recorte específico, delimitando as questões a serem analisadas. Ela não pretende dar conta de tantas outras possibilidades de olhares que porventura poderiam surgir. É nesta perspectiva que falo sobre a suficiência do número de pessoas envolvidas na amostragem, que não é probalística.

mundo do universo em questão, e as recorrências atingem o que se convencionou chamar de “ponto de saturação”, dá-se por finalizado o trabalho de campo, sabendo que se pode (e deve) voltar para esclarecimentos (DUARTE, 2002, p. 144).

As informações coletadas foram registradas em forma de anotações no diário de campo. Todo material colhido nas entrevistas, com a aplicação dos questionários e as impressões captadas pela pesquisadora foram primordiais para a compreensão e interpretação do contexto observado.

Parte dos dados apreciados foi obtido e apresentado quantitativamente em forma de tabelas para facilitar a observação e análise dos mesmos. Assim, a pesquisa qualitativa não excluiu estratégias quantitativas, mas ao utilizá-las não abre mão de interpretá-las criticamente à luz do referencial teórico adotado.

Embora os dados quantitativos recolhidos por outras pessoas (avaliadores, administradores e outros investigadores) possam ser convencionalmente úteis tal como foram descritos, os investigadores qualitativos dispõem-se à recolha de dados quantitativos de forma crítica. Não é que os números por si não tenham valor. Em vez disso, o investigador qualitativo tende a virar o processo de compilação na sua cabeça perguntando-se o que os números dizem acerca das suposições das pessoas que os usam e os compilam. [...] Os investigadores qualitativos são inflexíveis **em não tomar os dados quantitativos por seu valor facial** (BOGDAN & BIKLEN, APUD Borba, 2005, p. 2 - **grifo nosso**).

Ao entrevistar, ouvir o outro, torna-se possível captar suas impressões, a história vivida sob o seu olhar, a coleta de informações sobre a comunidade na busca da compreensão daquele contexto. Por isso, esta pesquisa tomou como instrumental os questionários e as entrevistas semi-estruturadas. Elas nos possibilitaram a aproximação da realidade e coleta de dados.

Com isso não dizemos prender-nos apenas às significações subjetivas narradas pelos sujeitos sociais. Pelo contrário, a partir das informações fornecidas pelas diversas fontes, procuramos compreender as relações

histórico-dialéticas que perpassam a visão de mundo e os conhecimentos revelados pelos entrevistados, assim como a própria dinâmica societária do contexto observado.

Tudo o que se vive, tudo o que se pensa, tudo o que se ensina-e-aprende, tudo o que antes e depois se pesquisa, são eixos, feixes e integrações de processos interativos e sociais. São teias e são tramas de sentidos, sentimentos e saberes por meio dos quais pessoas como nós [...] vivem e pensam a história que criam (BRANDÃO, 2003, p. 311).

Temos consciência que a pesquisa qualitativa impõe certas dificuldades ao pesquisador, pois exige do mesmo esforço para coletar e analisar criticamente os dados organizados, bem como a habilidade para articular aspectos teóricos com as observações de ordem prática em relação ao objeto de estudo. No entanto, cremos que ainda assim essa modalidade de pesquisa se constituiu a forma mais adequada de conduzir os trabalhos, tendo em vista as especificidades da problemática que nos propusemos investigar.

CAPÍTULO 3: UM PANORAMA DA QUESTÃO SOCIAL HOJE

3.1 Da crise estatal à instituição do “neoliberalismo de Terceira Via”⁸

Nas últimas décadas, o modelo de produção capitalista vem passando por um longo processo de reestruturação e reorganização global, haja vista o nível de racionalidade no processo produtivo articulado ao desenvolvimento da informática, da automação, da microeletrônica, a comunicação em tempo real com qualquer parte do globo e a mundialização da produção que tem ocorrido especialmente no final do século XX.

Essas novas formas de estruturação do capital impõem a necessidade de se formar um novo tipo de homem apto a absorver essas mudanças contemporâneas (especialmente do mundo produtivo), sem deixar de reproduzir as relações sociais do *status quo* vigente. De fato, esta reorganização no mundo produtivo é resultante de seu próprio desenvolvimento no novo contexto histórico-social do século XXI, que o mantém mais “vivo” e complexo que nunca visto antes. São incisivas, a esse respeito, as considerações de Martins:

As relações econômicas são um dos destaques neste pressuroso processo mutante vivido hoje em dia, pois que elas se alteraram consideravelmente nas últimas décadas e, por interatuação, promoveram e promovem modificações em todo sistema global de vida. Pelo que se observa na vida concreta do homem contemporâneo, a base material da sociedade transformou-se significativamente com a flexibilização das relações de produção, ou

⁸ Essa denominação e as reflexões que seguem, advém do texto de NEVES (2005). Explanaremos melhor esse conceito no decorrer deste capítulo.

melhor, o homem forjou um novo jeito de produzir, de fazer circular e de consumir as mercadorias, e isso tem tido uma forte repercussão na produção e reprodução da forma de vida contemporânea (MARTINS, 2006, p. 6).

Tais mudanças no modelo de produção capitalista também demandaram a formatação de um novo tipo de organização estatal. Nesse processo chamamos a atenção à gradativa retirada da responsabilidade do Estado⁹ e a sua inoperância no que se refere às questões sociais, cedendo espaço à instalação do neoliberalismo como modelo articulador da dinâmica societária atual.

Neoliberalismo é um termo polissêmico, no entanto, podemos dizer que, por um lado, se trata de um conjunto de idéias advindas da Escola Austríaca com Hayek e Von Mises e, por outro, um conjunto de receitas monetaristas, inspiradas em Milton Friedman. O neoliberalismo retoma os princípios do

⁹ O termo “retirada da responsabilidade do Estado” deve ser compreendido como sinônimo da negação da responsabilidade do Estado (nação) enquanto promotor e defensor social principalmente da população mais carente. Em contraposição a idéia de des-responsabilização do Estado frente às questões sociais, está a noção de Estado de Bem-estar Social - em inglês: *Welfare State*. “O *Welfare State* é um tipo de organização política e econômica que coloca o Estado (nação) como agente da promoção (protetor e defensor) social e organizador da economia. Nesta orientação, o Estado é o agente regulamentador de toda vida e saúde social, política e econômica do país em parceria com sindicatos e empresas privadas, em níveis diferentes, de acordo com a nação em questão. Cabe ao Estado do bem-estar social garantir serviços públicos e proteção à população” (Cf. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Estado-provid%C3%Aancia> Acessado em 15/11/2007). Sônia Draibe faz uma discussão interessante sob o título: “Welfare State, crise e gestão da crise: um balanço da literatura internacional”, segundo a mesma a política econômica do *Welfare State* é “aquela regula e estimula o crescimento econômico; este por sua vez, arrefece os conflitos sociais e permite a expansão de políticas de corte social, que amenizam tensões e, no terceiro momento, potencializam a produção e a demanda efetiva” (DRAIBE, 1988). Segundo Neves (2005) a existência do *Welfare State* pode ser compreendida assim: “Durante todo o período da Guerra Fria e de desenvolvimento do fordismo e do ‘americanismo’, os Estados capitalistas centrais e periféricos, de modo especial, sob a forma de Estado de bem-estar social, desenvolveram além das atividades coercitivas inerentes ao Estado em sentido estrito, estratégias educadoras no sentido da garantia de direitos, visando a reduzir a desigualdade real do acesso à riqueza e ao poder nas formações sociais burguesas, de forma a garantir a reprodução do modo capitalista de convivência social e evitar a adesão ao projeto socialista de sociabilidade por amplos segmentos da classe trabalhadora. Contraditoriamente, portanto, a luta contra-hegemônica de parcela do proletariado e de seus aliados por direitos políticos e sociais e pela construção de uma nova sociabilidade consubstanciou-se em importante determinante de uma ampliação dos direitos de cidadania” (p. 30). Ao que também confirma Brandão: “As primeiras origens do Estado de Bem-Estar podem ser encontradas no final do século XIX, decorrentes por um lado, do grande crescimento industrial e econômico, e por outro da difusão de valores ideológicos condescendentes com as políticas de bem estar e os direitos de cidadania. Porém, a expansão crescente do *welfare state* – culminando com o grande boom do pós-45 – se deve em grande parte à mobilização da classe trabalhadora urbana, que reivindicava melhores condições de vida e trabalho, condições estas que vinham sendo deterioradas pelo próprio crescimento industrial.” (BRANDÃO, 1994, p. 92).

liberalismo. Configura-se numa ideologia que justifica e defende os princípios do capitalismo, baseado na propriedade privada, liberdade econômica de mercado – sem intervencionismo do Estado, seu objetivo é alcançar cada vez mais o lucro individual (ANDERSON, 1995)¹⁰.

Uma das principais características do pensamento econômico neoliberal é a “afirmação da liberdade de mercado como a melhor forma de consecução do bem-estar coletivo”, o mercado é proposto como uma “forma relativamente mais sólida e eficaz de funcionamento econômico” (BRANDÃO, 1994, p. 93).

A idéia-força balizadora do ideário neoliberal é a de que o setor público (o Estado) é responsável pela crise, pela ineficiência, pelo privilégio, e que o mercado e o privado são sinônimos de eficiência, qualidade, equidade. Desta idéia-chave advém a tese do *Estado mínimo* e da necessidade de zerar todas as conquistas sociais, como o direito a estabilidade de emprego, o direito à saúde, educação, transportes públicos, etc. Tudo isso passa a ser comprado e regido pela *férrea* lógica das leis do mercado. Na realidade a idéia de *Estado mínimo* significa o Estado suficiente e necessário unicamente para os interesses da reprodução do capital (FRIGOTTO *In*: GENTILI, 2000, pp.83, 84)

O projeto neoliberal surgiu como uma alternativa de recomposição do capital diante da crise mundial dos anos 80, assim como, devido ao desenvolvimento da alta tecnologia que transformou o próprio modo-de-produção capitalista; Essa crise do capital, fora atribuída ao excesso de intervencionismo e regulamentação dos mercados pelo Estado e, teve seus pressupostos assentados sob a concepção neoliberal - que passara a ser o projeto político-econômico burguês proclamado em todos os setores da sociedade. Como referenda Brandão:

É para lutar contra o desenvolvimento do *welfare state* e a formação de uma ‘cultura do bem estar’ (que solapa as bases de uma cultura liberal), que o liberalismo retorna à cena política na década de 80 – transformado agora no paradigma *neoliberal*. **Este retorno ocorre justamente num momento de crise da economia européia e**

¹⁰ Estas considerações são baseadas no texto “Balanço do Neoliberalismo” de ANDERSON (1995, pp. 9-23).

norte-americana (cujos reflexos podem ser encontrado na pequena taxa de crescimento econômico e na inflação crescente, o que decorre sobretudo da crise de energia iniciada em meados da década de 70, e da internalização progressiva do capital – que estrategicamente foge às taxas progressivas dos Estados de Bem-Estar, deslocando para países que ofereçam boas possibilidades de investimento, com poucas interferências no mercado; diminuindo, assim, a produção da riqueza para os países de origem). Finalmente esse retorno à cena do liberalismo vai significar uma sistemática à intervenção do Estado – seja na ordem econômica ou na ordem social – tal como esta se configurou no desenvolvimento do *welfare state* no pós-45” (BRANDÃO, 1994, pp. 92 e 93, **grifo nosso**).

Por isso, a agenda neoliberal apresenta a seguinte solução para a crise do capital: redução do papel do Estado e incentivo à livre concorrência (HOBSBAWN, 1995, pp. 393-420). A esse respeito é oportuno citar Anderson:

Economicamente, o neoliberalismo fracassou, não conseguindo nenhuma revitalização básica do capitalismo avançado. Socialmente, ao contrário, o neoliberalismo conseguiu muito dos seus objetivos, criando sociedades marcadamente mais desiguais, embora não desestatizadas como queria. Política e ideologicamente, todavia, o neoliberalismo alcançou êxito num grau com o qual seus fundadores provavelmente jamais sonharam, disseminando a simples idéia de que não há alternativas para os seus princípios, que todos, seja confessando ou negando, têm de adaptar-se às suas normas. Provavelmente, nenhuma sabedoria convencional conseguiu um domínio tão abrangente desde o início do século como o neoliberal hoje. Este fenômeno chama-se hegemonia, ainda que, naturalmente, milhões de pessoas não acreditem em suas receitas e resistam a seus regimes. A tarefa de seus opositores é a de oferecer outras receitas e preparar outros regimes (ANDERSON, 1995, p. 23).

No contexto societário atual que estamos a descrever, fica evidente a prevalência de um modelo estatal sob a égide neoliberal, em detrimento de um Estado de bem-estar social. Nesse panorama os investimentos sociais são relegados à lógica do capital, as pessoas são incentivadas a se organizarem em busca de agregar os bens e serviços de que necessitam e o mercado dispõe, além do que a prestarem serviços voluntários de ajuda às demais pessoas então excluídas do sistema. Conforme Neves:

O Estado de bem-estar social perdeu espaço para o Estado neoliberal. De produtor de bens e serviços, o Estado passou a assumir a função de coordenador das iniciativas privadas da sociedade civil. De promotor direto da reprodução do conjunto da

força de trabalho, admitindo-a como sujeito de direito, o Estado passou a provedor de serviços sociais para uma parcela da sociedade definida agora como “excluídos”, ou seja, aquele contingente considerável que, potencialmente, apresenta as condições objetivas para desestruturar o consenso burguês. Para o restante da população, o Estado transfigura-se em estimulador de iniciativas privadas de prestação de serviços sociais e de novas formas de organização social que desatrelam as várias formas de discriminação das desigualdades de classe (NEVES, 2005, p. 33).

Lembramos que, ao identificarmos simultaneamente os conceitos de Estado de bem-estar social e Estado neoliberal, não estamos querendo empreender um debate maniqueísta. Apenas fazemos um breve resgate que expõe as gritantes diferenças entre a dinâmica de funcionamento de um modelo econômico-político estatal e outro.

Nenhum desses modelos deve ser visto como a panacéia de todos os males sociais, pois ambos se configuraram como forma de recomposição do capital frente às dificuldades enfrentadas em dados momentos sócio-históricos.

Sônia Draibe em seu estudo “Welfare State, crise e gestão da crise: um balanço da literatura internacional” (op.cit) apresenta uma rápida e interessante discussão sobre o Estado de bem-estar social a partir de vários referenciais teóricos e ao término, aponta alguns quadros alternativos de superação dos constrangimentos atuais que se impõem sobre as políticas governamentais de corte sociais impregnadas pelo ideário neoliberal. Entretanto, o estudo é apenas indicativo e desperta algumas questões para aqueles que querem se aprofundar no assunto.

Ressaltamos que, em nossa esperança utópica, imaginamos um novo padrão de política social mais adequado, que possa dar surgimento a um Estado capaz de impor os objetivos sociais às atividades econômicas, a corrigir os desequilíbrios engendrados pelas forças do mercado, a melhorar as

correntes de informação, a assegurar uma maior participação do público nas decisões do governo.

Ao nosso ver, uma boa indicação de modelo estatal (que historicamente nunca chegou a ocorrer), está na teoria gramsciana quando a mesma se refere ao Estado ampliado. Estado este que, **sendo provisório**, deixará de existir num dado momento onde as forças histórico-econômicas-sociais e seus múltiplos condicionantes assim permitirem, cedendo lugar à sociedade regulada. Nas palavras que tomo emprestada de Semeraro:

A construção da hegemonia considerada na ótica emancipatória das classes subalternas, conduz à ocupação dos espaços da sociedade civil e da sociedade política, **levando à radicalização da democracia e à extinção do Estado capitalista**. Quando a maioria da sociedade - a classe fundamental dos trabalhadores - estiver em condições de assumir a direção de sua própria história, não haverá necessidade de coerção e intervenção externa: terá chegado a era da sociedade regulada, onde cada um será capaz de obedecer às leis formuladas por ele mesmo, de se autodeterminar e elaborar coletivamente a nova civilização” (1999b, pp.91, 92, **grifo nosso**).

Como lembra esse mesmo autor,

Gramsci não trabalha para erguer um Estado que distribua benefícios e proteção, mas para elevar intelectual e moralmente camadas cada vez mais amplas da população, ou seja, para dar personalidade ao amorfo elemento de massa [...] A sua verdadeira preocupação é chegar a realizar nos indivíduos o salto revolucionário da condição de excluídos e de assalariados à de cidadãos que tomam parte não apenas no processo de produção mas também da direção política e cultural” (SEMERARO, 1999, p. 78).

Retomando nossa discussão inicial, podemos afirmar que na realidade brasileira, a agenda neoliberal significou a frustração da instituição de um Estado de bem-estar social ainda em construção. Em termos concretos, implicou a não efetivação de direitos sociais reclamados e conquistados pela sociedade por ocasião da organização da Constituição de 1988¹¹. Pode-se

¹¹A Constituição Federal de 1988 representou a conquista de direitos sociais reclamados pelos cidadãos daquele momento histórico. No entanto, mal ensejou seus primeiros anos de existência e diante da agenda neoliberal, da re-estruturação e mundialização do capitalismo, esses mesmos direitos conquistados estão sendo paulatinamente dissipados da realidade brasileira. Sobre este assunto ver o artigo “A (des)

constatar que sob a égide capitalista neoliberal, defende-se inclusive hoje, a flexibilização dos direitos trabalhistas - tendo em vista a elevação do lucro, o desmanche e a precarização da rede de atendimento social à população.

Como lembra Frigotto:

É forçoso registrar que, entre nós, este Estado de Bem-Estar Social não chegou a concretizar-se. Para Galeano, construiu-se na América Latina um *Estado de mal-estar Social*. No caso brasileiro, na conjuntura dos anos 80, com a vigência dos novos movimentos sociais, com um sindicalismo combativo e com a presença significativa de partidos da esquerda, conseguiu-se promulgar, em 1989, uma constituição que assegurava direitos sociais, além dos direitos políticos. Entretanto, imediatamente após a sua promulgação, teve início o processo de Revisão Constitucional e o governo Federal começou a governar por medidas provisórias revogando sobretudo os direitos sociais em nome da queda do muro de Berlim, da globalização e reestruturação produtiva (FRIGOTTO, 1996, p. 82 – grifos do autor).

Deste modo, percebemos que hoje é praticamente inexistente uma política social que assegure aos setores mais carentes da sociedade brasileira uma vida com o mínimo de dignidade, a não ser as iniciativas pontuais e assistencialistas que têm ganhado força neste contexto societário.

Temos assistido a passagem de um modelo capitalista que já produzia desigualdades sociais desde os seus primórdios à fundação de um capitalismo selvagem, cuja marca inconfundível é a produção da exclusão social, haja vista a grande parcela da população mundial e nacional totalmente marginalizada, abaixo da linha de pobreza, com condições de sobrevivência sub-humanas, vítimas das mazelas sociais, desemprego estrutural, sub-empregos (GENTILI, 1995; AMORIM, org. Atlas da Exclusão Social, 2003). Nas palavras de Telles “esse é o universo da pobreza” (TELLES, 2001, p. 144).

Aliada a essa problemática há fortes indícios da política de Terceira Via, marcada pela transferência do gerenciamento das causas sociais a iniciativas

públicas não-estatais que corroboram para a complicação da crise nas questões sociais brasileiras (NEVES, 2005, pp. 52-67).

O termo Terceira Via tem várias acepções teórico-metodológicas e concepções político-ideológicas até mesmo contraditórias entre si. Mas, a reflexão apresentada por NEVES (*op.cit*) nos é cara neste trabalho e dela destacamos o seguinte: a Terceira Via é uma estratégia burguesa de implementação do pensamento neoliberal frente ao arrefecimento do papel do Estado no enfrentamento das questões sociais, do desfacelamento dos movimentos sociais da década de 60¹² e da necessidade da própria burguesia se reorganizar politicamente redefinindo as relações de poder como forma de continuar na condição de classe dominante dirigente frente as transformações estruturais as quais modelo capitalista passava (*idem*, p. 138 e 139).

Pela ideologia adotada na Terceira Via, as relações entre o Estado representante dos interesses públicos (primeira via) e o mercado portador de

¹² A década de 60 foi marcada por movimentos sociais, ligados à educação e voltados para a promoção da cultura popular. Estes movimentos surgiram com da preocupação de intelectuais, políticos e estudantes com a participação popular tanto política como cultural. “Os anos de 1960-64 foram particularmente críticos e criativos em quase tudo. Questionaram-se todos os modos de ser brasileiro, de viver um momento da história desse país, de participar de sua cultura. Pretendeu-se um projeto político que possibilitasse superar a dominação do capital sobre o trabalho e, em decorrência, reformular tudo o que dessa dominação decorre. Tudo isso – e muito mais – foi repensado e discutido em círculos cada vez mais amplos, das ligas camponesas às universidades. Dentre as formas de luta popular que surgiram naqueles anos, ou que neles conseguiram se fortalecer, uma delas se chamou cultura popular; e ela subordinava outra: a educação popular. Nesse campo tudo se refez e tudo se imaginou criar ou recriar, a partir da conscientização e da politização – ou seja, da organização das classes populares. O que se pretendia? Transformar a cultura brasileira e, através dela, pelas mãos do povo, transformar a ordem das relações de poder e a própria vida do país. Os instrumentos? Círculos de cultura, centros de cultura, praças de cultura, teatro popular, rádio, cinema, música, literatura, televisão... sindicatos, ligas... com/para/sobre o povo. Instrumentos que se convertiam em movimentos. Às vezes, os mesmos que vinham dos anos 50, como os clubes e as escolas radiofônicas, mas redefinidos, reorientados, vistos em novos horizontes, projetados em outra dimensão” (FÁVERO, 1982, p. 9). Com o golpe de 64 e a implantação do regime militar, os instrumentos de luta, conscientização e organização popular foram extintos ou apropriados pelo aparato estatal totalitário (como é o caso do MEB - Movimento de Educação de Base, que sob o regime autoritário foi substituído pelo MOBREAL – Movimento Brasileiro de Educação, que apesar de manter um discurso esquerdista, passou a ser instrumento de veiculação ideológica do regime militar). Como explica Gadotti: “A educação popular nasceu na América Latina no terreno fértil das utopias de independência, autonomia e libertação, que propunham um modelo de desenvolvimento baseado na justiça social. Para esse modelo de educação popular a conquista do Estado era fundamental. Porém, esse processo foi interrompido pela brutal intervenção militarista e autoritária. A educação popular, refugiou-se então, nas organizações não governamentais e, alguns casos, na clandestinidade” (GADOTTI, s/d, p. 4).

interesses particulares (segunda via), seriam mediadas pela sociedade organizada então desprovida dos conflitos de classes (terceira via). Nesta relação societária a Terceira Via seria um espaço supostamente neutro onde os sujeitos sociais poderiam negociar e dialogar sem interferências das diferenças de interesses de classes.

Com a disseminação deste ideário e ações em torno do mesmo “foi-se firmando uma nova concepção política muito próxima do postulado da Terceira Via – de que no mundo atual só há espaços para as saídas negociadas” (idem, p. 149). É o que me parece afirmar Fernandes (1994) ao referendar a idéia de terceiro setor, inclusive adjetivando-a como “uma idéia em boa hora” (p.19):

A definição proposta, tão sucinta, é portadora de uma ambiciosa mensagem: surge no mundo um terceiro personagem. Além do Estado e do mercado, há um “terceiro setor”. “Não governamental” e “não lucrativo”, é no entanto, **organizado, independente, e, mobiliza particularmente a dimensão voluntária do comportamento das pessoas**. Sua emergência é de tal relevância que se pode falar em uma “virtual revolução” a implicar mudanças gerais no modo de agir e pensar. As relações entre o Estado e o mercado, que têm dominado a cena pública, hão de ser transformados pela presença desta terceira figura [...] (FERNANDES, 1994, pp. 19 e 20 - **grifo nosso**)

Observamos como esse autor enfatiza, sobretudo, a independência dos supostos setores da sociedade e destaca a dimensão voluntária dos participantes do denominado terceiro setor.

Há um quadro desenhado por Fernandez (idem, p. 21), que ilustra muito bem a idéia sobre quais seriam os setores e suas respectivas contribuições e atribuições na sociedade. Vejamos como este autor classifica os setores e suas competências:

AGENTES	PARA FINS	SETOR
privados	privados	mercado
público	público	Estado
privado	público	Terceiro setor
públicos	privados	(corrupção)

Assim, neste referencial, a idéia de terceiro setor é por demais bem-vinda já que mobilizaria forças de diversos agentes privados para fins ditos públicos, estaria entre os meandros do mercado e do Estado.

Se tomarmos Gramsci por referência (como já exposto no capítulo primeiro), vemos que esta divisão é totalmente equivocada e artificial. Negar o caráter dialético existente na concretude da dinâmica societária, dividir a sociedade em supostos setores e estancá-los em si mesmos, além de deformar o conceito de sociedade civil e Estado (ampliado), é de extrema eficácia àqueles que desejam manter o *status quo* vigente. Pois, se o proletariado não se reconhece enquanto classe, (são apenas voluntários de causas locais, diversas e passageiras – não mais militantes)¹³, tampouco se organizará em

¹³ Necessário é fazermos uma distinção entre “militante” e “voluntário”, pois os mesmos são indivíduos que surgem em momentos históricos específicos e cumprem papéis sociais totalmente distintos. Enquanto o militante da década de 60 é extremamente central no processo de conscientização e organização das massas populares e classes sociais, com vistas à reivindicação e transformação estrutural da sociedade, atuando como intelectual orgânico na luta pela construção de uma hegemonia contra-burguesa, o voluntário tal qual é convocado na atualidade, aparece como uma pessoa de boa vontade, solidária, que busca desenvolver ações locais para enfrentamento das mazelas sociais ou reivindicações de grupos sociais específicos, não tendo comprometimento com o desenvolvimento de uma utopia ou um projeto transformador de caráter universal. Percebemos claras indicações de que o projeto político-social-cultural que os militantes da década de 60 estavam a desenvolver - alguns deles descritos numa compilação feita por Osmar Fávero (op. cit), tinham como propósito último de suas ações “a educação revolucionária das massas” (ESTEVAZ in: FÁVERO, 1983, p. 40). Já em relação aos voluntários não se pode dizer a mesma coisa. Como aponta SEMERARO: “Nesse contexto, (refere-se ao atual), a figura do intelectual engajado entra em declínio e fala-se cada vez menos de intelectuais orgânicos das classes trabalhadoras, de militantes e de educadores populares. Por toda parte, despntam gestores, intelectuais céticos e políticos pragmáticos. As convicções de princípio, a visão de conjunto e a revolução são suplantadas pela incerteza e o pensamento da errância, pelo gosto particular e o narcisismo privado. Sob a forte influência do neoliberalismo na economia e da pós-modernidade na cultura, muitos intelectuais foram gradualmente

torno de interesses éticos-políticos que visem a transformação estrutural da sociedade que estão inseridos.

Para que este ciclo vicioso se esgote, é necessário a apropriação da condição de classe pela própria classe, a desmistificação do mundo pseudoconcreto, o despertar de novos intelectuais orgânicos que junto à classe subalterna, sonhe um novo projeto societário e engendre ações no campo político-econômico e cultural em busca da concretização do mesmo.

Se tomarmos como base os movimentos sociais das décadas anteriores e compará-los ao tipo de dinâmica societária tal qual nos propõe o ideário da terceira via, poderemos inferir que, no lugar dos militantes que atuavam naquelas décadas - àqueles que organizados politicamente por intelectuais orgânicos a partir da sociedade civil instalavam o conflito por manifestarem interesses de classes e acolherem a utopia de um projeto societário alternativo, hoje encontramos os voluntários - indivíduos que convidados à aderir voluntariamente a causas diversas (do meio ambiente, da paz, do menor abandonado, e tantas queiram enumerar), agem de modo descolado dos interesses universais de classe, tendo por meta a resolução de conflitos e crises sociais locais.

Saem de cena os militantes, entram os voluntários que normalmente são convocados a atuarem em nome da solidariedade, de uma cidadania ativa, na

deslocados do chão da fábrica e dos movimentos de massa para o campo do marketing, da estética e do fantasmagórico cenário da vida-esfera [...] Assim ao longo dessas duas últimas décadas, vimos emergir como onda avassaladora uma crescente categoria de intelectuais que se disseminaram na mídia, na publicidade, no entretenimento, em Organizações Não-Governamentais (ONGs), em serviços administrativos e no controle do sistema” (SEMERARO, 2006, p.. 5).

Assim enquanto na década de 60 o militante é o indivíduo consciente, politizado que opta por buscar a transformação estrutural instalando o conflito, o voluntário da atualidade, age em nome de uma cidadania ativa, solidariamente, buscando a resolução de conflitos locais, suas ações alcançam micro-realidades e em grande parte contribuem para a amenização de conflitos e coesão social. Ainda sobre o termo voluntário ver nota 18.

busca de resolução de problemas locais, pontuais, comunitários, desprovidos da utopia de transformação estrutural da sociedade.

Perde-se a originalidade da militância que no passado estava acoplada à égide de classes e divulga-se uma compreensão equivocada da sociedade civil, entendida como um terceiro setor – algo amorfo, distinto e distante da sociedade política e do Estado.

Nessa perspectiva, a proposta da Terceira Via contempla a reforma do Estado – tido como ineficiente e burocrático, a repolitização – no sentido de estimular os indivíduos participarem ativamente de grupos locais na busca de solução de problemas, “sem que isso signifique incentivo a níveis mais elevados de consciências política e a senso de pertencimento a uma classe social” (LIMA & MARTINS *In: Neves, 2005, p. 62*), a formação de indivíduos aptos a participarem dessas novas organizações locais de modo dito “reflexivo”, ativo, e por fim, incentiva o associativismo entre o público-privado na busca de saídas negociadas para as crises sociais.

A organização da Terceira Via supostamente interessada na organização brasileira em torno da cultura política e democracia veio “reafirmar uma ação burguesa de dominação sob nova roupagem, que advoga a importância da “cidadania ativa” e da participação social na vida do país e elimina por mecanismos políticos e legais, a participação sobre a economia. Trata-se de uma participação que não tem a capacidade de alterar substantivamente o projeto de sociedade, mas sim proceder a certas adequações pontuais que visem ao aprimoramento do sentido histórico do capitalismo” (ibidem, p. 144). Finalmente,

a Terceira Via definida como “estrutura de pensamento e de prática política que visa adaptar a social-democracia a um mundo que se transformou fundamentalmente nas duas ou três últimas décadas”

[GIDDENS, 2001, p. 36] – **constitui-se de fato um neoliberalismo de terceira via**, portador de princípios e estratégias que fundamentam na atualidade o novo projeto de sociabilidade burguesa e as estratégias da nova pedagogia da hegemonia nos marcos do neoliberalismo (LIMA & MARTINS In:NEVES, 2005, p. 67-grifo nosso).

Nesse cenário, ações focalizadas e filantrópicas de combate às mazelas da sociedade ganham forças e passam a ser incentivadas inclusive pelo aparelho estatal que, como já dito anteriormente, é tido como insuficiente e ineficaz diante dos problemas societários, ficando-lhe reservado apenas o controle de áreas estratégicas que venham a garantir o funcionamento do sistema econômico, a gestão da crise do capital e o “monopólio da violência”. Sobre esta nova forma de sociabilidade emergente, Lima e Martins ressaltam:

Nessa linha, a solução dos problemas e a realização de demandas deveriam ser buscadas na mobilização social de pequenos grupos e por intermédio de ‘parcerias’ com a aparelhagem estatal e outros organismos da sociedade civil, e não mais nas políticas universalizantes [...] O aprofundamento da sociabilidade ancorada nessas indicações serve para estimular e orientar a natureza e a intervenção política de novos agrupamentos sociais, que mesmo organizados sob o lema da ‘emancipação’ ou ‘liberdade’, não agem no centro da vida social, isto é, no cerne das contradições do capitalismo, e passam a conviver sob a tolerância do sistema e até mesmo em harmonia com ele (idem, p. 53).

Destarte o colapso do aparelho estatal e algumas de suas conseqüências já apontadas anteriormente (que não são ocasionais), fazem parte da estratégia burguesa que desde fins da década de oitenta e início da década de noventa do século passado, busca articular-se para a implantação de uma hegemonia neoliberal. Essas ações garantiriam a refuncionalização e manutenção do sistema capitalista, inclusive do capital nacional, frente aos desafios e transformações ocorridas no cenário internacional que desde então já acenava a globalização da economia mundial. Diante deste contexto, o alvo

da burguesia passa a ser o de ocupar não só o lugar de classe dominante economicamente, mas o de classe dirigente ético-politicamente (ibidem).

Assim sendo, a burguesia dominante economicamente no cenário nacional na década de oitenta, para defender seus interesses de classe, investe energia suficiente para combater os direitos sociais conquistados, pois aceitá-los significaria no plano econômico, diminuir a taxa de lucros obtida com a exploração, e, no plano político, seria assistir passivamente a crescente construção de mecanismos democráticos de controle social dada a organização dos movimentos sociais que haviam ganhado força na década de sessenta (FRIGOTTO, 1996, pp. 80-83).

Em última instância, essas dificuldades interiores à classe burguesa, poderiam constituir a sua decadência, e como agravante a classe ainda tinha que enfrentar o cenário internacional marcado pelas tendências neoliberalizantes. Deste modo, a burguesia haveria de traçar um plano de ação para impedir a sua derrocada e garantir a manutenção do sistema econômico, do *status quo*. Diante desse quadro “o Estado foi solapado mais ainda pela tendência de desmontar atividades até então exercidas, em princípio, por órgãos públicos deixando-as entregues ao ‘mercado’” (HOBSBAWN, 1995, p. 414).

Para se manter como classe dominante, a burguesia traçou estratégias de convencimento no plano ético-político, através da consolidação de uma hegemonia que conseguiu convencer a toda sociedade de que a única direção econômico-ético-política possível seria o projeto de sociabilidade apresentado pela própria burguesia. Inaugura-se, portanto, um modelo de sociabilidade marcado pelo neoliberalismo, orientado pelas tendências do capital

internacional. As palavras de Martins parecem dar um bom suporte a essa discussão:

Os anos de 1990 correspondem ao período de introdução, aprofundamento e consolidação do padrão de desenvolvimento neoliberal no Brasil. Essa década foi palco da reorganização política da burguesia e da redefinição das relações de poder no país. Entre os anos de 1990 e 1994, foram mantidas as tensões políticas vividas pela burguesia na fase final do desenvolvimentismo. Superada essa fase, a burguesia brasileira conseguiu transformar a tensão em unidade política em torno de um único projeto de sociabilidade, alcançando no século XXI a condição de se manter como classe dominante e dirigente (Martins *In* NEVES, 2005, p. 139)¹⁴.

A estratégia neoliberal se dá pelo desmonte do aparelho estatal, que segue as orientações do Consenso de Washington¹⁵, uma primeira onda de reforma gerencial nos anos oitenta, que prevê a instituição do Estado mínimo no que diz respeito à garantia dos direitos sociais e, também, ao mínimo de interferência estatal no controle da economia, devendo esta última estar a cargo do mercado.

¹⁴ Cf. MARTINS, André Silva. “Estratégias burguesas de obtenção do consenso nos anos de Neoliberalismo da Terceira Via” (In: NEVES, 2005, pp. 127-174).

¹⁵ O Consenso de Washington foi um conjunto de medidas formulado por economistas em 1989 com o intuito de orientar a economia e reformas (diga-se de passagem, fazer os ajustes neoliberais) nos países periféricos, especialmente os da América Latina. Participaram deste encontro funcionários do governo americano, do Fundo Monetário Internacional (FMI), do Banco Mundial, Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e alguns economistas da América Latina. “As recomendações desta reunião abarcaram dez áreas: disciplina fiscal, priorização dos gastos públicos, reforma tributária, liberalização financeira, regime cambial, liberalização comercial, investimento direto estrangeiro, privatização, desregulação e propriedade intelectual” (MONTAÑO, 2002, p. 29). As medidas sugeridas pelo Consenso de Washington foram adotadas pelos países latinos, levando em consideração suas especificidades culturais e históricas. No Brasil esta agenda teve como um dos mentores Bresser Pereira e forte implementação no governo de Fernando Henrique Cardoso. “O papel do Consenso de Washington e das reformas por ele desencadeadas são fundamentais para perceber o impacto das mudanças que atingiram principalmente as economias e sociedades subdesenvolvidas através dos programas de privatização, corte de programas sociais e ampliação do desemprego, com a abertura desenfreada às importações e à reconversão tecnológica” (NETO, 2001, p. 4). “E estas reformas, cujo receituário tem sido imposto pelo FMI e convencionou-se chamar de Consenso de Washington, preconizam o fim de qualquer barreira protecionista por parte dos países em desenvolvimento, isto é, o fim da defesa promovida pelo Estado dos mercados e das indústrias nacionais; a privatização das empresas públicas, ou seja, a transferência para o grande capital do controle da energia, das telecomunicações, dos transportes, da indústria de base, entre outras áreas. Também preconizam a flexibilização do trabalho, que quer dizer a eliminação das relações contratuais e a destituição para o trabalhador de seus direitos trabalhistas e previdenciários. Propõem a transferência de serviços públicos para o mercado, como a atenção à saúde, o que corresponde à redução da cobertura das políticas sociais, que passa a estar acessível somente àqueles que podem pagar pelo atendimento” (NETO apud BAVA, 2001, p. 4) .

Num segundo momento, a chamada reforma gerencial é igualmente articulada através da convocação da sociedade para reger e controlar os serviços não exclusivos do Estado - até mesmo os sociais, haja vista a criação de leis e incentivos para organizações sociais, serviço voluntário, filantropia empresarial, parcerias públicas-privadas (MONTAÑO, 2002, p. 47).

Sob o pretexto da participação e do desenvolvimento da democracia e cidadania em torno do controle e gestão dos serviços sociais, a publicização é apresentada como panacéia dos males da suposta ingerência e inércia estatal frente aos problemas sociais.

Sob o pretexto de chamar a sociedade à participação em torno do “controle social” e da “gestão de serviços sociais e científicos”, desenvolvendo a democracia e a cidadania, a dita “publicização” é, na verdade, a denominação ideológica dada à *transferência* de questões públicas da responsabilidade estatal para o chamado “terceiro setor” (conjunto de “entidades públicas não-estatais” mas regido pelo direito civil privado) e ao *repasse* de recursos públicos para o âmbito privado. Isto é uma verdadeira *privatização* de serviços sociais e de parte dos fundos públicos. Esta estratégia de “publicização”, orienta-se numa perspectiva, na verdade, desuniversalizante, contributivista e não constitutiva de direito das políticas sociais (MONTAÑO, 2002, p. 46).

Assim a sociedade é convidada a se organizar e participar em nome do desenvolvimento da democracia e da cidadania, fato que supostamente ajudaria o crescimento e melhoraria a rede de atendimento social e funcionamento do mercado como um todo.

Entretanto, reafirmamos que em nosso entendimento, essa foi mais uma estratégia burguesa – desta vez, assentada sob os argumentos da Terceira Via – de transferir responsabilidades estatais e o gerenciamento de serviços à sociedade que fora chamada à participação “cidadã”, mas que tinha em vista a diminuição dos custos com as atividades sociais, dada a diminuição dos custos da atividade social, “pela verdadeira precarização, focalização, e localização

destes serviços, pela perda de suas dimensões de universalidade, da não-contratualidade e direito do cidadão” (idem, p. 47).

De passagem, pode se concluir que o panorama em que se inserem as questões sociais, tal qual se apresentam hoje, é marcado pela direção societária que a burguesia - como classe dominante economicamente e dirigente ético-politicamente - imprimiu à dinâmica social, e pela instituição de um Estado mínimo na prestação de serviços, marcado pelo neoliberalismo de Terceira Via, que vê no mercado o único regulador legítimo das relações econômicas, em que o Estado atua para assegurar os princípios do liberalismo econômico, ou seja, a livre movimentação do capital.

A problemática é duplamente avassaladora: por um lado temos um Estado ausente, inoperante no atendimento social, por outro ele também não regula as relações econômicas no que diz respeito à imposição de limites políticos democráticos à lógica do capital, que passa a ser regulado unicamente pelo chamado “mercado”.

Dessa forma, as ações sociais, as intervenções societárias, acontecem neste atual momento histórico sob a forma de organizações sociais específicas, através de iniciativas públicas não-estatais, Organizações não governamentais (ONG's), Associações Benéficas e outras formas de participação da sociedade civil, agora denominadas como sendo ações precípuas do Terceiro Setor.

O termo Terceiro Setor “é construído a partir de um recorte do social em esferas: o Estado (“primeiro setor”), o mercado (“segundo setor”) e a “sociedade civil” (“terceiro setor”) [...] Como se o “político” pertencesse à esfera estatal, o “econômico” ao âmbito do mercado e o “social” remetesse apenas a

sociedade civil, num conceito reducionista (MONTAÑO, 2002, p. 53). Sobre o chamado terceiro setor MELO & FALLEIROS (*in* Neves) reforça:

Este foi apresentado como uma outra esfera da vida em sociedade, diferentes do Estado e do mercado. Sendo de acordo com a visão de mundo liberal, o primeiro (o Estado) o lugar da política e o segundo (o mercado) o da economia, a sociedade civil ou terceiro setor seria o espaço do social, das relações sociais baseadas na solidariedade e no altruísmo, que promoveria a participação da “comunidade”. Estão incluídas no chamado terceiro setor organizações não-governamentais (ONGs), instituições filantrópicas, fundações empresariais e associações comunitárias” (2005, p. 183).

Nessa visão, ao terceiro setor cabe a implementação de políticas públicas frente às questões sociais, visto que o Estado e o mercado são insuficientes para dar conta desta problemática (*idem*, p. 183). São atores destas ações as comunidades locais organizadas em torno da solução dos seus problemas, as mesmas contam especialmente com o voluntariado e benesses dos cidadãos que passam a ser conclamados a participar em nome da solidariedade (Cf. NEVES, 2005, p. 70).

A este novo modelo societário emergente que consiste numa estratégia de reestruturação do capitalismo e da burguesia no cenário atual, em que há a utilização dos referenciais ideológicos do neoliberalismo e do terceiro setor, se aproxima do que Neves (*op cit*) conceitua como Neoliberalismo de terceira via, conforme explicitado. Ao que parece, Montañó também faz algumas identificações entre o Terceiro Setor e a terceira via quando afirma:

Não sendo o **terceiro setor** idêntico à terceira via, se os defensores da sociedade regulada pelo Estado (primeiro setor) estão ligados ao chamado *keinesianismo*, e se os promotores da regulação social pelo *mercado* (segundo setor) vinculam-se ao projeto neoliberal, aqueles que sustentam a regulação organizada numa abstrata *sociedade* civil (terceiro setor), **assumidamente ou não, encontram-se na generalidade dos casos próximos à chamada terceira via** (supostamente não keinesiana nem neoliberal)” (MONTAÑO, 2002, p. 141 - grifo nosso).

Neste panorama societário atual, as intervenções sociais geralmente contam com o voluntariado da própria população, patrocínio de recursos públicos e até mesmos recursos privados de empresas que, sob a bandeira da responsabilidade social empresarial, vêm em suas ações “solidárias” uma forma de agregarem *marketing* e valor ao seu produto no mercado, assim como uma forma de consolidar o pensamento capitalista hegemônico na sociedade (GRACIOLLI, 2005).

Como se não bastasse, a lógica capitalista neoliberal impressa nas relações societárias, além de conquistar a hegemonia no atual contexto histórico, ganhou um espaço praticamente incontestável na experiência humana, haja vista que, na maioria das mentes, não existe outra forma imaginável de possível organização social. Podemos ressaltar esse pensamento nas afirmações abaixo:

No plano cultural e ético-político, a letalidade da ideologia neoliberal se apresenta de forma cruel. De um lado, sedimenta-se a idéia de que não há outras formas de relações sociais possível e desejável que não seja as relações capitalistas. Na concepção de um dos teóricos mais importantes do neoliberalismo, Friedrich Hayek (1987), a igualdade leva à servidão e a liberdade do mercado à prosperidade. Face à esta doutrina e ao colapso do socialismo real, a alternativa socialista, argumenta-se, mostrou-se inviável: insistir nisso é burrice ou puro romantismo. Com esta idéia esvai-se a esperança e a utopia de uma sociedade igualitária e solidária. A lei do mais forte fica reforçada por uma cultura individualista, narcísica, encoberta pela idéia de competência e produtividade (FRIGOTTO, 1996, p. 86).

Em outras palavras, é provável que o homem tenha perdido a capacidade de perseguir a utopia de um novo tempo, uma alternativa frente à lógica capitalista da atualidade. “Daqui em diante novo tempo’ designa a própria época atual” (HABERMAS, 1987, p. 183).

3.2 As intervenções sociais no atual contexto societário: Sociedade Civil e Terceiro Setor

Conforme a idéia que já vem sendo desenvolvida, as intervenções sociais no atual contexto histórico são marcadas pelas ações de organizações públicas não-estatais, iniciativas comunitárias focalizadas, associações comunitárias, Ong's, que convocadas à participação em nome e de uma cidadania ativa, acabam assumindo papéis de resolução de problemas sociais emergenciais que assolam a sociedade como um todo, devido a falta de uma rede social estatal. O Estado se furta à responsabilidade e deixa a população mais carente a mercê do sistema capitalista que se complexifica e assume novas formas de exploração ainda mais excludentes. A afirmação de Yazbeek ao que parece-me referenda o que estou dizendo:

Neste contexto, as propostas neoliberais, em relação ao papel do Estado no âmbito da questão social, são propostas reducionistas, que esvaziam e descaracterizam os mecanismos institucionalizados de proteção social. Assim sendo, desestrutura-se políticas no campo social e ganha força a defesa de alternativas privatistas para a questão envolvendo a família, a comunidade e as organizações sociais. Coloca-se para a sociedade a tarefa de enfrentar a pobreza e a exclusão social (YAZBEEK, 2000, p. 1)

Assim sendo, a sociedade civil¹⁶, que em Gramsci é entendida como momento dialético e unitário entre Estado político e “Sociedade”, como âmbito dotado de especificidade, mas somente compreensível se integrado a uma totalidade histórico-social, passa a ter uma outra conotação e significado, a saber, uma instituição separada do Estado e da economia, um lócus neutro,

¹⁶ Conforme já apresentado no capítulo inicial, “Para Gramsci a sociedade civil é algo intermediário entre a estrutura econômica e o Estado. É o conjunto das instituições que difundem as ideologias e “cimentam” o bloco histórico e a hegemonia da classe dominante: jornais, revistas, rádios, TV, cinema, igrejas, partidos, sindicatos, publicidade, etc” (SECCO, 2002, p. 105).

desprovido de caráter político, atuando como um espaço gerenciador de conflitos e resolução de problemas locais. Sobre esse assunto, vale registrar as palavras abaixo:

Transitou-se assim de uma imagem de sociedade civil como palco de lutas políticas e empenhos hegemônicos, para uma imagem que converte a sociedade civil ou em recurso gerencial - um avanço destinado a viabilizar tipos específicos de políticas públicas, ou em fator de reestruturação ética e dialógica da vida social. De uma fase em que o marxismo preponderava nas discussões e deixava sua marca, ingressou-se numa fase em que a perspectiva liberal-democrática, nuançada ou afirmada de modo ortodoxo, prevalece e opera como referência principal (NOGUEIRA, 2003, p. 6).

Enquanto a sociedade civil entendida em Gramsci está diretamente relacionada com a possibilidade da construção de uma contra-hegemonia burguesa, possibilitando a luta de classes através da passagem dos interesses egoísticos econômicos corporativos para o plano ético-político universal, a sociedade civil entendida pelo referencial neoliberal, então denominada de Terceiro Setor (ou terceira via), sequer cogita a possibilidade de organização da sociedade em torno dos interesses universais de classe. Desta forma a sociedade civil compreendida como “terceiro setor” desvincula-se do universo político e:

terminou por se entregar aos interesses particulares mais imediatos e por não se deixar alcançar por qualquer projeto geral: ficou de costas para a política, incapacitando-se para produzir consensos ou criar hegemônias (NOGUEIRA, 2000, p. 7)

A confusão conceitual que toma sociedade civil por Terceiro Setor e vice-versa desloca as ações de enfrentamento de questões da pobreza e mazelas sociais, do lugar da ação, da crítica, da polêmica, do dissenso – para o lugar da não política, para a que é figurada como dado a ser administrado tecnicamente ou gerido pelas práticas assistencialistas, tidas como missão solidária, marcadas pela tão incentivada “participação cidadã” de um suposto setor

neutro em relação aos posicionamentos e conflitos da sociedade, desprovido de interesses econômicos.

Observe que o termo “participação cidadã” entre aspas é proposital e busca ressaltar que este tipo de participação a qual a sociedade está sendo conclamada, na verdade, apenas tem o nome de cidadã, mas se esquia do conceito gramsciano de cidadania. À guisa de ilustração convém citar a formulação do conceito de cidadania por Martins:

Cidadania é a participação dos indivíduos de uma determinada comunidade em busca da igualdade em todos os campos que compõem a realidade humana, mediante *a luta pela conquista e ampliação dos direitos civis, políticos e sociais*, objetivando a posse dos bens materiais, simbólicos e sociais, *contrapondo-se à hegemonia dominante na sociedade de classes*, o que determina novos rumos para a vida da comunidade e para a própria participação (2000, p. 58 - grifo nosso).

Conforme esse autor, podemos asseverar que as ações consideradas cidadãs serão aquelas que terão como objetivo fundamental a contraposição à direção e dominação imposta na sociedade de classes na busca de uma sociedade mais igualitária. E por sua vez, cidadãos serão aquelas pessoas que saindo do momento individual, conscientemente, estarão comprometidos com a luta política e a transformação das estruturas do sistema que oprime e exclui não somente indivíduos, mas também classes inteiras.

É possível concluir que a “participação cidadã” em que a sociedade civil atual, denominada de Terceiro Setor, é aquela que age buscando apenas a resolução de problemas tópicos e gerenciamento de crises focalizadas, nada ou pouco tem com a cidadania real. São ações que, tendo fim em si mesmas, conta com voluntários¹⁷, indivíduos que, apesar da boa vontade, nem sempre

¹⁷ “O termo ‘voluntário’ designa alguém que se mobiliza e se dedica espontaneamente a fazer algo porque gosta ou sabe fazer, mas na contemporaneidade a esse significado se agregam duas outras condições: o de não recebimento de remuneração em troca e a tendência à profissionalização. Isso gera uma gama de

estão impregnados de consciência e luta política pela transformação das estruturas macro-econômica e sociais, numa atuação dialética sociedade/Estado.

Este tipo de participação local (comunitária), o voluntariado baseado no compromisso solidário, da ajuda mútua entre os indivíduos, “impede que ele [o indivíduo] se reconheça como sujeito histórico capaz de empreender ações coletivas em prol da emancipação humana geral dentro de um projeto universalista” (NORONHA, 2006, p. 20).

Desse modo, o conceito e as ações da sociedade civil são escamoteados em uma nova prática gerencialista da crise social, por meio de estratégias despolitizadas. O testemunho de Nogueira a este respeito é bastante esclarecedor:

A sociedade civil lócus privilegiado da participação, ingressou assim no universo gerencial, um espaço evidentemente “neutro”, ocupado por associações não governamentais despojadas de maiores intenções ético-políticas, sede de intervenções sociais “privadas” e sem fins lucrativos dedicadas a ativar determinadas causas cívicas ou auxiliar os governos no combate à questão social (TORRES, apud NOGUEIRA, 2003, p. 15).

Eis, então, a diferença conceitual: enquanto a sociedade civil gramsciana concentra os esforços societais em torno de uma organização e direcionamento ético-político articulados pela identidade e interesse de classe, o Terceiro Setor, tal qual apresentado no escopo teórico neoliberal, é regido pela agregação de pessoas que em nome da participação e solidariedade na resolução de problemas comunitários específicos, se associam em torno de interesses restritos e egoísticos, que não perseguem a utopia classista de

ações voltadas para a formação desses sujeitos com vistas a treinamento ou capacitação permanente sobre suas habilidades, suas disponibilidades, seu papel nas instituições e na sociedade, sua contribuição para o bem comum e pessoal e, portanto, o cumprimento de uma benfeitoria à sociedade e à humanidade, traduzida pelo slogan ‘faça sua parte’” (PARK, et al. 2006, p. 96).

transformação das relações capitalistas dadas. Neste último tipo de associação, trata-se de lutar para se inserir individualmente e/ou comunitariamente no sistema capitalista, mas não há a intenção de transformação global do sistema social.

Este conceito de sociedade civil é o que está na base teórica do chamado Terceiro Setor, entendido como:

agente transformador social, que, com sua missão ímpar de prestar um benefício coletivo, constrói uma nova consciência caracterizada pela urgência de reverter indicadores sociais paradoxais à grandeza econômica e à diversidade imensa de recursos naturais que detém o Brasil. Ser Terceiro Setor é combater o paternalismo do Estado e o individualismo social, integrando a sociedade civil com suas próprias problemáticas e soluções. É capacitar o indivíduo, o cidadão, de recursos que o tornem ativo perante as desigualdades (CAMARGO, et al., 2001, p. 16).

Interessante como se cobra um compromisso do indivíduo frente às desigualdades e não se menciona a necessidade de lutar para superar a própria desigualdade ocasionada pelo sistema capitalista.

É neste cenário um tanto conturbado, que de certa forma apresenta também confusão conceitual, que ações de intervenção social estão ocorrendo, muitas delas fragmentárias, localizadas, sem compromisso ético-político com a transformação global das relações sociais.

O grande desafio é utilizarmos este espaço societário contraditório e por isso mesmo cheio de possibilidades, para aproximarmos ações conscientes de uma perspectiva política que prime pela transformação e o estabelecimento de um novo pacto societário mais justo e humano para todos indivíduos.

Nesse desafio há de se contar com a participação do intelectual orgânico em favor das minorias carentes. O mesmo terá um papel decisivo na articulação de projetos pedagógicos que sejam capazes de cooptar pessoas ao movimento pela causa da transformação social.

CAPÍTULO 4: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES DA REALIDADE PESQUISADA: O JARDIM EUROPA

4.1 Aspectos Históricos

O Jardim Europa, bairro da zona leste do município de Santa Bárbara D'Oeste, estado de São Paulo, é composto por um conjunto de quatro bairros denominados respectivamente: Jardim Europa I, II, III e IV. Esta divisão na nomenclatura se deu devido à ocupação gradativa da área pela população que ali foi se instalando ao longo dos anos¹⁸. Desta forma, o Jardim Europa I é a parte mais antiga do bairro, depois vem o Jardim Europa II e assim sucessivamente.

O conjunto de bairros Jardim Europa I, II, III e IV doravante serão denominados apenas como Jardim Europa. Esta é uma região conurbada a outros bairros como: Vila Ferrarezi, Parque Residencial Frezzarin, Santa Rosa II e Nova Conquista, de modo que as pessoas que residem ali estão organizadas em torno de uma rede de serviços públicos e comerciais que os atendem comumente.

¹⁸ As respectivas datas de aprovação dos loteamentos são as seguintes: Jardim Europa I – 09/10/63 com 405.248,00m²; Jardim Europa II – 31/12/63 com 140.465,00 m²; Jardim Europa III – em 06/04/1964 com 103.192,00m²; Jardim Europa IV – 29/12/78 com 405.643,00 m²; Parque Residencial Frezzarin – 28/02/80 com 176.248,00 m². (Cf. informações da Secretaria de Planejamento do município de Santa Bárbara D'Oeste).

Nesta pesquisa consideraremos o conjunto de bairros denominados Jardim Europa e os 13 quadrantes que compõem o Bairro Frezzarin¹⁹. Esta área está delimitada pela Avenida da Amizade, Rua Itália, Rua Inglaterra, Rua Croácia, Rua Holanda e Rua Florêncio de Abreu. Apesar da nomenclatura destes bairros serem diferenciadas, geográfica e conceitualmente, a própria população se considera como sendo pertencente ao conjunto conhecido como Jardim Europa. Então, adotaremos este mesmo posicionamento neste trabalho de pesquisa.

Vale ressaltar que a região denominada zona leste de Santa Bárbara D'oeste, especialmente estes bairros supracitados, sofrem conurbação com a cidade de Americana. Assim, os mesmos compõem um cenário geográfico que facilita em grande parte, um contato maior da população ali residente com a rede de serviços oferecidos na cidade vizinha (de Americana).

Para entender a história do Jardim Europa se faz necessário localizar-nos em relação à história da cidade a que o mesmo pertence.

Santa Bárbara D'Oeste é município brasileiro do estado de São Paulo, parte integrante da Região Metropolitana de Campinas (RMC)²⁰, fundada em 1817 pela senhora Dona Margarida da Graça Martins.

¹⁹ O Bairro Frezzarin está tão ligado aos demais bairros denominados Jardim Europa (I, II, III e IV) e é tão pequeno que acabou sendo absorvido pelos demais, fazendo parte da mesma infra-estrutura local. Por isso, nesta pesquisa, ele foi incluído juntamente ao Jardim Europa.

²⁰ A Região Metropolitana de Campinas (RMC) é composta por 19 municípios que se conurbam entre si e ocupam uma área de 3.645,666 km², o que corresponde a 0,04% da superfície brasileira e a 1,47% do território paulista. São esses municípios: Americana, Artur Nogueira, Campinas, Cosmópolis, Engenheiro Coelho, Holambra, Hortolândia, Indaiatuba, Itatiba, Jaguariúna, Monte Mor, Nova Odessa, Paulínia, Pedreira, Santa Bárbara D'Oeste, Santo Antônio de Posse, Sumaré, Valinhos e Vinhedo. Segundo dados do Censo de 2000 a população da RMC é de 3,2 milhões de habitantes, o que corresponde a 1,49% da população nacional e 6,7% da estadual (Cf. <http://www.planejamento.sp.gov.br/AssEco/textos/RMC.pdf> Acessado em 14/11/2007). Os municípios acima citados compartilham problemas, desta forma, organizaram-se institucionalmente para implementar estratégias comuns com vista a superação de suas dificuldades num bloco de municípios então denominado como RMC (Cf. <http://www.emplasa.sp.gov.br> Acessado em 14/11/2007).

Margeada pelo Rio Piracicaba, Ribeirão Quilombo e Ribeirão dos Toledos, as terras eram excelentes para o cultivo da cana-de-açúcar, fumo e cereais. Aproveitando-se dessas características, Dona Margarida da Graça Martins, formou uma fazenda de engenho de açúcar mudando-se para as terras com seus filhos e agregados em 1817. No ano seguinte doou um pedaço de suas terras para a construção de uma capela sob a invocação de Santa Bárbara, ficando 4 de dezembro deste ano a data oficial da fundação da cidade (Cf. http://pt.wikipedia.org/wiki/Santa_B%C3%A1rbara_d'Oeste).

A medida em que a região foi sendo povoada, novos lavradores chegavam à cidade. A vida urbana foi se desenvolvendo pouco a pouco, com comerciantes, ferreiros, carpinteiros e outros artesãos.

A emancipação política do município ocorreu em 15/06/1869, pela Lei nº. 2., assinada pelo Presidente da Câmara dos Vereadores da Província de São Paulo – criando-se assim a Vila de Santa Bárbara dos Toledos. Somente em 30/11/1944 a cidade recebeu o nome de Santa Bárbara D'Oeste, pelo Decreto-Lei Estadual nº 14.344. Sendo criada em 31/12/58 e instalada em 08/04/62 a Comarca da Cidade, pertencente a 34^a. Circunscrição Judiciária, sediada em Piracicaba (idem).

Por volta de 1867, a região de Santa Bárbara D'Oeste passou a receber muitos imigrantes norte-americanos que fugiam da região sul dos Estados Unidos da América devido à Guerra da Secessão²¹. Estes imigrantes tinham

²¹ A Guerra da Secessão foi o nome dado à Guerra Civil que ocorreu nos Estados Unidos da América entre 1861 e 1865. Essa Guerra consistiu na luta entre 11 Estados do Sul latifundiário aristocrata contra os Estados do Norte industrializados, dedicado a estilos mais modernos de vida. Enquanto o norte passava por um período de expansão econômica graças à industrialização, à proteção ao mercado interno e a mão-de-obra livre e assalariada, a economia do sul dependia da exportação de produtos agropecuários especialmente do algodão, cujas exportações eram a principal fonte de renda desses estados. A agropecuária do sul, por sua vez, dependia muito do uso do trabalho escravo. Foram essas as causas primárias que instalaram o conflito interno. Estima-se que 970 mil pessoas morreram nesta guerra, das quais, 3% eram civis. Ao final do combate os confederados sulistas foram derrotados e houve uma grave

um vasto conhecimento da cadeia têxtil, no cultivo de algodão e fiação; também possuíam um método agrícola diferenciado e inovador para a região, a saber: o arado, tudo isso que gerou na cidade novas oportunidades trabalhistas, tais como as oficinas de artesões, responsáveis pela manutenção e produção de implementos agrícolas e, sobretudo, a semente da indústria têxtil presente na cidade até os dias atuais. (DAMASCENO & CAMARGO, 2005).

Além dos imigrantes americanos que vieram para Santa Bárbara D'Oeste em grande número também tivemos os italianos, os espanhóis e os portugueses, que contribuíram para a formação étnica da população barbarensense.

Em 1875 foi implantada a Estação Ferroviária de Santa Bárbara, onde hoje está localizada a cidade de Americana. Aliás, neste mesmo ano a cidade de Americana foi fundada.

Na década de 20 do século passado, com as decorrências das transformações no modo-de-produção, as oficinas artesanais foram transformadas em indústrias metalúrgicas, surgindo a primeira companhia de Fiação e Tecelagem Santa Bárbara.

Na década posterior, a de 30, como muitos empresários possuíam carros, chegou em Santa Bárbara o Sr. Emílio Romi para instalar uma oficina mecânica de carros, depois expandindo os negócios para uma fundição e

recessão política-econômica na região que veio a desencadear o processo migratório desta população para o norte e o oeste do país, assim como a emigração para outros países, dentre os quais o Brasil. A fuga dos sulistas americanos deste contexto conflituoso consistiu no maior êxodo populacional da história dos Estados Unidos. A população advinda do sul dos Estados Unidos da América encontrou no Brasil terra produtiva para o plantio de culturas das quais tinham ampla experiência, como algodão, milho e melancia. Segundo estimativas, o número de imigrantes que o Brasil recebeu foi entre quatro e vinte mil que se instalaram primariamente em Santa Bárbara D'Oeste e Americana (Ver: BIANCO, J.Americana, 1975; http://www.americana.sp.gov.br/esmv4/americana_13.asp?codcat=3&codit=40&codpage=1&codimp=1&codsub=56 Acessado em 14/11/2007:).

produção industrial de máquinas agrícolas, e mais tarde também, de tornos mecânicos. Ainda hoje as Indústrias Romi são um grande complexo industrial no campo metal-mecânico na cidade (idem).

A economia barbareense se desenvolveu apoiada no setor sucroalcooleiro - alicerce da economia do município, tanto que ficou conhecido como pérola açucareira, devido ao cultivo da cana-de-açúcar. Sendo fundadas no início do século XX, a Usina de Cillos, Furlan e Santa Bárbara, sobreviveu até os dias atuais apenas a segunda.

Na década de 70, período marcado pela industrialização e seus condicionantes, o município já contava com aproximadamente 31.000 habitantes.

Com um alto grau de atração migratória, dadas as variáveis já elencadas anteriormente, a cidade de Santa Bárbara D'Oeste passa a receber um número elevado de migrantes oriundos de outras regiões do país, (nordeste, Minas Gerais, Paraná e interior paulista), saltando para 161 mil habitantes em 1996 (Cf. BAENINGER & GONÇALVES, 2000, p. 16).

Nos dias atuais a cidade conta com uma população estimada em 184 mil habitantes, dos quais, 91.617 mil - praticamente a metade -, reside na zona leste do município (Cf. informações da Secretaria de Planejamento do Município).

Historicamente, o município foi separado em dois blocos populacionais, sendo uma a parte mais antiga - localizada na região central - e a outra, mais recente, denominada zona-leste. Isso dificultou a integração econômica e social do município como um todo (idem).

É importante ressaltar estes aspectos históricos, pois até os dias atuais a população barbareense é marcada pelo ranço desta divisão entre o centro da cidade e a zona leste. Pudemos perceber isso durante a pesquisa realizada, nos depoimentos dos entrevistados.

O Jardim Europa se constituiu então o primeiro bairro da zona leste, sendo tipicamente habitado por migrantes da região nordeste do país, de Minas Gerais, do Paraná e interior paulista, que passaram a ocupar essas terras em meados dos anos 60 do século passado. Essa população se instalou na zona leste de Santa Bárbara D'Oeste visto que procurava no estado de São Paulo, especificamente nesta cidade, um então pólo têxtil, sucro-alcooleiro e metalúrgico em crescimento, promissora oportunidade de melhorar suas condições materiais de existência²².

Nos dias atuais, os referidos bairros possuem aproximadamente 35 mil habitantes. É uma região bastante populosa, e como já citado anteriormente, se considerarmos toda a extensão denominada zona leste da cidade, a população chega a 91 mil, praticamente 50% da totalidade de habitantes do município de Santa Bárbara D'Oeste.

²² Há de se lembrar que Americana, cidade vizinha que faz fronteira principalmente com a zona leste de Santa Bárbara D'Oeste - S.B.O, foi um grande pólo atrativo de mão-de-obra neste período. Muitas pessoas que vieram se instalar na zona leste da cidade de Santa Bárbara D'Oeste, na verdade, procuravam empregos em Americana, que apresentava um desenvolvimento mais acelerado. Como o custo de vida na região da zona leste - S.B.O, recentemente organizada, era menor, as pessoas acabavam ficando ali, mas sua vida econômica e social acontecia mais na cidade vizinha. A tudo isso, acrescenta-se outro fator: a proximidade geográfica entre a zona leste e a cidade de Americana é bem menor, cerca de 2km distam entre Jardim Europa e o centro de Americana, enquanto que para o centro de S.B.O a distância é de 12 km. Daí a região denominada zona leste, ter tido grande procura para instalação de famílias migrantes durante meados dos anos 60 (Cf. dados levantados junto aos entrevistados: moradores da região pesquisada e o Secretário de Planejamento do Município de Santa Bárbara D'Oeste - o então vice-prefeito da cidade).

4.2 Aspectos Estruturais

O Jardim Europa possui uma infra-estrutura urbanizada com asfalto, água, energia elétrica, rede de esgoto, serviço de coleta de lixo e rede de telefonia. Um dos últimos benefícios recebidos no bairro foi a rede asfáltica, que veio a ser realizada no ano de 97.

No entanto, isso não quer dizer que esta infra-estrutura esteja funcionando satisfatoriamente. Por exemplo, não é novidade ver o asfalto esburacado devido às más condições de conservação ou as luzes dos postes queimadas por falta de reposição.

O bairro também conta com escolas públicas de ensino fundamental e médio, um Centro Comunitário que presta serviços sociais à população, uma Base Comunitária de Segurança e um Posto Médico para atendimentos emergenciais.

Uma problemática na área da educação encontra-se principalmente no ensino infantil e no ensino médio ou técnico-profissionalizante. Na educação infantil, faltam vagas para atender as crianças em idade menor (creche). Existe uma única creche pública no bairro. Devido a isso, há três escolas particulares de ensino infantil ali instaladas.

No ensino médio a situação é mais grave, pois nas proximidades do bairro não há escola de ensino técnico-profissionalizante para absorver a demanda de jovens, que tendem a procurar vagas na cidade vizinha²³.

²³ A escola de ensino médio que atende o bairro não absorve toda a demanda, além disso, na mesma não há a formação técnica-profissionalizante, o que gera uma certa insatisfação na população que têm que procurar outros locais para seus filhos desta faixa de idade escolar estudarem. Muitos moradores declaram procurar a rede de serviços na área de educação e saúde da cidade de Americana.

Já a Base Comunitária de Segurança tem uma história interessantíssima, pois é fruto da parceria entre a comunidade, representantes do comércio local e o poder público estadual. A comunidade paga os gastos referentes à manutenção mecânica e abastecimento das viaturas da Base Comunitária, também cuida da manutenção do prédio (provendo os produtos de limpeza, água, luz, telefone e cafezinho para os policiais de plantão), o Estado efetua o pagamento do salário dos funcionários que ali atuam²⁴. Este dado confirma a tese apresentada anteriormente, a saber: a emergência do chamado terceiro setor, das parcerias público-privadas e conclamação da sociedade à resolução de seus problemas locais.

Esta iniciativa inclusive, partiu da comunidade (especialmente dos comerciantes) que num dado momento viu-se sufocada pela violência, assaltos, vandalismo, que eram freqüentes no bairro. E, diante do Poder Público se pronunciar incapaz de arcar com os gastos para implementar o serviço de segurança pública, a comunidade apresentou a proposta e contribuiu para que a mesma se efetivasse, isto permanece até os dias atuais.

O Posto Médico também funciona com certa precariedade, visto que a população afirma que faltam médicos para atender e remédios são quase inexistentes, não sendo satisfatória a qualidade do serviço prestado (Cf. dados desta pesquisa que constam nas tabelas 4 e 5).

O Jardim Europa ainda conta com um posto bancário²⁵ – no qual a população pode realizar transações bancárias simples -, com um ginásio público para prática de esportes, algumas praças, muitas igrejas evangélicas e uma paróquia católica.

²⁴ Informações prestadas pelo morador Senhor Nonato.

²⁵ O posto bancário faz atendimento básico: pagamentos de contas de consumo (água, energia elétrica, telefone, outros títulos), depósito no valor máximo de R\$ 500,00, saque no limite de R\$ 1.000,00.

Há também uma rede comercial com boa estrutura, com lojas nos diversos setores: alimentação, roupas, calçados, bens de consumo duráveis e algumas micro-empresas da área têxtil. Inclusive uma grande rede de supermercados na região de Santa Bárbara D'Oeste e Americana tem neste bairro a sua primeira loja, da qual se originaram as demais que existem nas cidades da região.

O bairro é margeado pela Avenida da Amizade, uma das principais vias da rede rodoviária, tendo atendimento do transporte coletivo. No entanto, a população reclama da dificuldade de ir até o centro da cidade utilizando este transporte visto que o mesmo passa em horários muito distantes. “É mais fácil ir para Americana que para Santa Bárbara”, disse-me a moradora senhora Wilma que completa: “Por isso, todo mundo só faz negócios em Americana”.

Interessante como é fácil detectar nas falas dos entrevistados que os mesmos parecem não se sentirem parte do município em que vivem, é como se não morassem nele, não se referem ao centro de Santa Bárbara D'Oeste como sendo o centro da sua cidade. É como se Jardim Europa e os bairros vizinhos fosse um lugar diverso de Santa Bárbara D'Oeste²⁶.

Nós somos a parte esquecida da cidade. O prefeito não lembra da gente deste lado de cá. Só nas eleições. Depois temos que ficar correndo atrás dos serviços públicos de Americana, mas se descobrem que a gente é de outra cidade, não atendem. Daí muitas vezes tem que mentir, dar o endereço de um amigo ou conhecido de Americana para ser atendido ali (Moradora Senhora Wilma em entrevista no dia 04/07/2007).

²⁶ O Secretário de Planejamento comenta sobre este fato que observa no comportamento da população da zona leste da cidade. Segundo ele “a população sofre crise de identidade, trabalham em Americana, queriam morar em Americana, mas estão em Santa Bárbara D'Oeste”.

Enfim, apesar do bairro possuir uma infra-estrutura nos moldes urbanos, os serviços públicos ali existentes encontram-se deficitários, ou por não atenderem à demanda ou atenderem com uma qualidade indesejável²⁷.

Já a rede comercial na localidade parece crescer a cada dia, pois por ali ter um grande número de habitantes, a movimentação financeira tende a se fortalecer, multiplicando assim as iniciativas comerciais.

4.3 Os sujeitos que intervém na realidade pesquisada

4.3.1 O Centro Comunitário

²⁷ Sobre isso o administrador público ainda explica: “O Jardim Europa é a localização mais distante do eixo de crescimento do centro, onde a infra-estrutura tende a chegar mais demoradamente. Enquanto gestores públicos, onde procuramos estabelecer a rede de serviços? Para otimizar os serviços, os colocamos em locais mais centrais, no caso da zona leste colocamos no centro geográfico que são os bairros do Jardim Pérola e Cidade Nova onde há possibilidade de atender mais pessoas. Isto gera um certo ciúmes da população que não entende a visão técnica. Os benefícios acabam se concentrando. Esta é uma visão técnica, não política das coisas [...] não quero camuflar as coisas [...] São duas cidades, olhe aqui o mapa [...]” – mostrando o vazio urbano que há entre a zona leste e o centro da cidade. [...] “Vir do Jardim Europa ao centro são 12 km, as vias de acesso são as mesmas das décadas de 60, sair de um extremo ao outro ainda está longe das vias principais [...] e mais uma vez o cidadão é remetido para Americana. Já chegamos a disponibilizar mais linhas de ônibus, as mesmas não geraram demanda de serviços porque o pólo de atração comercial é Americana. Já fizemos teste e não conseguimos inverter ou equilibrar a demanda. Então gera-se um ciclo vicioso, Americana pela sua pujança econômica acaba oferecendo uma rede de serviços privados e públicos, que têm um melhor conceito. Isso se retroalimenta, mais empregos, economia forte, com movimentação de compras e vendas, mais recursos disponíveis, uma rede de serviços públicos sociais com conceito melhor [...] A única saída é potencializar o crescimento à zona oeste da cidade de Santa Bárbara com vistas a atrair serviços, rede de comércio forte, e, conseqüentemente, o fluxo da população para o outro lado da cidade. Isto está previsto no Plano Diretor do Município para o próximo ano. (entrevista concedida pelo administrador municipal, a íntegra consta nos anexos).

O Centro Comunitário está localizado na Rua Portugal. É um braço do Departamento de Assistência e Promoção Social da Prefeitura Municipal de Santa Bárbara D'Oeste.

A coordenação geral dos Centros Comunitários, que no município totalizam onze, é realizada pela primeira dama da cidade, a senhora Georgina Helena de Moraes Bosqueiro.

Localmente, cada Centro Comunitário é gerido pela Assistente Social, que é uma funcionária admitida mediante concurso público para exercer esta função.

No Centro Comunitário do Jardim Europa são realizados atendimentos à população²⁸, contando com o seguinte quadro de funcionários: uma assistente social - que é responsável pela gestão -, um secretário - para atendimento ao público -, uma trabalhadora - que executa serviços gerais -, uma monitora - para realização de atividades sócio-educativas²⁹ - e uma psicóloga - que atende a equipe de trabalho em suas necessidades e também realiza algumas palestras para a população.

Segundo a assistente social responsável pelo Centro Comunitário, a criação dos centros comunitários na cidade, veio ao encontro às orientações previstas na Política Nacional de Assistência Social (PNAS/2004)³⁰, na Lei Orgânica de Assistência Social (LOAS/1993)³¹, e no Sistema Único de

²⁸ A natureza desses atendimentos será descrita posteriormente no item intervenções sociais realizadas.

²⁹ Atividades sócio-educativas, são definidas pela responsável da instituição como sendo aquelas que, têm o objetivo de desenvolver a cidadania, a participação, a conscientização dos sujeitos envolvidos nas ações. Geralmente são atividades de arte, cultura, esporte, lazer e capacitação para exercer alguma atividade profissional.

³⁰ Política Nacional de Assistência Social – PNAS, caracteriza-se por um projeto de política pública na área da assistência social que visa reorganizar a rede de serviços de atendimento assistencial com vistas conferir maior eficiência ao Sistema de Proteção Social Brasileiro no âmbito da Seguridade Social (Cf. <http://www.mds.gov.br/suas/publicacoes/pnas.pdf/view> Acessado em 01/10/2007).

³¹ LOAS - Lei Orgânica da Assistência Social - promulgada em fevereiro de 1993 é a regulamentação dos termos da Constituição brasileira de 1988 referentes à assistência social. A LOAS contém as diretrizes

Assistência Social (SUAS)³², que disponibilizaram princípios e diretrizes nacionais, regulamentando assim a operacionalização dos serviços sociais de forma descentralizada e de modo a promover a participação ativa da população.

O Centro Comunitário é uma forma de aproximar o serviço social e sua gestão do público atendido, porquê antes tudo era concentrado no centro da cidade e as pessoas tinham dificuldades de ter acesso aos serviços e informações. Hoje os Centros Comunitários estão mais próximos dos usuários podendo atendê-los melhor (Assistente Social do Centro Comunitário, entrevistada em 13/06/2006).

A estrutura física material do Centro conta com uma recepção, dois banheiros, um almoxarifado, uma cozinha, um pátio interno com mesas para realização de trabalhos com a população, um aparelho de televisão e vídeo.

A construção do prédio e os equipamentos foram doados pelo governo estadual, depois a responsabilidade da administração e contratação dos funcionários de cada Centro Comunitário é de responsabilidade municipal.

O Centro Comunitário é um local de referência para a população do Jardim Europa e adjacências, pois além de oferecer atendimento social, no mesmo prédio, há uma sala grande (logo na entrada), onde funciona um posto bancário destinado a realização de operações financeiras simples, tais como: pagamento de contas de consumo, depósito e saques de pequenos valores. Sendo um espaço público bastante conhecido e freqüentado pelas pessoas.

básicas, normas e regras para a assistência social no Brasil, considerando o novo cenário social e político do País após a promulgação da Constituição de 1988. A LOAS prevê, por exemplo, uma assistência social muito mais preventiva, participativa e de consolidação da cidadania do público atendido do que a forma tradicional, de oferecimento de um recurso a um público passivo e receptivo (Cf. BRASIL. Lei nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993. Lei Orgânica da Assistência Social -LOAS).

³² O Sistema Único de Assistência Social – SUAS, regula em todo o território nacional a hierarquia, os vínculos e as responsabilidades do sistema de serviços, benefícios, programas e projetos de assistência social, de caráter permanente ou eventual, executados e providos por pessoas jurídicas de direito público sob critério universal e lógica de ação em rede hierarquizada e em articulação com iniciativas da sociedade civil. O SUAS é uma forma de operacionalização da Lei Orgânica de Assistência Social - LOAS, que viabiliza o sistema descentralizado e participativo e a sua regulação em todo o território nacional (Cf.<http://www.mds.gov.br/suas/conheca> Acessado em 01/10/2007).

4.3.2 As Escolas

Das escolas que atendem os bairros pesquisados, três se destacam na realização de intervenções sócio-educativas na comunidade. Mais especificamente, estas escolas possuem o programa estadual denominado Escola da Família³³.

A princípio procuraremos descrever cada uma destas escolas e somente num momento posterior nos ateremos às especificações das atividades sócio-educativas realizadas em cada uma destas instituições.

A escola “x” fica na rua Noruega. Esta escola oferece ensino fundamental, possui uma classe especial para crianças portadoras de algum tipo de deficiência mental e no período noturno atende alunos com o curso supletivo no sistema de tele-aula.

Possui doze salas de aula e um total de 970 alunos. Os alunos em sua maioria são advindos da região do Jardim Europa e suas adjacências (Parque Frezzarin, Parque Planalto, Santa Rosa I e II, Cândido Bertine). Os alunos do

³³ O “Programa Escola da Família” é uma iniciativa do governo do Estado de São Paulo, que une mais de 4 mil profissionais da educação, 18.548 estudantes universitários e 20.885 voluntários para criar uma cultura da paz, despertar potencialidades e desenvolver hábitos saudáveis junto aos mais de 7 milhões de jovens que vivem no Estado de São Paulo. O objetivo do Programa é a abertura, aos finais de semana, de 2.334 escolas da Rede Estadual de Ensino, transformando-as em centro de convivência, com atividades voltadas às áreas esportiva, cultural, de saúde e de trabalho. A Programação Básica do Programa Escola da Família contempla atividades na área de: **esportes** - jogos pré-desportivos, jogos populares, brincadeiras, por exemplo: futebol de salão, skate, entre outros; **cultura** - música, teatro, danças populares, leitura, exibição de filmes, entre outros; **saúde** - ações preventivas diversas, como palestras em temas variados; **trabalho** - cursos básicos de qualificação profissional. (Cf. www.sp.gov.br/apresentacao/html acessado em 02 de outubro de 2007).

supletivo são originários da região e também de bairros da cidade de Americana que são próximos aos citados anteriormente.

A escola possui quadra de esportes não coberta, tem um pátio interno, secretaria, almoxarifado, sala de professores, biblioteca, laboratório de informática, banheiros, uma cozinha - de uso exclusivo das merendeiras e outra menor para uso no projeto Padaria Artesanal (uma ação do projeto Escola da Família).

Enfim, a escola possui uma boa estrutura predial, parecendo ser um local agradável de estar e com livre acesso para a comunidade. Das escolas visitadas³⁴ esta pareceu a mais estruturada material e organizacionalmente no que diz respeito à realização das atividades sócio-educativas realizadas.

O programa Escola da Família conta com uma educadora responsável, dois universitários e sete voluntários. Dos quais cinco são alunos do supletivo no período noturno, um é professor da unidade e outra é professora aposentada. E também é acompanhado pela vice-diretora, que vêm à unidade nos fins de semana.

Por sua vez, a escola “y” se localiza na Rua Inglaterra. Com quatorze salas de aula e 1.180 alunos, esta escola oferece ensino fundamental ciclo dois, ou seja, de quinta à oitava série, e também os três anos do ensino médio (não o técnico-profissionalizante). Ainda atende duas turmas de suplência do segundo ciclo do ensino fundamental no sistema de tele-sala.

Os alunos são em sua maioria do Jardim Europa (I, II, III e IV), e do ensino médio a escola recebe muitos alunos do Parque Planalto.

³⁴ As escolas pesquisadas foram visitadas no final do 1º semestre de 2006 e início do 2º semestre do mesmo ano, mais especificamente, durante os meses de junho e julho de 2006.

O prédio escolar conta com uma conservação não muito boa, possui biblioteca, quadra de esportes coberta, pátio interno, cozinha, banheiros, sala de professores, secretaria, diretoria, enfim, toda estrutura física de uma escola pública típica de nossa região.

Nas visitas realizadas nos fins de semana³⁵, observamos que no local havia uma movimentação de jovens adultos que não eram mais alunos da escola, mas que se dirigiam àquele local para utilizar a quadra para a prática de esporte.

O programa Escola da Família conta com um educador responsável, dois universitários, oito voluntários da comunidade e três voluntários professores da própria escola, que se revezam nos finais de semana e na realização das diferentes atividades propostas. Além disto, o programa deve ser necessariamente acompanhado por um gestor da unidade escolar (no caso, a vice-diretora ou a coordenadora pedagógica sempre estão aos finais de semana na escola).

A escola “z” localiza-se na Rua Bartolomeu de Gusmão, Parque Residencial Frezzarin. Esta escola atende cerca de 350 alunos do ensino fundamental ciclo dois (5ª a 8ª série). A maioria dos estudantes advém do Jardim Europa (IV) e do próprio Parque Residencial Frezzarin.

De todas as escolas visitadas esta é a menor. No entanto, possui uma estrutura física razoável, com seis salas de aulas atendendo em dois períodos. Possui biblioteca, cozinha, pátio interno, sala de professores, secretaria, banheiros e uma quadra de esportes coberta.

³⁵ Idem.

A escola recebe durante o final de semana aproximadamente setenta pessoas que freqüentam as atividades oferecidas no local. O programa Escola da Família ali conta com três voluntários, dois universitários e um educador responsável pelo projeto. Ainda assim, a diretora da unidade acompanha as atividades realizadas na escola durante os finais de semana.

4.3.3 A Sociedade de Amigos de Bairro do Jardim Europa – SOAJE

A Sociedade de Amigos de Bairro do Jardim Europa – SOAJE, existe há vinte e dois anos. Apesar de possuir um terreno, a mesma ainda não conseguiu construir sua sede própria e por isso, funciona na residência de seu atual presidente.

A associação encontra-se praticamente inativa, a população não toma conhecimento, nem participa das reuniões, nem das eleições que acontecem bianualmente nos meses de setembro a outubro, desabafa o presidente. Ainda segundo consta, a última reunião ocorreu há mais de um ano.

As ações da SOAJE estão concentradas num pequeno grupo que faz parte da diretoria que é composta por seis pessoas (presidente, vice-presidente, primeiro e segundo tesoureiro e primeiro e segundo secretário). No entanto, no momento não há projetos em andamento ou intervenções em curso.

Há que se constar que a SOAJE teve forte participação e movimentação política no início de sua existência em meados de 80 até final dos anos 90.

Conforme conversas informais que tive com moradores do bairro e com o presidente desta organização, boa parte dos benefícios existentes na comunidade, (praças, Centro Comunitário, Base de Segurança Comunitária, Posto de Saúde, Escolas, asfalto), foram fruto de organização política da população através da SOAJE.

O atual presidente da entidade lembra com nostalgia dos tempos que a população se mobilizava em torno de reivindicações e melhorias para o bairro:

Antigamente, a diretoria da SOAJE tinha doze pessoas, muitos moradores ativos, mas desanimaram. Nós chegamos a conseguir muitos benefícios para o bairro através da associação. Temos até o certificado Municipal e Estadual de Entidade com fins Filantrópicos. Nossa associação lutou por implantações da creche, posto de saúde, praça, Base Comunitária de Segurança [...] Nos tempos de atividade [...] A SOAJE tem 22 anos [...] hoje ela está parada, mas já conseguiu muitas coisas [...] Tenho vontade que voltasse a atuar como antes, que outras pessoas viessem nos ajudar [...] A SOAJE já foi bastante ativa, mas hoje os moradores não participam mais. Ninguém vêm nas reuniões, ninguém quer entrar nem pra concorrer [...] Só tem uma chapa, aí fica a gente mesmo (Senhor Deocleciano, entrevistado em 20/06/2006).

Ao que nos parece, a medida em que o bairro foi alcançando melhorias na infra-estrutura, resolvendo os problemas locais da vida cotidiana, o movimento reivindicatório também foi se esgotando.

Isso nos faz pensar que, de fato não houve a passagem dos interesses egoísticos-pessoais dos indivíduos envolvidos com a SOAJE, para um momento ético-político, de modo que, isso levou a dispersão dos indivíduos que não se sustentaram organizados e reunidos em torno dos interesses sociais e políticos mais amplos. Não se conseguiu construir um projeto hegemônico de sociedade que fosse perseguido enquanto uma utopia das classes subalternas conscientizadas de sua condição sócio-histórica.

4.3.4 As Igrejas

A região do Jardim Europa conta com inúmeras igrejas das mais variadas linhas confessionais evangélicas e uma paróquia católica apostólica romana.³⁶

Possivelmente o fato de existir essa diversidade religiosa no bairro se dê por motivos relacionados à própria história organizacional da região, marcada pela imigração, migração e um rápido processo de urbanização.

No caso da região de Santa Bárbara D'Oeste, a história registra que os imigrantes norte-americanos que aqui se instalaram contribuíram para organizar a primeira igreja Batista no Brasil³⁷. Outrossim, como a região também recebeu muitos migrantes (que caracteristicamente são pessoas que chegam à localidade com poucos vínculos afetivos, desenraizadas de suas origens), isto de certo modo pode ter propiciado a diversidade religiosa e o aparecimento deste grande número de igrejas na zona leste de Santa Bárbara D'Oeste.

³⁶ Entre as igrejas evangélicas existem inúmeras tendências teológicas: os protestantes históricos também conhecidos como os de tendências tradicionais, os pentecostais e os neopentecostais. Sobre este assunto vale a pena ver as pesquisas sobre Dossiê Religiões no Brasil, das quais destaco: “Expansão Pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal”, de Ricardo Mariano, doutor em Sociologia pela FFLCH/USP e professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS), e “Diversificação Religiosa” – texto extraído do livro *Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil*, de JACOB, César Romero [et al.]. As indicações na íntegra constam na bibliografia ao final deste trabalho. Na comunidade do Jardim Europa existem igrejas evangélicas das mais diversas linhas e tendências teológicas, com certa primazia das igrejas de ordem confessional neopentecostal. Há no bairro as seguintes igrejas: Assembléia de Deus, Adventista da Promessa, Congregação Cristã no Brasil, Evangelho Quadrangular, Presbiteriana, Batista, Creio eu na Bíblia, Igreja Internacional da Graça. Entre as igrejas está a Paróquia Católica Apostólica Romana denominada São Sebastião. Na localidade percebe-se uma predominância das igrejas evangélicas com tendências pentecostais ou neopentecostais.

³⁷ Sobre o assunto ver: http://pt.wikipedia.org/wiki/Igreja_Batista; www.batistamemorial.org.br/sb.php; http://www.portalbrasil.net/religiao_protestantismo.htm Acessados em 10/10/2007.

Outro fator que pode ter influenciado a diversidade religiosa na região, foi o próprio processo de urbanização que por si só, favorece a difusão e até surgimentos de novas religiosidades.

A propósito, a pesquisa não se debruçará sobre as questões da diversidade religiosa, mas como este aspecto é notado transversalmente ao nosso objeto de estudo, somente à título de entendimento da realidade observada, vale a pena fazer uso das afirmações de Jacob sobre este assunto:

Do que foi observado nos três mapas de diversificação religiosa, pode-se concluir que esse processo, que teve início nos anos 1980, está relacionado a três elementos fundamentais da dinâmica da ocupação do território brasileiro: a preexistência de espaços não-católicos ligados à história do povoamento; o avanço de frentes *pioneiras*, onde os pastores pentecostais encontram terreno favorável junto a uma população migrante desenraizada; e a urbanização acelerada que favorece o surgimento de novas religiões, ou a difusão de religiões vindas do exterior (JACOB, 2003, p11).

Por fim, o fato é que de um modo ou outro, a região pesquisada mostra-se um terreno fértil ao desenvolvimento da diversidade religiosa, representada nas variadas igrejas que fazem parte da dinâmica societária local.

Diante disto observamos que, especialmente duas igrejas têm-se envolvido em intervenções sócio-educativas junto à comunidade. A seguir procuraremos identificar ambas as instituições e no momento oportuno nos debruçaremos sobre o tipo de intervenção social que cada qual respectivamente realiza na comunidade.

A igreja "a" localiza-se na Rua Itália. Esta organização religiosa professa o catolicismo. Conta com sede própria. Além da área principal onde são realizadas as celebrações, tem várias salas que são utilizadas para reuniões dos grupos de estudo bíblico, secretaria, banheiros, uma sala destinada para

atendimento e aconselhamento aos fiéis, uma cozinha e dependências que são disponibilizadas para as atividades internas da comunidade.

Possui uma movimentação rotativa de um público de fiéis e freqüentadores, totalizando aproximadamente seis mil pessoas ao longo do mês³⁸.

Esta igreja é uma referência na comunidade por ser bastante ativa, realizando festas, campanhas de solidariedade e reuniões que são bastante freqüentadas pelos fiéis, principalmente aos domingos, dia em costumam prestar suas devoções religiosas.

Esta igreja também realiza algumas atividades durante a semana, tais como: organização de atividades religiosas específicas para pequenos grupos, ensaios de cânticos religiosos e/ou planejamentos de atividades referentes aos programas internos da instituição.

Por sua vez, a Igreja “b” localiza-se na Rua Bélgica. É uma igreja evangélica que está no bairro há mais de 21 anos. Esta organização conta com sede própria. Possui, além do espaço interno onde são realizadas as celebrações, algumas salas que são utilizadas para atividades específicas como: reuniões de pequenos grupos, estudos bíblicos ou similares³⁹.

A instituição ainda conta com uma sala destinada ao atendimento dos fiéis e/ou pessoas que porventura procurem o local para um aconselhamento, prece. Também possui uma cozinha, banheiros e área externa para realização de eventos, de atividades esportivas ou como estacionamento de veículos durante as reuniões noturnas.

³⁸ As informações foram prestadas pela autoridade eclesiástica responsável pela igreja, em entrevista realizada em 06/2007.

³⁹ Idem.

O público de fiéis e freqüentadores é de aproximadamente mil pessoas ao mês. Há uma certa estabilidade de freqüência dos mesmos. Acontecem também programas durante a semana, incluindo reuniões de estudo bíblico, orações e visitas aos lares de pessoas da comunidade que assim solicitarem. No entanto, a maior freqüência ocorre aos finais de semana, nos dias de sábado e domingo.

Esta igreja, assim como a anterior, realiza festas e eventos comunitários, campanhas de solidariedade e ações para suprir as necessidades das pessoas mais carentes da comunidade.

Ao menos dois projetos sociais implementados por esta igreja na década de 90, funcionam até os dias atuais, a saber: Casa Abrigo “Novo Amanhecer” e Lar Batista para Crianças. Ambos de atendimento a crianças e adolescentes em situação de risco. Hoje estas organizações têm administração independente e conta com a ajuda de várias igrejas, poder público e instituições privadas.

Atualmente, esta organização religiosa tem demonstrado forte interesse em pensar um novo projeto social para os próximos anos. Algo que extrapole as suas práticas atuais⁴⁰.

Até o momento procuramos apresentar alguns aspectos históricos e estruturais do bairro pesquisado, assim como os sujeitos sociais que intervêm na realidade local.

Acreditamos que a partir de então ficará mais tranqüilo descrever como se deu a trajetória do trabalho de coleta de dados, os procedimentos utilizados na pesquisa, com vistas a apresentar as intervenções sociais realizadas na

⁴⁰ A propósito, este interesse também é representado principalmente por esta pesquisadora que faz parte desta instituição.

comunidade, assim como compartilhar com o leitor as necessidades sociais que observamos e ouvimos da comunidade em questão. Este será nosso tema no próximo capítulo.

CAPÍTULO 5: O MAPA DAS INTERVENÇÕES SOCIAIS

5.1 Os sujeitos sociais

Para constituir o que denominamos mapa das intervenções sociais, consideraremos cada uma das sete instituições descritas anteriormente, o tipo de intervenção social que faz na comunidade, os objetivos anunciados, o perfil do público atendido e das pessoas que atuam na execução das intervenções realizadas a partir da instituição.

5.1.1 Centro Comunitário

Esta organização pública realiza as seguintes intervenções:

- Atendimento Familiar: consiste no amparo às necessidades dos membros da família no que diz respeito à:
 - assistência alimentar – doação de cestas básicas para famílias cadastradas;
 - orientações sobre direitos sociais, trabalhistas (licenças maternidade, afastamentos etc.);
 - orientações na área saúde e prevenção;

- encaminhamentos para outros tipos de serviços públicos como: atendimento no posto médico e atendimento jurídico gratuito;

- Projeto Renda Cidadã – consiste num programa estadual⁴¹ de capacitação para realização de pequenos ofícios que acontece em todos os Centros Comunitários da cidade de Santa Bárbara D'Oeste.

Participando desse projeto, as pessoas [especialmente mulheres] aprendem a realizar trabalhos artesanais em barbante e crochê. Para isso recebem o material, instruções para confecção do produto (tapetes, passadeiras e peças do gênero) e uma bolsa de R\$ 60,00 por mês durante o período de dois anos.

Suas obrigações são:

- freqüentar regularmente os cursos (na somatória de três faltas consecutivas o atendimento é suspenso pelo próprio sistema);
- participar das palestras educativas realizadas no Centro Comunitário;
- mostrar responsabilidade com o material oferecido, produzindo material para ser comercializado e assim gerar renda para a família;
- manter a ordem das instalações em que os cursos são oferecidos, a limpeza da cozinha e banheiros utilizados;

⁴¹ Programa do Governo do Estado de São Paulo, coordenado pela Seads - Secretaria Estadual de Desenvolvimento e Assistência Social, com o objetivo de dar apoio financeiro a famílias em situação de extrema pobreza (Cf. http://www.cidadao.sp.gov.br/servicos_final.php?cod_servico=1921 Acessado em 25/07/2006). Ainda conforme pesquisa divulgada no site <http://www.desenvolvimentosocial.sp.gov.br/social/materia.asp?id=302> Acessado em 21/11/2007, a maioria das famílias atendidas no Programa Renda Cidadã no estado de São Paulo, são monoparentais representadas em sua maioria pela mãe (53%). Em levantamento realizado em maio de 2006 cerca de 90% dos responsáveis pelas famílias atendidas pelo programa não tinham ocupação definida, e a minoria que declarou a ocupação, disseram estar nos postos de serviços gerais, faxineiros, empregados domésticos. Especialmente nas grandes cidades 70% dos beneficiários declararam não estar empregados.

Os critérios anunciados que habilita a pessoa para participar do Projeto Renda Cidadã fornecem dados sobre o perfil dos usuários das atividades desenvolvidas pelo Centro Comunitário. Seguem-se abaixo:

- não receber bolsa família com valor acima de R\$ 30.00;
- residir no município pelo menos há dois anos;
- não ter participado do programa em outra cidade;
- ter a família em situação de risco;
- mulher sem companheiro;
- renda até dois salários mínimos e *per capita* de no máximo R\$ 100.00;
- ter pessoas deficientes na família;
- idosos acima de 60 anos;
- ex-presidiários;
- estar com filhos freqüentando a escola;
- ter as vacinas em dia;
- freqüentar os cursos oferecidos;
- freqüentar as palestras sócio-educativas;

Projeto Fortalecendo a Família – o programa⁴² consiste na orientação e auxílio às famílias em situações emergenciais. As famílias assistidas devem participar

⁴² “Segundo o governador Geraldo Alckmin, dois projetos estão sendo desenvolvidos no estado de São Paulo para melhorar a qualidade de vida das famílias de baixa renda. São eles o *Renda Cidadã* e o *Fortalecendo a Família*. “Hoje, o centro de ação é justamente a família, o idoso, a criança, o migrante, as pessoas portadoras de necessidades especiais, a população de rua. Todos os programas são articulados em torno deste eixo, tendo em vista que os problemas sociais devem ser equacionados e resolvidos na unidade familiar e com o trabalho de apoio à família”, explicou. O Programa *Fortalecendo a Família* busca fortalecer grupos familiares com renda até dois salários mínimos e auxiliar na inclusão social, isto é, fazer com que as famílias se sintam parte da sociedade onde vivem. No programa, elas recebem orientações sobre gravidez precoce, cidadania, higiene pessoal e ambiental [...]

De acordo com o governador, o mais importante nesses programas é recuperar a auto-estima dessas famílias. “Apoiá-las de toda forma, esse é o esforço que nós estamos fazendo com um foco muito grande na área social. Por isso estimulamos o emprego, estimulamos a renda através, por exemplo, do Banco do Povo para financiar o pequeno empreendedor. Enfim, todo esforço na qualidade de vida das pessoas”, comentou Geraldo Alckmin” (Disponível em:

de reuniões semanais, que normalmente trazem palestra sócio-educativa de Responsabilidade do Serviço Social e Cursos de geração de renda. As regras e ações são idênticas às adotadas no “Renda Cidadã”, porém, o prazo máximo de participação da família no programa é de seis meses, sendo que, não é possível acumular participação nos dois projetos.

Se cumpridas as regras, as famílias participantes do projeto ganham uma cesta básica de alimentos durante os seis meses de atendimento.

- Reuniões com o Grupo da Terceira Idade - conta com aproximadamente trinta e cinco membros que se reúnem semanalmente nas dependências do Centro Comunitário. Ali realizam dinâmicas de grupo, vivências, palestras, festas, atividades de lazer, das quais, bingo e dança são as mais comuns. Os próprios freqüentadores se organizam em torno de suas atividades com auxílio da monitora, da assistente social e psicóloga.

Os objetivos das intervenções realizadas pelo Centro Comunitário são assim anunciados: inclusão das pessoas menos favorecidas - através da aprendizagem de ofícios simples que podem gerar alguma renda para a família, desenvolvimento da cidadania, prestar orientações e informações, realizar encaminhamentos a outros serviços de atendimento público, inclusão do público da terceira idade em atividades de lazer e orientações específicas para esta faixa etária.

O Centro Comunitário do Jardim Europa, não oferece atividades para crianças, adolescentes ou jovens. Quando as famílias possuem filhos nesta faixa etária, os mesmos são orientados a procurar o Centro Integrado Municipal

da Criança e do Adolescente – CIMCA, que fica em outro bairro da zona leste⁴³.

5.1.2 As Escolas

As escolas pesquisadas, assim como suas iniciativas voltadas para a comunidade se mostraram similares. As intervenções sociais realizadas por meio delas se na implementação do “Programa Escola da Família”⁴⁴.

Na seqüência, os tipos de iniciativas desenvolvidas pelas escolas junto à comunidade através do Programa Escola da Família e o número de escolas da amostragem em que foi possível observar a ocorrência das mesmas.

Atividades	Número de Escolas em que a atividade acontece⁴⁵
Pintura em tecido e/ou tela	3
Artesanato - várias modalidades: jornal, miçangas, crochê, bijouteria, bordado em pedraria, boneca de seda, de lã, de pano, oficina de pipa.	3
Clube de Leitura (livros, gibis, revistas)	3
Tênis de Mesa (ou ping pong)	3
Futsal	3
Volley	3
Padaria Artesanal	3

⁴³ O Centro Integrado Municipal da Criança e do Adolescente – CIMCA, da zona leste está localizado na Rua do Feijão, 240 – Jardim Pérola. Como o CIMCA não está localizado nos bairros que são o foco da pesquisa, não entraremos em detalhes sobre sua dinâmica de funcionamento.

⁴⁴ Idem nota 17.

⁴⁵ Ordenado por quantidade de escolas em que a atividade aparece. Lembramos que foram três as escolas pesquisadas.

Exibição de filmes	3
Recreação e jogos lúdicos (dama, xadrez, dominó)	3
Capoeira	2
Inglês	2
Reforço escolar (alfabetização e matemática)	2
Dança	1
Manifestação Religiosa ⁴⁶	1
Game SuperAção (ou Role-playing Game – RPG) ⁴⁷	1

Pessoas que atuam na realização das Atividades desenvolvidas e através do Programa Escola da Família nas escolas pesquisadas:

Número de Voluntários	Número de Não-Voluntários
18	14
Média de voluntário por escola: 6	Média de não-voluntário por escola: 4.6

As escolas pesquisadas declaram atender cerca uma média de 140 pessoas distribuídas aos sábados e domingos, o que sugere um total de 420

⁴⁶ Manifestação Religiosa, diz respeito à cessão do espaço físico da escola para grupos desta natureza fazerem ensaios de músicas e/ou reuniões com interessados sobre temas religiosos durante os finais de semana.

⁴⁷ Game SuperAção ou Role-playing Game (RPG) – uma parceria com o Instituto Ayrton Senna. O SuperAção Jovem atua na educação complementar à escola, estimulando os jovens a buscarem – por meio de projetos realizados em equipes e com o apoio dos educadores – soluções criativas e eficazes para os problemas da escola e da comunidade. Os projetos são inscritos no Game SuperAção, uma estratégia interativa em que meninos e meninas, além de transformarem a realidade, adquirem conhecimentos e desenvolvem habilidades para atuarem como pessoas, cidadãos e futuros profissionais na sociedade globalizada do século 21. O SuperAção Jovem acontece em 4 estados brasileiros – Bahia, Mato Grosso do Sul, Santa Catarina e São Paulo – além do Distrito Federal e é um dos maiores programas de juventude realizados no país. Em 2003, foi adotado como política pública na rede estadual de ensino de São Paulo – a maior da América Latina -, como parte dos programas Escola da Família e Escola de tempo Integral, do Governo do Estado, impactando 150 mil jovens de 1.600 escolas. (Cf. <http://senna.globo.com/> acessado em 02 de julho de 2007).

Os objetivos anunciados: “O Game SuperAção propõe a você, jovem, desafios para que aprenda a se desenvolver enquanto muda a realidade. São as 12 provas do Game. Nas provas, você busca respostas para questões como *Quem sou eu? Posso mudar o mundo? Quem eu quero ser? Posso me mudar? Com quem posso contar para realizar estas transformações? Qual o sentido de tudo isso?* E enfrenta os desafios do seu projeto e da vida com a garra, a determinação, a perseverança, a força, a dedicação e a motivação de um campeão. O prêmio para os vencedores? Conhecimento, desenvolvimento de competências, valores, atitudes e habilidades para ser, conviver, conhecer e fazer ... Quando abraçam a causa da juventude no **SuperAção Jovem**, os jovens são convocados para resolver problemas que afetam suas vidas, a escola ou a comunidade em que estão inseridos. Aí acontece a mágica. Respondendo aos desafios de maneira original, o jovem não muda só a realidade com a qual se confronta, mas muda, também, a si mesmo, desenvolvendo-se como pessoa, cidadão e futuro profissional”. (Cf. <http://www.superacaojovem.org.br/game/oquee.asp> Acessado em 02 de julho de 2007).

pessoas distribuídas durante os dois dias de funcionamento do programa nestas escolas. Domingo é o dia de maior frequência em todas as unidades⁴⁸.

O público que mais participa do programa possui entre 5 e 25 de idade. As atividades de artesanato e padaria artesanal, além de contarem com o público mais jovem, também recebe senhoras com idades variadas (até terceira idade).

5.1.3 A Sociedade de Amigos de Bairro do Jardim Europa - SOAJE

Não existe atividade em andamento ou projeto de elaborado pela entidade no que se refere a intervenções junto à comunidade. O presidente da SOAJE informou que existe uma rádio na comunidade que funciona com a razão social da entidade, no entanto, os programas veiculados são de responsabilidade particular de seus respectivos apresentadores que fazem sua programação musical, anúncios de utilidade pública.

“A SOAJE já foi bastante ativa, mas hoje os moradores não participam mais. Ninguém vem nas reuniões, ninguém quer entrar nem pra concorrer [...] só tem uma chapa, aí fica a gente mesmo” - diz o presidente da SOAJE em entrevista.

⁴⁸ Estas informações foram prestadas pelas gestoras Maria Alzirene, Maria Luiza, Célia, Eliane, Maria Ângela e Rosângela, responsáveis pelos programas em suas respectivas unidades escolares, em entrevistas e/ou preenchimento de questionários nos meses de junho e julho de 2006.

5.1.4 As Igrejas

Ambas igrejas pesquisadas apresentam intervenções similares junto à comunidade. Suas motivações anunciadas são prestar apoio espiritual e material (principalmente alimentação, remédio e roupas) às pessoas que procuram ajuda na instituição.

As dependências destas igrejas são utilizadas para eventos públicos, com finalidade de proporcionar lazer aos freqüentadores da igreja e atrair fiéis, configurando-se em estratégias evangelizadoras⁴⁹.

A população mais carente do bairro - ou aqueles que chegam ao bairro por processos migratórios - costumam procurar apoio nestas igrejas. Geralmente são atendidas com cestas básicas, roupas e remédios, recebendo também o chamado “atendimento espiritual” – que consiste em instruções sobre a bíblia e as regras de fé, orações, encaminhamento para participar em reuniões na igreja.

De acordo com as informações prestadas pela liderança das igrejas pesquisadas, se as pessoas necessitadas de ajuda material persistirem a buscar apenas o assistencialismo, não demonstrando vontade de inserção em um trabalho ou compromisso na comunidade religiosa as ajudas são extintas.

Segundo os depoimentos coletados com os gestores das igrejas, o acompanhamento das famílias ajudadas é realizado por voluntários. O mesmo se dá através de visitação nas residências. Ocasão em que além das práticas religiosas (preces ou estudos), são observadas as condições de subsistência da família (número de filhos menores, se de fato há realmente desemprego ou

⁴⁹ Evangelizar, segundo o dicionário Aurélio é: difundir o Evangelho, ou seja, fazer conhecido o Evangelho, o cristianismo segundo os preceitos daquela igreja.

desinteresse em realizar alguma atividade que possa gerar renda para a família, se há doentes na residência, idosos, se há carência de alimentos).

Na paróquia católica o grupo de Vicentinos realiza estas visitas, na igreja Batista quem a realiza são os voluntários do grupo denominado Ação Social. Desta forma, a partir desse contato com as famílias e baseado na frequência das mesmas na igreja, os voluntários responsáveis pelas atividades definem a continuidade ou não do atendimento daquelas pessoas. Como podemos conferir no depoimento deste voluntário:

Há casos em que a gente começa a ajudar algumas pessoas, mas logo percebe que estão acomodadas [...] sabe? Aquelas pessoas que acostumaram andar por tudo quanto é lugar pedindo as coisas, não querem mudar, aí não tem como a gente continuar ajudando. Se elas demonstraram interesse [...] isso a gente logo vê, traz os filhos para o catequismo, procura emprego [...] nós até levamos currículo na empresa onde trabalhamos e já chegamos a conseguir trabalho. Tem o caso de uma família que ajudamos vários meses, passou o tempo, mas nós víamos que eles estavam tentando sair daquela situação. Hoje estão com a vida equilibrada, conseguem se sustentar e estão com a gente aí na comunidade". (Depoimento do Vicentino Senhor Leandro - entrevista em 24/07/2007).

No mesmo sentido segue a fala de outra líder voluntária da outra igreja:

Tem gente que só vem buscar a cesta, não quer nada além disso [...] Aí depois encontramos no bairro rua acima, rua abaixo, pedindo nas portas. Se a gente já deu ajuda aqui, naquele mesmo dia essa pessoa não precisava sair para pedir na rua. Quem age assim não deve continuar sendo ajudado. As pessoas precisam mudar primeiro sua atitude e não ficar aproveitando situações [...] (Senhora Valdirene - entrevista em 29/07/2007).

Assim o tempo de atendimento é de três meses, exceto em casos específicos onde há muita carência e a pessoa já se agregou de fato, à comunidade religiosa com ela estabelecendo vínculos mais próximos e demonstra esforço na procura de emprego, tem crianças menores, idosos ou situação similar, a comunidade ainda ajuda-a por um tempo maior.

Ambas igrejas prestam serviços de orientações através de palestras educativas em pequenos grupos com temas sobre alimentação, planejamento,

orçamento e relacionamento familiar, prevenção a acidentes domésticos. Apesar de abertas ao público, os freqüentadores são os próprios fiéis que eventualmente trazem amigos e conhecidos do bairro.

As pessoas que realizam as palestras são voluntárias e fazem suas atividades como praticantes da boa fé cristã. O número de voluntários chega a 50⁵⁰.

São atendidas cerca de 54 famílias diretamente com ajuda para alimentação – cesta básica - e outras que eventualmente procuram a igreja para atendimentos religiosos ou orientações gerais.

Chamou-nos atenção o relato do líder religioso sobre o atendimento de um desses casos emergenciais que batem à porta da igreja.

Houve um caso de um senhor que veio do estado da Bahia para Santa Bárbara D'Oeste, para trabalhar no corte de cana. Ele chegou desesperado na igreja. Tinha trabalhado o mês inteiro e só recebeu R\$ 100.00. Segundo ele, o resto do pagamento só deu para o patrão descontar alimentação, passagem, aluguel do local onde estava com outros homens companheiros de trabalho. Isso já acontecia por dois meses seguidos. Conversando com ele, descobrimos que era pedreiro. Oferecemos ajuda. Compramos ferramentas para ele trabalhar e aqui mesmo na igreja prestou alguns dias de trabalho. Estava melhorando pelos menos em parte, a sua situação. Outro irmão da comunidade ia levá-lo para trabalhar na obra como servente [...] Mas esse senhor só agüentou uns dois meses, voltou à igreja para agradecer e pediu que ajudássemos a retornar para Bahia, pois lá tinha mulher e filhos e ficar por aqui não estava dando nem para ele, muito menos para ajudar a família [...] Fizemos isso. Mas ficamos imensamente tristes com casos deste tipo em que não podemos fazer muito. Só socorremos mesmo estas urgências. Fiquei pensando nos outros que estavam nas mesmas condições de trabalho [...] Até pensei em apurar os fatos, denunciar, mas com tanta coisa neste mundo [...] Tem gente que é ajudado mensalmente. No caso de nossas irmãs viúvas, senhoras idosas que mal tem um salário mínimo para pagar água, luz, gás [...] A igreja mantém uma cesta alimentação para elas. Mas, mão dá para atender a todos, então damos preferência aos que são da igreja local. (Senhor Gilvam, entrevistado em 1º de agosto de 2007).

A tabela a seguir apresenta a lista das atividades realizadas pelas igrejas pesquisadas.

⁵⁰ Idem nota 22.

Atividades Realizadas pelas Igrejas pesquisadas
Auxílio material – doação de cestas básicas, remédios e roupas às famílias necessitadas.
Auxílio espiritual - estudos bíblicos para todos que freqüentam a igreja (os grupos de estudo são organizados por faixas etárias), aconselhamento, orações, visitas domiciliares.
Palestras Educativas, vivências em grupos, dinâmicas, abertas à população – mais freqüentadas pelos fiéis da própria igreja e alguns visitantes.
Orientações, informações diversas às pessoas que procuram a igreja.
Organização de eventos, festas abertas à população – estratégias de evangelização e arrecadação de fundos para manutenção das atividades da igreja, assim como alternativa de lazer.

As atividades para a faixa etária que inicialmente nos propusemos observar, são as reuniões para estudos, realização de dinâmicas e vivências em grupo, equipes de cânticos, assim como ajuda material caso a família necessite.

4.2 Identificação escolar e econômico-social do público atendido nas diversas iniciativas de intervenção social presentes no bairro

Até o presente momento já fizemos inferências sobre o público que participa nas diversas iniciativas de intervenção social. No entanto, sistematizaremos alguns aspectos de modo a poder conhecer melhor o perfil destas pessoas.

Ressaltamos que a amostra deu preferência a pessoas entre 12 e 18 anos de idade, segundo o ECA, adolescentes. Excepcionalmente, outras

idades próximas foram contempladas⁵¹. Ficando os dados da amostragem da seguinte forma:

TABELA 1 - Quanto à Idade

Idade	Quantidade de Usuários	Percentual
12 anos	4	10.8%
13 anos	3	8.1%
14 anos	3	8.1%
15 anos	6	16.2%
16 anos	9	24.3%
17 anos	3	8.1%
18 anos	7	19%
19 anos	2	5.4%
Total	37 usuários	= 100%

TABELA 2 - Quanto à Escolaridade

Escolaridade	Quantidade de Usuários	Percentual
Fundamental Incompleto	12	32.4%
Fundamental Completo	05	13.5%
Ensino Médio Incompleto	15	40.5%
Ensino Médio Completo	05	13.5%

TABELA 3 - Quanto à Situação Econômica:

⁵¹Conforme o ECA (op.cit.) – artigo 2º parágrafo único, excepcionalmente o mesmo poderá ser aplicado a pessoas entre 18 e 21 anos. Então adotamos a mesma lógica.

Rendimento Familiar	Quantidade de usuários	Percentual
Até 01 salário mínimo	08	21,6%
Até 03 salários mínimos	15	40,5%
Até 05 salários mínimos	08	21,6%
Até 10 salários mínimos	02	5,4%
Mais de 10 salários mínimos	02	5,4%
Não Sabe	02	5,4%

4.3 As necessidades sociais apuradas

Os entrevistados apontam as principais dificuldades que enfrentam no cotidiano do bairro. Entre as dificuldades estão: a precariedade do atendimento na área da Saúde, a falta de segurança, falta de escolas de ensino médio profissionalizante, as ruas esburacadas, a qualidade deficitária no ensino das escolas que freqüentam, a ausência de espaços para lazer, o desemprego entre outras queixas, como pode ser constatado na tabela abaixo.⁵²

TABELA 4 – Dificuldades Apontadas pelos usuários

⁵² Os entrevistados neste momento são os 37 usuários das intervenções realizadas no bairro, que, listaram as 5 maiores dificuldades que enfrentam na região, disto derivou-se os apontamentos listados na tabela.

Dificuldades Apontadas	Número de citações	%
Problemas na área da Saúde – (atendimento precário no posto de saúde: faltam de médicos, de remédios, demora marcar atendimento; falta hospital municipal que atenda).	25 vezes	67.5%
Falta Segurança no bairro.	17 vezes	46%
Faltam escolas de ensino Médio profissionalizante ou cursos profissionalizantes gratuitos na região.	16 vezes	43.2%
Ruas esburacadas (asfalto ruim).	15 vezes	40.5%
Escolas ruins / qualidade ensino ruim	14 vezes	37.8%
Faltam espaços e promoção de lazer para população (pista de skate, escola de futebol, eventos para população).	13 vezes	35%
Há desemprego / carência econômica.	10 vezes	27%
Precariedade no Saneamento Básico.	09 vezes	24.3%
Transporte ruim (demorado, pouco).	03 vezes	8.1%
Faltam projetos para inserção da criança, adolescente e famílias da região.	03 vezes	81%
Falta Banco.	03 vezes	81%
Falta respeito, responsabilidade e/ou interesse dos alunos na escola.	02 vezes	5.4%
Falta supletivo noturno / alfabetização.	02 vezes	5.4%
Faltam voluntários para escola.	02 vezes	5.4%
Os governantes não “oham o povo”	01 vez	2.7%
Drogas.	01 vez	2.7%
Faltam luzes nos postes.	01 vez	2.7%
Faltam creches.	01 vez	2.7%
Falta informação/cultura.	01 vez	2.7%
Falta projeto de CDHU/moradia.	01 vez	2.7%

As principais queixas na área da educação são: a falta de escolas de ensino médio profissionalizante, com 43.2% de apontamentos, e as escolas com baixa qualidade de ensino com 37.8%. Se considerarmos ambos os problemas como sendo dificuldades específicas na área da educação (ao meu ver são), o percentual chega aos 81% ocupando o primeiro lugar.

Já a área da saúde alcança quase 70% das queixas realizadas. As principais reclamações são quanto ao atendimento deficitário do Posto de Saúde do bairro, que conta com a falta de médicos, remédios, além do que o atendimento é realizado somente até as 18:00 horas e apenas nos dias úteis.

Após o horário estabelecido e nos finais de semana, a população tem que se dirigir ao Hospital Municipal, que também não tem estrutura suficiente para absorver a demanda.

Outra área bastante citada por 46% dos entrevistados foi a de segurança, seguida de perto pelas dificuldades de infra-estrutura: ruas esburacadas, ausência de espaços de lazer, saneamento básico e desemprego.

Os gestores entrevistados também apontaram dificuldades da realidade em que atuam. Conforme veremos na tabela a seguir, alguns apontamentos feitos pelos usuários aparecem novamente.

TABELA 5 – Dificuldades apontadas pelos gestores⁵³

Dificuldades Apontadas pelos Gestores	%
Carência de atendimento na área de Saúde	64.2%
Desemprego, carência econômica	35.7%
Escola com precariedade / nível de ensino ruim * ⁵⁴	35.7%
Delegação de responsabilidades da família à escola / pouca participação da família / desajuste familiar	28.5%
Locais para lazer	21.4%
Faltam creches *	21.4%
Faltam cursos profissionalizantes *	14.2%
Transporte deficitário	14.2%
Falta Segurança	14.2%
Falta de informação da população	14.2%
Alunos agressivos, indisciplinados *	14.2%

⁵³ Nesta tabela consta o percentual de vezes em que foram citadas as dificuldades listadas pelos 14 gestores entrevistados durante a pesquisa. Lembramos que consideramos gestores, aquelas pessoas que atuam diretamente na implementação das intervenções sociais no bairro, já descritas anteriormente.

⁵⁴ Os itens assinalados com asterisco, ao meu ver, são dificuldades específicas da área da educação. Se considerarmos todas elas num montante, a somatória do percentual alcança 85.5% das dificuldades apontadas.

Saneamento Básico precário	7.1%
Corporativismo das instituições que fazem intervenções no bairro – não se relacionam entre si.	7.1%
Falta rede bancária	7.1%
A população precisa de moradia	7.1%

Coincidem as citações referentes às dificuldades nas áreas de saúde e educação. Lembramos que, se considerarmos os itens da tabela - assinalados com asterisco - precariedade do ensino, a falta de creches, falta de cursos profissionalizantes e a indisciplina dos alunos como sendo especificidades da educação, o percentual de dificuldades nesta área ocuparia 85.5% dos apontamentos.

CAPÍTULO 6: OS LIMITES E OS ASPECTOS EDUCATIVOS DAS INTERVENÇÕES SOCIAIS REALIZADAS NO JARDIM EUROPA

6.1 Limites das intervenções sócio-comunitárias observadas

A partir da observação e análise das intervenções realizadas na região pesquisada, percebe-se a existência de uma práxis comunitária pouco transformadora das relações sociais globais, por isso, mimética enquanto mantenedora do *status quo* vigente.

A práxis comunitária pode ser compreendida como uma forma de intervenção local, a partir da qual os sujeitos sociais que dela fazem parte não têm nas classes sociais o critério de organização e adesão, mas encontram suas similaridades em aspectos mais parciais, superficiais, como os de opção religiosa, opção sexual, gênero ou outros critérios similares. São “as formas de lutas pontuais, fragmentárias e auto-intituladas neutras política e ideologicamente” que Martins (2006, p. 72) identifica como característica daquilo que se costuma equivocadamente intitular-se terceiro setor.

Assim sendo, as pessoas que se destacam neste tipo de intervenção são em grande parte voluntários, que em nome da solidariedade se unem para enfrentamento das crises sociais.

Muito embora o voluntário possa com sua ação transformar resgatar a dignidade de um sujeito aqui e outro ali, a alteração que promove é sempre limitada, a indivíduos ou no máximo a comunidades. Ou seja, sua atuação social tem pouquíssimo alcance histórico, pois não afeta as relações sociais capitalistas e nem tem essa pretensão, ou seja, não combatem aquilo que se constitui a raiz dos problemas. De modo que elas continuam vigentes e adequando os homens e suas práxis às suas necessidades enquanto relações fundadas na acumulação privada (MARTINS, 2006, p. 73).

Em outras palavras, estes tipos de intervenções sociais são caracteristicamente a-politizadas, buscam o engajamento e a coesão de pessoas e grupos em torno da resolução de problemáticas específicas, apaziguamento da situação dos excluídos, em detrimento do caráter dos movimentos e lutas sociais observados nas décadas anteriores.

Por isso uma das limitações dessas intervenções está justamente na ausência da identidade de classe social enquanto característica primordial de adesão às intervenções implementadas.

Para se tornar mais claro o entendimento desta questão, vale registrar que antagonicamente à práxis comunitária encontra-se a práxis social “cuja perspectiva é a de transformação global do modo de produção e de reprodução da vida social” (idem, p. 73). Como reitera Vázquez:

Num sentido mais restrito, a práxis social é a atividade de grupos ou classes sociais que leva a transformar a organização e direção da sociedade, ou realizar certas mudanças mediante a atividade do Estado. Essa forma de práxis é justamente a atividade política (1977, p. 200).

Nos próprios objetivos anunciados pelos sujeitos sociais descritos nesta pesquisa (Centro Comunitário, SOAJE, igrejas e escolas), não destacamos elementos que identifiquem as categorias de luta por melhorias ou condições materiais-históricas da dinâmica societária local, a partir da visão de classe social.

As palavras de Gohn (2001) servem-nos como referência para compreender os tipos de entidades e ações que passam a atuar na atual conjuntura social a partir da década de 90, tipos esses que nos propomos a analisar nesta pesquisa. No estudo denominado: “Educação Não-Formal e Cultura Política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor”, essa autora

traça uma linha histórica dos movimentos sociais evidenciando as características dos mesmos ao longo dos anos. Especialmente chama-nos atenção, a diferenciação entre os movimentos dos anos 70-80 e os emergentes na década de 90. Estes últimos, marcados por um associativismo local, mobilizações pontuais em detrimento dos processos de mobilização de massa vivenciados nas décadas anteriores.

Nos anos 70-80, as ONGs *cidadãs*⁵⁵ e militantes estiveram por detrás da maioria dos movimentos sociais populares urbanos que delinearum um cenário de participação na sociedade civil, trazendo para a cena pública novos personagens, contribuindo decisivamente para a queda do regime militar e para a transição democrática no país [...] emergiram nos anos 90, no cenário nacional, outros tipos de entidades, próximas do modelo norte americano *non-profits*, articuladas às políticas sociais neoliberais, dentro do espírito da filantropia empresarial, atuando em problemas cruciais da realidade nacional, como as crianças em situação de risco, alfabetização de jovens e adultos, etc. Essas entidades não se colocarão contra o Estado, como as da fase anterior, originárias dos movimentos e mobilizações populares [...] Este fato ampliou o universo da participação para campos pouco ou nada politizados e desenvolveu inúmeras novas formas de associativismo ao nível do poder local (GOHN, 2001, pp. 78 e 79).

Gohn esclarece de modo objetivo as características das entidades atuantes nos anos 80: “eram politizadas e articuladas a partidos e alas da Igreja progressista”, emergiam dos processos de mobilizações de massa “a partir de grupos militantes que se dedicavam a uma causa segundo as diretrizes de uma organização” (idem, pp. 85, 86). Já a partir de 90 a “mobilização se faz a partir do atendimento a um apelo feito por alguma entidade plural, fundamentada em objetivos humanitários ... é no local que se desenvolvem as formas de mobilização e sociabilidade” (idem, p. 86).

⁵⁵ Gohn denomina ONGs *cidadãs* aquelas instituições que atuantes nos anos 70 e parte dos 80, lutaram contra o regime político militar, atuando no campo da organização popular, de luta por direitos e condições mínimas de sobrevivência cotidiana no que diz respeito as necessidades básicas, ou sejam, essas entidades se aproximavam de movimentos e grupos de esquerda que questionavam o *status quo* vigente e apresentavam um projeto político alternativo (Ver GOHN, 2001, pp. 65 - 90)

A partir da leitura e entendimento das indicações dessa autora, ao que nos parece, os dados observados durante nossa pesquisa de campo corroboram essas indicações feitas por Gohn.

Os temas dos indivíduos e/ou entidades, atuantes em intervenções sócio-comunitárias na região pesquisada não “objetivam mudar o curso da História, em combater a exploração ao trabalho, nem mudar o regime político ou combater os detentores do capital” (ibidem p. 87), ao menos nenhum deles demonstrou convicção ou proferiu discurso neste sentido; Antes esses sujeitos sociais anunciam o combate à exclusão e a privação que a população se encontra submetida por meio de algumas ações locais e pontuais das quais participam. Assim:

O eixo articulatório que passou a fundamentar a participação nos anos 90 é dado pelo princípio da identidade e solidariedade. E não se trata mais de uma identidade exclusiva de classe, construída segundo a situação socioeconômica e de inserção de indivíduos e grupos no processo produtivo (GOHN, 2001, p. 88).

A partir das considerações acerca dessa complexa dinâmica de sociabilidade - também presente na região pesquisada, é que iremos tecer nossas considerações acerca do que acreditamos serem os limites e os aspectos educativos das intervenções sócio-comunitárias observadas.

6.1.1 Intervenções do Centro Comunitário

As exigências que definem o perfil dos usuários dos programas (Renda Cidadã e Fortalecendo a Família) oferecidos no Centro Comunitário mostram

claramente que se trata de uma estratégia de enfrentamento da pobreza e exclusão social. Os atendidos devem estar de fato em situação de extrema exclusão social, ter a sua subsistência em risco (basta ler as exigências já descritas anteriormente). As regras são bem definidas e claras; se o usuário não as cumprir, está fora do programa, visto que tem outras pessoas na fila de espera aguardando o atendimento.

Observamos que ao invés de se definir os participantes dos programas desenvolvidos no Centro Comunitário como “sujeitos de direitos” a nomenclatura escolhida para referir-se à essas pessoas é a de “usuários de serviços” (ver TELLES, 2001, p. 161).

Usa-se uma terminologia permeada de uma ideologia que descaracteriza a própria noção de cidadania e direitos. Ou seja, “não é através da garantia de direitos de cidadania social que os indivíduos e grupos têm acesso aos serviços, mas por intermédio de critérios focalizados, particularizados” (idem). Pergunta-se, quem garantirá, oferecerá ou prestará o atendimento à demanda que por motivos operacionais - de escassez de recursos financeiros, não podem ser absorvidas pela instituição pública em questão?

Muitos excluídos procuram amparo em outras instituições filantrópicas, religiosas ou apelam para a mendicância como forma de suprirem suas necessidades mais básicas. Haja vista, os depoimentos dos líderes religiosos e voluntários que prestam socorro alimentar à algumas pessoas em situação precária dessa mesma comunidade.

Quanto à aprendizagem do ofício (crochê, pintura) pelos beneficiários do programa, deparamo-nos com as seguintes limitações: aprender fazer a

atividade não garante que estas pessoas [mulheres] terão o material para confeccionar os produtos quando estiverem fora do programa; fazer o produto nem sempre significa conseguir vendê-lo e gerar renda.

O programa é relativamente funcional para aqueles que estão agregados, no sentido de que há a ajuda alimentar, a doação do material para confecção dos produtos e uma ajuda financeira durante dois anos, em outras palavras, trata-se de um programa assistencialista do estado. Uma vez que “não se pode abandonar por motivos simbólicos, mas também práticos, todos os programas assistencialistas do estado”, pois “há a necessidade de pacificar áreas conflitivas e explosivas em matéria de política pública” (TORRES *In*: GENTILI, 1995, p. 116).

Fora do programa é provável que a condição familiar não se altere significativamente, e segundo nosso entendimento, o mesmo serve como descompressurização de eventuais levantes das massas excluídas em momentos de desespero pela subsistência, ou seja, opera a “pacificação”.

A pessoa que ingressa no programa de atendimento do Centro Comunitário, recebe uma ajuda paliativa, um treinamento para um trabalho informal⁵⁶ durante o período de participação nas atividades, ao término das

⁵⁶ Sobre atividade informal, indicamos a leitura da pesquisa Mapa do Trabalho Informal (op. cit). Segundo ela, as atividades informais são caracterizadas pela precariedade, a não garantia e acesso aos direitos sociais trabalhistas básicos, além do que constituem atividades que também se caracterizam por uma renda muito baixa. “No debate sobre trabalho informal, convém lembrar que ele – como quer que o chamemos: subemprego, desemprego disfarçado, estratégia de sobrevivência – é algo relativamente antigo, datando dos primórdios da Revolução Industrial. Marx, n’*O Capital* (vol.1), denominou a quarta seção do capítulo 23 de ‘Diversas formas de existência da população relativamente excedente’ (SINGER, 2000, p.13). “O imenso contingente de trabalhadores cujas atividades encontram-se à margem de qualquer regulamentação ou controle por parte do poder público, constituindo o chamado setor informal, ocupa uma parte significativa da economia brasileira e latino-americana. A Organização Internacional do Trabalho avalia que entre 1986 e 1996, para cada cem novas ocupações criadas na América Latina, 80 eram informais. A Pesquisa Mensal de Emprego do IBGE, realizada nas seis maiores regiões metropolitanas do Brasil, mostra que metade da população ocupada nessas regiões encontra-se na informalidade” (JAKOBSEN, et al, 2000, p. 2).

mesmas “atesta-se” que pessoa está preparada para fazer alguma atividade rentável, e se isso não se concretizar, ao menos o Estado fez a sua parte. (Digo “Estado” pois o Centro Comunitário é uma organização pública de parceria municipal e estadual). É o típico modelo de intervenção social amparado no ideário neoliberal emergente na atual dinâmica societária onde:

as políticas sociais são cada vez mais formuladas estritamente como esforços emergenciais dirigidos a determinados setores sociais, cuja sobrevivência está ameaçada. Os alvos dessas políticas não são vistos como cidadãos, com direitos a ter direitos, mas como seres humanos “carentes”, a serem atendidos pela caridade, pública ou privada (DAGNINO, 2004, p. 108)

Ao nosso ver, esse tipo de intervenção tem uma aproximação daquilo que Martins (2006b) chama de educação para a sobrevivência.

Por mais preparado que esteja um trabalhador para se empregar em algum posto subalterno qualquer, o desemprego estrutural poderá levá-lo realmente ao insucesso. Daí é que surgem as iniciativas de em torno daquilo que estamos aqui tratando de educação para a sobrevivência. Ao passar por elas, os trabalhadores são preparados a buscarem alternativas de sobrevivência por si mesmos, e não nos postos tradicionais de emprego (idem, p. 75).

Os objetivos dos programas segundo declaração do governador Geraldo Alckmin (PSDB) em 18/03/2003 são as seguintes:

O mais importante nesses programas é **recuperar a auto-estima** dessas famílias. "**Apoiá-las** de toda forma, esse é o esforço que nós estamos fazendo com um foco muito grande na área social. Por isso **estimulamos o emprego, estimulamos a renda através**, por exemplo, do Banco do Povo para financiar o **pequeno empreendedor**. Enfim, todo esforço na qualidade de vida das pessoas.
(http://www.psd.org.br/realizacoes/realizacao_programa.asp?id=2140&realizacao=estadual. Acessado em 20/11/2007 **grifo nosso**).

Observe no trecho acima as palavras “auto-estima”, “estimulamos o emprego”, “a renda”, “pequeno empreendedor”, ao meu ver são termos intencionalmente esvaziados de sentido concreto. Desvia-se o foco da exclusão - problema gerado pela própria estrutura histórico-social-econômica -,

e centra-o no indivíduo que supostamente precisa recuperar auto-estima, precisa ser estimulado ao empreendedorismo.

Em contraposição à esse tipo de intervenção e discurso que o justifica, encontram-se os movimentos sociais da década de sessenta. Esses eram fundados a partir do interesse real das classes subalternas e visavam a construção e difusão de uma cultura popular que fosse capaz de “elevar o nível de compreensão dos fatos sociais” e que permitisse as classes exploradas “ver para além das aparências o que realmente se passa com as estruturas da sociedade” (ESTEVAM *In*: FÁVERO, 1983, p. 40).

Sobre as orientações do movimento deste período vemos a seguinte indicação:

a cultura popular precisa ser uma totalidade que reúna, dialeticamente, dois pólos distintos e às vezes antagônicos: **ela tem que unificar os interesses imediatos do trabalhador individual com o interesse profundo e objetivo da classe operária** e, dentro dessa mesma dialética, unificar os interesses particulares da classe operária com os interesses gerais de todo o povo. A cultura popular só o é quando se transforma num processo que permite a livre expressão dessa complexa rede em que se articulam, em interações ricas e variadas, móveis subjetivos e possibilidades objetivas, propósito de grupos e paixões individuais, meios disponíveis e finalidades ambicionadas, acaso fortuitos e leis necessárias, **interesses particulares momentâneos e interesses gerais permanentes**, sede de diversão e fome de instrução, **aperfeiçoamento profissional e trabalho político**, exigências materiais e necessidades culturais, o viver a hora presente e o fazer a sociedade futura (ESTEVAM *In*: FÁVERO, 1983, pp. 40, 41, **grifo nosso**).

Partindo da compreensão destas indicações, podemos perceber que nas intervenções do Centro Comunitário não há a articulação dos interesses imediatos (do aprender um ofício, receber uma ajuda alimentar), com os interesses profundos e objetivos da classes operária. Não há a existência de um trabalho político em função de interesses gerais permanentes, o movimento se esgota em si mesmo.

Os indivíduos ali agregados resolvem paliativamente e precariamente suas condições materiais - o que de tudo não é mau, pois precisam sobreviver, mas não alcançam consciência de que enquanto classe organizada e reunida em torno de interesses éticos-políticos podem operar transformações na estrutura que ocasiona os problemas que enfrentam.

Por isso, constatamos que esse tipo de intervenção comunitária, tal como se apresenta, é caracterizado por uma práxis mimética reificada, contribuindo para a perpetuação da alienação e a dependência de ajuda material dos menos favorecidos.

6.1.2 As intervenções a partir das escolas

Como já explicitado, as intervenções nas escolas se dão através do Programa Escola da Família. Ao que nos parece, este tipo de intervenção se aproxima daquilo que alguns autores denominam como educação não-formal, que apesar de ser um campo ainda em construção é possível tecer algumas considerações a seu respeito. Nesse sentido, acho oportuno dar a palavra a Gohn:

A educação não-formal tem outros atributos: ela não é organizada por séries/idade/conteúdos; atua sobre aspectos subjetivos do grupo; trabalha e forma a cultura política de um grupo. Desenvolve laços de pertencimento. Ajuda na construção da identidade coletiva do grupo (este é um dos grandes destaques da educação não-formal na atualidade); ela pode colaborar para o desenvolvimento da auto-estima e do *empowerment* do grupo, criando que alguns analistas denominam, o capital social de um grupo. Fundamenta-se no critério

da solidariedade e identificação de interesses comuns e é parte do processo de construção da cidadania coletiva e pública do grupo (GOHN, 2006b, p. 4).

No entanto, havemos de considerar que as alternativas tidas como da educação não-formal nem sempre são transformadoras, nem sempre ocasionam de fato mobilização política em busca da superação das desigualdades sociais e de suas raízes. Principalmente no atual contexto societário não é de se admirar que algumas estratégias da educação não-formal sejam suspeitas de contribuir para o

processo de sucateamento da escola pública através de um discurso neoliberal e supostamente moderno, de que a comunidade através das instituições da sociedade civil, está gerindo os equipamentos públicos, em particular aqueles vinculados ao sistema educacional (GARCIA, 2007, p. 39)

Apesar de ver algumas possibilidades de transformação a partir de projetos como o realizado nas escolas, creio que a segunda alternativa tenha ganhado maior consistência na realidade observada.

Segundo dados coletados nas escolas e confirmados pelo estudo realizado por Martins (2007), as escolas enfrentam alguns problemas no que se refere à execução do programa Escola da Família. Carecem de recursos para desenvolver os referidos projetos e ações do programa e não contam com envolvimento significativo da comunidade com a escola.

A constatação do diminuto envolvimento da comunidade com a escola, bem como desta com aquela, é por demais preocupante. Primeiro, porque a abertura da escola promovida por Decreto, como parece ser o caso da Escola da Família, não garante a efetiva participação da comunidade, como constataram os dados levantados. E, segundo, que assim distante da vida da comunidade, de seus problemas e necessidades, a escola apresenta-se como alguém que desconhece a realidade sócio-histórica que a cerca, conhecimento que é fundamental para mediação educativa, e a comunidade, por sua vez, deixa de fazer uso de um instrumento fundamental a sua organização e mobilização sócio-política e ascensão cultural, indispensáveis ao processo de luta em busca da superação das desigualdades sociais que historicamente maculam a sociedade brasileira (MARTINS, mimeo, p. 15).

Como afirmou a gestora de uma das escolas pesquisadas comentando a ausência da família no projeto Escola da Família e na vida escolar de seus filhos:

Não é do jeito que o Secretário imaginou [...] a família não vem [...] ela manda o filho, como se aqui tivesse babá [...]. Acredito que o programa pode mudar, pois é do governo atual [...] Quando ele sair a comunidade pode ter um “bac” e o programa deixar de existir (Senhora Célia, gestora de escola em entrevista no dia 25/06/2006).

Outra gestora da mesma unidade escolar comenta sobre a dificuldade de atuação do programa da seguinte forma: “não há tempo e estrutura para fazer um levantamento mais minucioso das condições de vida e contexto em que vive o aluno que é atendido no programa” (Senhora Eliane, gestora do programa Escola da Família, entrevista em 25/06/2006).

A seguinte declaração de gestora escolar corrobora as afirmações anteriores:

Deveria haver uma pesquisa para saber em qual escola está funcionando e tendo participação efetiva. Porque tem lugar que não tem e fica pagando gente à toa [...] Mas aonde tem é uma opção de lazer na parte cultural com os projetos para quem não tem como pagar [...] Talvez aqui não valeria a pena pois a participação é pequena (Senhora Maria Ângela, gestora de escola em entrevista no dia 02/07/2007).

Tendo por base o estudo realizado por Martins (2007) e o apurado *in locus*, parece haver uma certa obviedade dos entraves que o programa encontra na sua fase de execução. De fato, o programa Escola da Família, é um discurso vazio de sentido. Consistem as ações em mais numa opção de lazer, recreação, pequenos cursos para o público que frequenta as unidades, permitindo passar despercebidas ações politizadas que tenham por meta a mudança das estruturas que ocasionam a exclusão.

Parece-nos que as atividades culturais realizadas na escola (futebol, ping pong, clube de leitura, videoteca, aprendizado de artesanato, pintura, dança e outras já descritas anteriormente), funcionam como

simples e inofensiva manifestação das necessidades de expressão, de divertimento e de coesão experimentadas por um grupo social determinado. Além de expressar as formas reificadas da vida do grupo; Além de divertí-lo e satisfazê-lo esteticamente, oferecendo ao grupo a possibilidade de contemplar sua imagem reproduzida artisticamente e a possibilidade de concretizar aptidões estéticas e habilidades físicas; além de provocar o fortalecimento dos vínculos de solidariedade e à obediência das condições de trabalho coletivo, além de ir perpetuando indefinidamente a alienação [...] nada mais faz... (ESTEVAM *In*: FÁVERO, 1983, p. 41).

Por isso, as atividades realizadas, por mais que desenvolvam práticas específicas do ponto de vista cultural, do lazer, do esporte, do entretenimento, pouco contribuem para o avanço da conscientização política, do desvelamento das condições histórico-concretas e construção de movimentos de caráter revolucionário.

Além do que, os programas Escola da Família, realizados nas três escolas pesquisadas foram extintos naquelas unidades em 2007 por medidas de re-estruturação do mesmo por parte do governo estadual.

As reformulações foram efetuadas tomando como base a avaliação do Programa (seus problemas e impactos na realidade). A justificativa da medida foi anunciada no início de 2007⁵⁷ e causou um certo desconforto em algumas comunidades que se sentiram prejudicadas com o corte.

⁵⁷ No início de janeiro, a secretária da Educação, Maria Lúcia Vasconcelos, anunciou uma redução de 50% no programa, implementado em 2003, justificada por levantamento que mostrou que a frequência era muito baixa em algumas unidades e que, em outras, já havia na região ofertas gratuitas de lazer. Com isso, o orçamento de R\$ 216 milhões para o projeto neste ano foi reduzido pela metade e das 5.216 escolas abertas (todas da rede), 2.334 continuaram. O corte gerou protestos, porque várias comunidades alegaram que foram mantidas escolas sem público e fechadas outras com maior demanda. Agora, as unidades poderão reformular o mapa das escolas que ficarão abertas. “O que houve foi uma reestruturação no corte, porque os dirigentes de ensino nos trouxeram algumas reclamações, dizendo que escolas que tinham mais frequência foram fechadas e outras com menos, em regiões próximas,

Com esse dado, verificamos a descontinuidade do projeto Escola da Família nas escolas pesquisadas e confirmamos que as atividades empreendidas no atual contexto societário, tem características marcadamente locais, descontínuas e desprovidas de caráter transformador.

Destacamos ainda a presença dos voluntários na execução das atividades desenvolvidas nas escolas. Conforme observamos a média de voluntários é de seis por escola, enquanto a de contratados é de 4.6, ou seja, do total de atuantes nos programas Escola da Família, observamos que 56.25% são voluntários e 43.75% são contratados.

Esse dado corrobora com a tese de que na atual dinâmica societária tornou-se comum a absorção de demandas voluntárias para execução de atividades que em princípio, deveriam ser realizadas pelo poder estatal. Destarte, como exposto no capítulo três deste texto, “de produtor de bens e serviços, o Estado passou a assumir a função de coordenador das iniciativas privadas da sociedade civil”, configurando-se mais em “estimulador de iniciativas privadas de prestação de serviços sociais e de novas formas de organização” (NEVES, 2005, p. 33).

O voluntariado é conclamado a atuar em nome da solidariedade, da cidadania e suas práticas se constituem como uma forma de gerenciar a crise social por meio de estratégias visivelmente despolitizadas.

Esta demanda foi capturada através do apelo ao ativismo social voluntário da população, e a palavra “solidariedade” tornou-se, no senso comum, a disposição altruísta voluntária de um indivíduo, organização ou uma empresa, um quase sinônimo de cidadania. Cidadania e solidariedade são demandadas, então, exatamente no momento em que os governos dos anos 90 eram impelidos, pelo modelo econômico neoliberal adotado, a livrar-se do investimento em

continuaram. Então, agora, eles vão ter liberdade para fazer trocas e corrigir isso”, diz a secretária (Cf. www.institutopnbe.org.br/website/artigo.asp?cod=1856&idi=1&moe=76&id=3684 Acessado em 22/11/2007)

obrigações públicas de proteção e garantia eficazes dos direitos sociais (PAOLI, 2002, p. 377, p. 378)

Ressaltamos o distanciamento existente entre a noção de intelectual orgânico e voluntário. O primeiro engajado em situações ético-políticas em prol da emancipação e conscientização das massas atua na busca da organização dos sujeitos coletivos, enquanto o voluntário atua especificamente na resolução de problemas locais, de maneira individual e desprovida de um projeto político universal que anseie a transformação radical do modelo societário capitalista.

Ao passo que no ideário revolucionário presente nas ações dos Centro Populares de Cultura da década de 60, os instrumentos de ação (a saber: alfabetização, núcleos populares – onde se organizavam debates, conferências, cursos específicos, campanhas, jornais, panfletos, organizações de reivindicações -, teatro, praças de cultura – que funcionavam como centros de lazer, arte, festas populares - entre outros instrumentos), tinham como propósito “a mobilização do povo como forma de expressão popular [...] trazendo a motivação concreta para a organização das classes, já que implicam, necessariamente em, conscientização e politização” (Cf. documento da Ação Popular elaborado em 1963 e distribuído como orientação aos militantes, *In*: FÁVERO, 1983, p. 29), nas ações do programa Escola da Família, encontramos outras motivações que nem de longe anunciam a politização e a organização das massas em torno dos interesses de classe.

Assim os agentes que atuam nesse mesmo programa, ao invés de comporem aquilo que em Gramsci podemos entender como uma sociedade civil organizada, “de potencial transformador, de representação homogênea dos interesses populares e de aversão ao caráter repressivo e burocrático do Estado”, acabam se configurando como um indivíduos de uma “nova”

sociedade metamorfoseada, concebida como “uma esfera pública não-estatal de cidadania, como espaço de interação social”, (NEVES, 2005, p. 97), de gerenciamento das crises e programas sociais.

Esse tipo de atuação se configura naquilo que Neves denomina de uma “nova cultura cívica neoliberal”, marcadas pelo estímulo ao “desenvolvimento de ações denominadas de responsabilidade social”, amplamente divulgadas pelos aparelhos privados de hegemonia: “a mídia, a escola e as igrejas” (NEVES, 2005, p. 99).

Ao canalizar a indignação e o sentimento de impotência do homem em face das profundas injustiças sociais, o voluntariado tende a evitar que esses impulsos se transformem em impulso de constituição de sujeitos políticos coletivos contestadores da ordem estabelecida. De forma cristalina, o Portal do Voluntariado expõe os objetivos individualizantes dessa ação política nos seguintes termos: “Ao doarem sua energia e sua generosidade, os voluntários estão respondendo a um impulso humano básico: o desejo de ajudar, de colaborar, de compartilhar alegrias, de aliviar sofrimentos, de melhorar a qualidade de vida em comum. Compaixão e solidariedade, altruísmo e responsabilidade são sentimentos profundamente humanos e também virtudes cívicas” (NEVES, 2005, p. 101).

Assim, as atividades desenvolvidas a partir do Programa Escola da Família nas instituições pesquisadas, apresentam-se mais como opções de lazer, de entreterimento popular, de expressão artística popular, de canalização das forças sociais voluntárias para ações locais e pontuais. São atividades escapistas, pois não constroem seus valores por um processo de aprofundamento e intensificação das experiências historicamente vividas, entretêm, aturdem, mas não despertam para a reflexão e consciência de si e do coletivo (o Manifesto elaborado pelo CPC da UNE, *In*: FÁVERO, 1983, pp. 59 – 70, corrobora essa idéia).

Vemos nesse espaço de intervenção social, a necessidade de se organizar as atividades culturais enquanto instrumentos de conscientização de

si próprio - ou seja, dos sujeitos que participam das atividades, de conhecimento do contexto social no qual os indivíduos estão inseridos, da realidade histórica da qual se é parte.

Isso não acontece pois como já adiantamos, em nosso entender, aquelas pessoas que organizam as atividades nesses locais não se constituem em intelectuais orgânicos. Algumas são especialistas contratadas para gerir o programa, outras mesmo sem especializações porém dotadas de boa vontade ajudam nas atividades de alguma forma. Entretanto, todas parecem estar alienadas, destituídas de uma concepção ético-política historicizada que lhes permitam enxergar com maior clareza a complexidade das relações sociais que vivenciam e implementar ações como tentativas de superação da condição societária da qual fazem parte.

6.1.3 As (não) intervenções a partir da Sociedade Amigos de Bairro do Jardim Europa - SOAJE

A ausência de ações através da SOAJE, ao nosso ver, revela o quanto as instituições populares (os movimentos de base de 1960, os sindicatos⁵⁸ - que

⁵⁸ Márcio Pochmann faz uma importante discussão e apresentação histórica do movimento sindical desde as décadas de setenta até a atualidade. O estudo sob o título “Desafios atuais do sindicalismo” pp. 163 – 179 disponível no endereço eletrônico: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/grupos/sindi/pochmann.pdf>. [Acessado em 20/01/2008]. Segundo esse autor: “A partir de 1990, o sindicalismo laboral vem passando pelo enfrentamento da mais grave crise do emprego nacional, com taxas de desemprego inusitadas e acentuado processo de desassalariamento e de precarização das condições e relações de trabalho. A vigência das políticas neoliberais tem levado à fragilização sindical identificada pela redução nas taxas de sindicalização e na quantidade de greves, acompanhada ainda de uma importante mudança nas políticas sindicais, cada vez mais direcionadas à defesa das conquistas trabalhistas e à participação em órgãos tripartites de gestão das políticas sociais” (POCHMANN, 2005, p. 164)

tiveram o auge de sua organização e participação social e política na década de 80), e seus intelectuais politicamente organizados em períodos anteriores, foram solapados em suas bases pela nova dinâmica societária impressa a partir dos anos noventa – conforme descrevemos no capítulo três. Somente a título de ilustração, vejamos as palavras de Montañó acerca da mudança de caráter das organizações e movimentos sociais ao longo dos anos 60-80 para os anos 90:

os movimentos sociais e as ONGs a eles articuladas, desenvolvem até o final dos anos 80 – onde a Constituição de 88 é um marco histórico e um resultado desse processo – uma estratégia de *enfrentamento/negação* ou de *demanda/pressão* contra ou dirigida ao Estado; entretanto no contexto dos anos 90, eles passam a incorporar um comportamento de *parceria*, de *articulação* com o Estado. Neste novo contexto, os movimentos sociais típicos das décadas 60-80 – de reivindicações por direitos democráticos e políticos, por direitos civis, econômicos e sociais, de enfrentamento ao Estado – deixam lugar a um “terceiro setor”, que desenvolve uma participação em parceria com o Estado [...] Os resultados: despolitiza-se o conflito; retira-lhes o substrato de classe ou econômico, rompe-se a relação direta dos movimentos sociais com o Estado (MONTAÑO, 2002, p. 147).

A história da comunidade local parece-nos viver parte dessas mudanças ocorridas no interior dos movimentos populares. Conforme ouvimos durante as entrevistas, a SOAJE teve forte e decisiva participação na luta por conquistas de serviços sociais para aquela região: escolas, base de segurança, posto médico, infra-estrutura como rede de esgoto e asfalto, entre outros, especialmente nos anos de sua fundação (meados de 80). Esse fato pode ser explicado, pois esses eram os focos de mobilização popular na década de 80 – a propósito diferentemente das problemáticas que se colocam nos dias atuais.

No Brasil, o momento histórico em que os movimentos sociais estão situados não corresponde mais aos processos vividos na década de 80 quando as lutas se apoiavam em suportes mais imediatos para resolver problemas em relação a deficiências no transporte coletivo, saneamento básico, construção de moradias, etc. Essas questões ainda fazem parte da agenda dos movimentos populares, mas se juntam as novas problemáticas ambientais, a temática da violência, a

reconstrução da memória dos movimentos e a mobilização cultural (OLIVEIRA & FERREIRA, 2007, s.n.p).

De um tempo em que a participação de uma população desfavorecida, organizadas na busca da satisfação de suas necessidades mais próximas e concretas era ativa, hoje a SOAJE vivencia um novo momento em que sua sentença de quase morte está anunciada, haja vista a inércia que tomou conta da organização.

Os motivos que cooptaram as forças populares no período anterior são praticamente inexistentes hoje e como este movimento em especial, fundava-se na reivindicação visando a resolução dos problemas emergenciais da própria localidade, acabou perdendo a força quando os mesmos foram - ao menos em parte, sanados.

Esse fato nos leva a pensar que movimentos que buscaram solucionar problemas pontuais, locais, sem contudo terem um projeto ético-político em torno dos interesses de classe, somado aos complexos determinantes do período histórico da década de 90, seguiram a tendência de arrefecer os ânimos e cair no esquecimento do povo, passando a serem substituídos por outras formas de sociabilidade que emergiram neste período. Sobre isso é oportuno dar a palavra à Gohn:

O novo associativismo do terceiro setor tem estabelecido relações contraditórias com o "antigo" associativismo advindo dos movimentos sociais populares (na maioria urbanos) dos anos 70 e 80. Enquanto este últimos fizeram da política seu eixo básico de articulação e identidade, atuando via reivindicações por direitos (sociais, políticos, econômicos, culturais, por cidadania de forma geral), e eram amalgamados pelas ideologias da esquerda (num grande espectro de matizes e tendências), o associativismo do terceiro setor é pouco ou nada politizado, na maioria das vezes, avesso às ideologias, e integrado às políticas neoliberais (GOHN, 2001, p. 18).

Ao que nos parece, diante de novos elementos e determinações históricas da atualidade, a comunidade do Jardim Europa se encontra senão apática, mais inclinada a participar de novas formas de organizações sociais representadas pelas organizações não-governamentais, obras voluntárias, associações religiosas ou eventuais movimentos que reunam simpatizantes em torno dos mais diversos temas como a violência, causa ambiental, questões de gênero, etc. Sobre essa metamorfose do movimento societário Berger chama atenção:

É no contexto de esvaziamento da atividade política e descrença nas modalidades tradicionais de reivindicar melhores condições de vida, acrescidas da exacerbação da pobreza e de tudo que a acompanha, que emerge para a superfície da vida social o modo - anos 90 - de participação social: as Organizações Não-Governamentais, sem fins lucrativos, voluntárias, que abrangem uma gama imensa de atividades, formando, ao promover interesses coletivos, o que passa a se denominar de Terceiro Setor, resumido na idéia de “privado com funções públicas” (BERGER, 2000, p.3).

Isso nos faz compreender que, além de se articular lutas por benefícios locais e pontuais da comunidade, a SOAJE enquanto sujeito social, poderia ter travado lutas mais amplas pela conscientização e desenvolvimento de uma visão de mundo no seio da população que dela fazia parte, entretanto a história mostra que isso não se concretizou, e por essa razão, ao menos no momento atual, o movimento se esgotou.

5.1.4 As intervenções a partir das igrejas

As ações realizadas pelas igrejas no contexto observado parecem aproximar-se das práticas assistencialistas, de benemerência em nome do espírito cristão e solidário frente às mazelas sociais dos dias atuais.

Constituem-se também em estratégias de cooptação de novos fiéis às trincheiras do evangelho que apregoam.

O maior entrave, sob nosso ponto de vista, é que estas mesmas ações também são desprovidas de caráter político de classes. As pessoas se associam nestas comunidades por outros motivos, religiosos, afinidades, acolhimento, menos por se identificarem com um propósito ideológico-revolucionário. Como ressalta a autora a seguir:

O eixo articulatório que passou a fundamentar a participação nos anos 90 é dado pelo princípio da identidade e solidariedade. E não se trata mais de uma identidade exclusiva de classe, construídas segundo a situação sócioeconômica e de inserção de indivíduos e de grupos no processo produtivo, mas de uma identidade mais complexa, abrangendo cor, raça, sexo, nacionalidade, herança cultural, religião, culturas territoriais, características sociobiológicas, etc. Causas humanitárias também passam a agregar as pessoas em entidades... (GOHN, 2001, p. 88).

Aliás, no seio das igrejas convivem todas as classes sociais em aparente harmonia, afinal, a irmandade oculta a face do capitalismo que colocam a todos em condições de individualismo e competição.

Assim, as ações empreendidas pelas instituições religiosas em pauta, servem como minoramento do sofrimento humano, seja na ajuda material ou no consolo espiritual às pessoas que estando sujeitas

a serem natureza descartável pelo próprio desmonte do setor público e menosprezo à universalidade dos direitos de cidadania, sujeitos a todas formas de violência, separados e hierarquizados pelas barreiras da passagem do privado ao público, resta-lhes a esperança de serem capturados pelas políticas compensatórias localizadas da filantropia social organizada no âmbito dos grupos da sociedade civil (PAOLI, 2002, p. 389).

Entretanto do ponto de vista crítico e reflexivo essas ações, funcionam como instrumentos de pacificação dos excluídos que, satisfazem momentaneamente suas necessidades materiais e aguardam inertes, sob tutela da esperança religiosa, a promessa que dias melhores virão. Pois “a

consciência ingênua que o homem tem do mundo se traduz em atitude passiva de aceitação da realidade, embora ele viva conflitos e contradições” (Cf. Relatório do CPC de Belo Horizonte, *In*: FÁVERO, 1983, p. 88).

A compreensão de que é o próprio homem responsável pela criação e transformação do mundo onde vive, através de suas relações sociais, do modo de produção dos bens materiais, é o elemento crítico central que precisa impregnar as intervenções sociais realizadas a partir das comunidades religiosas.

Ao assimilar a dinâmica do processo histórico-social, ao desmistificar o mundo pseudoconcreto, ao compreender a si e seu lugar na história, o homem é conduzido a entender que o devir é fruto de suas ações e que por sua vez, através das mesmas pode acionar estratégias de transformação da realidade concreta.

Recorrendo a máxima marxiana que afirma ser “o homem formado pelas circunstâncias”, o que falta às intervenções religiosas que observamos é de fato, “formar as circunstâncias humanamente” e não aguardar a mudança do mundo através de uma transformação idealista, interior, individualizada em cada homem (Cf. KONDER, 1974, p. 62).

6.2 Os aspectos educativos das intervenções sócio-comunitárias pesquisadas

A priori considerarmos o tipo de intervenção social descritos neste trabalho uma forma de educar a população para o consenso em torno de um modelo de sociabilidade burguês-capitalista que tem se tornado hegemônico. Modelo este que, em nome da participação, solidariedade, ativismo social, convoca a população a se mobilizar na resolução dos conflitos locais, funcionando como um atenuante diante da exclusão que a estrutura do capital tem criado no contexto contemporâneo. Em nosso entendimento este é o aspecto educativo implícito mais marcante nas intervenções sociais observadas.

Segundo a tese defendida por Neves, esse projeto de sociabilidade alinha-se aos princípios do neoliberalismo de terceira via e encontra na sociedade civil “um vetor importante da legitimação social ao projeto burguês de desenvolvimento e de sociabilidade pós-desenvolvimentismo” (NEVES, 2005, p. 87). Martins corrobora essa tese ao asseverar que os tipos de ações presentes na contemporaneidade vêm

reafirmar uma ação burguesa de dominação sob nova roupagem, que advoga a importância da “cidadania ativa” e da participação social na vida do país e elimina, por mecanismos políticos e legais, a participação sobre a economia. Trata-se de uma participação que não tem a capacidade de alterar substantivamente o projeto de sociedade, mas sim proceder a certas adequações pontuais que visem o aprimoramento do sentido histórico do capitalismo (MARTINS *in* NEVES, 2005, p. 144).

Entretanto, não podemos negar que as intervenções sociais observadas têm em comum alguns princípios do que se configura no modelo de educação não-formal (como mencionamos anteriormente), e também consideramos esse um dos aspectos educativos observados nas iniciativas.

Gohn explica que, as características da educação não-formal pode atingir algumas metas contidas no campo da Pedagogia Social, as quais verificamos vir ao encontro às intervenções sociais analisadas neste trabalho. Seriam estas metas:

Aprendizado quanto a diferenças – aprende-se a viver com os demais. Socializa-se o respeito mútuo; Adaptação do grupo a diferentes culturas, e do indivíduo ao outro – trabalha o “estranhamento”; A construção da identidade coletiva de um grupo; Balizamento das regras éticas relativas às condutas aceitáveis socialmente (GOHN, 2006b, p. 4).

Os depoimentos de algumas gestoras entrevistadas durante esta pesquisa corroboram as indicações à respeito da educação não-formal já ressaltadas. Segundo depoimentos de gestoras do programa Escola da Família, as ações do mesmo, tem acarretado alguma mudança de comportamento nos alunos que dele participam:

“O aluno vê a escola de outra forma: a escola é dele, da comunidade, a escola não é do diretor. Então o aluno entende que ele pode conservar, não depredar. A integração também é observada, o aluno pode entrar na escola e ter liberdade, o espaço é público mas tem organização, a socialização ... no primeiro momento as mudanças (ela refere-se ao programa Escola da Família) geraram transtornos – estragaram o mural, o prédio, etc, no início houve roubo de fiação, vídeo, televisão ... depois a comunidade vai se adequando e passa a respeitar o espaço coletivo (Senhora Célia, gestora de escola em entrevista no dia 5/06/2006).

Outros depoimentos a este respeito:

As crianças que participam do programa são mais carentes; não podem ir ao shopping, eles vêm à escola. Alguns adolescentes já estão envolvidos com o fumo, o cigarro e até a bebida ... precisa ter certo jogo de cintura ... coloco eles para jogar na quadra ... peço para não fumar na frente das crianças ... No geral, o público atende as solicitações, os pedidos feitos pelo coordenador (Senhora Eliane, gestora do projeto, entrevista no dia 25/06/2006).

O programa iniciou em maio de 2004 e já tivemos muitas conquistas. Havia roubo de bolas, muitas pichações, depredação do prédio, vidros...não se conseguia conversar pela rebeldia. Hoje eles melhoraram como pessoas, mais respeito. Isso acaba chegando na sala de aula. O que ajuda muito é a conversa (Senhora Maria Luiza, gestora do projeto, entrevista no dia 02/07/2006).

Devemos ressaltar que apesar de nas intervenções pesquisadas na região do Jardim Europa não identificarmos um plano político-ideológico visando a reformulação de uma visão de mundo da comunidade e a sua politização e envolvimento em causas mais universais (organização política local traduzindo-se em estratégias de reivindicações, representações políticas em prol de conquistas de direitos universais como educação, saúde, melhoria dos serviços públicos e outros), as mesmas acabam por ser uma alternativa voltada à melhoria da qualidade de vida dos indivíduos quando em certa medida, buscam e chegam a desenvolver algumas metas anunciadas pela educação não-formal.

Afirmamos isso, pois, nas intervenções pesquisadas observamos a presença de propostas educacionais (palestras, dinâmicas em grupo, estudos religiosos, orientações variadas às famílias, leitura), propostas artísticas e culturais (oficinas de pintura, crochê, filmes, dança), propostas esportivas (jogos diversos, como: futebol, ping-pong entre outros), voltadas para atendimento de crianças, jovens e adultos, que em sua maioria não têm muita oportunidade de realizar algum tipo de lazer, prática desportiva ou atividades como as oferecidas pelas organizações em questão. Isto efetivamente significa alguma contribuição (mesmo pontual, local ou descontínua) visando melhorar sua qualidade de vida, e isso não podemos repudiar, tampouco sermos adeptos do “quanto pior, melhor”.

Além do que o oferecimento de ajuda material (alimentos, vestuários, remédios ou ajuda financeira), apesar de não ser o ideal quando pensamos numa perspectiva mais ampla e universal de transformação das causas

estruturais que ocasionam estes problemas, acabam sendo uma forma de minorar o sofrimento humano frente à situação de exclusão que vivenciamos no atual momento histórico-social.

Por entender assim, as intervenções sócio-comunitárias, se não alcançam a eficácia desejada - a transformação estrutural - são paliativos emergenciais, contendo alguns elementos educativos próprios das relações humanas existentes em cada intervenção: o diálogo, contato com histórias de vidas idênticas e semelhantes, associação entre indivíduos para realização de atividades específicas.

Se estes elementos interventivos se elevarem à movimentos impregnados e motivados pela consciência política, podem se tornar meios de uma ação mais organizada e intencional no desafio de transformação social de perspectiva mais geral. Quando, como ou de que forma isso se dará, somente as múltiplas determinações e condicionantes históricos-políticos-sociais é que poderão responder, pois

Na realidade, é possível prever “cientificamente” apenas a luta, mas não os momentos concretos dela [...] Na realidade, pode-se “prever” na medida em que se atua, em que se aplica um esforço voluntário e, desta forma, contribui-se concretamente para criar o resultado “previsto”. A previsão revela-se, portanto, não como um ato científico de conhecimento, mas como expressão abstrata do esforço que se faz, o modo prático de criar uma vontade coletiva (GRAMSCI, 1995, p. 162).

Todavia para que na trajetória das intervenções sociais observadas os sujeitos cheguem a alcançar uma consciência superior, supomos que se faz indispensável e necessário a mediação do intelectual orgânico enquanto organizador de um processo político-educativo de construção de uma contra-hegemonia burguesa e um projeto societário em prol das classes subalternas.

Notamos no seio das variadas intervenções sócio-comunitárias a ausência do intelectual das classes excluídas, ou seja, não existe aquele sujeito que poderia fazer encaminhamentos filosóficos-reflexivos que oportunizassem o desvelamento da condição histórico-material dos demais envolvidos nas ações, sendo mediador de uma práxis revolucionária marcada pela intencionalidade política; Em outras palavras, não há o “intermédio de uma elite, cuja concepção implícita em sua atividade humana já se tenha tornado, em uma certa medida, consciência atual, coerente e sistemática, e vontade precisa e decidida” capaz de formular uma nova intelectualidade integral e totalizadora diante do processo histórico real (GRAMSCI, 1995, p. 23).

Havendo a carência de intelectuais que sejam mediadores de uma elaboração e difusão da concepção de mundo que vise a superação da sociedade classista, há conseqüentemente a ausência de um projeto político-ideológico que tenha por meta a utopia da transformação social de forma radical. Que fique claro que esse novo intelectual a que nos referimos não deve ser concebido como um indivíduo isolado, mas um inteiro grupo social, organicamente articulado, que

enquanto trabalha para analisar criticamente e desorganiza os projetos dominantes, se dedica a promover uma nova inteligência social capaz de pensar a produção, a ciência, a cultura, a sociedade na óptica das classes trabalhadoras (SEMERARO, 2001, p. 97).

Ao elencarmos anteriormente alguns aspectos das intervenções considerados de certa forma “positivos”, não estamos erigindo um altar para os tipos de ações comunitárias que descrevemos; Não é apenas por estarem associados á alguma atividade que os sujeitos participantes destas intervenções chegarão à uma consciência superior, como esclarece Nogueira:

O associativismo é a base de tudo, **mas desde que tratado politicamente**. Gramsci não via grande vantagem na agregação pela agregação, na agregação em função de interesses restritos: sua ênfase repousava na superação política dessa disposição espontânea dos indivíduos e grupos sociais. Dava-se o mesmo com a consciência econômica-corporativa: ela existia como estado primário da consciência social, e devia ser superada pela forma mais sofisticada da consciência política [...] e o ingresso numa fase em que as ideologias lutam entre si, até que uma delas, ou pelo menos uma única combinação delas, tenda a prevalecer, a se impor, determinando além da unicidade dos fins econômicos e políticos, também a unidade intelectual e moral (NOGUEIRA, 2003, pp. 11 e 12, **grifo nosso**).

Ao que já indicamos as superações dos limites das intervenções observadas, em nosso entender também consistem em desafios colocados para o campo da educação não-formal; E por meio dela, quiçá, encontraremos alguns caminhos:

Construir cidadãos críticos, ativos, participativos, com responsabilidade diante do outro e preocupados com o universal e não com particularismos, é retomar as utopias e priorizar a mobilização e a participação da comunidade educativa na construção de novas agendas. Essas agendas devem contemplar projetos emancipatórios que tenham como prioridade a mudança social, qualifique seu sentido e significado, pense alternativas para um novo modelo econômico não excludente que contemple valores de uma sociedade em que o ser humano é o centro das atenções e não o lucro, o mercado, o status político e social, o poder em suma. A educação não-formal é um campo valioso na construção daquelas agendas, e para dar sentido e significado às próprias lutas no campo da educação visando à transformação da realidade social (GOHN, 2006b, p. 9).

Retornamos a insistir na afirmação que se por um lado, as intervenções sociais analisadas apresentam os limites já relatados, por outro, têm aspectos positivos. Dos quais, temos a hipótese de que o fato de os sujeitos sociais das ações realizadas estarem muito próximo dos problemas locais, vivenciando em sua prática, experiências que poderão despertar e forjar entre eles intelectuais orgânicos. Como sugere Martins:

Essa aproximação com a realidade empírica é por demais importante no combate ao academicismo de muitas teorias revolucionárias, de muitos militantes que pregam a revolução de seus gabinetes. Além disso, a proximidade com a vida do povo pode despertar os militantes que comodamente se encontram bem postados em muitas

burocracias sindicais e partidárias, abrindo a possibilidade de se forjar efetivamente intelectuais orgânicos (MARTINS, 2006b, p. 77).

Com esse pensamento não estamos oferecendo uma fórmula simplista, apenas estamos compondo uma utopia possível. Aliás, não foi a partir do contato com os excluídos e de experiências concretas que alguns homens ao longo da história se fizeram representantes e militantes da classe excluída?

Outrossim, supomos que o fato de as intervenções comunitárias oportunizarem a convivência entre as pessoas dos setores mais carentes, excluídos da sociedade, as mesmas possam vir a se constituir uma alavanca para a passagem ao momento ético-político de identificação dos sujeitos a partir de suas condições econômica-política real e universal, e não mais apenas identificações em identidades particulares.

Essa identificação universal sendo oportunizada, havendo o desvelamento das condições histórico-materiais e auto-identificação desta população enquanto classe funda-se em nossa hipótese, a possibilidade de organização dos indivíduos enquanto sujeito coletivo para disputar e modificar as relações materiais dadas e conseqüentemente, toda a estrutura social. Como anuncia Martins:

O segundo ensinamento da práxis comunitária é a possibilidade que ela abre de os setores excluídos identificarem-se entre si, pela situação econômica de miséria, pela exclusão social e dominação política [...] Por fim, se efetivada a identificação possível entre as classes subalternas, poder-se-á trabalhar para a sua organização e mobilização, fazendo com que estas experiências realmente se transformem em força social de questionamento e superação do modelo societário (idem, p. 77).

Por tudo isso, acreditamos que as intervenções surgidas no contexto sócio-comunitário pesquisada, além de seus limites contém o princípio da contradição; Pois consistem em espaços e sujeitos sociais que atuando na

dinâmica societária podem ser cooptados e engajados politicamente em sua prática social por lideranças formadas intelectualmente entre eles ou adicionadas ao grupo durante as experiências vivenciadas pelo mesmo.

Se admitirmos o princípio da contradição podemos lançar a hipótese de que esses grupos que atuam nas intervenções sócio-comunitárias possam vir a se constituir numa nova força social mobilizada em torno de um projeto contra-hegemônico burguês e em prol da construção de uma nova sociedade mais justa, igualitária e humanizada.

Não acreditar nessa possibilidade é como encapsular todos sujeitos sociais num “livre curso” – que provavelmente não é tão livre pois ao que constatamos hoje coopera com a reprodução da dinâmica capitalista - é negar o devir enquanto possibilidade utópica de transformação.

Ao contrário de esgotarmos nosso idealismo utópico, preferimos dar-lhe lugar - embora reconhecendo suas limitações. Porquanto batalhas devem ser travadas inicialmente no âmbito das intervenções sociais já existentes, “visando à conquista de posição e de espaços (“guerra de posição”), da direção política-ideológica e do consenso dos setores majoritários da população, como condição para o acesso ao poder” e transformação da sociedade (COUTINHO, 1992, p. 89).

Aliás, a guerra de posição a qual Gramsci nos adverte empreendermos “reside precisamente na luta pela conquista da hegemonia, da direção política e do consenso” a partir das atividades já existentes (ou mesmo criadas) no seio da sociedade civil (idem, p. 91). Assim, cremos que a ação de intelectuais orgânicos na dinâmica societária existente nas intervenções sociais, é central à medida em que os mesmos podem atuar como organizadores e difusores de

uma hegemonia das classes subalternas, colocando em crise a própria hegemonia burguesa. Portanto, reiteramos que

na guerra de posição ... não há lugar para a espera messiânica do “grande dia”, para a passividade espontaneísta que conta com a explosão de um tipo catastrófico como condição para o “assalto ao poder”. O critério central para a decisão da crise é a iniciativa dos sujeitos políticos coletivos, a capacidade de *fazer política*, de envolver grandes massas na solução de seus próprios problemas, **de lutar cotidianamente pela conquista de espaços e posições, sem perder de vista o objetivo final de promover transformações de estrutura que ponham fim à formação econômico-social capitalista** (COUTINHO, 1992, p. 93, p. 94, **grifo nosso**).

É nessa dimensão, ao considerarmos a guerra de posição, que destacamos os aspectos positivos das intervenções que ora constituiu-se objeto de nossa pesquisa. Não dá para ignorar que estas intervenções fazem parte de um palco social onde travam-se lutas (declaradas ou não) pelo estabelecimento do consenso das classes em torno de uma hegemonia. Se no momento identificamos o consenso popular - daqueles que atuam na comunidade, girar em torno ou mesmo em favor da hegemonia dominante, isso não significa que a situação esteja definida permanentemente ou isenta de possibilidades transformadoras.

Então, o desafio posto é: “inovar e tornar crítica uma atividade já existente” (GRAMSCI, 1995, p. 18), ou seja, oportunizar a compreensão reflexiva acerca do mundo e promover a consciência política na atividade humana, de modo a alcançar uma práxis transformadora. Conforme as palavras do filósofo italiano:

A compreensão crítica de si mesmo é obtida através de uma luta de “hegemonias” políticas, de direções contrastantes, primeiro no campo da ética, depois no da política, atingindo finalmente uma elaboração superior da própria concepção do real. A consciência de fazer parte de uma determinada força hegemônica (isto é, consciência política) é uma primeira fase de uma ulterior e progressiva autoconsciência, na qual teoria e prática finalmente se unificam (GRAMSCI, 1995, p. 21).

6.3 Os desafios da educação para a transformação

Ao discutirmos os desafios da educação para a transformação se faz necessário retomarmos nossa premissa inicial, a saber, a ação dos intelectuais no meio das massas é uma relação pedagógica que deve ter por meta elevar o pensamento do senso comum à consciência filosófica.

Assim a presença de intelectuais orgânicos às classes subalternas é um aspecto indispensável aos projetos de intervenção social que visem à educação das massas de modo a instrumentalizá-las para ações e estratégias que visem transformação radical da sociedade.

Conforme observamos em nossas análises, os atuantes nas intervenções pesquisadas no contexto societário já descrito não têm se caracterizado como intelectuais orgânicos das classes em condições de subalternidade. Desta forma, compreendemos que o grande desafio posto é justamente alcançar àqueles sujeitos que atuam e intervêm nessas realidades de modo a construir com eles um conhecimento filosófico que lhes permitam desenvolver uma consciência crítica mais elaborada do mundo, para que ela possa impregnar sua prática social permitindo-os organizarem e difundirem

uma proposta ético-política por meio das intervenções sociais que realizam nas comunidades que atuam.

A partir dos ensinamentos de Gramsci, inferimos que a apropriação dos espaços em que as intervenções sócio-comunitárias acontecem é um desafio. Tais espaços são arenas de disputa da hegemonia com a classe dominante economicamente e dirigente ético-politicamente, sendo portanto o ambiente que a classe subalterna organizada pode utilizar para desenvolver sua luta na construção de uma hegemonia proletária. Se este espaço de ação existe, se os sujeitos sociais ali estão associados em algum tipo de intervenção (mesmo que o voluntarismo local não desperte para a consciência de classe), exige-se

fazer de cada um desses espaços uma trincheira das classes subalternas na luta contra-hegemônica, com o objetivo de alterar as relações de força e, assim, ir estrategicamente construindo outra ordem socioeconômica e ético-política. Em outras palavras, para Gramsci é necessário empreender iniciativas que contestem e superem as estruturas e superestruturas que consolidam o status quo típico das sociedades – de classe – capitalista. Somente dessa forma é que, para Gramsci, se consegue promover uma verdadeira “reforma moral e intelectual” (MARTINS, 2007, p. 2).

Pergunta-se quem fará desse espaço uma trincheira na luta pela guerra de posição? Acreditamos que seja a própria sociedade civil. Entretanto, como já observamos no capítulo terceiro, na atual dinâmica societária a sociedade civil pareceu-nos disvirtuar-se de suas prerrogativas políticas, sendo absorvida pelo ideário neoliberal que re-nomeou este espaço como sendo um terceiro setor, que sob uma outra concepção passou desenvolver estratégias de uma socibilidade amparada não mais na politização, construção e/ou reivindicação, dos direitos cidadãos, mas ancoradas na solidariedade, voluntarismo e ações em torno da coesão social.

O que resta então? Diríamos que se faz necessário repolitizar a própria sociedade civil, conforme os ensinamentos gramscianos, que entende este

espaço onde se dão as relações sociais, como uma grande força social capaz de dirigir ética e politicamente um determinado momento societário por meio da difusão de uma hegemonia - somada à outros múltiplos condicionantes histórico-econômicos- culturais, que finalmente dão origem à um determinado bloco histórico.

Entrementes, a educação é elemento central na tarefa de “re-politizar” a sociedade civil. Posto que o conhecimento histórico-filosófico não se dá como mero acaso mas é algo adquirido também sócio-historicamente.

Desta forma, apresenta-se o seguinte impasse: de um lado, presenciamos pessoas que atuam na realização intervenções sociais sem de fato fazerem uso de algum conhecimento filosófico que lhes permitam instrumentalizar sua prática em direção à construção de um projeto ético-político e acabam tendo sérias limitações no alcance de suas ações. De outro, temos intelectuais da academia que embora providos (e produtores) de conhecimento científico-filosófico *nem sempre* em sua experiência há espaços para atuação e militância nos agrupamentos sociais. Assim, a unitariedade entre teoria e prática não ocorre, de modo que a práxis revolucionária não se efetiva em nenhum dos ambientes: nem na atividade observada na comunidade, nem no mundo teórico-acadêmico.

Romper com o ativismo social e alcançar formas de sociabilidade politizadas, assim como abrir caminhos que oportunizem o elo entre a academia quase sempre impregnada pelo teorismo, de modo a construir uma identidade dialética entre as categorias e a atividade prática - pensamento crítico filosófico -, é o que propõe a filosofia da práxis e, ao nosso ver, é o

desafio a todos aqueles que desejam de fato a transformação da sociedade.

Nas palavras de Gramsci:

A filosofia da práxis, não busca manter os simplórios na sua filosofia primitiva do senso comum, mas busca ao contrário, conduzi-los a uma concepção de vida superior. Se ela afirma a exigência do contato entre os intelectuais e os simplórios não é para limitar a atividade científica e para manter uma unidade no nível inferior das massas, mas justamente para forjar um bloco intelectual-moral, que torne politicamente possível um progresso intelectual de massa e não apenas de pequenos grupos intelectuais (GRAMSCI, 1995, p. 20).

Quando apresentamos esse parecer, estamos defendendo a unidade intelectual-povo, e uma ética adequada à concepção do real tanto nas camadas populares quanto nas mais cultas e ditas especializadas, na tentativa de forjar intelectualidades integrais.

É deveras importante insistirmos nessa idéia pois se os homens-massa não têm tido acesso ao saber historicamente produzido e sua consciência ainda se encontra em formas mais primitivas do ponto de vista da filosofia crítica, cabe aos intelectuais da academia que se dizem comprometidos com a mudança social fazerem da sua teoria uma ação prática engajando-se organicamente no seio das massas como uma espécie de “experimentadores históricos” de suas concepções, vindo a constituir-se de fato intelectuais orgânicos aos grupos subalternos e cumprindo o seu papel de organizadores e difusores de uma hegemonia proletária.

Cabe lembrar que, de acordo com Gramsci, o intelectual orgânico no interior das classes subalternas na (e através de) sua práxis social revolucionária deve ter em mente que “para todo movimento cultural que pretenda substituir o senso comum e as velhas concepções de mundo em geral” (GRAMSCI, 1995, p. 27) estão postas as seguintes necessidades:

1 - não se cansar jamais de repetir os próprios argumentos (variando literariamente a sua forma): a repetição é o meio didático mais eficaz para agir sobre a mentalidade popular; 2 - **trabalhar incessantemente** para elevar intelectualmente as camadas populares cada vez mais vastas, isto é, **para dar personalidade ao amorfo elemento de massa o que significa trabalhar na criação de elites de intelectuais de novo tipo, que surjam diretamente da massa e que permaneçam em contato com ela para tornarem os seus sustentáculos**. Esta segunda necessidade, quando satisfeita, é a que realmente modifica o “panorama ideológico” de uma época (GRAMSCI, 1995, p. 27, **grisso nosso**).

Ao que nos parece essas idéias também embasaram os caminhos escolhidos pelos movimentos sociais brasileiros da década de sessenta, haja vista o grande número de iniciativas dos universitários em projetos de educação popular, a exemplo dos Centros Popular de Cultura, Movimentos de Educação de Base, que infelizmente tiveram seu fim precocemente acelerado pela tomada do poder político pelos militares (ver FÁVERO, 1983).

Seriam essas boas indicações daquilo que nós pesquisadores (especialmente os da área educacional), podemos realizar em nossa atividade prática social no interior das comunidades, associações, organizações não-governamentais e movimentos sociais, organizações que têm ganhado espaço na dinâmica societária da atualidade. Se a população engajada nos diversos tipos de associações voluntárias não tem tido acesso ao conhecimento filosófico-reflexivo ou dele não faz uso, nós (pesquisadores) o temos e mais, poderemos articular-nos junto a esses movimentos, não os negando, mas somando aos mesmos nossa visão de mundo e aprendendo a sentir com as massas os problemas concretos que elas vivem em seu cotidiano, até o ponto de fazer-nos sentir o que as massas sentem e elas pensarem o que nós sabemos. Eis o desafio da educação para a transformação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho procurou tomar os estudos bibliográficos que evidenciam o panorama da questão social e as formas de intervenções sócio-comunitárias emergentes no atual contexto histórico não só como referencial teórico, mas também como pano de fundo para a realização da pesquisa de campo na comunidade do Jardim Europa em Santa Bárbara D'Oeste.

Reiteramos que, nossa concepção teórico-metodológica esteve assentada sob os estudos marxistas, especialmente os ensinamentos de Gramsci. Assim, as principais categorias que nortearam nossa reflexão foram elencadas no capítulo primeiro, (quais sejam: sociedade civil, intelectual orgânico, hegemonia, totalidade concreta, dialética), a partir destas nos foi possível apresentar as análises e propostas.

A dinâmica descrita neste trabalho nos proporcionou algumas reflexões relevantes, e penso que estimulará igualmente àqueles que se interessam pela temática.

Destacamos neste movimento a complementaridade dialética entre o referencial teórico utilizado e o trabalho de pesquisa de campo. De modo que as indicações iniciais sobre o cenário da questão social e suas características na atualidade puderam ser ratificadas empiricamente durante o trabalho de pesquisa.

Percebemos que as intervenções sociais realizadas na comunidade constituem-se como estratégias de enfrentamento da exclusão, da pobreza, de gerenciamento de conflitos, entre outras de apaziguamento das desigualdades sociais ocasionadas pelo sistema capitalista, que busca garantir as condições para a reprodução ampliada do capital neste início de milênio.

Os conflitos sócio-históricos-comunitários evidenciados na compilação dos dados quantitativos e qualitativos na realidade a partir do recorte que fizemos, e, citados em quase todos questionários/entrevistas, informam que a população não tem tido acesso satisfatório aos bens e serviços públicos. E, as dificuldades mais citadas estão concentradas em áreas primordiais à boa qualidade de vida, a saber: saúde, educação, segurança, seguidas de outras.

Com isso, verificamos que a política neoliberal de fato impera sob a égide do arrefecimento da ação do Estado, que por sua vez, entrega a população à mercê do mercado ou até mesmo cria algumas estratégias pontuais que, visam tão somente a compensação da miséria através de programas governamentais que simplesmente contribuem para o desaquecimento dos conflitos sociais e desarticulação da sociedade em torno da consciência de classe.

A população para sobreviver neste complexo contexto societário, busca soluções individuais que não raramente apelam ao voluntarismo e ao assistencialismo de possíveis programas locais - que se apresentam como uma forma de enfrentamento dos problemas apontados.

Então, as intervenções observadas no contexto societário pesquisado, não podem ser nomeadas como intervenções sócio-comunitárias, mas apenas como intervenções comunitárias, dado o teor de sua dinâmica e restrição de

seu alcance. As mesmas, primariamente se mostraram paliativos momentâneos, caracterizadas pela descontinuidade e desarticulação entre os sujeitos sociais que as implementam e delas usufruem.

De fato as intervenções comunitárias tal qual descrevemos neste trabalho, apóiam-se sob o tripé que identificamos da seguinte maneira: a) caracterizam-se por serem atividades produtivas ou de apoio material; b) por serem atividades de lazer; c) ou ainda por serem atividades relacionadas à espiritualidade humana. São, portanto, atividades que não possuem caráter transformador, não têm alcance social universal, pois não são implementadas em torno da consciência de classes, constituindo-se por isso mesmo, em intervenções de caráter comunitário. A este tipo de organização, Noronha prefere denominar como sendo “comunitarismo”. Atente sobre o que ela nos alerta:

A nova forma de orientação produtivista articulada à reforma do capitalismo globalizado [que] tende à reduzir o sócio-comunitário ao movimento identificado como “comunitarismo” [...] O “comunitarismo” apesar de sua proposta “integradora” acaba sendo afinado com o pensamento pós-moderno que considera que a realidade é fragmentária e, portanto, acessível apenas a “conhecimentos” fragmentários em que **o sujeito é reduzido a identidades coletivas**, vivendo em permanente recriação de si mesmo, reunido em “grupos de identidades”, “tribos” e “guetos”. **Esta situação impede que ele se reconheça como sujeito histórico capaz de empreender ações coletivas em prol da emancipação humana geral dentro de um projeto universalista.** Esse impedimento de se reconhecer como sujeito coletivo (como classe social e não como indivíduo – como propõe Marx, Engels, Lênin e Gramsci), **implica na consideração da “morte do homem”, de sua eliminação como sujeito e como objeto e, portanto, da “morte da história”** como propõe os neoconservadores (NORONHA, 2006a, pp. 87, 88, **grifo nosso**)

O público beneficiário das ações interventivas são, em maior parte, pessoas pertencentes às classes sócio-econômicas baixas. Elas procuram apoio nas instituições pesquisadas para melhorar suas condições de existência, seus objetivos são bem restritos e não aspiram compromissos

éticos políticos universalistas. O que novamente nos leva a caracterizarmos essas intervenções como sendo comunitárias, ou nas palavras de Noronha, como simples comunitarismo.

As ajudas à população são oferecidas por meio dos programas que são caracterizados seja pelo oferecimento de cursos de formação que enseje uma possibilidade de desenvolver uma atividade produtiva para gerar renda para a família, seja num espaço público onde possam ter alguma opção de lazer, prática esportiva, entretenimento ou nos programas religiosos, que além do apoio material oferecem também palavras de ânimo e conforto espiritual àqueles que já não têm esperanças para continuar a batalhar pela sua subsistência; Conforme já explicitamos, são estas características que compõem o tripé das intervenções comunitárias.

Um dos aspectos educativos marcantes nas intervenções comunitárias observadas, encontra-se nas entrelinhas das ações, qual seja, educar a população para um tipo de sociabilidade que está assentada nos parâmetros burgueses. Ações estas que tendem a cooptar indivíduos da sociedade não por meio de ensinamentos e ações politizadas que busquem de fato o fortalecimento e a representatividade dos interesses de classes - que em sua maioria causam conflitos e dissensos não desejados, especialmente pelos que estão no poder, mas agregam individualmente as pessoas a partir do discurso do voluntariado, solidariedade e atitudes que engendrem a coesão social, a manutenção do *status quo* vigente.

No entanto, estas mesmas intervenções comunitárias também trazem em sua dinâmica um outro aspecto educativo de suma importância, qual seja: a possibilidade de educar a população para conhecer a própria realidade e

identificar-se como classe, de forma a construir as condições necessárias para a verdadeira transformação das estruturas sociais globais.

Ao estarem reunidos com o mesmo propósito, identificados em situações concretas idênticas, lançamos a hipótese de que estas pessoas têm a possibilidade de, num dado momento, transcenderem estas particularidades e alcançarem uma consciência de classe, de modo a poderem se organizar em torno de causas mais universais, logrando assim uma transformação que tenha por meta a mudança das causas estruturais que ocasionam as dificuldades materiais que enfrentam enquanto sujeito social coletivo.

Desta forma, identificamos que faltam nas iniciativas apuradas a presença de intelectuais orgânicos comprometidos com a organização e construção coletiva de novas forças sociais, de modo que se tornem hábeis à realização do exercício crítico e a mobilização em torno de questões universais e globais.

Está posto para nós, portanto, o desafio de cooptar as pessoas já envolvidas em práticas comunitárias como as descritas anteriormente e iniciar um diálogo em busca do estabelecimento de estratégias de intervenção de fato “sócio-comunitária”, que vise não apenas a resolução de problemas locais, mas a organização destes mesmos sujeitos enquanto força social na forma de intelectuais orgânicos comprometidos com a transformação.

Eis a nossa utopia engendrada no “pessimismo da inteligência e otimismo da vontade”, como já repetia o filósofo sardenho que, sabiamente nos alertara a articular dialeticamente nossa concepção de mundo com uma ética correspondente por meio de uma práxis transformadora, contextualizada e historicizada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, R & POCHMANN, M (org.) **Atlas da exclusão social no Brasil**.

Vol.2. São Paulo: Ed. Cortez, 2003.

ANDERSON, Perry. **Balanço do neoliberalismo**. *In*: Pós-Neoliberalismo: as políticas sociais e o estado democrático. Emir Sader (org). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

BAENINGER, Rosana; GONÇALVES, Renata Franco de Paula. **Novas Espacialidades no Processo de Urbanização**: A Região Metropolitana de Campinas. 2000. Disponível em:

http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/migt11_3.pdf

[Acessado em 01/10/2007].

BERGER, Christa. Dos **Movimentos sociais e das organizações não governamentais** – a esperança dos excluídos. Texto apresentado no Encontro da Fundação Walter Benjamin, em Buenos Aires, setembro/1999, publicado na revista *Constelaciones de la Comunicación*, ano I, número 1, septiembre de 2000, Buenos Aires. Disponível em <http://www.versoereverso.unisinos.br/index.php?e=8&s=9&a=65> [Acessado em 28/01/2008].

BIANCO, Jessyr Americana. **Edição histórica**. Americana: Editora Focus, 1975.

BORBA, Marcelo C. **A pesquisa qualitativa em educação matemática.** Programa de Pós-Graduação em Matemática. Rio Claro: UNESP. Publicado em CD nos Anais da 27ª reunião anual da Anped, Caxambu, MG, 21-24 Nov. 2004. Disponível em: <http://ns.rc.unesp.br/igce/pgem/home/frames/downloads/artigos/borba/minicurso-borba.doc> [Acessado em 15/11/2007].

BORGES, Maria Célia; DALBERIO, Osvaldo. **Aspectos metodológicos e filosóficos que orientam as pesquisas em educação.** Revista Iberoamericana de Educación, nº 43/5, 25 de julho de 2007. p.1-10. Disponível em: <http://rieoei.org/deloslectores/1645Borges.pdf> [Acessado em 17/10/2007].

BRASIL. Lei nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993. **Lei Orgânica da Assistência Social [LOAS].** Dispõe sobre a organização da Assistência Social e dá outras providências. Brasília (DF): Diário Oficial da República Federativa do Brasil; 8 dez. 1993. Disponível em <http://www.planalto.gov.Br/CCIVIL/Leis/L8742.htm> [Acessado em 10/12/2006].

BRASIL. Lei nº 8.069 de 30 de julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente [ECA].** Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L8069.htm> [Acessado em 10/05/2000].

BRANDÃO, André Augusto. **Liberalismo, neoliberalismo e políticas sociais.**
In: Revista Serviço Social e Sociedade, nº 36, ano XII, agosto/1994, pp. 84 –
100.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A pergunta à várias mãos:** a experiência da
pesquisa no trabalho do educador. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. **Repensando a pesquisa participante.** São
Paulo: Brasiliense, 1999, pp. 07-14.

CAMARGO, Mariângela Franco... [et.al]. **Gestão do Terceiro Setor no Brasil –**
estratégias para captação de recursos para organizações sem fins lucrativos.
São Paulo: Futura, 2001.

CHIZZOTTI, Antonio. **A pesquisa qualitativa em ciências humanas e**
sociais: evolução e desafios. Revista Portuguesa de Educação, vol.16, nº002,
Universidade do Minho, Braga, Portugal, 2003. pp.221-236. Disponível em:
<http://redalyc.nx/redalyc/pdf/374/37416210pdf> [Acessado em 17/10/2007].

_____. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais.** São
Paulo: Cortez, 1991.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Gramsci:** um estudo sobre seu pensamento
político. Rio de Janeiro, Campus: 1992.

DAGNINO, Evelina. **Sociedade civil, participação e cidadania: de que estamos falando?** In: Daniel Mato (coord.), Políticas de cidadania y sociedad civil em tiempos de globalización. Caracas: FACES, Universidade Central de Venezuela, pp. 95 – 110. Disponível em: <http://www.globalcult.org.ve/pub/Rocky/Libro2/Dagnino.pdf> [Acessado em 10/04/2007].

DAMASCENO, Heliton; CAMARGO, Ilza Luiz dos Santos. **Saúde como direito nas Unidades Básicas de Saúde em Santa Bárbara D'Oeste – S.P:** Perspectivas e Desafios, Centro Universitário Salesiano de São Paulo, Americana – SP, 2005.

DRAIBE, Sônia & HENRIQUE, Wilnês. **“Welfare State”, crise e gestão da crise:** um balanço da literatura internacional. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, nº 06, 1988; ANPOCS - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. Disponível em: http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_06/rbcs06_04.htm [acessado em 15/11/2007]

DUARTE, Rosália. **Pesquisa qualitativa:** reflexões sobre o trabalho de campo. Cadernos de Pesquisa, nº 115, março de 2002, p.139 –154. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n115/a05n115.pdf> [Acessado em: 17/10/2007].

FÁVERO, Osmar (org). **Cultura popular e educação popular.** Rio de Janeiro, Edições Graal, 1983.

FERNANDES, Rubem César. **Privado porém público**: o terceiro setor na América Latina. Rio de Janeiro: Relume-Damará, 1994.

FRANCO, Maria Laura P. Barbosa e MARTINS, Ângela Maria. **Do contexto ao texto**. In: *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas,, No. 100, março 1997.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A formação e a profissionalização do educador**: novos desafios. In: *Escola S.A.* Tomaz Tadeu da Silva e Pablo Gentili (orgs) Brasília: CNTE, 1996.

GADOTTI, M. **O MOVA – SP**: Parceria entre Estado e Movimentos Populares. Instituto Paulo Freire, Universidade de São Paulo, sem data. Disponível em: http://www.paulofreire.org/Moacir_Gadotti/Artigos/Portugues/Educacao_Popular_e_EJA/MOVASP_Parcerias.pdf [Acessado em 10/01/2008]

GARCIA, Valéria Aroeira. **Educação não-formal**: um mosaico. In: *Palavras-chave em educação não-formal*. PARK [et.al...] orgs. São Paulo: Editora Setembro; UNICAMP/ CMU, 2007. pp. 29 - 52

GENTILI, Pablo (Org.). **Pedagogia da Exclusão**: crítica ao neoliberalismo em educação. Trad. de Vânia Paganini Thurler e Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: Vozes, 7ªed. 2000

GONH, Maria da Glória. **Educação não-formal e cultura política**: impactos sobre o associativismo do terceiro setor. São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção Questões de Nossa Época, vol. 71).

_____. **Educação não-formal na Pedagogia Social**. In: I Congresso Internacional de Pedagogia Social, 2006, FE/USP. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000092006000100034&lng=em&nrm=abn [Acessado em 14/11/2007].

GRACIOLLI, Edílson José. **Responsabilidade social empresarial**: “Terceiro Setor” ou aparelho de hegemonia?. Comunicação no 4º Colóquio Marx e Engels, 8 a 11 de novembro de 2005. Cemarx Unicamp.

GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da história**. Trad. Carlos Nelson Coutinho, 10ª ed. R.J: Civilização Brasileira, 1995.

_____. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Trad. De Carlos Nelson Coutinho, 9ª ed. R.J: Civilização Brasileira, 1995b.

GROPPO, Luiz Antonio, MARTINS, Marcos Francisco. **Introdução à pesquisa em educação**. 2ª ed. Piracicaba: Biscalchin Editor, 2007.

HABERMAS, Juergen. **A nova intransparência**: A crise do Estado de Bem-Estar Social e o esgotamento das energias utópicas. 1987.

HOBBSAWN, E. **Era dos extremos**: o breve século XX – 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JACOB, Cesar Romero. A diversificação religiosa. **Estudos avançados**, São Paulo, v.18, nº 52, 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n52/a02v1852.pdf> [Acessado em: 16/10/2007].

JAKOBSEN, Kjeld; MARTINS, Renato e DOMBROWSKI, Osmir (orgs.) Colaboração de SINGER, P & POCHMANN, M. **Mapa do trabalho informal**: perfil socioeconômico dos trabalhadores informais na cidade de São Paulo. 1ª ed. S.P: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000.

KONDER, Leandro. **O que é dialética**. São Paulo: Brasiliense, 10ª ed, 1984.

_____. **Marx**: vida e obra. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2ª ed. 1974.

KOSIK, Karel. **Dialética do Concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1976.

LÊNIN, V. I. **As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo**. Obras Escolhidas. São Paulo, Alfa-ômega, 1979, pp. 35 - 39.

LUKÁCS, Georg. **A consciência de classe**. Extraído de História e Consciência de classe. Editora PCUS, 1960. Disponível em: <http://www.culturabrasil.pro.br/download.htm> Acessado em 27/11/2007].

MARIANO, Ricardo. **Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal.** São Paulo, v. 18, nº 52, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n52/a10v1852.pdf> . [Acessado em 16/10/2007].

MARTINS, Marcos Francisco. **Ensino técnico e globalização: cidadania ou submissão?** Campinas, S.P. Autores Associados, Coleções Polêmicas do nosso tempo, 2000 (a).

_____. **Sociedade Civil e “Terceiro Setor”:** apropriações indébitas do legado teórico-político de Gramsci. 1º Colóquio de Educação Sócio-Comunitária, UNISAI, 2000 (b).

_____. **Educação sócio-comunitária em construção.** 2º Colóquio de Educação Sócio-Comunitária, UNISAL, 06/2006 (a).

_____. **Educação, sociedade e comunidade:** reflexões críticas sobre as práticas educativas do “Terceiro Setor”. Revista de Ciências da Educação, Ano 08, nº 15 - 2º semestre/2006b: UNISAL. pp.61-80.

_____. **Escola e comunidade:** mapeamento de suas inter-relações observadas em instituições públicas da região de Americana. UNISAL, mimeo.

_____. **O valor pedagógico e ético-político do conhecimento para a “filosofia da transformação” de Gramsci sua relação com o marxismo originário.** Faculdade de Educação da Unicamp, 2004 (Tese de doutorado)

_____. **A educação é o elemento necessário, mas não suficiente, na disputa pelo poder.** Entrevista concedida à Revista On-Line do Instituto Humanitas Unisinos (IHR), em 13/08/2007. Disponível em: www.unisinos.br/ihuonline/index.php?optino=com_tema_capa&Itemid=23&task =... [Acessado em 05/09/2007].

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. Teses sobre Feuerbach. *In: Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã.* Estugarda, 1888, pp. 69-72. Disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/marx/1845/tesfeuer.htm#topp> [Acessado em 14/11/2007].

_____. **A ideologia alemã.** 1845-1846. (Disponível em: http://educoteca.acervo.goolepages.com/marx_a_ideologia_alema.pdf Acessado em 27/11/2007).

_____. **A Ideologia alemã.** Portugal: Presença, sd, 2v.

MONTAÑO, Carlos. **Terceiro setor e a questão social:** crítica ao padrão emergente de intervenção social. São Paulo, Cortez, 2002.

NETO, Francisco Quintanilha Veras. **O Terceiro Setor, reorganização autogestionária da sociedade civil ou neoliberalismo disfarçado?** Paraná: UniBrasil, Revista Crítica Jurídica, nº18, Mar/2001. Disponível em: <http://www.unibrasil.com.br/asite/publicacoes/critica/18/N.pdf> [Acessado em 15/11/2007]

NEVES, Lúcia Maria Wanderley (org.) **A nova pedagogia da hegemonia – estratégias do capital para educar o consenso.** São Paulo, Xamã, 2005.

NOGUEIRA, Marco Aurélio. **Sociedade civil, entre o político-estatal e o universo gerencial.** Rev. bras. Ci. Soc., S.P. v.18, n.52, 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010269092003000200010&lng=pt&nrm=iso. [Acesso em: 08/11/ 2006].

_____. **Gramsci desembalsamado:** em torno dos abusos do conceito de sociedade civil. Revista Educação em Foco. Universidade Federal de Juiz de Fora, v.5, nº 2, p.115-130.

NORONHA, O. M. **Vivência práxis:** relações dialéticas. In: *Para Aprender no Ato. Técnicas dramáticas na educação.* Luzia Mara Silva Lima/Ilígia Pizzolante Liske (orgs) São Paulo: Editora Agora, 2004.

_____. **Ensaio sobre a práxis como categoria central para o entendimento da educação sócio-comunitária.** UNISAL, 2006a (mimeo). Publicado na Revista de Ciências da Educação, Ano 08, nº 14 – 1º semestre/2006, pp. 59-130.

_____. **Práxis e educação:** possibilidades históricas de mediações educativas transformadoras. Texto Inédito, UNISAL, 2006b.

_____. **Políticas neoliberais, conhecimento e educação.** Campinas, SP, Alínea, 2002 (Educação em Debate).

OLIVEIRA, Catarina T. F. & FERREIRA, Zoraia N. D. **Os movimentos sociais na rede**: Produção de notícia e valorização de sujeitos. Publicação Acadêmica de Estudos sobre Jornalismo e Comunicação, USP, Ano V, nº 9, dezembro/2007. Disponível em: http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/artigos9_b.htm [Acessado em 28/01/2008].

OLIVEIRA, Rosiska & OLIVEIRA, M. Pesquisa Social e Ação Educativa: conhecer a realidade para poder transformá-la. *In: Pesquisa participante*. [org. BRANDÃO, C. R]. 7ed. São Paulo, Brasiliense, 1988, pp. 17-33.

PAOLI, Maria Célia. **Empresas e responsabilidade social**: os enredamentos da cidadania no Brasil. *In: SANTOS Boaventura de Souza (org). Democratizar a Democracia: os caminhos da democracia participativa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, Capítulo 8, pp. 373 – 418.

PARK, Margareth B; FENANDES, R. S; BORBA, P.L.O e FRANCO, M.M. **Voluntariado, Categoria Trabalhista? Reflexões e Provocações**. Revista de Ciências e Educação. Ano 08, nº 15 – 2º sem/2006. pp. 93-130

PAMPLONA, Marco Antonio V. **A questão escolar e a hegemonia como relação pedagógica**. *In: Cadernos do CEDES – Centro de Estudos Educação e Sociedade*. Cortez Editora/ CEDES/ Autores Associados, nº 3.

POCHMANN, Márcio. **Desafios atuais do sindicalismo**. *In: Sindicatos y nuevos movimientos sociales en América Latina*. Enrique de la Garza Toledo

(org). Colección Grupos de Trabajo de CLACSO, pp. 163 – 179 Disponível em:
<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/grupos/sindi/pochmann.pdf>.

[Acessado em 20/01/2008].

SECCO, Lincoln **Gramsci e o Brasil: recepção e difusão de suas idéias**. São Paulo, Cortez, Coleção Questões de Nossa Época; v.94,2002.

SEMERARO, Giovanni. **Anotações para uma teoria do conhecimento em Gramsci**. Revista Brasileira de Educação, jan-abr.; nº 016. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. São Paulo, 2001. pp. 95-104. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/275/27501610.pdf>
[Acessado em 19/11/2007]

_____. **Da sociedade de massa à sociedade civil: a concepção da subjetividade em Gramsci**. Revista Educação & Sociedade, ano XX, nº 66, Abril/99, pp. 65 – 83. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v20n66a3.pdf> [Acessado em 15/10/2007]

_____. **Gramsci e a Sociedade Civil: cultura e educação para a democracia**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1999b.

_____. **Intelectuais “orgânicos” em tempos de pós-modernidade**. Caderno CEDES, vol. 26, nº 70, Campinas, set/2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci> [Acessado em 09/01/2008]

SIMIONATTO, Ivete. **O social e o político no pensamento de Gramsci**. Disponível na página *Gramsci e o Brasil*. ano 1997. Disponível em: www.acesa.com/gramsci/?page=visualizar&id=294 [Acessado em 08/01/2008]

SOARES, Rosemary D. **Gramsci, o Estado e a escola**. Ijuí (RS): Editora Unijui, 2000.

TELLES, Vera da Silva. A “nova questão social” brasileira. In_____. **Pobreza e cidadania**. São Paulo: USP ed. 34, 2001, pp139-166.

VÁZQUEZ, Adolfo S. **Filosofia da práxis**. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

WOOD, Ellen M. **O que é a agenda “pós-moderna”?** In: *Em defesa da história: marxismo e pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1999.

YASBEEK, Maria Carmelita. **Terceiro Setor e a despolitização da questão social brasileira**. Revista INSCRITA, do Conselho Federal de Serviço Social CEFESS, nº 6 (julho de 2000).

Sites acessados:

<http://www.escoladafamilia.sp.gov.br/> [Acessado em 01/05/2007; 14/10/2007].

<http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L8069.htm> [Acessado em 10/05/2006]

<http://senna.globo.com/> [Acessado em 02 de julho de 2007]

<http://www.superacaojovem.org.br/game/oquee.asp> [Acessado em 02 de julho de 2007]

http://www.cidadao.sp.gov.br/servicos_final.php?cod_servico=1921 [Acessado em 25/07/2006]

<http://www.setor3.com.Br/senac2/calandra.nsf/0/238ED0o1C3228560803256C33006B38FE?OpenDocument&pub=T&proj=Setor3&séc=portal%20setor%203>
Acessado em 25/09/2007].

http://www.mds.gov.br/ascom/suas/normas_op_basica_suas.pdf [Acessado em 01/10/2007].

<http://www.mds.gov.br/suas/conheça> [Acessado em 01/10/2007]

<http://www.mds.gov.br/suas/publicacoes/pnas.pdf/view> [Acessado em 01/10/2007].

<http://www.mds.gov.br/programas> [Acessado em 01/10/2007].

<http://www.Campinas.sp.gov.Br/seplan/rmc/stbaroes.htm> [Acessado em 01/10/2007].

www.sp.gov.br/apresentacao/html [Acessado em 02 de outubro de 2007]

http://pt.wikipedia.org/wiki/Igreja_Batista [Acessado em 10/10/2007].

www.batistamemorial.org.br/sb.php. [Acessado em 10/10/2007]

http://www.portalbrasil.net/religiao_protestantismo.htm [Acessado em 10/10/2007]

<http://www.emplasa.sp.gov.br> [Acessado em 14/11/2007]

<http://www.planejamento.sp.gov.br/AssEco/textos/RMC.pdf> [Acessado em 14/11/2007]

http://pt.wikipedia.org/wiki/Regi%C3%A3o_Metropolitana_de_Campinas [Acessado em 14/11/2007]

http://pt.wikipedia.org/wiki/Santa_B%C3%A1rbara_d'Oeste [Acessado em 14/11/2007]

http://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_Civil_Americana#Refugiados [Acessado em 14/11/2007]

<http://www.babylon.com/definition/gospel/Portuguese> [Acessado em 14/11/2007]

http://pt.wikipedia.org/wiki/Gospel#Elvis_Presley_e_o_Gospel [Acessado em 14/11/2007]

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Estado-provid%C3%Aancia> [Acessado em 15/11/2007]

http://www.psdb.org.br/realizacoes/realizacao_programa.asp?id=2140&realizacao=estadual [Acessado em 20/11/2007]

<http://www.desenvolvimentosocial.sp.gov.br/social/materia.asp?id=302> [Acessado em 21/11/2007]

www.institutopnbe.org.br/website/artigo.asp?cod=1856&idi=1&moe=76&id=368
4 [Acessado em 22/11/2007]

ANEXOS

ANEXO 1: Modelo do Questionário aplicado aos gestores das instituições que realizam intervenções sócio-comunitárias

I - Levantamento das organizações que têm intervenção na região do Jardim Europa:

Questionário - (para o gestor responsável pela instituição).

1. Nome:

Formação

Reside em qual região:

2. Qual é o nome da Organização?

3. Endereço:

4. Telefone da Instituição / Outros Contatos:

5. Quais são os principais tipos de intervenção social que fazem?

✓ Em caso de terem intervenções educativas,

a) quais são elas;

b) quais os objetivos de cada uma delas;

c) qual o público atingido em cada uma delas;

d) qual a estrutura físico-material e humana que dispõe cada uma delas, (qual espaço físico é utilizado, quais materiais têm disponíveis e como

adquiriram, quais pessoas estão envolvidas na execução, de onde provem os recursos financeiros);

e) quantas pessoas participam diretamente dessas atividades;

f) qual o tipo de relação que essas pessoas têm com a organização (são remuneradas ou voluntárias)?

g) nome dos responsáveis pela elaboração e execução dos projetos, se possível contatos;

h) se conhece outra organização social que tem atuação na região do Jardim Europa. Caso conheça, há algum tipo de contato com as mesmas (como? através de quem?).

6) Principal dificuldade que enfrenta no bairro. Liste em ordem de importância sendo a de nº. 1 a mais importante e a de nº. 5, a menos importante:

- 1.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

7) O que você imagina que poderia ser feito para a população da região ter melhores condições de vida e de trabalho. Liste em ordem de importância as 5 que você considera mais relevante.

- 1.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

Data: ____ / ____ / ____.

ANEXO 2: Modelo do Questionário aplicado aos usuários das intervenções sócio-comunitárias

II - Das necessidades que a comunidade apresenta

a . sobre a definição de amostra: identificar um grupo de pessoas ligadas a cada uma das organizações sociais que têm atuação no bairro. Até 5 pessoas (adolescentes de 12 a 18 anos, segundo o ECA – artigo 2º) nas organizações não escolares e até 10 nas escolas.

Questionário

1. Nome:

2. Bairro onde mora:

3. Participa de qual entidade que atua na região do J Europa:

4. Idade:

12 13 14 15 16 17 18

5. Escolaridade:

fundamental incompleto;

fundamental completo;

médio incompleto;

médio completo;

6. Salário familiar

até 1 salário mínimo (R\$ 350,00 aproximadamente);

- () até 3 salários mínimos (R\$ 1050,00 aproximadamente);
- () até 5 salários mínimos (R\$ 1750 aproximadamente);
- () até 10 salários mínimos (R\$ 3500,00 aproximadamente);
- () mais de 10 salários mínimos;

7. Principal dificuldade que enfrenta no bairro. Liste em ordem de importância sendo a de nº. 1 a mais importante e a de nº. 5, a menos importante:

- 1.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

8. O que você imagina que poderia ser feito para você ter melhores condições de vida e de trabalho. Liste em ordem de importância as 5 que você considera mais relevante.

- 1.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

9. Caso precise de mais informações poderia contatar através de:

Data ___/___/___

ANEXO 3: Roteiro das entrevistas realizadas com moradores

1. Nome.
2. Local onde reside.
3. Conte-me um pouco da história do bairro.
4. Quais as principais dificuldades que encontra no bairro.
5. O que poderia ser feito para melhorar a vida no bairro.

ANEXO 4: Transcrição das Entrevistas e Questionários**Entrevista: Senhora Wilma.**

(P)⁵⁹ – Senhora Wilma, você mora neste bairro há quanto tempo?

(E) Ih faz muito tempo, quando eu vim de Andradina (interior de São Paulo) para cá a Tânia e o Jaime era assim ... (gesticula mostrando o tamanho) (referia-se à filha). Isso foi em 75.

(P) Por quais motivos vocês vieram para cá?

(E) Ah, tinha uns conhecidos de Andradina que tinham vindo para esses lados aqui e conseguiram arrumar emprego nas usinas e nós viemos também para trabalhar. Compramos um terreninho aqui no Europa e começamos a construir nossa casa. As minhas crianças era tudo pequenininha...

(P) Como era o bairro na época?

(E) - Antigamente, aqui tinha vários barracos, ali pra baixo era igual uma favela. Uma meninada toda suja, nas ruas, uma pobreza muito grande. A gente passava perto e acabava levando as coisas para eles, ajudava as famílias que também chegavam, fazia amizades.

Hoje tá bem diferente, foi melhorando... onde tinha os barracos, tem a praça e o Centro Comunitário...Quando os meus meninos ficaram maior eles gostavam de descer para um pomar que tinha e ficar brincando, correndo... para eles era um divertimento.

(P) Hoje como é a sua vida aqui no bairro?

⁵⁹ Utilizamos “P” para designar as falas da pesquisadora e “E” para os entrevistados.

(E) Melhorou bastante. Hoje tem asfalto, tem a escola perto, tem a loja, farmácia, tudo que a gente precisa tem aqui perto. Mas isso foi melhorando depois que os moradores se juntaram para pedir pro prefeito trazer esse atendimento para nós. A associação de moradores formou um grupo, eu fazia parte, a gente andava atrás das coisas para o bairro. Você procura o Nonato, ele conhece bem a história daqui... Ele foi um que ajudou bastante.

(P) A senhora tem o endereço dele? Telefone? Eu acho que vou procurá-lo para conversar também.

(E) Sim... ele mora ali na rua atrás da loja do Tião, depois eu posso te mostrar...

(P) Quais as dificuldades que a senhora acha que o bairro tem atualmente?

(E) O postinho. A gente é muito humilhada. Tá vendo esse braço aqui (mostra o braço) eu não agüento com ele, isso quando pega a doer eu sofro demais... Esses dias, deixa eu ver, uns quinze dias atrás, precisei ir lá no postinho ia pedir pro médico olhar, passar algum remédio....pensa que eles atende a gente? Não tem médico. Tá um caos aquilo ali ... a moça mandou eu voltar no outro dia ainda para marcar uma consulta mas avisou que só tinha pro fim do mês de setembro...Aí eu falei, moça até lá eu vou morrer com essa dor, meu braço tem que cair pra vocês atender (?!)...aí não adianta (!)

Ela falou pra ir pro Afonso Ramos (hospital municipal), que emergência é lá. Mas a gente chega lá é pior ainda ... (pausa, os olhos dela marejam e a voz embarga ...então retoma a conversa) ... e até chegar lá?!

O ônibus aqui é uma dificuldade só ... olha é mais fácil ir para Americana do que para Santa Bárbara, por isso, todo mundo só faz negócios em Americana... nós somos a parte esquecida da cidade. O prefeito não lembra da gente deste

lado de cá não.... só nas eleições... A gente procura o postinho daqui não atende...depois temos que ficar correndo atrás dos serviços públicos de Americana, mas se descobrem que a gente é de outra cidade, não atendem. Daí muitas vezes tem que mentir, dar o endereço de um amigo ou conhecido de Americana para ser atendido ali

Sabe o que eu fiz? Peguei o endereço da minha filha que mora aqui do lado, mas é Americana, e fui pro postinho do Gramado (bairro vizinho, só que de Americana), lá eles me atenderam bem, graças a Deus... tomei injeção, o médico passou remédio. Se não, eu tava aí na fila até hoje.

(P) Então suas dificuldades aqui no bairro são essas?

(E) É, o postinho e os ônibus ... o resto até que tem. As escolas tão aí, tem uns programas da terceira idade ali no Centro Comunitário, às vezes eu vou... a gente distrai um pouco, mas ultimamente eu dei uma parada. Eles inventaram dança, umas coisas que eu não gosto, aí dei uma parada. Também quando a gente vai pegando idade não muita coragem de sair de casa...tem as doenças de velho...Mas eu comecei a ir pra escola de noite...tô aprendendo a 3ª série. Eu perguntei pra professora se eu ainda aprendia e ela disse que nunca é tarde demais pra aprender, a gente aprende a vida todadaí eu to indo.

(P) Que bom dona Wilma, é isso mesmo. Continue indo à escola se a senhora está gostando. Com certeza você vai aprender muita coisa, fazer amizades... Mas muito obrigada pelas suas informações. Qualquer coisa, volto a te procurar pra gente conversar mais, viu?

Entrevista: Senhora Maria Vianna

(P) Senhora Maria, faz quanto tempo que a senhora mora aqui?

(E) Faz trinta e um anos, cheguei em agosto de 76. Ta vendo a escola Matarazzo? Então, tava fazendo alicerce, faz um tempão. Os meus filhos iam estudar lá no Ipiranga (em Americana), os professores vinham tudo de Piracicaba.

(P) De onde a senhora veio?

(E) Nós viemos de Vicentina, em Mato Grosso do Sul.

(P) Como vocês descobriram o Jardim Europa?

(E) Tinha uma irmã que morava no Mollon e eu vim visitar e gostei. O meu cunhado me trouxe pra conhecer o bairro que era novo. Aí fomos atrás da Caixa e fizemos o financiamento da casa.

(P) Quando vocês chegaram aqui como vocês tocaram a vida?

(E) Meu marido conseguiu entrar na prefeitura para ser varredor de rua. Ele não sabia fazer muita coisa porquê lá no Mato Grosso a gente era tudo da roça. Minhas filhas mais velhas foram trabalhar de doméstica e a outra em serviço em confecção. Eu comecei a costurar. E assim foi...

(P) Como era o bairro nesse tempo?

(E) Aqui era só matagal, favela e mato.... barro, um lugar que parecia roça. Tinha um pomar de laranja ali pra baixo e o resto era mato mesmo. Era uma brigaiada do povo... não tinha quase nada. Mas a gente gostava porquê achava que ia conseguir melhorar aqui e sair da roça.

(P) Quais os problemas que a senhora acha que o bairro tem hoje?

(E) O pior deles é o vandalismo na rua, falta policiamento. A gente vê essa molecada que não tem o que fazer quebrando os telefones, pichando a rua ... aqui mesmo de noite, tem tanto barulho de pneu de carro, uns andam correndo aí em tempo de se matar e matar a gente.

Depois tem o posto de saúde, que é péssimo. Só para marcar consulta demora mais de um mês. E depois tem o problema das escolas que precisam melhorar os professores. Os meus netos não tão aprendendo bem. Fica lá o ano todo e termina, parece que não aprende direito... não lê direito, as professoras parece que não tão nem aí com isso.

(P) O que a senhora acha que poderia melhorar?

(E) O postinho de saúde. E ter um banco que funcionasse de acordo, o atendimento é fraco e não resolve tudo. Só paga conta de água, luz, telefone, deposita dinheiro. Mas se a gente precisar pegar mais dinheiro só no centro. Só deposita até 500 reais e pega até 1000.

(P) Dona Maria obrigada pela conversa e atenção(etc)

Data 04/07/2007.

Entrevista: Senhora Silvânia

(P) Quanto tempo você mora aqui no bairro?

(E) Faz 19 anos, eu cheguei aqui dia 15 de abril de 88. Minha vó me trouxe para morar com meu tio que morava no Gramado (bairro de Americana que faz divisa com o Jr Europa).

(P) De onde você veio?

(E) Eu vim de Ouro Verde (interior de São Paulo quase divisa com Mato Grosso). Eu cheguei e daí uns 15 dias fui trabalhar numa confecção de camisa chamada Luanto.

(P) Como era aqui há 19 anos atrás?

(E) Aqui era diferente assim, mais parado, mas já tinha mais coisa do que onde eu vinha então eu achava ótimo. Tudo tava bom, era melhor do que lá (risos).

(P) E hoje, o que você acha? Você vê dificuldades no bairro?

(E) Sim, muitas.

(P) Você lembra de alguma que pudesse me contar?

(E) O pior problema daqui é médico. Falta médico. Faz um mês e meio que eu marquei consulta pro meu filho ser atendido no clínico geral, ele vai ser atendido amanhã. Primeiro ele tem que passar com o clínico geral para ele dar uma guia para o especialista - é no oftalmologista que ele precisa passar. E aí ... só Deus sabe quando ele vai conseguir passar no oculista. Ele está tendo dores de cabeça e deve ser por causa da vista, pois já vimos e outras coisas não deram nada... Aqui o médico é muito demorado e não adianta ir no Afonso Ramos (hospital) que eles mandam a gente voltar pro postinho do bairro.

(P) Outro problema no bairro?

(E) Banco. Aqui não dá para pagar todas as contas e a gente tem que ir lá pra Americana. E falta também escola profissionalizante pros nossos filhos.

(P) O que você acha que poderia ser feito para melhorar?

(E) Deveria ter mais médico e um posto que atendesse 24 horas. Já não atende e quando você chega lá não tem médico. Morreu uma menina de 27 anos com início de infarto...chegou neste postinho, não tinha médico para socorrer e ela morreu... Deveria ter dentista bom. Consegui ser atendida por um dentista, ele fez curativo no meu dente e marcou para eu voltar 20 dias depois. Você já viu isso? Agora meu dente ta doendo e nada de conseguir atendimento antes da data marcada. É só isso, se melhorasse isso tava bom.

(P) Obrigadaetc.....

Data: 18/07/2007.

Entrevista: Senhora Miriam

(P) Faz quanto tempo que você mora aqui no bairro?

(E) Eu moro aqui desde os 6 anos de idade, hoje vou completar 38 ... faz trinta e uma anos moro aqui.

(P) Quais as principais dificuldades que você enfrenta no bairro atualmente?

(E) Na área da saúde. Pra você ver....meu filho ficou doente, tive que ir lá no centro, esperei o ônibus. Lá pediram para tirar um raio X. Mas a espera é muito grande, tinha 37 pessoas na minha frente, pra ser atendido no pronto socorro do centro para 1 médico atender. Aqui é a mesma coisa, fui pra lá, porque aqui nem encaixe consegui... consulta mesmo é só para 45 dias.

Eu também fiquei doente, e precisava só de um encaminhamento para atendimento em Americana, só para conversar com o médico e explicar demorou 3 meses.

O sistema de saúde ta um horror...daí você vê o quanto você não é valorizado. As pessoas te humilham...só para pedir um papel para ser atendido pela Unicamp esse tempo todo. É muita dificuldade, o duro é que eu preciso desse encaminhamento de um médico que atende no sistema público porquê eu já tenho cadastro na Unicamp e a médica de lá falou que me atende, só preciso levar o papel.

As escolas estão bem precárias... Meu filho mais velho ta no último ano lá no Laçava. Ele teve que ensaiar alguns dias para fazer um teatro no Manoel Lyra - porquê a escola ia fazer uma apresentação no teatro municipal, porquê ele esteve ausente nos períodos de ensaio não pegou matéria e foi mal nas provas. Eu não entendi nada, os próprio professores acham que ele é bom pro

teatro, pedem pra ele fazer depois não consideram um outro jeito de dar a prova, um trabalho...sei lá. Muitas vezes a escola não ajuda o aluno, quando eles querem segurar o aluno eles seguram...

Temos problemas com segurança. Falta segurança, isso é um problema de todos nós, não tem jeito mesmo...

(P) O que você acha que poderia ser feito para melhorar?

(E) Consertar tudo isso que eu falei, mas os governantes não tão nem aí pra gente...eu não acredito mais em nada....

(P) Obrigada pela sua participação na pesquisaetc

18/07/2007.

Entrevista: Senhor Nonato.

(P) Conte um pouco sobre sua vida pessoal, desde quando mora aqui...como era aqui, aquilo que se lembra...

(E) Eu cheguei aqui no Jardim Europa em 1976. Fui um dos primeiros moradores. Você sabe que, o Jd Europa foi o primeiro bairro da zona leste? Fui um dos primeiros que aqui cheguei, era muito diferente. Isso tudo aqui (gesticula apontado os entornos) era barro, ali pra baixo tinha um pomar de laranjas, não tinha essas casas, praticamente nada. Era um bairro novo, muita gente de fora chegando na região. A zona leste foi criada para não perder território para Americana (pausa).

(P) Como assim Sr. Nonato?

Foi assim... aqui era uma fazenda chamada São Sebastião, os proprietários venderam, lotearam mas queriam que o nome São Sebastião fosse lembrado. Então veio o padre Vítor e formou um a capela que levou o nome de São Sebastião, hoje é a paróquia que tem esse nome.

A maioria dos moradores que vieram para zona leste eram imigrantes do Paraná, Mato Grosso, interior de São Paulo. Vieram para fazer a vida. A família do Pico, Miranda, da Fligth Level ...vieram tudo desses lugares. (os nomes citados são de famílias de comerciantes do bairro, que vieram do interior de São Paulo, Paraná e outros lugares e no Jd Europa se destacaram como comerciantes).

Os comerciantes mais fortes do Jd Europa são exatamente alguns destes imigrantes que deram certo... Silva Magazine, Flight Level, Pico Modas, o

Miranda do material de construção, o Pague Menos começou aqui, com um mercadinho, foi a primeira loja ...hoje tem várias na cidade, em Americana, Nova Odessa ...

(P) Senhor Nonato, já que o senhor falou destas pessoas que deram certo, como o senhor vê o nível econômico dos demais moradores deste bairro?

(E) – Ah, o nível econômico da população aqui é mais baixo que dos bairros vizinhos, os aqui do lado de Americana é melhor. Mas aqui já melhorou muito ... Antigamente aqui chamavam de Califórnia... (pausa).

(P) PorquÊ? Como assim?

(E) Califórnia era o nome do clube aqui onde as pessoas iam dançar e lá tinham muitas brigas, então ficamos conhecidos como o bairro das pessoas do risca faca. Por qualquer coisinha as pessoas arrastavam uma faca ou qualquer outra coisa que servisse de arma para brigar.

Todo mundo tinha medo. A gente tinha até vergonha de falar que era daqui. As pessoas não falavam que a gente era do Jd Europa, mas do Califórnia, do risca faca, porquê era muito violento aqui.

Devido a estes problemas e a falta de policiamento e segurança a Associação de Moradores (SOAJE) - eu na época era o presidente, junto com a população e apoio dos comerciantes, conseguimos trazer a Base Comunitária de Segurança para cá, isso já em 97.

O índice de criminalidade caiu já no ano seguinte, cerca de 70%. (pausa).

(Ele pediu para esposa buscar uns recortes de jornais com notícias a respeito da movimentação do bairro, onde ele mais jovem aparece nas fotos ao lado de autoridades políticas. O senhor Nonato faz questão de mostrar sua militância na associação naqueles tempos ...).

Aquela Base de Segurança daqui, pertinho da praça sabe? Então, a gente é que mantém.

(P) Como assim?

(E) Os comerciantes se organizaram e fizeram a proposta de ajudar o estado para que a Base viesse pra cá. Eles pagam a manutenção e petróleo das 4 viaturas, os produtos de limpeza, água, luz, telefone e o cafezinho que são usados lá. A média é de R\$ 800.00 a R\$ 850.00 por mês. Quando os carros quebram a gente leva na oficina aqui do bairro e só compra as peças, a mão-de-obra é por conta do mecânico amigo nosso.

O estado só paga o salário dos policiais que são funcionários dele. Tem uma equipe de pessoas que administram a Base, o Silva Magazine é o tesoureiro e o senhor Vicente é o presidente, eles e outras pessoas tomam conta para que a Base funcione. O comando dos policiais não é daqui, é lá de São Paulo, é do estado. Qualquer problema eles ligam para o comandante que manda ordem de lá.

(P) Muito interessante isso que o senhor está me falando. E o que o senhor acha, se não tivesse tido essa parceria?

(E) A gente estava aqui do mesmo jeito até hoje. Para você ter idéia o palco da praça você sabe como veio? O palco que está na praça foi construído pelas necessidades, principalmente dos evangélicos daqui que gostavam de organizar eventos. A comunidade doou o material (cimento, areia, tijolo) e a prefeitura construiu. Hoje para usar lá, é só agendar lá no Centro de Cultura – no centro com o Valério.

(P) Existem outras coisas que o senhor julga que foi trazido por conta desta movimentação da população?

(E) As 3 escolas municipais que vieram pra cá (entre 97 e 2000). As coisas não vêm de mão beijada, é preciso lutar. Na gestão do Adilson Barros – prefeito na época a gente conseguiu trazer as escolas, a administração regional onde a gente pode fazer protocolos de pedidos de serviços públicos, lá também funciona o posto bancário. Mas para isso acontecer, tivemos que reunir várias pessoas, comerciantes e fazer várias reuniões até conseguir ser atendidos. Nossos filhos saiam daqui para a escola da vila Dainese (Americana), não tinha escola para eles aqui. Foi aí que Adilson falou, que isso não podia ficar assim

(P) O senhor que conhece bem o bairro, quais as dificuldades que o senhor vê aqui no Jardim Europa?

(E) Primeiro, posto médico que atenda a população durante 24 horas. Aqui só atende até meia noite e também fecha na sexta-feira. Mas o povo fica doente a noite e de final de semana também, e aí como faz?

Falta um banco. Nós já temos comércio bom, tem muita movimentação aqui. Não sei se você sabe, mas Santa Bárbara tem mais ou menos 49 mil residências. A zona leste inteira tem 90 mil pessoas, é maior que a região da cidade. Só no Jardim Europa tem aproximadamente 35 mil habitantes. Nós já chegamos a ter três vereadores só daqui. Mas hoje, não colocamos nem um.

O transporte aqui também é péssimo, deveria ser integrado com Americana. As pessoas ficam duas horas de esperando ônibus para o centro, enquanto para Americana a cada 5 minutos tem um ônibus na avenida da Amizade. Vai no

centro de América e é lotado e Santa Bárbara sem ninguém, porquê? Não tem ônibus minha filha. O povo vai para Americana mesmo.

Aqui faltam creches também. As mães precisam trabalhar e não tem onde deixar os filhos. Como ir atrás de emprego assim? Só que a gente chama o povo pra lutar e eles não vão. Eles só querem que a gente vá, que as coisas venham, mas assim não funciona. Você que é nova deveria juntar aquelas pessoas lá da igreja pra tentar fazer algumas coisas, antigamente a gente reunia um monte de pessoas e ia conversar lá na câmara, com os deputados, e por isso conseguia as coisas.

(P) O senhor já atuou na SOAJE e hoje?

(E) Ah....deixei pra lá. A gente foi desanimando, parece que o povo achou que já ta bom e parou de se reunir. E depois que o Deocleciano entrou aí acabou de vez.... Hoje eu to envolvido com a Associação de Diabéticos de S.B.O

(P) Como funciona esta associação, onde é?

(E) Ela tem a sede lá no centro da cidade. A gente faz um trabalho na área de orientação e informações sobre a doença. Por exemplo a partir de 20 de setembro o aparelho e a fita para a gente fazer o teste será obrigatório o governo federal fornecer. As pessoas não sabem disso.

(P) Mas o senhor acha que essa lei vai “pegar”, vocês vão ter acesso ao aparelho e à fita?

(E) Não. Por isso mesmo é importante a gente se organizar para cobrar isso. Se a gente não sabe, não se organiza e aí fica pior.

(P) Como vocês fazem as orientações sobre a doença, aonde?

(E) A gente faz palestras. Temos voluntários que fazem as palestras, enfermeiro, médico. As palestras são feitas nos espaços que cedem, por

exemplo na São Sebastião, no Centro Comunitário, a gente pode ir lá na sua igreja também se vocês cederem o lugar ... é assim que a gente trabalha.

(P) O que vocês tem de recursos na associação de diabéticos?

(E) Temos pouca coisa, um computador doado, a sede é emprestada, temos alguns folders com informações sobre a doença – que é feito com parceria de alguns comerciantes e ajuda dos voluntários. Hoje tem um voluntário fixo na sede, um enfermeiro para fazer atendimentos dos diabéticos que lá vão.

(P) Qual o número de pessoas associadas?

(E) Mais ou menos 650 pessoas.

(P) Daqui do Jardim Europa tem muito?

(E) Umas cem pessoas aqui da região toda. A gente se reúne com eles em pequenos grupos por região. E, novembro tem o dia mundial do diabético, nós vamos fazer palestra para todo mundo. Quem não é diabético é importante participar para saber também

(P) Muito obrigado pelas informações que o senhor me deu, foram muito interessantes e úteis para mim. Vamos voltar a nos falar sobre esses assuntos. Nossa intenção é ir conhecendo pessoas como o senhor para conversar e pensar algumas estratégias que a gente possa estar fazendo em conjunto aqui em nossa região. Ok?

Nos despedimos e ele se prontificou a estarmos conversando novamente.

Parece-me que de militante na associação, por causas coletivas do bairro e da região, agora senhor Nonato está inclinado e envolvido com o grupo de pessoas diabéticas. Essa é a identidade maior e o motivo das ações.

27/08/2007.

Entrevista: Senhor Sérgio de S. Sacerdote

(Exmo. Secretário Municipal de Planejamento e vice-prefeito do município de Santa Bárbara D'Oeste/SP).

(P) Sérgio Sacerdote, conforme já havia comentado ao telefone, nós estamos pesquisando a região do Jardim Europa – zona leste da cidade, principalmente no que se refere à sua história, estrutura, organização e intervenções sociais lá existentes. Devido a isso temos coletados dados junto à moradores, participantes das intervenções sociais na comunidade e é possível captar algumas angústias destas pessoas em seus depoimentos.

Por esse motivo, eu também gostaria de obter alguns dados junto à Secretaria Municipal de Planejamento para compor a pesquisa em andamento e saber um pouco como o Senhor na condição de administrador público vê esta região.

(E) A zona leste é uma região que sofreu grandes investimentos com a aprovação da lei 6766/79 que regulava o parcelamento e a aprovação de loteamentos naquela região. O então prefeito senhor Romano aprovou naquela ocasião 66 bairros sem infra-estrutura. E aí começa uma porção de desdobramentos relativos à zona leste.

No final da década de 70, a região de Americana passava por grande desenvolvimento e atraía muitas pessoas, como terra lá era mais alto o valor, as pessoas vinham e ficavam na divisa.

Sofremos a crise de identidade, mas eles gostariam de ter morado em Americana; se empregaram em Americana, usam a rede bancária de Americana ... e pela pujança da economia daquela cidade, a mesma começou

a oferecer uma rede melhor de serviços e isso se retroalimenta ... As pessoas voltam para lá, compram lá, gerando um ciclo vicioso.

Ou seja, mais empregos, economia mais forte, as pessoas lá compram, gastam e fortalece cada vez mais, é um círculo ascendente.

Já por outro lado, a cidade de Santa Bárbara D'Oeste entre 70 e 90, saiu de 30 mil habitantes para 140 mil habitantes, a infra-estrutura da cidade não suportou esse crescimento.

Grande parte das pessoas que aqui chegavam eram da média paulista, interior de São Paulo (Fernandópolis, Jales, Rio Preto, outras mais), do nordeste, Paraná e sul de Minas.

Veja bem o contexto da zona leste, loteamentos novos com dificuldades de infra-estrutura, o número da população crescente na cidade - acima da possibilidade de atendimento, a diversidade de pessoas de diferentes regiões vivendo num espaço próximo.

Surgiu muita rivalidade na zona leste. Nasceu um grupo no Jardim Europa, outro no Mollon e outro no Pedroso. Começou a se estabelecer rivalidade entre eles. Uma disputa que eu costumo chamar de "crise de identidade", pois o pessoal do Mollon era só atravessar a rua para a menos de 1km estar praticamente no centro de Americana. A população sofre crise de identidade, trabalham em Americana, queriam morar em Americana, mas estão em Santa Bárbara D'Oeste.

Para piorar e você entender o que estou falando, vamos continuar o raciocínio... Zona leste tem o Pérola e o Mollon considerados bairros com infra-estrutura melhor e o povo do Jardim Europa fica muito bravo com isso, pois

sendo o bairro mais antigo da leste, não recebe tantos investimentos como esses outros.

Por exemplo, o Pérola recebeu a 1ª agência bancária, os outros bairros se desagradaram. O Mollon, recebeu o Shopping, causando maior disputa, mas quem escolhe o lugar onde implantar uma rede de lojas é o setor privado, e aquele bairro é estratégico, fica entre as duas cidades e com vias de acesso rápido.

Já o Jardim Europa é a localização mais distante do eixo de crescimento do centro, onde a infra-estrutura tende a chegar mais demoradamente. Enquanto gestores públicos, onde procuramos estabelecer a rede de serviços? Para otimizar os serviços, os colocamos em locais mais centrais, no caso da zona leste colocamos no centro geográfico que são os bairros do Jardim Pérola e Cidade Nova onde há possibilidade de atender mais pessoas. Isto gera um certo ciúmes da população que não entende a visão técnica. Os benefícios acabam se concentrando. Esta é uma visão técnica, não política das coisas [...] não quero camuflar as coisas [...] São duas cidades, olhe aqui o mapa – mostrando o vazio urbano que há entre a zona leste e o centro da cidade.

Vir do Jardim Europa ao centro são 12 km, as vias de acesso são as mesmas das décadas de 60, sair de um extremo ao outro ainda está longe das vias principais [...] e mais uma vez o cidadão é remetido para Americana. Já chegamos a disponibilizar mais linhas de ônibus, as mesmas não geraram demanda de serviços porque o pólo de atração comercial é Americana. Já fizemos teste e não conseguimos inverter ou equilibrar a demanda.

Então gera-se um ciclo vicioso, Americana pela sua pujança econômica acaba oferecendo uma rede de serviços privados e públicos, que têm um melhor

conceito. Isso se retroalimenta, mais empregos, economia forte, com movimentação de compras e vendas, mais recursos disponíveis, uma rede de serviços públicos sociais com conceito melhor [...]

A única saída é potencializar o crescimento à zona oeste da cidade de Santa Bárbara com vistas a atrair serviços, rede de comércio forte, e, conseqüentemente, o fluxo da população para o outro lado da cidade. Isto está previsto no Plano Diretor do Município para o próximo ano.

A zona leste é praticamente um dormitório (eles não gostam que fale isso, aliás nem quero que você cite isso), em Santa Bárbara temos dois centros: um histórico e outro na zona leste.

Para se ter idéia é muito mais fácil ir da leste para americana do que para o centro da cidade.

(P) Acerca disto tenho ouvido alguns moradores reclamar da ausência e demora de transporte coletivo. Não seria esse um grande problema para as pessoas procurarem mais a cidade vizinha que a sua?

(E) Não acredito. Veja bem, enquanto a estrutura viária de Americana é concêntrica, Santa Bárbara precisa ter duas estruturas pois é duplicada em tamanho, tornando mais oneroso o serviço. Além do que, não gera demanda de serviço, mesmo quando a gente coloca ônibus, pois o pólo de atração é Americana. Chegamos a fazer um teste e não conseguimos inverter ou equilibrar esta demanda. Falo isso pois estava no setor de transporte quando tivemos essa iniciativa, os ônibus da zona leste para o centro rodavam vazios.

A única saída é potencializar o crescimento da cidade à zona oeste. Atrair investimentos comerciais para o outro lado, para ver se conseguimos atrair a população para lá. Bom, aí crescendo o lado oeste (mostra o setor oeste no

mapa – ainda um vazio urbano), queremos puxar o pessoal para cá, a economia fortalecida ... quem sabe ... A Toyota está vindo instalar uma fábrica aqui nesta região...

Mesmo assim, precisamos rever toda estrutura viária para facilitar o acesso. A avenida São Paulo irá ligar a zona leste direto ao centro de Santa Bárbara e a Europa vai ligar na Anhanguera lá em cima, vamos abrir um corredor viário. Então o problema viário do Jardim Europa vai ser minimizado, construiremos passando à margem do rio, um novo eixo de contato com o lado oeste.

Então, voltando o que já disse, todo esse problema contextual associado à crise de identidade...comparar a estrutura da nova zona leste com Americana ...o imigrante veio em busca de uma condição melhor na cidade vizinha que estava com desenvolvimento melhor, com desenvolvimento industrial... enquanto a vocação de Santa Bárbara era agrícola...a população sofre a crise de identidade...

Vários fatores inclinam a população do Europa para Americana:

- 1- força econômica;
- 2- infra-estrutura resultante da economia;
- 3- distância curta;
- 4- cidade moderna;
- 5- e por fim, Americana possui uma vocação mais ativa, auto-estima melhor, devido à sua própria história.

(P) Gostaria de saber as datas de organização dos bairros da zona leste.

Seria possível?

As respectivas datas de aprovação dos loteamentos são as seguintes:
Jardim Europa I – 09/10/63 com 405.248,00m²; Jardim Europa II – 31/12/63
com 140.465,00 m²; Jardim Europa III – em 06/04/1964 com 103.192,00m²;
Jardim Europa IV – 29/12/78 com 405.643,00 m²; Parque Residencial
Frezzarim – 28/02/80 com 176.248,00 m²; Pérola – 11/01/73.

(P) Agradeço a sua contribuição com a pesquisa e no futuro espero que possamos conversar novamente (encerrei a conversa, pois já estava há algum tempo e a fila de espera para o Secretário atender crescia ...dei-me por satisfeita com os dados coletados).

19/10/2007.

ANEXO 5: Transcrição dos Questionários.

I – Levantamento das organizações que têm intervenção na região do Jardim Europa.

Questionário – (para o gestor responsável pela instituição/programa)

1. Nome: Maria Alzirene

Atua há 3 anos no programa escola da família nessa unidade escolar, ou seja, desde 2003 quando o programa foi implantado; É a responsável pelo programa na escola.

Formação: Letras.

Reside na região do Jardim Europa.

2. Nome da organização:

Escola Estadual Prof^a Heloísa Terezinha M. Lacava.

3. Endereço:

Rua Inglaterra, 536.

4. Telefone da instituição / outros contatos: Fone: 3458 – 2517

5. Quais são os principais tipos de intervenção social que fazem?

a) quais são elas?

Dança, exibição de filme, padaria artesanal, leitura – revistoteca, game super-ação, inglês, alfabetização- reforço, manifestação religiosa, roller play game.

O projeto game super-ação é mantido pelo instituto Ayrton Senna – consiste em desenvolver ações junto aos jovens que despertem para a solidariedade, responsabilidade, etc. O instituto manda apostilas e material com técnicas para formar o universitário que vai passar (trabalhar) com o grupo de jovens. Aqui no Lacava, os jovens escolheram fazer os “Doutores da Alegria” – realizam visitação de entidades, hospitais, escolas com o objetivo de levar divertimento. Temos 7 alunos que participam e realizam ao menos uma visita por mês. O material oferecido pelo instituto Ayrton Senna tem um kit de informações para

manter a coesão do grupo, os jovens tem que fazer relatórios e enviar criando um vínculo que garantirá a continuidade do projeto.

b) quais os objetivos de cada uma delas?

Atividades esportivas - nós temos o objetivo de entretenimento, mobilização da comunidade para cuidar do corpo e da mente; As atividades culturais - são para desenvolver a culturalidade, socialização e informações; Atividades de qualificação para o trabalho – aprendizado de atividades lucrativas.

c) qual o público atingido em cada uma delas?

Mais ou menos 250 pessoas, entre 14 e 17 anos em sua maioria.

d) qual a estrutura físico-material e humana que dispõe cada uma delas (qual espaço físico é utilizado, quais materiais têm disponíveis e como adquiriram, quais pessoas estão envolvidas na execução, de onde provém os recursos financeiros);

Espaço físico – sala de aula, cozinha exclusiva para uso do programa, todo espaço físico da escola pode ser utilizado.

Materiais e recursos – TV, vídeo.

Recebe-se verba anual para comprar os demais materiais. Também organizam-se festas, bingos, rifas, para comprar outros materiais que vão sendo implantados ao longo do ano. A Associação de Pais e Mestres a escola (APM) também ajuda.

e) quantas pessoas participam diretamente dessas atividades;

Universitários – Simone e Cláudia;

Voluntários – Diogo, Andréia, Claudinéia, Andréia (outra), Alexsandro, Zefa, Madalena e Viviane.

f) qual o tipo de relação que estas pessoas têm com a organização (são remuneradas, voluntárias);

Os voluntários – não tem remuneração;

Os universitários – ganham bolsa de estudo;

Os professores que participam – tem o interesse de receber um bônus salarial no final do ano (nesta unidade têm três: trabalham com reforço, inglês e RPG);

g) nome dos responsáveis pela elaboração e execução dos projetos, se possível contatos;

Maria Alzirene – fone (XX) 000-000; Maria Ângela – vice-diretora.

h) conhece outra organização social que tem atuação na região do Jardim Europa. Caso conheça há algum tipo de contato com as mesmas (como? Através de quem?);

Somente escolas. Os educadores responsáveis pelo programa das unidades escolas se encontram regularmente na reunião de formação da Diretoria de Ensino.

6. Principal dificuldade que enfrenta no bairro. Liste em ordem de importância sendo a de número 1 a mais importante e a de número 5 a menos importante:

1. descaso em relação à segurança;
2. a escola deixa muito a desejar (deixa de utilizar material, equipamentos, por questões burocráticas);
3. pouca participação da comunidade, família, para prover os recursos para os projetos;
4. ausência de parcerias;
5. carência na área de saúde.

7. O que você imagina que poderia ser feito para a população da região ter melhores condições de vida e de trabalho. Liste em ordem de importância as 5 que você considera mais relevante.

1. participação da comunidade e família com/na a escola;
2. melhoria na saúde;
3. segurança melhor;
4. buracos nas ruas devem ser tampados.

09/07/2006.

I - Levantamento das organizações que têm intervenção na região do Jardim Europa:

Questionário - (para o gestor responsável pela instituição/programa).

1. Nome: Maria Ângela (há 2 anos vice-diretora).

Formação: pedagogia.

Reside em qual região: Americana.

2. Qual é o nome da Organização? E. E. Prof^a Heloiza Terezinha M. Laçava

Com 27 salas aula / 1180 alunos

3. Endereço: R. Inglaterra, 536

4. Telefone da Instituição / Outros Contatos: 3458-2266

5. Quais são os principais tipos de intervenção social que fazem?

✓ Em caso de terem intervenções educativas,

a) quais são elas;

Manifestação religiosa / Futsal / Vôlei;

Padaria artesanal / Capoeira / Tênis de mesa;

Redação / Pintura em guardanapos;

RPG / Sala de leitura (parado);

b) quais os objetivos de cada uma delas;

Atingir uma melhora no comportamento dos alunos que participam.
Normalmente a participação é pouca, mais ou menos 100 pessoas

c) qual o público atingido em cada uma delas;

Desde crianças até jovens e algumas senhoras.

d) qual a estrutura físico-material e humana que dispõe cada uma delas, (qual espaço físico é utilizado, quais materiais têm disponíveis e como adquiriram, quais pessoas estão envolvidas na execução, de onde provem os recursos financeiros);

Salas, cozinhas, pátio, biblioteca, todas dependências.

Poucos recursos, em torno de R\$1000,00. Isso não é suficiente.

APM colabora.

e) quantas pessoas participam diretamente dessas atividades;

100 pessoas mais ou menos.

f) qual o tipo de relação que essas pessoas têm com a organização (são remuneradas ou voluntárias)?

- Remunerados: Coordenadora do projeto – Maria Alzirene.

A vice-diretora reveza com coordenadora a presença nas atividades de finais de semana - em média dá R\$ 400,00/mês para cada.

- Voluntários: gostam de ajudar gratuitamente nas atividades.

g) nome dos responsáveis pela elaboração e execução dos projetos, se possível contatos;

Maria Alzirene – Coordenadora projeto escola da família

h) se conhece outra organização social que tem atuação na região do Jardim Europa. Caso conheça, há algum tipo de contato com as mesmas (como? através de quem?).

6) Principal dificuldade que enfrenta no bairro. Liste em ordem de importância sendo a de nº. 1 a mais importante e a de nº. 5, a menos importante:

1. Alunos problemáticos (principalmente os do Jd. Conquista têm muita agressividade, lá inicialmente era uma favela, acho que ajuda);
2. Desestrutura familiar;
3. Desemprego ou sub-emprego;
4. Salário baixo – limita vida social, cultural;
5. Posto de saúde insuficiente para entender a população.

7) O que você imagina que poderia ser feito para a população da região ter melhores condições de vida e de trabalho. Liste em ordem de importância as 5 que você considera mais relevante.

1. Mais emprego;
2. Investimento social maior com mais locais para as pessoas se divertirem;
3. Ginásio de esporte, quadras;
4. Melhor atendimento na saúde. (a gente sabe que no Hospital Afonso Ramos tem apenas 1 médico para atender aproximadamente 100 pessoas, é um absurdo).

Outros Comentários: A princípio, o programa Escola da Família, nós todos (gestores), ficamos meio temerosos quanto ao patrimônio, mas depois percebemos que não ocorre nada demais. É uma opção. Eu acho válido.

No entanto, acredito que deveria haver uma pesquisa para saber em qual escola está funcionando e tendo participação efetiva, porque tem lugar que não tem e fica pagando gente à toa... Mas aonde tem uma opção de lazer, na parte cultural com os projetos para quem não tem como pagar.

Talvez aqui não valeria a pena pois a participação é pequena. Por exemplo: Heitor Penteado é escola do centro de Americana, é totalmente vazia, o pessoal tem maior poder aquisitivo e não participa, faz outras coisas (como no Maggi, perto do D. Bosco – não há frequência).

Os bairros atendidos em nossa escola são: Jd. Europa / Jd. Conquista / Pq. Planalto – esses últimos vem pra cá por causa do ensino médio.

Observação da pesquisadora:

Como o dia estava chuvoso, não consegui coletar os dados necessários. A professora responsável pelo projeto não estava no local, então entrevistei a professora substituta responsável pelo programa. A mesma não soube falar sobre as especificidades locais. E uns poucos jovens que jogavam na quadra recusaram-se a responder a pesquisa (apenas um garoto participou).

Data: 02 / 07 / 2006.

I - Levantamento das organizações que têm intervenção na região do Jardim Europa:

Questionário - (para o gestor responsável pela instituição/programa).

1. Nome: Rosângela Rosa de Mello – Educadora substituta cobre a folga da educadora responsável pelos projetos escola da família

Formação: Letras

Reside em qual região: Cândido Bertini – Próx. Jd. Europa

2. Qual é o nome da Organização? Está substituindo a ausência da professora titular na escola Laçava.

3. Endereço: R. Inglaterra

4. Telefone da Instituição / Outros Contatos: rosangelacristal@bol.com.br

5. Quais são os principais tipos de intervenção social que fazem?

✓ Em caso de terem intervenções educativas,

a) quais são elas;

Não sabe pois é a primeira vez que vem a unidade e cada final de semana está em uma unidade substituindo e cobrindo as folgas e faltas das professoras do projeto.

b) quais os objetivos de cada uma delas;

Trazer o lazer para dentro da escola; Tirar crianças da rua; Formação para o trabalho.

c) qual o público atingido em cada uma delas;

Maior público dos 7 aos 15 anos.

d) qual a estrutura físico-material e humana que dispõe cada uma delas, (qual espaço físico é utilizado, quais materiais têm disponíveis e como adquiriram, quais pessoas estão envolvidas na execução, de onde provem os recursos financeiros);

e) quantas pessoas participam diretamente dessas atividades;

Média das escolas: De 10 até 200 pessoas/dia, depende das atividades oferecidas.

Escolas muito próximas divide muito o público e fica pouco em algumas

f) qual o tipo de relação que essas pessoas têm com a organização (são remuneradas ou voluntárias)?

A Unesco em parceria com o Estado remunera e faz programas de orientações para os educadores do programa.

Média – R\$ 500,00/mês educadores.

R\$ 600,00/mês substituto.

g) nome dos responsáveis pela elaboração e execução dos projetos, se possível contatos;

h) se conhece outra organização social que tem atuação na região do Jardim Europa. Caso conheça, há algum tipo de contato com as mesmas (como? através de quem?).

E.E. Matarazzo; E. E. M^a Judita – Educadora responsável: Maria Luiza.

6) Principal dificuldade que enfrenta no bairro. Liste em ordem de importância sendo a de nº. 1 a mais importante e a de nº. 5, a menos importante:

1. Problemas com transporte na região;
2. No pq. Zabane (vizinho) esgoto a céu aberto;
3. Bairro Conquista – violento, perigoso (vizinho);
4. Nível ensino deficitário;
5. Falta interesse dos alunos / Indisciplina, violência.

7) O que você imagina que poderia ser feito para a população da região ter melhores condições de vida e de trabalho. Liste em ordem de importância as 5 que você considera mais relevante.

1. Infra-estrutura básica;
2. Esgoto, transporte;
3. Teria que ter outro posto médico (pois hoje se gasta 30 dias para fazer um exame ou consulta simples);
4. Melhoria na qualidade de ensino.
- 5.

Data: 02 / 07 / 2006.

I - Levantamento das organizações que têm intervenção na região do Jardim Europa.

Questionário - (para o gestor responsável pela instituição/programa).

1. Nome: SOAJE – Sociedade de Amigos de Bairro do Jardim Europa / existe a 22 anos

Formação:

Reside em qual região: Jd. Europa II

2. Qual é o nome da Organização? Deocleciano Fco de Souza

3. Endereço: Instalado na residência do Sr. Deocleciano

4. Telefone da Instituição / Outros Contatos: 3458-1579

5. Quais são os principais tipos de intervenção social que fazem?

✓ Em caso de terem intervenções educativas,

a) quais são elas;

Atualmente não há.

b) quais os objetivos de cada uma delas;

Não há.

c) qual o público atingido em cada uma delas;

Não há.

d) qual a estrutura físico-material e humana que dispõe cada uma delas, (qual espaço físico é utilizado, quais materiais têm disponíveis e como adquiriram, quais pessoas estão envolvidas na execução, de onde provem os recursos financeiros);

e) quantas pessoas participam diretamente dessas atividades;

Média das escolas: De 10 até 200 pessoas/dia, depende das atividades oferecidas.

Não há

f) qual o tipo de relação que essas pessoas têm com a organização (são remuneradas ou voluntárias)?

Quando havia, eram voluntários.

g) nome dos responsáveis pela elaboração e execução dos projetos, se possível contatos;

Não há

h) se conhece outra organização social que tem atuação na região do Jardim Europa. Caso conheça, há algum tipo de contato com as mesmas (como? através de quem?).

6) Principal dificuldade que enfrenta no bairro. Liste em ordem de importância

sendo a de nº. 1 a mais importante e a de nº. 5, a menos importante:

1. Abrir a rua Itália para Albânia (beneficia a população abrindo um corredor de tráfego);
2. Núcleo para idosos se reunirem.
- 3.
- 4.
- 5.

7) O que você imagina que poderia ser feito para a população da região ter melhores condições de vida e de trabalho. Liste em ordem de importância as 5 que você considera mais relevante.

- 1.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

Comentários feitos pelo entrevistado:

Antigamente a diretoria da SOAJE tinha 12 pessoas, muitos moradores ativos, mas desanimaram. Nós chegamos a conseguir muitos benefícios para o bairro através da associação. Temos até o certificado municipal e estadual de entidade com fins filantrópicos. Nossa associação lutou por implantação de creche, posto de saúde, praças, base comunitária de segurança...nos tempos de atividades (- +) 1983. a SOAJE tem 22 anos, hoje ela esta parada, mas já conseguimos muitas coisas, tenho vontade que voltasse a atuar como antes. Que outras pessoas viessem nos ajudar...

A SOAJE já foi bastante ativa, mas hoje os moradores não participam mais, ninguém vem nas reuniões, ninguém quer entrar nem pra concorrer... só tem uma chapa, aí fica a gente mesmo.

Nós conseguimos muita coisa para o Jd. Europa quando éramos ativos. Fazíamos festas na praça com as barracas e arrecadávamos dinheiro para ajudar, fazer os projetos; O palco da praça foram os moradores e o povo que participava da SOAJE que levantou os materiais para construção, os banheiros públicos da praça, a base comunitária de segurança foi tudo benefício do tempo que a associação estava forte.

Teve um tempo que a diretoria tinha 12 pessoas, mas desanimaram a última reunião ocorreu há um ano atrás. Hoje a SOAJE é assim:

Presidente – Deoclécio

Vice – Otaviano

1º e 2º tesoureiros – João dos Passos / Otaviano

1º 2º secretários –

Eleição ocorre de setembro a outubro.

Mandato vence em 31/12 é de 2 anos.

Para concorrer: tem que morar a pelo menos 2 anos no bairro e ter 1 ano de filiação na associação. Documentos necessários para se filiar: CIC, RG, endereço, dados pessoais.

Mas hoje quase ninguém se associa, muito menos quer concorrer com uma chapa. Antes, tinha festa todo mês de março para levantar fundos: barraca, churrasco, mandioca frita, até a prefeitura fornecia barraca, água, luz... parou de vez... No passado lutamos por implantação de creches, posto de saúde, escola técnica, banheiro na praça... nos tempos de atividades...

A Associação tem um terreno na rua. Suíça, lote 6 quadra A.

Para participar das eleições, o morador tem que montar uma chapa, mas tem que ser morador do Jd. Europa (I,II,III,IV), segundo o estatuto só pode participar da Associação os moradores de Europa.

I - Levantamento das organizações que têm intervenção na região do Jardim Europa:

Questionário - (para o gestor responsável pela instituição/programa).

1. Nome: Célia Adriana Moreira (vice-diretora). Atua na unidade há 5 anos –
Horário das 9:00 as13:00)

Formação: Graduação – Geografia e Pós Graduação – Gestão Escolar.

Reside em qual região: Cidade Nova

2. Qual é o nome da Organização? E. E. Prof. Antônio Matarazzo

3. Endereço: R. Noruega

4. Telefone da Instituição / Outros Contatos: 3458-3083

5. Quais são os principais tipos de intervenção social que fazem?

✓ Em caso de terem intervenções educativas,

a) quais são elas;

Informou que no mural havia a lista de todas as atividades. Citou

Futsal / Artesanato / Pintura em tecido, etc

b) quais os objetivos de cada uma delas;

Socialização, preparo para atividades profissionalizantes e produtivas.

c) qual o público atingido em cada uma delas;

d) qual a estrutura físico-material e humana que dispõe cada uma delas, (qual espaço físico é utilizado, quais materiais têm disponíveis e como adquiriram, quais pessoas estão envolvidas na execução, de onde provem os recursos financeiros);

e) quantas pessoas participam diretamente dessas atividades;

Média das escolas: De 10 até 200 pessoas/dia, depende das atividades oferecidas.

f) qual o tipo de relação que essas pessoas têm com a organização (são remuneradas ou voluntárias)?

Educador – tem salário

Universitário – Tem bolsa de estudo

Voluntários – Não tem nada em troca, boa vontade. Firma um compromisso com dia e horário, não é tão simples, tem que ter compromisso...

g) nome dos responsáveis pela elaboração e execução dos projetos, se possível contatos;

Gestor responsável - Célia

h) se conhece outra organização social que tem atuação na região do Jardim Europa. Caso conheça, há algum tipo de contato com as mesmas (como? através de quem?).

6) Principal dificuldade que enfrenta no bairro. Liste em ordem de importância sendo a de nº. 1 a mais importante e a de nº. 5, a menos importante:

1. Falta de consciência dos pais, delegando responsabilidade exclusiva à escola;
2. Carentes (nível sócio-cultural baixo, mas sobrevivem);
3. Desempregados, emprego informal;
4. Famílias oriundas de outras regiões em busca de uma vida melhor;
5. Pais semi-analfabetos;

OBS: Em relação a comunidade, não posso dizer com muita propriedade.

7) O que você imagina que poderia ser feito para a população da região ter melhores condições de vida e de trabalho. Liste em ordem de importância as 5 que você considera mais relevante.

1. A escola deveria ter mais autonomia para gastar as poucas verbas que vem.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

OBS: Acho que no bairro há recursos, a comunidade precisa conservar o que tem. É um bairro razoável, tem muito comércio que sobrevive, é sinal que a comunidade está dando retorno para esse comércio.

Comentários: A escola atende nível fundamental: ciclo I, ciclo II, classe especial. Atende crianças e adolescentes do Jd. Europa, Jd. Europa IV, Pq. Frezzarim, Pq. Planalto Pq. Mario Covas, Cândido Bertini. Atualmente tem mais ou menos 970 alunos com 12 salas.

No supletivo atende inclusive bairros de Americana: Pq. Gramado, Pq. da Liberdade e São Jerônimo.

A gestora aponta o reflexo do Programa Escola da Família na educação formal:

- O aluno vê a escola de uma outra forma – A escola é dele, da comunidade, a escola não é do diretor, então ele entende que ele pode conservar, não depredar.
- Integração – pode entrar na escola e ter liberdade, o espaço é público, mas tem organização.
- Socialização.

No primeiro momento as mudanças geram transtornos (estragar mural, prédio, etc). No início houve roubo de fiação, vídeo, televisão, rádio... Depois a comunidade vai se adequando e passa a respeitar o espaço coletivo.

Uma coisa eu digo, não é do jeito que o secretário imaginou. A família não vem, ela manda o filho, como se aqui tivesse babá... Acredito que o programa pode mudar, pois é do governo atual, quando ele mudar a comunidade pode ter um 'bac', o programa pode deixar de existir.

Eu não gosto de ter que vir no final de semana. Eu não tenho opção, tenho que vir, mas preferia ficar com a minha família.

A escola tem mudado muito de diretor – somente a vice diretora tem permanecido há 5 anos.

LISTA DE ATIVIDADES ENCONTRADA NO MURAL DA ESCOLA

Sábado:

09:00 – 16:00 > Tênis de mesa

10:00 – 12:00 > Pintura em tela

09:30 – 16:45 > Futsal

10:00 – 11:00 > Curso de inglês

09:30 – 11:30 > Artesanato – boneca de pano e seda

13:30 – 15:00 > Boneca de lã

14:00 – 15:30 > Curso de crochê

14:00 – 15:30 > Bijuteria – (colares e brincos de papel)

15:30 – 17:00 > Reforço de matemática para adultos

09:30 – 16:00 > Recreação e jogos lúdicos

15:30 – 17:00 > Capoeira

Domingo:

09:00 – 15:30 > Tênis de mesa

09:00 – 16:45 > Futsal

09:30 – 11:00 > Oficina de pipa

10:00 – 12:00 > Bijuteria

10:00 – 12:00 > Bordado em pedraria

09:00 – 15:00 > Recreação e jogos lúdicos

13:30 – 15:00 > Miçanga

13:30 – 15:00 > Artesanato (bonecas de lã)

14:30 – 16:00 > Pintura em tecido

15:30 – 17:00 > Mutirão de limpeza

Data: 25 / 06 / 2006.

I - Levantamento das organizações que têm intervenção na região do Jardim Europa.

Questionário - (para o gestor responsável pela instituição/programa).

1. Nome: Eliane Carvalho Gonçalves Mendes (3473-1851 / elianemendes@bol.com.br)

Formação: Letras (atua dando aulas de manhã) (está há 3 anos no programa escola da família – 6 meses na unidade)

Reside em qual região: Jd. Europa I

2. Qual é o nome da Organização? E. E. Prof. Antônio Matarazzo

3. Endereço: R. Noruega

4. Telefone da Instituição / Outros Contatos: 3458-4317

5. Quais são os principais tipos de intervenção social que fazem?

✓ Em caso de terem intervenções educativas,

a) quais são elas;

Tênis de mesa, Pintura em tela, Padaria artesanal – mensalmente (com 5 pessoas... fazem, aprendem, degustam, vende o excedente para adquirir materiais).

b) quais os objetivos de cada uma delas;

No geral, qualificar para o trabalho, oferecer a comunidade um espaço de lazer, oportunidades de participação em cursos e oficinas.

c) qual o público atingido em cada uma delas;

Garotos menores: tênis de mesa, futsal...;

Senhoras: crochê, bordado em pedraria, boneca de lã.

Adolescentes: futsal, tênis de mesa, artesanato, recreação.

d) qual a estrutura físico-material e humana que dispõe cada uma delas, (qual espaço físico é utilizado, quais materiais têm disponíveis e como adquiriram, quais pessoas estão envolvidas na execução, de onde provem os recursos financeiros);

Prédio, escola que conta com mais ou menos 12 salas, biblioteca, TV, vídeo, cozinha dos funcionários, banheiro, pátio, sala de informática com 10 computadores (não está usando porque está tentando conseguir voluntários, já tem até a ficha de inscrição de pessoas que querem fazer informática, mais ou menos 25.)

A gestora comenta: "O governo deveria mandar uma pessoa capacitada, um monitor para informática, um bibliotecário... Para você ter idéia, o governo manda uma verba anual – de mais ou menos R\$ 1200,00/ano. A aplicação do recurso é determinada... (falta materiais, bola, os coordenadores tem que 'se virar' ".

e) quantas pessoas participam diretamente dessas atividades;

Média das escolas: De 10 até 200 pessoas/dia, depende das atividades oferecidas.

2 Universitários, 7 Voluntários.

Fazemos o atendimento de 250 pessoas – quando há algum tipo de evento no bairro eles vem em menor número.

f) qual o tipo de relação que essas pessoas têm com a organização (são remuneradas ou voluntárias)?

Universitários (Elen e Edmar) – Bolsa de estudos do governo – desenvolvem oficinas e ajudam nas atividades gerais da escola da família, cada um é responsável diretamente por uma oficina. atividades

7 Voluntários – a maioria são alunos do supletivo, dentre eles 1 professor de matemática e 1 professor aposentado de inglês.

g) nome dos responsáveis pela elaboração e execução dos projetos, se possível contatos;

Gestores (Célia vice-diretora; Regina Coordenadora pedagógica – ajuda mais na elaboração; funcionários da escola: mediadores na captação de voluntários; prof. Dorival que também atua na Paróquia São Sebastião e da unidade, já participou com futsal, atualmente ajuda eventualmente)

h) se conhece outra organização social que tem atuação na região do Jardim Europa. Caso conheça, há algum tipo de contato com as mesmas (como? através de quem?).

Paróquia São Sebastião – conhece o prof. Dorival, atua em ambas

Outras 2 escolas: Lacava - Maria Alzirene; Escola Judita - Maria Aparecida

6) Principal dificuldade que enfrenta no bairro. Liste em ordem de importância sendo a de nº. 1 a mais importante e a de nº. 5, a menos importante:

1. Comunidade carente (crianças com necessidade de alimentação, sem recursos para adquirir material para oficinas);
2. Infra-estrutura familiar (desajuste familiar);
3. Desemprego.
- 4.
- 5.

7) O que você imagina que poderia ser feito para a população da região ter melhores condições de vida e de trabalho. Liste em ordem de importância as 5 que você considera mais relevante.

1. Trabalho voltado para atender as necessidades da família (conscientização, informação, palestras)
2. O governo oferecer mais recursos para o programa gerir os projetos e mais autonomia para aplicar em projetos que surgem durante o ano
3. Concentrar o atendimento em uma escola da região e fortalecer o programa... para dar melhor atendimento
- 4.
- 5.

Os Bairros Atendidos pela escola são: Cândido Bertine, Jd. Europa I, II, III e IV, Sta Rosa I e II, Frezzarin.

Comentários da gestora acerca do programa:

As crianças que participam do programa são mais carentes, não pode ir ao shopping... eles vem a escola. Alguns adolescentes já estão envolvidos com o fumo, cigarro e até bebidas... precisa ter certo jogo de cintura... colocar eles para jogar na quadra...peço para não fumar na frente das crianças.

Encontramos muitos problemas com alguns freqüentadores...Tem o caso do pitbull do jovem (20 anos) que vem jogar tênis e futebol... Ele vem com o pitbul, a gente tem que chegar com muito jeito e pedir que ele use a focinheira no cão ou se possível, não o traga para evitar 'assustar' as outras crianças...e assim vamos indo...

Olha, não há tempo e estrutura para fazer um levantamento mais minucioso das condições de vida e contexto em que vive o aluno que é atendido no programa.

Assim, está havendo capacitações na diretoria de ensino para as pessoas que coordenam o projeto (pode levar um voluntário, o universitário...) Oferecimento de oficinas (de bonequinhos de lã, etc)

Mas temos mesmo é pouca verba e falta de autonomia para aplicação da mesma. Por exemplo, no início de agosto de 2003 veio a maior verba R\$ 4.700,00 para implantação de projetos, porém os materiais foram determinados pelo governo e não atendia as necessidades locais.

Data: 25 / 06 / 2006.

I - Levantamento das organizações que têm intervenção na região do Jardim Europa.

Questionário - (para o gestor responsável pela instituição/programa).

1. Nome: Elizabete Perine.

Formação: Assistente social - Coordenadora dos 11 centros comunitários

(Georgina Helena de Moraes Bosquera - D. Departamento Promoção social).

Reside em qual região: Americana – Servidora pública.

2. Qual é o nome da Organização? Centro comunitário – Departamento de assistência e promoção social – Prefeitura municipal SBO

3. Endereço: R. Portugal, 740

4. Telefone da Instituição / Outros Contatos: 3473-4054 / pelisabete@bol.com.br

5. Quais são os principais tipos de intervenção social que fazem?

São as intervenções sócio-educativas, atividades que buscam desenvolver a conscientização, cidadania e participação.

✓ Em caso de terem intervenções educativas,

a) quais são elas;

Atendimento familiar;

Mães – curso crochê;

Crianças – encaminhamento para o CINCA ou GRUPO 21;

3º IDADE (Atualmente 35 membros, reunião semanal) Inclusão do idoso – Tem dinâmicas, vivência, palestras, festas, passeios, tudo voltado para a cidadania.

Esse grupo da Terceira Idade tem uma Diretoria – entre eles mesmo há a organização de bingo, eles tem uma mensalidade. Há aproximadamente 8 anos esse grupo existe. Eles se reúnem toda segunda-feira à tarde para campeonatos de conto, dança, esporte... participam do projeto talento e movimento.

b) quais os objetivos de cada uma delas;

Inclusão, cidadania, trazer informações, encaminhamento para outros serviços públicos.

c) qual o público atingido em cada uma delas;

Na renda cidadã (estadual – são 110 famílias);

CINCA (Centro Integrado Municipal da Criança e Adolescente) fica na Cidade Nova – R. do Feijão, 240-Jd. Pérola (Assistente social – Cássia).

Lá eles atendem meninos em conflito com a lei, aqueles que estão cumprindo medidas sócio educativas (geralmente, trabalham na parte de secretaria, jardinagem, etc).

O centro comunitário é uma forma de aproximar o serviço social e sua gestão do público atendido, porque antes tudo era concentrado no centro da cidade e as pessoas tinham dificuldade de ter acesso aos serviços e informações, hoje os Centros Comunitários estão mais próximos dos usuários, podendo atendê-los melhor.

d) qual a estrutura físico-material e humana que dispõe cada uma delas, (qual espaço físico é utilizado, quais materiais têm disponíveis e como adquiriram, quais pessoas estão envolvidas na execução, de onde provem os recursos financeiros);

1 Posto da agência Santander / 1 Recepção

2 Banheiros / 1 Almojarifado

1 Cozinha / TV, vídeo / 1 Pátio

e) quantas pessoas participam diretamente dessas atividades;

Média das escolas: De 10 até 200 pessoas/dia, depende das atividades oferecidas.

1 secretário: Tiago / 1 Serviço social / 1 Monitora

1 Psicóloga no atendimento ao público

A regional administrativa está instalada na recepção

(Serviço descentralizado deste I7) cf. LOAS que regula os direitos e serviços.

f) qual o tipo de relação que essas pessoas têm com a organização (são remuneradas ou voluntárias)?

São remunerados pela Prefeitura Municipal de SOB. É trabalhada a equipe para dar conta de atendimento

g) nome dos responsáveis pela elaboração e execução dos projetos, se possível contatos;

Monitora – Maria Ap. Neves da Silva, percorre os quatro núcleos

h) se conhece outra organização social que tem atuação na região do Jardim Europa. Caso conheça, há algum tipo de contato com as mesmas (como? através de quem?).

Conheço os outros Centros Comunitários do Município nos bairros: Mollon, Cidade Nova, Conquista, Jd. São Fernando, Orquídeas. Também os Vicentinos e a Pastoral da Criança da Paróquia São Sebastião.

6) Principal dificuldade que enfrenta no bairro. Liste em ordem de importância sendo a de nº. 1 a mais importante e a de nº. 5, a menos importante:

1. Falta de informações da população;
2. O trabalho das comunidades são muito corporativos, cada um na sua.
- 3.
- 4.
- 5.

7) O que você imagina que poderia ser feito para a população da região ter melhores condições de vida e de trabalho. Liste em ordem de importância as 5 que você considera mais relevantes.

1. Mais projetos voltados para a família com resultados de promoção;
2. Mais projetos para crianças e adolescentes na área de prevenção.
- 3.
- 4.
- 5.

Outros comentários durante a entrevista:

O governo através de novas políticas públicas, mudou a nomenclatura da Assistência Social. As cidades precisaram reorganizar seus projetos de acordo com o SUAS – Sistema Único de Assistência Social.

Daí passou-se a surgir as ações de organizar a prestação dos serviços sociais mais próximos da população.

Aqui em nosso Centro, temos um 'Portão de entrada' onde se faz a triagem; É um Plantão Social, fazemos entrevistas, escutamos as famílias. Ouvimos as solicitações das famílias, e em muitos casos, elas são orientadas muitas vezes em relação aos seus direitos, licenças, cesta básica.

Oferecemos cursos – de crochê, damos o material (barbante, agulha) pra que depois eles possam vender o produto e adquirir os seus alimentos, pagar luz, água, etc.

Temos um convênio com o Estado – Renda Cidadã. Cada família pode participar da “renda Cidadã” por até 2 anos, recebendo uma bolsa R\$ 60,00. É obrigatório a presença nos cursos de pintura e crochê. A prefeitura paga uma monitora 2 vezes por semana, 2 cada curso. Atendemos hoje, 60 mulheres (30 do Jd. Nova Conquista e 30 do Jd. Europa).

O projeto repassa (pelo centro comunitário do Conjunto Roberto Romano (20 do Jd. Orquídea e 30 do Conj. Roberto Romano. Temos uma verba para lanche e material necessário.

Ainda, uma vez por mês há uma reunião sócio educativa com diversos temas: Saúde da Mulher,/ Educação pais e filhos, Relacionamentos (temas da cidadania), Educação e meio ambiente, Trânsito, Primeiros Socorros, etc. Fazemos dinâmicas grupais ,etc.

Na prefeitura também é feita a triagem e encaminhamento da população ao seu bairro, onde há centro comunitário. Em Santa Bárbara temos 11 Centros no total.

Tem ainda o programa GERAÇÃO 21 – que atende meninos de 15 a 18 anos. Na chácara Volf, próximo ao Vista Alegre. Lá eles fazem ações educativas, mas não é aqui nesta região, quando há necessidade de atendimento desses

adolescente e jovens eu encaminhado para lá, aqui não temos nada específico para eles.

Data: 13 / 06 / 2006.

I - Levantamento das organizações que têm intervenção na região do Jardim Europa.

Questionário - (para o gestor responsável pela instituição/programa).

1. Nome: Pr. Gilvam.

Formação: Teologia.

Reside em qual região: Jd. Pérola.

2. Qual é o nome da Organização? Igreja Batista em Jd. Europa

3. Endereço: R. Bélgica.

4. Telefone da Instituição / Outros Contatos: 3457-2719.

5. Quais são os principais tipos de intervenção social que fazem?

✓ Em caso de terem intervenções educativas,

a) quais são elas;

Auxílio material (alimentação, remédio, roupa).

Orientações às famílias – nas diversas áreas, relacionamento familiar, inca/os para serviço público ou mesmo privado (médicos, advogados, etc);

Reuniões dominicais e semanais para estudo da Bíblia.

b) quais os objetivos de cada uma delas;

Ajudar as pessoas em suas dificuldades materiais, principalmente alimentação, acolhendo-as em meio a comunidade evangélica e apresentar a mensagem bíblica.

Nosso objetivo é que as pessoas conheçam Jesus e tenham suas vidas modificadas, melhore sua auto-estima, se insira socialmente.

c) qual o público atingido em cada uma delas;

Famílias mais carentes, desempregados, com crianças pequenas que estão passando por situações difíceis.

Outras pessoas participam das reuniões e ventos onde tem acesso a várias informações religiosas e também de ordem secular.

Fazemos alguns eventos, como festas, passeios com os freqüentadores da igreja, trazemos profissionais do meio evangélico para fazer palestras sobre planejamento familiar, orçamento doméstico, auto estima, relacionamento com filhos, etc.

d) qual a estrutura físico-material e humana que dispõe cada uma delas, (qual espaço físico é utilizado, quais materiais têm disponíveis e como adquiriram, quais pessoas estão envolvidas na execução, de onde provem os recursos financeiros);

As dependências da igreja, salas, algumas vezes fazemos em casas de pessoas da comunidade ou chácara um dia diferente de lazer para as famílias.

Todos os recursos financeiros, provém de doações dos fiéis, eles são administrados pela igreja que tem assembleia mensal para discutir orçamento e outras ações da igreja.

e) quantas pessoas participam diretamente dessas atividades;

Média das escolas: De 10 até 200 pessoas/dia, depende das atividades oferecidas.

Temos uma liderança que nos ajuda a organizar os vários departamentos e ações da igreja, hoje são aproximadamente, 30 pessoas em diversas atividades: Departamento de educação, ação social, família e casais, jovens, departamento de mulheres, homens

f) qual o tipo de relação que essas pessoas têm com a organização (são remuneradas ou voluntárias)?

Todas as pessoas são voluntárias, esse é um serviço para quem realmente quer ajudar ou fazer algo para melhorar a vida das pessoas.

g) nome dos responsáveis pela elaboração e execução dos projetos, se possível contatos;

René – 3457-1860 / Vanda – 3458-1997 / Silvia – / Adriana – 3457-1939

h) se conhece outra organização social que tem atuação na região do Jardim Europa. Caso conheça, há algum tipo de contato com as mesmas (como? através de quem?).

A gente sabe que tem outras igrejas fazendo algum tipo de ajuda às pessoas que ali estão. A maioria das igrejas e as pessoas que ali estão ajudam-se mutuamente. Em termos de atingir a população lembro da paróquia São Sebastião onde tem uma atuação forte.

6) Principal dificuldade que enfrenta no bairro. Liste em ordem de importância sendo a de nº. 1 a mais importante e a de nº. 5, a menos importante:

1. Saúde (é bem precária);
2. Rede bancária;
3. Não tem nenhum parque, playground para crianças;
- 4.
- 5.

7) O que você imagina que poderia ser feito para a população da região ter melhores condições de vida e de trabalho. Liste em ordem de importância as 5 que você considera mais relevante.

1. Posto de saúde;
2. Trazer mais bancos, ou pelo menos uma agência;
3. Falta espaço de lazer para as crianças e adultos.
- 4.
- 5.

Comentários sobre o tipo de ações que realizam:

Houve um caso de um senhor que veio do estado da Bahia para SOB para trabalhar no corte de cana. Ele chegou desesperado na igreja, tinha trabalhado o mês inteiro e só recebeu R\$ 100,00. Segundo ele o resto do pagamento se deu para o patrão descartar alimentação, passagem, aluguel do local onde estava com outros homens companheiros de trabalho. Isso já acontecia por 2 meses seguidos. Conversando com ele descobrimos que ele era pedreiro. Oferecemos ajuda, compramos ferramentas para ele trabalhar e aqui mesmo

na igreja ele prestou alguns dias de trabalho. Estava melhorando pelo menos em parte a situação. Outro irmão da comunidade ia leva-lo para trabalhar na obra como servente, mas esse senhor não agüentou uns dois meses, voltou a igreja para agradecer e pediu que ajudássemos a retornar para a Bahia pois lá tinha mulher e filhos e ficar por aqui não estava dando nem para ele, muito menos para ajudar a família, fizemos isso.

Mas ficamos muito tristes com casos desse tipo, em que não podemos fazer muito. Só socorremos essas urgências, fiquei pensando nos outros que estavam nas mesmas condições de trabalho, até pensei em apurar os fatos, denunciar, mas com tanta coisa nesse mundo...

Tem gente que é ajudado mensalmente, nos casos de nossas irmãs viúvas, senhoras e idosas que mal tem um salário mínimo para pagar água, luz, gás. A igreja mantém uma cesta alimentação para eles, mas não dá para atender a todos... então damos preferência aos que são da igreja local.

Data: 01 / 08 / 2007

I - Levantamento das organizações que têm intervenção na região do Jardim Europa.

Questionário - (para o gestor responsável pela instituição/programa).

1. Nome: Valdirene.

Formação: Pedagoga (dá aulas, estudo bíblico para juniores da igreja).

Reside em qual região: Jd. Europa.

2. Qual é o nome da Organização? Igreja Batista em Jardim Europa

3. Endereço: R. Bélgica

4. Telefone da Instituição / Outros Contatos: 3457-2719

5. Quais são os principais tipos de intervenção social que fazem?

✓ Em caso de terem intervenções educativas,

a) quais são elas;

Escolas bíblicas;

Grupos de cânticos, reuniões;

Ação social.

b) quais os objetivos de cada uma delas;

Cuidado espiritual, ensino bíblico, orações.

Assistência material às pessoas necessitadas.

c) qual o público atingido em cada uma delas;

Cada grupo tem pessoas de idades específicas, desde crianças, adolescentes, jovens, senhoras.

d) qual a estrutura físico-material e humana que dispõe cada uma delas, (qual espaço físico é utilizado, quais materiais têm disponíveis e como adquiriram, quais pessoas estão envolvidas na execução, de onde provem os recursos financeiros);

A igreja e as salas de sua dependência.

e) quantas pessoas participam diretamente dessas atividades;

Na idade dos juniores, acima de 12 anos, adolescentes e jovens acredito que aproximadamente uns 70 freqüentam as atividades. Depois tem crianças menores, seus pais familiares, etc. Quem faz as atividades são voluntários, mais ou menos 15 pessoas para essa faixa etária.

f) qual o tipo de relação que essas pessoas têm com a organização (são remuneradas ou voluntárias)?

Todos são voluntários. Eles fazem os estudos, reuniões, cânticos com esses adolescentes.

g) nome dos responsáveis pela elaboração e execução dos projetos, se possível contatos;

Solange, Sandra, Valdirene, Willian, Paulo, Simone.

h) se conhece outra organização social que tem atuação na região do Jardim Europa. Caso conheça, há algum tipo de contato com as mesmas (como? através de quem?).

Não.

6) Principal dificuldade que enfrenta no bairro. Liste em ordem de importância sendo a de nº. 1 a mais importante e a de nº. 5, a menos importante:

1. Saúde;
2. Escolas;
3. Cursos profissionalizantes para jovens;
4. Locais de lazer.
- 5.

7) O que você imagina que poderia ser feito para a população da região ter melhores condições de vida e de trabalho. Liste em ordem de importância as 5 que você considera mais relevante.

1. Posto de saúde;
2. Melhorar as escolas que tem e trazer mais;
3. Curso de formação gratuita;
4. Locais que fossem abertos para prática de esportes e mais lazer.
- 5.

Comentários sobre as atividades desenvolvidas:

As ajudas para as pessoas são realizadas através da ação social, um departamento da igreja que conta com voluntários que avaliam as necessidades sócio-econômicas das pessoas procuram a igreja. Geralmente a gente da cesta básica, alguns remédios em caso de doenças graves.

Mas há casos que a gente começa ajudar pessoas e tem que parar... tem gente que só vem buscar a cesta, não quer nada além disso, aí depois

encontramos no bairro, rua acima, rua abaixo pedindo nas porta, se a gente já deu ajuda aqui naquele mesmo dia, a pessoa não precisava pedir na rua...

Quem age assim não deve continuar sendo ajudada, as pessoas precisam mudar primeiro sua atitude e não ficar aproveitando situações e da boa vontade da igreja.

Data: 29 / 07 / 2007.

I - Levantamento das organizações que têm intervenção na região do Jardim Europa:

Questionário - (para o gestor responsável pela instituição/programa).

1. Nome: Pe. Inácio

Formação: Teologia, Filosofia, Artes cênicas

Reside em qual região: Jd. Europa

2. Qual é o nome da Organização? Paróquia São Sebastião

3. Endereço: R. Itália, 467

4. Telefone da Instituição / Outros Contatos: 3458-3627

5. Quais são os principais tipos de intervenção social que fazem?

✓ Em caso de terem intervenções educativas:

a) quais são elas;

Pastoral da criança – aproximadamente 1000 crianças

Pastoral dos Vicentinos – 4 conferências, cada, 25 famílias assistidas

3 meses e encaminhar para inserção no mercado

b) quais os objetivos de cada uma delas;

Ensinar a pescar / Nutrição

Alimentação / Orientações

c) qual o público atingido em cada uma delas;

criança até idosos

Pastoral criança – 1 vez por mês (pesam crianças na capela e fazem visitas)

Vicentinos – reuniões na capela

d) qual a estrutura físico-material e humana que dispõe cada uma delas, (qual espaço físico é utilizado, quais materiais têm disponíveis e como adquiriram, quais pessoas estão envolvidas na execução, de onde provem os recursos financeiros);

Pastoral da criança – recebe uma verba da paróquia

Vicentinos – recebem doações sócios, paroquianos, mais ou menos 80%

São Sebastião – tem 35.000 habitantes, 6 a 8 mil pessoas mais ativamente

e) quantas pessoas participam diretamente dessas atividades;

Média das escolas: De 10 até 200 pessoas/dia, depende das atividades oferecidas.

Pastoral da criança – mais ou menos 15 mulheres

Vicentinos – mais ou menos 22

f) qual o tipo de relação que essas pessoas têm com a organização (são remuneradas ou voluntárias)?

Voluntários

g) nome dos responsáveis pela elaboração e execução dos projetos, se possível contatos;

Pastoral – D. Luzia e Vicentinos – Leandro.

h) se conhece outra organização social que tem atuação na região do Jardim Europa. Caso conheça, há algum tipo de contato com as mesmas (como? através de quem?).

6) Principal dificuldade que enfrenta no bairro. Liste em ordem de importância sendo a de nº. 1 a mais importante e a de nº. 5, a menos importante:

1. A zona leste sofre com certo abandono. Precisa melhorar a Educação – tem muita criança na rua;
2. Saúde – muita gente procura por médico;
3. Moradia.
- 4.
- 5.

7) O que você imagina que poderia ser feito para a população da região ter melhores condições de vida e de trabalho. Liste em ordem de importância as 5 que você considera mais relevante.

- 1.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

Data: 24 / 07 / 2007.

I - Levantamento das organizações que têm intervenção na região do Jardim Europa:

Questionário - (para o gestor responsável pela instituição/programa).

1. Nome: D. Luzia

Formação: Ensino Fundamental

Reside em qual região: Jd. Europa

2. Qual é o nome da Organização?

Pastoral da Criança da Paróquia São Sebastião.

3. Endereço: R. Itália

4. Telefone da Instituição / Outros Contatos: 3473-1568

5. Quais são os principais tipos de intervenção social que fazem?

✓ Em caso de terem intervenções educativas,

a) quais são elas;

Atendimento as gestantes (visita e acompanha durante a gestação, orientando conforme programa da diocese de Piracicaba); Pesa crianças e oferecem multi-mistura para nutrição.

b) quais os objetivos de cada uma delas;

- Orientar as famílias, principalmente as mães acerca dos cuidados com a sua saúde e a dos filhos, evitando a desnutrição.

- Levar o amor de Deus

c) qual o público atingido em cada uma delas;

Mães e crianças até 5 anos.

Mais ou menos 130 crianças atualmente. Pesam 1 vez por mês, sábado, e ganham a multi-mistura.

d) qual a estrutura físico-material e humana que dispõe cada uma delas, (qual espaço físico é utilizado, quais materiais têm disponíveis e como adquiriram, quais pessoas estão envolvidas na execução, de onde provem os recursos financeiros);

Salas da paróquia; Verba da Diocese de Piracicaba; Doação dos fiéis.

e) quantas pessoas participam diretamente dessas atividades;

Média das escolas:

Voluntários da igreja, mais ou menos 6 mulheres.

f) qual o tipo de relação que essas pessoas têm com a organização (são remuneradas ou voluntárias)?

Fiéis e voluntários da igreja.

g) nome dos responsáveis pela elaboração e execução dos projetos, se possível contatos;

D. Luzia.

h) se conhece outra organização social que tem atuação na região do Jardim Europa. Caso conheça, há algum tipo de contato com as mesmas (como? através de quem?).

Não

6) Principal dificuldade que enfrenta no bairro. Liste em ordem de importância sendo a de nº. 1 a mais importante e a de nº. 5, a menos importante:

1. Falta creche para crianças, as mães precisam trabalhar e não pode pagar outra pessoa para olhar os filhos;
2. Falta de médicos.
- 3.
- 4.
- 5.

7) O que você imagina que poderia ser feito para a população da região ter melhores condições de vida e de trabalho. Liste em ordem de importância as 5 que você considera mais relevante.

1. Mais creches;
2. Mais atenção dos governantes;
3. Mais medicamentos no posto para as mães que não tem condições de comprar;
4. Mais médicos.
- 5.

Data: 24 / 07 / 2007.

I - Levantamento das organizações que têm intervenção na região do Jardim Europa:

Questionário - (para o gestor responsável pela instituição/programa).

1. Nome: Leandro

Formação: Ensino médio

Reside em qual região: Jd. Europa

2. Qual é o nome da Organização? Paróquia São Sebastião – Grupo Vicentinos

3. Endereço: R. Itália – Jd. Europa

4. Telefone da Instituição / Outros Contatos: Instituição: 3458-3627

Residência: 3457-3184

5. Quais são os principais tipos de intervenção social que fazem?

✓ Em caso de terem intervenções educativas,

a) quais são elas;

Cesta básica a cada 15 dias para famílias atendidas;

Visitação nas casa para acompanhar a família;

Evangelização, incentivo a participar do catequismo, vir para igreja, batizar os filhos, fazer crisma dos filhos...

b) quais os objetivos de cada uma delas;

Ajuda material; Espiritual; Evangelismo.

c) qual o público atingido em cada uma delas;

Famílias de baixa renda, em situações precárias, desempregados

d) qual a estrutura físico-material e humana que dispõe cada uma delas, (qual espaço físico é utilizado, quais materiais têm disponíveis e como adquiriram, quais pessoas estão envolvidas na execução, de onde provem os recursos financeiros);

Usa as salas da paróquia; Todos que trabalham são voluntários; Fazemos festas, vendemos pizzas para conseguir levantar fundos. Os fiéis da paróquia também ofertam para os vicentinos.

e) quantas pessoas participam diretamente dessas atividades;

Média das escolas: De 10 até 200 pessoas/dia, depende das atividades oferecidas.

São quatro conferências, cada uma tem mais ou menos 10 membros voluntários. Estamos atendendo mais ou menos 40 famílias.

f) qual o tipo de relação que essas pessoas têm com a organização (são remuneradas ou voluntárias)?

Voluntários, vocação para ajudar e levar o evangelho

g) nome dos responsáveis pela elaboração e execução dos projetos, se possível contatos;

Leandro.

h) se conhece outra organização social que tem atuação na região do Jardim Europa. Caso conheça, há algum tipo de contato com as mesmas (como? através de quem?).

Não.

6) Principal dificuldade que enfrenta no bairro. Liste em ordem de importância sendo a de nº. 1 a mais importante e a de nº. 5, a menos importante:

1. Falta orientação, informação, enfim , educação;
2. saúde – família com gestante de 7 meses e nunca fez ultra-som.
- 3.
- 4.
- 5.

7) O que você imagina que poderia ser feito para a população da região ter melhores condições de vida e de trabalho. Liste em ordem de importância as 5 que você considera mais relevante.

1. Falta escolas boas para atender a população;
2. melhorar o posto de saúde;
3. mais projetos para atender as famílias carentes.
- 4.
- 5.

Comentários do entrevistado:

A gente consegue ajudar muito as pessoas. Muitas vezes levamos currículos à empresa que trabalhamos, distribuímos com amigos da comunidade e até conseguimos inserir a pessoas no mercado de trabalho.

Quando a pessoa quer melhorar de vida , a gente logo percebe, ela se envolve com as atividades da igreja, traz os filhos, mas tem gente que só quer aproveitar dos benefícios, receber a cesta básica e ponto.

Há casos em que a gente começa a ajudar algumas pessoas, mas logo percebe que estão acomodadas ... sabe? Aquelas pessoas que acostumaram andar por tudo quanto é lugar pedindo as coisas, não querem mudar, aí não tem como a gente continuar ajudando. Se elas demonstraram interesse... isso a gente logo vê, traz os filhos para o catequismo, procura emprego... nós até levamos currículo na empresa onde trabalhamos e já chegamos a conseguir trabalho. Tem o caso de uma família que ajudamos vários meses, passou o tempo, mas nós víamos que eles estavam tentando sair daquela situação. Hoje estão com a vida equilibrada, conseguem se sustentar e estão com a gente aí na comunidade.

Data: 24 / 07 / 2007.

I - Levantamento das organizações que têm intervenção na região do Jardim Europa:

Questionário - (para o gestor responsável pela instituição/programa).

1. Nome: Vicentinos da Conferência São Sebastião

Formação: Diversas escolaridades / católicos.

Reside em qual região: Jd. Europa – Região leste – SOB.

2. Qual é o nome da Organização?

Sociedade São Vicente de Paula (Conferencia São Sebastião)

3. Endereço: R. Bulgária, 1520 – Jd. Europa-SBO

4. Telefone da Instituição / Outros Contatos: 3457-3184

5. Quais são os principais tipos de intervenção social que fazem?

✓ Em caso de terem intervenções educativas,

a) quais são elas;

Auxílio alimentar e espiritual à famílias necessitadas do bairro.

b) quais os objetivos de cada uma delas;

Ajudar essas famílias e recupera-los principalmente na parte espiritual

(trazer de volta a igreja católica), além de dar assistência com alimentos.

c) qual o público atingido em cada uma delas;

Famílias de baixa renda do bairro.

d) qual a estrutura físico-material e humana que dispõe cada uma delas, (qual espaço físico é utilizado, quais materiais têm disponíveis e como adquiriram, quais pessoas estão envolvidas na execução, de onde provem os recursos financeiros);

Dispomos de um espaço na paróquia São Sebastião – Jd. Europa, onde realizamos reuniões e guardamos alimentos doados pela comunidade. Estes alimentos são levados por nós vicentinos toda semana, no que chamamos de visita as famílias, nessas visitas conversamos e aconselhamos as famílias a participar da igreja além de ajuda-los com alimentos.

e) quantas pessoas participam diretamente dessas atividades;

Média das escolas: De 10 até 200 pessoas/dia, depende das atividades oferecidas.

Grupo de 8 pessoas.

f) qual o tipo de relação que essas pessoas têm com a organização (são remuneradas ou voluntárias)?

São todos voluntários.

g) nome dos responsáveis pela elaboração e execução dos projetos, se possível contatos;

Leandro Marcelino da Silva – Fone 3457-3184, Presidente da Conferência São Sebastião.

h) se conhece outra organização social que tem atuação na região do Jardim Europa. Caso conheça, há algum tipo de contato com as mesmas (como? Através de quem?).

Não

6) Principal dificuldade que enfrenta no bairro. Liste em ordem de importância sendo a de nº. 1 a mais importante e a de nº. 5, a menos importante:

1. Assistência social as famílias;
2. Assistência as famílias;
3. Falta de creche;
4. Transporte público;
5. Melhor atendimento dos funcionários públicos municipais.

7) O que você imagina que poderia ser feito para a população da região ter melhores condições de vida e de trabalho. Liste em ordem de importância as 5 que você considera mais relevante.

1. Aumentar a capacidade do posto médico;
2. Aumentar as instalações da creche;
3. Criar frentes de trabalho no bairro;
4. Criar espaços de lazeres;
5. Incentivar a população a participar de projetos como grupos de 3ª idade, diabetes, etc.

Data: 18 / 08 / 2007

I - Levantamento das organizações que têm intervenção na região do Jardim Europa.

Questionário - (para o gestor responsável pela instituição/programa).

1. Nome: Maria Luiza da S. Laura

Formação: Letras

Reside em qual região: J. Europa - Res. 3458-3123

2. Qual é o nome da Organização? E. E. M^a Judita Savioli de Oliveira

3. Endereço: R: Bartolomeu de Gusmão, 162 – Pq. Frezzarim

4. Telefone da Instituição / Outros Contatos: 3458-1856 (Diretora Clarice)

5. Quais são os principais tipos de intervenção social que fazem?

✓ Em caso de terem intervenções educativas,

a) quais são elas;

Pintura em tecido / Clube de Leitura (Revistoteca)

Arte em Jornal / Voley

Tênis de Mesa / Iniciando Curso de Bijouteria

Futsal / Padaria Artesanal

b) quais os objetivos de cada uma delas;

Tirar alunos/crianças da rua

Possibilidade de retorno aos estudos

Tentar dar uma perspectiva, horizonte através de orientações.

c) qual o público atingido em cada uma delas:

Boa parte alunos ou desistentes

Comunidade

Idade de 6 a 20 anos

Algumas mães da comunidade

d) qual a estrutura físico-material e humana que dispõe cada uma delas, (qual espaço físico é utilizado, quais materiais têm disponíveis e como adquiriram, quais pessoas estão envolvidas na execução, de onde provem os recursos financeiros);

Verba – menos diversificação mais qualidade para dar para o ano

Dificuldade – são parceiros para ajuda financeira

Doação – A.P.M. / Educador

e) quantas pessoas participam diretamente dessas atividades:

3 Voluntários / 2 Universitários / 1 Educador Profissional

70 pessoas que geralmente participam em mais de 3 oficinas. E cada oficina tem uma lenta presença

f) qual o tipo de relação que essas pessoas têm com a organização (são remuneradas ou voluntárias)?

Voluntárias – maior dificuldade

Parceiros – atualmente só tem 1 (Antes vinham os desbravadores – grupo da I adventista do 7º dia do Jd. Europa – davam atividades físicas

g) nome dos responsáveis pela elaboração e execução dos projetos, se possível contatos;

Maria Luiza – Educadora Profissional / Projeto

Clarice – Direção

h) se conhece outra organização social que tem atuação na região do Jardim Europa. Caso conheça, há algum tipo de contato com as mesmas (como? através de quem?).

Escolas;

Paróquia S. Sebastião com pastoral da criança;

Centro Comunitário.

6) Principal dificuldade que enfrenta no bairro. Liste em ordem de importância sendo a de nº. 1 a mais importante e a de nº. 5, a menos importante:

1. Falta médicos no posto de saúde;
2. Falta creches (para crianças de mães que trabalham);
3. Não tem cursos profissionalizantes;
4. Asfaltos esburacados;
5. Desemprego.

7) O que você imagina que poderia ser feito para a população da região ter melhores condições de vida e de trabalho. Liste em ordem de importância as 5 que você considera mais relevante.

1. Mais médicos;
2. Mais creches;
3. Cursos profissionalizantes;

4. Melhor infra-estrutura;
5. Mais empregos.

OBS: Essa gestora iniciou em maio de 2004. Ela afirma ter conquistado muitos espaços e adolescentes. No início havia roubo de bolsas, muitas pichações, depredações do prédio, vidros, não conseguia sequer conversar pela rebeldia dos adolescente.

Hoje ela afirma, eles melhoraram como pessoas, respeito. Isso acaba chegando na sala de aula; Mas em tudo isso, o que ajuda muito é a conversa.

Hoje ela atende principalmente os alunos dos bairros Pq. Res. Frezzarim e Jd Europa IV.

Data: 02 / 07 / 2006.

Questionário aplicado aos usuários das intervenções sócio-comunitárias⁶⁰.

II - Das necessidades que a comunidade apresenta

1. Nome: D.

2. Bairro onde mora: Jd. Europa

3. Participa de qual entidade que atua na região do J Europa: Judita

4. Idade:

12 13 14 15 16 17 18

5. Escolaridade:

fundamental incompleto;

fundamental completo;

médio incompleto;

médio completo;

6. Salário familiar

até 1 salário mínimo (R\$ 350,00 aproximadamente);

até 3 salários mínimos (R\$ 1050,00 aproximadamente);

até 5 salários mínimos (R\$ 1750 aproximadamente);

até 10 salários mínimos (R\$ 3500,00 aproximadamente);

mais de 10 salários mínimos;

7. Principal dificuldade que enfrenta no bairro. Liste em ordem de importância sendo a de nº. 1 a mais importante e a de nº. 5, a menos importante:

⁶⁰ Para manter resguardada a identidade dos usuários que são menores de idade, optamos por anunciar apenas as iniciais de seus nomes, alguns deles, apenas a letra inicial do primeiro nome.

1. Falta limpeza;
2. Falta asfalto;
3. Falta segurança;
4. Falta CDHU;
5. Falta emprego.

8. O que você imagina que poderia ser feito para você ter melhores condições de vida e de trabalho. Liste em ordem de importância as 5 que você considera mais relevante.

6. Mais limpeza e higiene;
7. Melhores asfaltos e recapeamentos;
8. Mais policiais na rua;
9. Mais moradia popular;
10. Mais oportunidade e emprego.

9. Caso precise de mais informações poderia contatar através de:
Grécia, 445.

10. Atividades que mais participa:
Artesanato e Futebol.

Data: 02 / 07 / 2006.

Questionário aplicado aos usuários das intervenções sócio-comunitárias

II - Das necessidades que a comunidade apresenta

1. Nome: D. F. D. S.

2. Bairro onde mora: Jd. Europa

3. Participa de qual entidade que atua na região do J Europa: Maria Judita Savioli de Oliveira

4. Idade:

12 13 14 15 16 17 18

5. Escolaridade:

fundamental incompleto;

fundamental completo;

médio incompleto;

médio completo;

6. Salário familiar

até 1 salário mínimo (R\$ 350,00 aproximadamente);

até 3 salários mínimos (R\$ 1050,00 aproximadamente);

até 5 salários mínimos (R\$ 1750 aproximadamente);

até 10 salários mínimos (R\$ 3500,00 aproximadamente);

mais de 10 salários mínimos;

7. Principal dificuldade que enfrenta no bairro. Liste em ordem de importância sendo a de nº. 1 a mais importante e a de nº. 5, a menos importante:

1. Falta supletivo noturno na escola Maria Judita;
2. Posto médico;
3. Mais escola;
4. Mais festas na praça do Jd. Europa.
- 5.

8. O que você imagina que poderia ser feito para você ter melhores condições de vida e de trabalho. Liste em ordem de importância as 5 que você considera mais relevante.

11. Ter supletivo noturno;
12. Ter muitas pessoas trabalhando no posto médico;
13. Mais escola;
14. Mais eventos na praça principalmente no Jd. Europa.
- 15.

9. Caso precise de mais informações poderia contatar através de:

Cel. 9192-8239

10. Atividades que mais participa:

Ping-Pong, futebol, leitura de gibis.

Data: 02 / 07 / 2006.

Questionário aplicado aos usuários das intervenções sócio-comunitárias

II - Das necessidades que a comunidade apresenta

1. Nome: G.

2. Bairro onde mora: Jd. Da Paz

3. Participa de qual entidade que atua na região do J Europa: Judita

4. Idade:

12 13 14 15 16 17 18 19

5. Escolaridade:

fundamental incompleto;

fundamental completo;

médio incompleto;

médio completo;

6. Salário familiar

até 1 salário mínimo (R\$ 350,00 aproximadamente);

até 3 salários mínimos (R\$ 1050,00 aproximadamente);

até 5 salários mínimos (R\$ 1750 aproximadamente);

até 10 salários mínimos (R\$ 3500,00 aproximadamente);

mais de 10 salários mínimos;

7. Principal dificuldade que enfrenta no bairro. Liste em ordem de importância sendo a de nº. 1 a mais importante e a de nº. 5, a menos importante:

1. Falta áreas de lazer

2. Falta bancos
3. Falta ônibus
4. Falta segurança
5. Falta médicos

8. O que você imagina que poderia ser feito para você ter melhores condições de vida e de trabalho. Liste em ordem de importância as 5 que você considera mais relevante.

16. Elaboração de área de lazer
17. Abertura de bancos
18. Maior quantidade de ônibus
19. Mais ronda escolar
20. Mais médicos

9. Caso precise de mais informações poderia contatar através de:
gnust@yahoo.com

10. Atividades que mais participa: todas.

Data: 02 / 07 / 2006.

Questionário aplicado aos usuários das intervenções sócio-comunitárias

II - Das necessidades que a comunidade apresenta

1. Nome: H. W. R. A.

2. Bairro onde mora: Pq. Res. Frezzarim

3. Participa de qual entidade que atua na região do J Europa: Judita

4. Idade:

12 13 14 15 16 17 18

5. Escolaridade:

fundamental incompleto;

fundamental completo;

médio incompleto;

médio completo;

6. Salário familiar

até 1 salário mínimo (R\$ 350,00 aproximadamente);

até 3 salários mínimos (R\$ 1050,00 aproximadamente);

até 5 salários mínimos (R\$ 1750 aproximadamente);

até 10 salários mínimos (R\$ 3500,00 aproximadamente);

mais de 10 salários mínimos;

7. Principal dificuldade que enfrenta no bairro. Liste em ordem de importância sendo a de nº. 1 a mais importante e a de nº. 5, a menos importante:

1. Buracos

2. Posto de saúde (poucos funcionários, sem atendimento)
3. Escolas profissionalizantes
4. Transporte precário
5. Projetos sociais para crianças de rua e tudo mais

8. O que você imagina que poderia ser feito para você ter melhores condições de vida e de trabalho. Liste em ordem de importância as 5 que você considera mais relevante.

21. Resolver os problemas da pergunta 7
- 22.
- 23.
- 24.
- 25.

9. Caso precise de mais informações poderia contatar através de:

10. Atividades que mais participa:

Futebol e Tênis de mesa.

Data: 02/ 07/ 2006.

Questionário aplicado aos usuários das intervenções sócio-comunitárias

II - Das necessidades que a comunidade apresenta

1. Nome: O. J. R. B.

2. Bairro onde mora: Mario Covas (CDHU)

3. Participa de qual entidade que atua na região do J Europa: Judita

4. Idade:

12 13 14 15 16 17 18 19

5. Escolaridade:

fundamental incompleto;

fundamental completo;

médio incompleto;

médio completo;

6. Salário familiar: Não sabe

até 1 salário mínimo (R\$ 350,00 aproximadamente);

até 3 salários mínimos (R\$ 1050,00 aproximadamente);

até 5 salários mínimos (R\$ 1750 aproximadamente);

até 10 salários mínimos (R\$ 3500,00 aproximadamente);

mais de 10 salários mínimos;

7. Principal dificuldade que enfrenta no bairro. Liste em ordem de importância sendo a de nº. 1 a mais importante e a de nº. 5, a menos importante:

1. Falta posto de saúde

2. Cursos profissionalizantes
3. Falta alfabetização para adultos
- 4.
- 5.

8. O que você imagina que poderia ser feito para você ter melhores condições de vida e de trabalho. Liste em ordem de importância as 5 que você considera mais relevante.

1. Mais posto de saúde;
2. Ter cursos profissionalizantes;
3. Ter alfabetização;
- 4.
- 5.

9. Caso precise de mais informações poderia contatar através de:

Benedito Ramos, nº 180

10. Atividades que mais participa:

Futebol.

Data: 02/ 07 / 2006.

Questionário aplicado aos usuários das intervenções sócio-comunitárias

II - Das necessidades que a comunidade apresenta

1. Nome: R. W.

2. Bairro onde mora: Pq. Da Liberdade

3. Participa de qual entidade que atua na região do J Europa: Judita

4. Idade:

12 13 14 15 16 17 18

5. Escolaridade:

fundamental incompleto;

fundamental completo;

médio incompleto;

médio completo;

6. Salário familiar

até 1 salário mínimo (R\$ 350,00 aproximadamente);

até 3 salários mínimos (R\$ 1050,00 aproximadamente);

até 5 salários mínimos (R\$ 1750 aproximadamente);

até 10 salários mínimos (R\$ 3500,00 aproximadamente);

mais de 10 salários mínimos;

7. Principal dificuldade que enfrenta no bairro. Liste em ordem de importância sendo a de nº. 1 a mais importante e a de nº. 5, a menos importante:

1. Os buracos;

2. Posto de saúde;
3. Escolas profissionalizantes;
4. Transporte;
5. Projetos para ajudar a sociedade.

8. O que você imagina que poderia ser feito para você ter melhores condições de vida e de trabalho. Liste em ordem de importância as 5 que você considera mais relevante.

1. Tampar os buracos;
2. Resolver os problemas da questão 7;
- 3.
- 4.
- 5.

9. Caso precise de mais informações poderia contatar através de:

3407-2442 / slipkre@hotmail.com

10. Atividades que mais participa:

Futebol e Tênis de mesa.

Data: 02 / 07 / 2006.

Questionário aplicado aos usuários das intervenções sócio-comunitárias

II - Das necessidades que a comunidade apresenta

1. Nome: F. R. A. S.

2. Bairro onde mora: Jd. Europa

3. Participa de qual entidade que atua na região do J Europa: Lacava

4. Idade:

12 13 14 15 16 17 18

5. Escolaridade:

fundamental incompleto;

fundamental completo;

médio incompleto;

médio completo;

6. Salário familiar

até 1 salário mínimo (R\$ 350,00 aproximadamente);

até 3 salários mínimos (R\$ 1050,00 aproximadamente);

até 5 salários mínimos (R\$ 1750 aproximadamente);

até 10 salários mínimos (R\$ 3500,00 aproximadamente);

mais de 10 salários mínimos;

7. Principal dificuldade que enfrenta no bairro. Liste em ordem de importância sendo a de nº. 1 a mais importante e a de nº. 5, a menos importante:

1. Ruas;

2. Posto médico;
3. Escola;
4. Rede de esgoto;
5. Mais funcionamento público.

8. O que você imagina que poderia ser feito para você ter melhores condições de vida e de trabalho. Liste em ordem de importância as 5 que você considera mais relevante.

1. Vou jogar bola;
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

9. Caso precise de mais informações poderia contatar através de:

10. Atividades que mais participa:

Data: 09 / 07 / 2006.

Questionário aplicado aos usuários das intervenções sócio-comunitárias

II - Das necessidades que a comunidade apresenta

1. Nome: G. J. S.

2. Bairro onde mora: Jd. Europa IV

3. Participa de qual entidade que atua na região do J Europa: Lacava

4. Idade:

12 13 14 15 16 17 18

5. Escolaridade:

fundamental incompleto;

fundamental completo;

médio incompleto;

médio completo;

6. Salário familiar

até 1 salário mínimo (R\$ 350,00 aproximadamente);

até 3 salários mínimos (R\$ 1050,00 aproximadamente);

até 5 salários mínimos (R\$ 1750 aproximadamente);

até 10 salários mínimos (R\$ 3500,00 aproximadamente);

mais de 10 salários mínimos;

7. Principal dificuldade que enfrenta no bairro. Liste em ordem de importância sendo a de nº. 1 a mais importante e a de nº. 5, a menos importante:

1. Trabalhos para os jovens e adolescentes;

2. Mais oportunidades de cursos;
3. Mais recreação para os adolescentes.
- 4.
- 5.

8. O que você imagina que poderia ser feito para você ter melhores condições de vida e de trabalho. Liste em ordem de importância as 5 que você considera mais relevante.

1. Ter mais voluntários mais recursos;
2. Mais atividades.
- 3.
- 4.
- 5.

9. Caso precise de mais informações poderia contatar através de:

10. Atividades que mais participa:

Eu participo de todas as atividades que é realizada na escola

Data: 09 / 07 / 2006.

Questionário aplicado aos usuários das intervenções sócio-comunitárias

II - Das necessidades que a comunidade apresenta

1. Nome: G. N. R.

2. Bairro onde mora: Jd. Europa

3. Participa de qual entidade que atua na região do J Europa: Lacava

4. Idade:

12 13 14 15 16 17 18

5. Escolaridade:

fundamental incompleto;

fundamental completo;

médio incompleto;

médio completo;

6. Salário familiar

até 1 salário mínimo (R\$ 350,00 aproximadamente);

até 3 salários mínimos (R\$ 1050,00 aproximadamente);

até 5 salários mínimos (R\$ 1750 aproximadamente);

até 10 salários mínimos (R\$ 3500,00 aproximadamente);

mais de 10 salários mínimos;

7. Principal dificuldade que enfrenta no bairro. Liste em ordem de importância sendo a de nº. 1 a mais importante e a de nº. 5, a menos importante:

1. Falta de lazer;

2. As ruas cheias de buracos;
3. Falta de policiamento pelas ruas;
4. Atendimento público (postos de saúde);
5. O ensino das escolas.

8. O que você imagina que poderia ser feito para você ter melhores condições de vida e de trabalho. Liste em ordem de importância as 5 que você considera mais relevante.

1. Lazer: Uma pista de skate na praça;
2. Cursos técnicos nas escolas e na comunidade;
3. A comunidade se reunir para fazer abaixo assinado para melhorar as ruas;
4. Segurança nas ruas;
5. Mais organização do atendimento público.

9. Caso precise de mais informações poderia contatar através de:

10. Atividades que mais participa:

Data: 15 / 07 / 2006.

Questionário aplicado aos usuários das intervenções sócio-comunitárias

II - Das necessidades que a comunidade apresenta

1. Nome: G. A.

2. Bairro onde mora: Jd. Europa

3. Participa de qual entidade que atua na região do J Europa: Lacava

4. Idade:

12 13 14 15 16 17 18

5. Escolaridade:

fundamental incompleto;

fundamental completo;

médio incompleto;

médio completo;

6. Salário familiar

até 1 salário mínimo (R\$ 350,00 aproximadamente);

até 3 salários mínimos (R\$ 1050,00 aproximadamente);

até 5 salários mínimos (R\$ 1750 aproximadamente);

até 10 salários mínimos (R\$ 3500,00 aproximadamente);

mais de 10 salários mínimos;

7. Principal dificuldade que enfrenta no bairro. Liste em ordem de importância sendo a de nº. 1 a mais importante e a de nº. 5, a menos importante:

1. Falta de lazer nas praças;

2. Posto de saúde atendimento mal;
3. Falte de luz nos postes;
4. ruas cheia de buracos;
5. Falta de segurança.

8. O que você imagina que poderia ser feito para você ter melhores condições de vida e de trabalho. Liste em ordem de importância as 5 que você considera mais relevante.

1. Curso profissionalizante;
2. Opções de lazer;
3. Médicos para atendimentos;
4. Policiais circulando pelas ruas.
- 5.

9. Caso precise de mais informações poderia contatar através de:

10. Atividades que mais participa:

Data: 16 / 07 / 2006.

Questionário aplicado aos usuários das intervenções sócio-comunitárias

II - Das necessidades que a comunidade apresenta

1. Nome: M.

2. Bairro onde mora: Jd. Europa

3. Participa de qual entidade que atua na região do J Europa: Lacava

4. Idade:

12 13 14 15 16 17 18

5. Escolaridade:

fundamental incompleto;

fundamental completo;

médio incompleto;

médio completo;

6. Salário familiar Não sabe

até 1 salário mínimo (R\$ 350,00 aproximadamente);

até 3 salários mínimos (R\$ 1050,00 aproximadamente);

até 5 salários mínimos (R\$ 1750 aproximadamente);

até 10 salários mínimos (R\$ 3500,00 aproximadamente);

mais de 10 salários mínimos;

7. Principal dificuldade que enfrenta no bairro. Liste em ordem de importância sendo a de nº. 1 a mais importante e a de nº. 5, a menos importante:

1. Falta atendimento médico;

2. Melhorar a escola, a quadra está ruim;
3. Pouco lazer;
4. Difícil achar emprego.
- 5.

8. O que você imagina que poderia ser feito para você ter melhores condições de vida e de trabalho. Liste em ordem de importância as 5 que você considera mais relevante.

1. Melhor atendimento médico;
2. Melhoria na escola;
3. Mais espaço / lugar para lazer;
4. Mais emprego.
- 5.

9. Caso precise de mais informações poderia contatar através de:

10. Atividades que mais participa:

Data: 02 / 07 / 2006.

Questionário aplicado aos usuários das intervenções sócio-comunitárias

II - Das necessidades que a comunidade apresenta

1. Nome: R. G. S.

2. Bairro onde mora: Jd. Da Palmeira

3. Participa de qual entidade que atua na região do J Europa: Lacava

4. Idade:

12 13 14 15 16 17 18

5. Escolaridade:

fundamental incompleto;

fundamental completo;

médio incompleto;

médio completo;

6. Salário familiar

até 1 salário mínimo (R\$ 350,00 aproximadamente);

até 3 salários mínimos (R\$ 1050,00 aproximadamente);

até 5 salários mínimos (R\$ 1750 aproximadamente);

até 10 salários mínimos (R\$ 3500,00 aproximadamente);

mais de 10 salários mínimos;

7. Principal dificuldade que enfrenta no bairro. Liste em ordem de importância sendo a de nº. 1 a mais importante e a de nº. 5, a menos importante:

1. Policial;

2. Médico;
- 3.
- 4.
- 5.

8. O que você imagina que poderia ser feito para você ter melhores condições de vida e de trabalho. Liste em ordem de importância as 5 que você considera mais relevante.

- 1.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

9. Caso precise de mais informações poderia contatar através de:

10. Atividades que mais participa:

Data: 09 / 07 / 2006.

Questionário aplicado aos usuários das intervenções sócio-comunitárias

II - Das necessidades que a comunidade apresenta

1. Nome: R. R. C.

2. Bairro onde mora: Jd. Europa

3. Participa de qual entidade que atua na região do J Europa: Lacava

4. Idade:

12 13 14 15 16 17 18

5. Escolaridade:

fundamental incompleto;

fundamental completo;

médio incompleto;

médio completo;

6. Salário familiar

até 1 salário mínimo (R\$ 350,00 aproximadamente);

até 3 salários mínimos (R\$ 1050,00 aproximadamente);

até 5 salários mínimos (R\$ 1750 aproximadamente);

até 10 salários mínimos (R\$ 3500,00 aproximadamente);

mais de 10 salários mínimos;

7. Principal dificuldade que enfrenta no bairro. Liste em ordem de importância sendo a de nº. 1 a mais importante e a de nº. 5, a menos importante:

1. Ruas com buracos;

2. Médicos;
3. Escolas;
4. Mais funcionamento público.
- 5.

8. O que você imagina que poderia ser feito para você ter melhores condições de vida e de trabalho. Liste em ordem de importância as 5 que você considera mais relevante.

1. Vou jogar de futebol.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

9. Caso precise de mais informações poderia contatar através de:

10. Atividades que mais participa:

Data: 09 / 07 / 2006.

Questionário aplicado aos usuários das intervenções sócio-comunitárias

II - Das necessidades que a comunidade apresenta

1. Nome: T. F. S.

2. Bairro onde mora: Jd. Europa

3. Participa de qual entidade que atua na região do J Europa: Lacava

4. Idade:

12 13 14 15 16 17 18

5. Escolaridade:

fundamental incompleto;

fundamental completo;

médio incompleto;

médio completo;

6. Salário familiar

até 1 salário mínimo (R\$ 350,00 aproximadamente);

até 3 salários mínimos (R\$ 1050,00 aproximadamente);

até 5 salários mínimos (R\$ 1750 aproximadamente);

até 10 salários mínimos (R\$ 3500,00 aproximadamente);

mais de 10 salários mínimos;

7. Principal dificuldade que enfrenta no bairro. Liste em ordem de importância sendo a de nº. 1 a mais importante e a de nº. 5, a menos importante:

1. Ter mais comunhão com os jovens e adolescentes;

2. Ter respeito com seus pais;
3. Ter responsabilidade.
- 4.
- 5.

8. O que você imagina que poderia ser feito para você ter melhores condições de vida e de trabalho. Liste em ordem de importância as 5 que você considera mais relevante.

1. Ter mais trabalho;
2. Ter mais estudos;
3. Reconhecer sua habilidade.
- 4.
- 5.

9. Caso precise de mais informações poderia contatar através de:

3473-0128 / 3473-4880

10. Atividades que mais participa:

Futsal e Vôlei.

Data: 09 / 07 / 2006.

Questionário aplicado aos usuários das intervenções sócio-comunitárias

II - Das necessidades que a comunidade apresenta

1. Nome: T. P. J.

2. Bairro onde mora: J. Europa

3. Participa de qual entidade que atua na região do J Europa: Lacava

4. Idade:

12 13 14 15 16 17 18

5. Escolaridade:

fundamental incompleto;

fundamental completo;

médio incompleto;

médio completo;

6. Salário familiar

até 1 salário mínimo (R\$ 350,00 aproximadamente);

até 3 salários mínimos (R\$ 1050,00 aproximadamente);

até 5 salários mínimos (R\$ 1750 aproximadamente);

até 10 salários mínimos (R\$ 3500,00 aproximadamente);

mais de 10 salários mínimos;

7. Principal dificuldade que enfrenta no bairro. Liste em ordem de importância sendo a de nº. 1 a mais importante e a de nº. 5, a menos importante:

1. Falta de respeito;

2. falta obediência;
3. Falta responsabilidade;
4. O mundo que não tenha guerra;
5. Falta respeito nas escolas.

8. O que você imagina que poderia ser feito para você ter melhores condições de vida e de trabalho. Liste em ordem de importância as 5 que você considera mais relevante.

1. O movimento;
2. A tranquilidade;
3. Mais respeito;
4. Mais qualidade;
5. Mais obediência.

9. Caso precise de mais informações poderia contatar através de:

10. Atividades que mais participa:

Só ajudo um pouco elas fazerem as pulseiras para vender

Data: 09/07/2006.

Questionário aplicado aos usuários das intervenções sócio-comunitárias

II - Das necessidades que a comunidade apresenta

1. Nome: T. P. S.

2. Bairro onde mora: Jd. Europa

3. Participa de qual entidade que atua na região do J Europa: Lacava

4. Idade:

12 13 14 15 16 17 18

5. Escolaridade:

fundamental incompleto;

fundamental completo;

médio incompleto;

médio completo;

6. Salário familiar

até 1 salário mínimo (R\$ 350,00 aproximadamente);

até 3 salários mínimos (R\$ 1050,00 aproximadamente);

até 5 salários mínimos (R\$ 1750 aproximadamente);

até 10 salários mínimos (R\$ 3500,00 aproximadamente);

mais de 10 salários mínimos;

7. Principal dificuldade que enfrenta no bairro. Liste em ordem de importância sendo a de nº. 1 a mais importante e a de nº. 5, a menos importante:

1. Ruas com buraco;

2. Pouco espaço para lazer;
3. Falta ensino técnico;
4. Posto de saúde;
5. Hospital com atendimento ruim.

8. O que você imagina que poderia ser feito para você ter melhores condições de vida e de trabalho. Liste em ordem de importância as 5 que você considera mais relevante.

1. Melhorar todos esses itens que falei antes.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

9. Caso precise de mais informações poderia contatar através de:

3473-0605 / tiaguinho1985@yahoo.com.br

10. Atividades que mais participa:

Data: 09 / 07 / 2006.

Questionário aplicado aos usuários das intervenções sócio-comunitárias

II - Das necessidades que a comunidade apresenta

1. Nome: E. F. F. F.

2. Bairro onde mora: Jd. Europa

3. Participa de qual entidade que atua na região do J Europa: Escola da Família no Matarazzo

4. Idade:

12 13 14 15 16 17 18

5. Escolaridade:

fundamental incompleto;

fundamental completo;

médio incompleto;

médio completo;

6. Salário familiar

até 1 salário mínimo (R\$ 350,00 aproximadamente);

até 3 salários mínimos (R\$ 1050,00 aproximadamente);

até 5 salários mínimos (R\$ 1750 aproximadamente);

até 10 salários mínimos (R\$ 3500,00 aproximadamente);

mais de 10 salários mínimos;

7. Principal dificuldade que enfrenta no bairro. Liste em ordem de importância sendo a de nº. 1 a mais importante e a de nº. 5, a menos importante:

1. Incapacidade dos professores;
2. Médico;
3. Segurança;
4. Remédios no posto de saúde;
5. Saneamento básico.

8. O que você imagina que poderia ser feito para você ter melhores condições de vida e de trabalho. Liste em ordem de importância as 5 que você considera mais relevante.

1. Precisa mais médico no posto de saúde;
2. Precisa de mais emprego;
3. Mais professores na escola;
4. Escolinha de futebol;
5. Segurança.

9. Caso precise de mais informações poderia contatar através de:

R. Polônia, 2409

10. Atividades que mais participa:

Futsal

Data: 25 / 06 / 2006.

Questionário aplicado aos usuários das intervenções sócio-comunitárias

II - Das necessidades que a comunidade apresenta

1. Nome: E. L.

2. Bairro onde mora: Jd. Europa

3. Participa de qual entidade que atua na região do J Europa: Escola da Família no Matarazzo

4. Idade:

12 13 14 15 16 17 18

5. Escolaridade:

fundamental incompleto;

fundamental completo;

médio incompleto;

médio completo;

6. Salário familiar

até 1 salário mínimo (R\$ 350,00 aproximadamente);

até 3 salários mínimos (R\$ 1050,00 aproximadamente);

até 5 salários mínimos (R\$ 1750 aproximadamente);

até 10 salários mínimos (R\$ 3500,00 aproximadamente);

mais de 10 salários mínimos;

7. Principal dificuldade que enfrenta no bairro. Liste em ordem de importância sendo a de nº. 1 a mais importante e a de nº. 5, a menos importante:

1. Segurança;
2. Asfalto;
3. Posto médico;
4. Voluntários para a escola;
5. Remédio no posto médico.

8. O que você imagina que poderia ser feito para você ter melhores condições de vida e de trabalho. Liste em ordem de importância as 5 que você considera mais relevante.

1. Mais emprego;
2. Aumenta o salário;
3. Professores na escola;
4. Segurança;
5. Escolinha.

9. Caso precise de mais informações poderia contatar através de:

R. Bélgica

10. Atividades que mais participa:

Esporte

Data: 25 / 06 / 2006.

Questionário aplicado aos usuários das intervenções sócio-comunitárias

II - Das necessidades que a comunidade apresenta

1. Nome: G. C. G. M. F.

2. Bairro onde mora: Jd. Europa

3. Participa de qual entidade que atua na região do J Europa: Escola da Família no Matarazzo

4. Idade:

12 13 14 15 16 17 18

5. Escolaridade:

fundamental incompleto;

fundamental completo;

médio incompleto;

médio completo;

6. Salário familiar

até 1 salário mínimo (R\$ 350,00 aproximadamente);

até 3 salários mínimos (R\$ 1050,00 aproximadamente);

até 5 salários mínimos (R\$ 1750 aproximadamente);

até 10 salários mínimos (R\$ 3500,00 aproximadamente);

mais de 10 salários mínimos;

7. Principal dificuldade que enfrenta no bairro. Liste em ordem de importância sendo a de nº. 1 a mais importante e a de nº. 5, a menos importante:

1. Ruas com buracos;
2. Hospital;
3. Segurança;
4. Saneamento básico;
5. Mais escolas com até o 3º colegial.

8. O que você imagina que poderia ser feito para você ter melhores condições de vida e de trabalho. Liste em ordem de importância as 5 que você considera mais relevante.

1. Melhoria na qualidade de ensino;
2. Segurança;
3. Mais atividades de lazer no bairro;
4. Mais interação entre a prefeitura e a população;
5. Mais empregos e oportunidades para cursos profissionalizantes.

9. Caso precise de mais informações poderia contatar através de:

R. Noruega, 2210.

.10. Atividades que mais participa:

Ping-Pong e Voley.

Data: 25 / 06 / 2006.

Questionário aplicado aos usuários das intervenções sócio-comunitárias

II - Das necessidades que a comunidade apresenta

1. Nome: G. H. F. F.

2. Bairro onde mora: Jd. Europa

3. Participa de qual entidade que atua na região do J Europa: Escola da Família no Matarazzo

4. Idade:

12 13 14 15 16 17 18

5. Escolaridade:

fundamental incompleto;

fundamental completo;

médio incompleto;

médio completo;

6. Salário familiar

até 1 salário mínimo (R\$ 350,00 aproximadamente);

até 3 salários mínimos (R\$ 1050,00 aproximadamente);

até 5 salários mínimos (R\$ 1750 aproximadamente);

até 10 salários mínimos (R\$ 3500,00 aproximadamente);

mais de 10 salários mínimos;

7. Principal dificuldade que enfrenta no bairro. Liste em ordem de importância sendo a de nº. 1 a mais importante e a de nº. 5, a menos importante:

1. Incapacidade dos professores;
2. Segurança;
3. Médicos;
4. Saneamento básico ;
5. Remédio no posto de saúde.

8. O que você imagina que poderia ser feito para você ter melhores condições de vida e de trabalho. Liste em ordem de importância as 5 que você considera mais relevante.

1. Precisa mais médico no posto de saúde;
2. Mais segurança;
3. Mais capacitação dos professores;
4. Mais remédio no posto de saúde;
5. Curso de espanhol.

9. Caso precise de mais informações poderia contatar através de:

R. Polônia, 2409.

10. Atividades que mais participa:

Esporte e Ping – Pong.

Data: 25 / 06 / 2006.

Questionário aplicado aos usuários das intervenções sócio-comunitárias

II - Das necessidades que a comunidade apresenta

1. Nome: J. C. C.

2. Bairro onde mora: Jd. Europa

3. Participa de qual entidade que atua na região do J Europa: Escola da Família no Matarazzo

4. Idade:

12 13 14 15 16 17 18

5. Escolaridade:

fundamental incompleto;

fundamental completo;

médio incompleto;

médio completo;

6. Salário familiar

até 1 salário mínimo (R\$ 350,00 aproximadamente);

até 3 salários mínimos (R\$ 1050,00 aproximadamente);

até 5 salários mínimos (R\$ 1750 aproximadamente);

até 10 salários mínimos (R\$ 3500,00 aproximadamente);

mais de 10 salários mínimos;

7. Principal dificuldade que enfrenta no bairro. Liste em ordem de importância sendo a de nº. 1 a mais importante e a de nº. 5, a menos importante:

1. Mais emprego;
2. Escola de futebol;
3. Jogos regionais;
4. Higiene;
5. Governante.

8. O que você imagina que poderia ser feito para você ter melhores condições de vida e de trabalho. Liste em ordem de importância as 5 que você considera mais relevante.

1. Mais emprego;
2. Cursos;
3. Aulas diferentes;
4. Passeio escolar;
5. Brincadeiras.

9. Caso precise de mais informações poderia contatar através de:

R. Noruega, 2464 / fone 3473-2275

10. Atividades que mais participa:

Futebol.

Data: 25 / 06 / 2006_

Questionário aplicado aos usuários das intervenções sócio-comunitárias

II - Das necessidades que a comunidade apresenta

1. Nome: J. C. S.

2. Bairro onde mora: Jd. Das Palmeira

3. Participa de qual entidade que atua na região do J Europa: Escola Antonio Matarazzo

4. Idade:

12 13 14 15 16 17 18

5. Escolaridade:

fundamental incompleto;

fundamental completo;

médio incompleto;

médio completo;

6. Salário familiar

até 1 salário mínimo (R\$ 350,00 aproximadamente);

até 3 salários mínimos (R\$ 1050,00 aproximadamente);

até 5 salários mínimos (R\$ 1750 aproximadamente);

até 10 salários mínimos (R\$ 3500,00 aproximadamente);

mais de 10 salários mínimos;

7. Principal dificuldade que enfrenta no bairro. Liste em ordem de importância sendo a de nº. 1 a mais importante e a de nº. 5, a menos importante:

1. Mais trabalho;
2. Algum lugar a mais pra fazer algum curso;
3. Higiene;
4. Policiamento;
5. Mais aprendizado.

8. O que você imagina que poderia ser feito para você ter melhores condições de vida e de trabalho. Liste em ordem de importância as 5 que você considera mais relevante.

26. Estudar;
27. Falta de profissionais;
28. Mais aprendizado;
29. Mais policiamento;
30. Mais aprendizado.

9. Caso precise de mais informações poderia contatar através de:

Fone 3473-3114

10. Atividades que mais participa:

Jogo bola e tênis de mesa.

Data: 25 / 06 / 2006.

Questionário aplicado aos usuários das intervenções sócio-comunitárias

II - Das necessidades que a comunidade apresenta

1. Nome: L. B. F.

2. Bairro onde mora: Jd. Europa

3. Participa de qual entidade que atua na região do J Europa: Escola da Família no Matarazzo

4. Idade:

12 13 14 15 16 17 18

5. Escolaridade:

fundamental incompleto;

fundamental completo;

médio incompleto;

médio completo;

6. Salário familiar

até 1 salário mínimo (R\$ 350,00 aproximadamente);

até 3 salários mínimos (R\$ 1050,00 aproximadamente);

até 5 salários mínimos (R\$ 1750 aproximadamente);

até 10 salários mínimos (R\$ 3500,00 aproximadamente);

mais de 10 salários mínimos;

7. Principal dificuldade que enfrenta no bairro. Liste em ordem de importância sendo a de nº. 1 a mais importante e a de nº. 5, a menos importante:

1. Hospital;
2. Posto policial;
3. Buracos nas ruas;
4. Saneamento básico;
5. Escolas técnicas.

8. O que você imagina que poderia ser feito para você ter melhores condições de vida e de trabalho. Liste em ordem de importância as 5 que você considera mais relevante.

31. Mais hospitais;
32. Mais posto policial;
33. Buracos nas ruas;
34. Saneamento básico;
35. Escolas técnicas.

9. Caso precise de mais informações poderia contatar através de:

9632-4451

10. Atividades que mais participa:

Futebol, Ping-Pong, Voley, etc

Data: 25 / 06 / 2006.

Questionário aplicado aos usuários das intervenções sócio-comunitárias

II - Das necessidades que a comunidade apresenta

1. Nome: L. P. L.

2. Bairro onde mora: Jd. Europa

3. Participa de qual entidade que atua na região do J Europa: Escola da Família no Matarazzo

4. Idade:

12 13 14 15 16 17 18

5. Escolaridade:

fundamental incompleto;

fundamental completo;

médio incompleto;

médio completo;

6. Salário familiar

até 1 salário mínimo (R\$ 350,00 aproximadamente);

até 3 salários mínimos (R\$ 1050,00 aproximadamente);

até 5 salários mínimos (R\$ 1750 aproximadamente);

até 10 salários mínimos (R\$ 3500,00 aproximadamente);

mais de 10 salários mínimos;

7. Principal dificuldade que enfrenta no bairro. Liste em ordem de importância sendo a de nº. 1 a mais importante e a de nº. 5, a menos importante:

1. Drogas;
2. Rua cheia de buracos;
3. Policiais;
4. Mais aprendizado;
5. Higiene.

8. O que você imagina que poderia ser feito para você ter melhores condições de vida e de trabalho. Liste em ordem de importância as 5 que você considera mais relevante.

1. Estudar.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

9. Caso precise de mais informações poderia contatar através de:

R. França, 1835.

10. Atividades que mais participa:

Futebol.

Data: 25 / 06 / 2006.

Questionário aplicado aos usuários das intervenções sócio-comunitárias

II - Das necessidades que a comunidade apresenta

1. Nome: R. O.

2. Bairro onde mora: Jd. Europa

3. Participa de qual entidade que atua na região do J Europa: Escola da Família no Matarazzo

4. Idade:

12 13 14 15 16 17 18

5. Escolaridade:

fundamental incompleto;

fundamental completo;

médio incompleto;

médio completo;

6. Salário familiar

até 1 salário mínimo (R\$ 350,00 aproximadamente);

até 3 salários mínimos (R\$ 1050,00 aproximadamente);

até 5 salários mínimos (R\$ 1750 aproximadamente);

até 10 salários mínimos (R\$ 3500,00 aproximadamente);

mais de 10 salários mínimos;

7. Principal dificuldade que enfrenta no bairro. Liste em ordem de importância sendo a de nº. 1 a mais importante e a de nº. 5, a menos importante:

1. Asfalto;
2. Voluntários para a escola;
3. Segurança;
4. Médicos;
5. Hospital.

8. O que você imagina que poderia ser feito para você ter melhores condições de vida e de trabalho. Liste em ordem de importância as 5 que você considera mais relevante.

1. Mais escolas;
2. Aumenta o salário da população;
3. Mais emprego;
4. Mais capacitação para o professores;
5. Curso para os adolescentes.

9. Caso precise de mais informações poderia contatar através de:

3457-0349

10. Atividades que mais participa:

Oficina de pipa, Ping-Pong e Esporte.

Data: 25 / 06 / 2006.

Questionário aplicado aos usuários das intervenções sócio-comunitárias

II - Das necessidades que a comunidade apresenta

1. Nome: T. P. M. A.

2. Bairro onde mora: Jd. Europa

3. Participa de qual entidade que atua na região do J Europa: Escola da Família no Matarazzo

4. Idade:

12 13 14 15 16 17 18

5. Escolaridade:

fundamental incompleto;

fundamental completo;

médio incompleto;

médio completo;

6. Salário familiar

até 1 salário mínimo (R\$ 350,00 aproximadamente);

até 3 salários mínimos (R\$ 1050,00 aproximadamente);

até 5 salários mínimos (R\$ 1750 aproximadamente);

até 10 salários mínimos (R\$ 3500,00 aproximadamente);

mais de 10 salários mínimos;

7. Principal dificuldade que enfrenta no bairro. Liste em ordem de importância sendo a de nº. 1 a mais importante e a de nº. 5, a menos importante:

1. Curso de violão;
2. Curso de crochê;
3. Asfalto;
4. Atendimento médico;
5. Atendimento escolar.

8. O que você imagina que poderia ser feito para você ter melhores condições de vida e de trabalho. Liste em ordem de importância as 5 que você considera mais relevante.

1. Curso de violão;
2. Cursos técnicos;
3. Atendimento médico;
4. Atendimento policial.
- 5.

9. Caso precise de mais informações poderia contatar através de:

3461-6040

10. Atividades que mais participa:

Esporte e Ping-Pong.

Data: 25 / 06 / 2006.

Questionário aplicado aos usuários das intervenções sócio-comunitárias

II - Das necessidades que a comunidade apresenta

1. Nome: J. A.

2. Bairro onde mora: Jd. Europa

3. Participa de qual entidade que atua na região do J Europa: IBJE

4. Idade:

12 13 14 15 16 17 18

5. Escolaridade:

fundamental incompleto;

fundamental completo;

médio incompleto;

médio completo;

6. Salário familiar

até 1 salário mínimo (R\$ 350,00 aproximadamente);

até 3 salários mínimos (R\$ 1050,00 aproximadamente);

até 5 salários mínimos (R\$ 1750 aproximadamente);

até 10 salários mínimos (R\$ 3500,00 aproximadamente);

mais de 10 salários mínimos;

7. Principal dificuldade que enfrenta no bairro. Liste em ordem de importância

sendo a de nº. 1 a mais importante e a de nº. 5, a menos importante:

1. Posto de saúde, é difícil conseguir as coisas;
2. Policiamento;
3. Educação é bem fraca, principalmente na área do ensino médio;
- 4.
- 5.

OBS: “Tudo o que eu faço é pro lado de Americana.” “Eu não estudo aqui, vou pra Americana porque o ensino no Lacava é péssimo”.

8. O que você imagina que poderia ser feito para você ter melhores condições de vida e de trabalho. Liste em ordem de importância as 5 que você considera mais relevante.

36. Colocar ensino médio na escola M^a Judita;
37. Ampliar o sistema de saúde, com um hospital;
38. Mais posto policial.
- 39.
- 40.

9. Caso precise de mais informações poderia contatar através de:

3458-8598.

10. Atividades que mais participa:

Data: 07 / 2007.

Questionário aplicado aos usuários das intervenções sócio-comunitárias

II - Das necessidades que a comunidade apresenta

1. Nome: N.

2. Bairro onde mora: Jd. Europa

3. Participa de qual entidade que atua na região do J Europa: IBJE

4. Idade:

12 13 14 15 16 17 18

5. Escolaridade:

fundamental incompleto;

fundamental completo;

médio incompleto;

médio completo;

6. Salário familiar

até 1 salário mínimo (R\$ 350,00 aproximadamente);

até 3 salários mínimos (R\$ 1050,00 aproximadamente);

até 5 salários mínimos (R\$ 1750 aproximadamente);

até 10 salários mínimos (R\$ 3500,00 aproximadamente);

mais de 10 salários mínimos;

7. Principal dificuldade que enfrenta no bairro. Liste em ordem de importância sendo a de nº. 1 a mais importante e a de nº. 5, a menos importante:

1. Escolas melhores;

2. Médico no postinho;
- 3.
- 4.
- 5.

8. O que você imagina que poderia ser feito para você ter melhores condições de vida e de trabalho. Liste em ordem de importância as 5 que você considera mais relevante.

1. Resolver os problemas que falei.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

9. Caso precise de mais informações poderia contatar através de:
Não tem telefone.

10. Atividades que mais participa:

Data: 07 / 2007

Questionário aplicado aos usuários das intervenções sócio-comunitárias

II - Das necessidades que a comunidade apresenta

1. Nome: R.

2. Bairro onde mora: Jd. Europa

3. Participa de qual entidade que atua na região do J Europa: IBJE

4. Idade:

12 13 14 15 16 17 18

5. Escolaridade:

fundamental incompleto;

fundamental completo;

médio incompleto;

médio completo;

6. Salário familiar

até 1 salário mínimo (R\$ 350,00 aproximadamente);

até 3 salários mínimos (R\$ 1050,00 aproximadamente);

até 5 salários mínimos (R\$ 1750 aproximadamente);

até 10 salários mínimos (R\$ 3500,00 aproximadamente);

mais de 10 salários mínimos;

7. Principal dificuldade que enfrenta no bairro. Liste em ordem de importância

sendo a de nº. 1 a mais importante e a de nº. 5, a menos importante:

1. Posto de saúde é horrível;
2. Não tem escola de ensino técnico.
- 3.
- 4.
- 5.

8. O que você imagina que poderia ser feito para você ter melhores condições de vida e de trabalho. Liste em ordem de importância as 5 que você considera mais relevante.

1. Posto de saúde com mais médicos;
2. Ter curso técnico na escola pública.
- 3.
- 4.
- 5.

9. Caso precise de mais informações poderia contatar através de:

3458-3663

10. Atividades que mais participa:

Reuniões da igreja, escola bíblica, tocar no grupo de cânticos e participa dos eventos.

Data: 07 / 2007

Questionário aplicado aos usuários das intervenções sócio-comunitárias

II - Das necessidades que a comunidade apresenta

1. Nome: S.

2. Bairro onde mora: Jd. Frezzarim

3. Participa de qual entidade que atua na região do J Europa: IBJE

4. Idade:

12 13 14 15 16 17 18

5. Escolaridade:

fundamental incompleto;

fundamental completo;

médio incompleto;

médio completo;

6. Salário familiar

até 1 salário mínimo (R\$ 350,00 aproximadamente);

até 3 salários mínimos (R\$ 1050,00 aproximadamente);

até 5 salários mínimos (R\$ 1750 aproximadamente);

até 10 salários mínimos (R\$ 3500,00 aproximadamente);

mais de 10 salários mínimos;

7. Principal dificuldade que enfrenta no bairro. Liste em ordem de importância sendo a de nº. 1 a mais importante e a de nº. 5, a menos importante:

1. Posto de saúde;

2. As ruas estão péssimas para se locomover precisa refazer asfalto;

3. Falta praça;

4. Mais segurança na escola;
5. O ensino noturno está fraco.

OBS: Posto: “Quem depende de postinho morre na fila... a gente fica doente só de lembrar que tem que enfrentar a fila.”

Escola: “De sexta-feira quase não vai ninguém, as notas do ENEM foram baixas... A maioria disse que não ia nem se quer fazer o ENEM, iam mal, além disso não iam fazer faculdade mesmo... Alunos de 5° a 6° série não quer nem ir para a escola, acabando a 8° série já ta bom, já da pra pegar um emprego de gari... Está todo mundo desmotivado e o ensino noturno ainda é mais fraco, tem semana que a gente não faz nada.

8. O que você imagina que poderia ser feito para você ter melhores condições de vida e de trabalho. Liste em ordem de importância as 5 que você considera mais relevante.

1. Mais urgente seria melhorar a saúde;
2. Os estudos, melhorando as escola;
3. Cuidado com o bairro.
- 4.
- 5.

9. Caso precise de mais informações poderia contatar através de:

3473-4734

10. Atividades que mais participa:

Data: 07 / 2007.

Questionário aplicado aos usuários das intervenções sócio-comunitárias

II - Das necessidades que a comunidade apresenta

1. Nome: W. T. G

2. Bairro onde mora: Jd. Europa

3. Participa de qual entidade que atua na região do J Europa: IBJE

4. Idade:

12 13 14 15 16 17 18

5. Escolaridade:

fundamental incompleto;

fundamental completo;

médio incompleto;

médio completo;

6. Salário familiar

até 1 salário mínimo (R\$ 350,00 aproximadamente);

até 3 salários mínimos (R\$ 1050,00 aproximadamente);

até 5 salários mínimos (R\$ 1750 aproximadamente);

até 10 salários mínimos (R\$ 3500,00 aproximadamente);

mais de 10 salários mínimos;

7. Principal dificuldade que enfrenta no bairro. Liste em ordem de importância sendo a de nº. 1 a mais importante e a de nº. 5, a menos importante:

1. Posto de saúde;

2. Escolas com ensino fraco;
3. Ensino profissionalizante;
4. Lazer;
5. Emprego.

8. O que você imagina que poderia ser feito para você ter melhores condições de vida e de trabalho. Liste em ordem de importância as 5 que você considera mais relevante.

1. Mais atendimento na saúde;
2. Melhorar ensino;
3. Mais cursos para jovens;
4. Mais eventos com lazer para os jovens;
5. Mais oportunidade de emprego.

9. Caso precise de mais informações poderia contatar através de:

3457-3555

10. Atividades que mais participa:

Data: 07 / 2007.

II - Das necessidades que a comunidade apresenta

1. Nome: B.

2. Bairro onde mora: Mollon.

3. Participa de qual entidade que atua na região do J Europa: São Sebastião - no Jardim Europa.

4. Idade:

12 13 14 15 16 17 18

5. Escolaridade:

fundamental incompleto;

fundamental completo;

médio incompleto;

médio completo;

6. Salário familiar

até 1 salário mínimo (R\$ 350,00 aproximadamente);

até 3 salários mínimos (R\$ 1050,00 aproximadamente);

até 5 salários mínimos (R\$ 1750 aproximadamente);

até 10 salários mínimos (R\$ 3500,00 aproximadamente);

mais de 10 salários mínimos;

7. Principal dificuldade que enfrenta no bairro. Liste em ordem de importância sendo a de nº. 1 a mais importante e a de nº. 5, a menos importante:

1. Falta de recursos para lazer;

2. Falta de recursos para a comunidade;

3. Falta de comércio, bancos, mercados, etc.
- 4.
- 5.

8. O que você imagina que poderia ser feito para você ter melhores condições de vida e de trabalho. Liste em ordem de importância as 5 que você considera mais relevante.

1. Menos exigência profissional;
2. Mais capacitação;
3. Mais incentivo;
4. Menos discriminação;
5. Mais reconhecimento.

9. Caso precise de mais informações poderia contatar através de:

10. Atividades que mais participa:

Data: 28 / 10 / 2007.

Questionário aplicado aos usuários das intervenções sócio-comunitárias

II - Das necessidades que a comunidade apresenta

1. Nome: L.

2. Bairro onde mora: Jd. Europa

3. Participa de qual entidade que atua na região do J Europa: São Sebastião

4. Idade:

12 13 14 15 16 17 18

5. Escolaridade:

fundamental incompleto;

fundamental completo;

médio incompleto;

médio completo;

6. Salário familiar

até 1 salário mínimo (R\$ 350,00 aproximadamente);

até 3 salários mínimos (R\$ 1050,00 aproximadamente);

até 5 salários mínimos (R\$ 1750 aproximadamente);

até 10 salários mínimos (R\$ 3500,00 aproximadamente);

mais de 10 salários mínimos;

7. Principal dificuldade que enfrenta no bairro. Liste em ordem de importância sendo a de nº. 1 a mais importante e a de nº. 5, a menos importante:

1. Falta de recurso em escolas;

2. Escola distante de casa;
3. Falta de cuidado do prefeito.
- 4.
- 5.

8. O que você imagina que poderia ser feito para você ter melhores condições de vida e de trabalho. Liste em ordem de importância as 5 que você considera mais relevante.

1. Dar trabalhos para os jovens sem exigir experiência;
2. Mais oportunidades;
3. Mais cursos de graça.
- 4.
- 5.

9. Caso precise de mais informações poderia contatar através de:

10. Atividades que mais participa:

Data: 28 / 10 / 2007.

Questionário aplicado aos usuários das intervenções sócio-comunitárias

II - Das necessidades que a comunidade apresenta

1. Nome: L.

2. Bairro onde mora: Jd. Europa

3. Participa de qual entidade que atua na região do J Europa: Capela de Fátima
/ São Sebastião

4. Idade:

12 13 14 15 16 17 18

5. Escolaridade:

fundamental incompleto;

fundamental completo;

médio incompleto;

médio completo;

6. Salário familiar

até 1 salário mínimo (R\$ 350,00 aproximadamente);

até 3 salários mínimos (R\$ 1050,00 aproximadamente);

até 5 salários mínimos (R\$ 1750 aproximadamente);

até 10 salários mínimos (R\$ 3500,00 aproximadamente);

mais de 10 salários mínimos;

7. Principal dificuldade que enfrenta no bairro. Liste em ordem de importância sendo a de nº. 1 a mais importante e a de nº. 5, a menos importante:

1. Não vejo dificuldades no nosso bairro;
2. Acho que tem escolas boas;
3. Tem quadras poli esportivas, tem estrutura;
4. Só acho que precise um pouco mais de eventos que envolva a comunidade.
- 5.

8. O que você imagina que poderia ser feito para você ter melhores condições de vida e de trabalho. Liste em ordem de importância as 5 que você considera mais relevante.

1. Uma melhor preparação nas escolas;
2. Mais cursos profissionalizantes, preparatórios;
3. Melhor atendimento no posto médico;
4. O bairro precisa de mais infra-estrutura para educação, escolas preparatórias, cursos técnicos.
- 5.

9. Caso precise de mais informações poderia contatar através de:

10. Atividades que mais participa:

Data: 27 / 10 / 2007.

Questionário aplicado aos usuários das intervenções sócio-comunitárias

II - Das necessidades que a comunidade apresenta

1. Nome: M.

2. Bairro onde mora: Frezzarin

3. Participa de qual entidade que atua na região do J Europa: São Sebastião

4. Idade:

12 13 14 15 16 17 18

5. Escolaridade:

fundamental incompleto;

fundamental completo;

médio incompleto;

médio completo;

6. Salário familiar

até 1 salário mínimo (R\$ 350,00 aproximadamente);

até 3 salários mínimos (R\$ 1050,00 aproximadamente);

até 5 salários mínimos (R\$ 1750 aproximadamente);

até 10 salários mínimos (R\$ 3500,00 aproximadamente);

mais de 10 salários mínimos;

7. Principal dificuldade que enfrenta no bairro. Liste em ordem de importância sendo a de nº. 1 a mais importante e a de nº. 5, a menos importante:

1. Falta de cultura;

2. Falta de recurso necessário para a população;
3. Falta de bancos, caixas eletrônicas;
4. Falta de incentivo para os moradores;
5. Falta de segurança.

8. O que você imagina que poderia ser feito para você ter melhores condições de vida e de trabalho. Liste em ordem de importância as 5 que você considera mais relevante.

1. Mais investimento nos trabalhadores;
2. Mais investimento para gerar empregos;
3. Mais reconhecimento no trabalho;
4. Mais infra-estrutura aos trabalhadores;
5. Mais ajuda de custos nas empresas.

9. Caso precise de mais informações poderia contatar através de:

10. Atividades que mais participa:

Data: 28 / 10 / 2007.

Questionário aplicado aos usuários das intervenções sócio-comunitárias

II - Das necessidades que a comunidade apresenta

1. Nome: M.

2. Bairro onde mora: Jd. Europa

3. Participa de qual entidade que atua na região do J Europa: São Sebastião

4. Idade:

12 13 14 15 16 17 18

5. Escolaridade:

fundamental incompleto;

fundamental completo;

médio incompleto;

médio completo;

6. Salário familiar

até 1 salário mínimo (R\$ 350,00 aproximadamente);

até 3 salários mínimos (R\$ 1050,00 aproximadamente);

até 5 salários mínimos (R\$ 1750 aproximadamente);

até 10 salários mínimos (R\$ 3500,00 aproximadamente);

mais de 10 salários mínimos;

7. Principal dificuldade que enfrenta no bairro. Liste em ordem de importância sendo a de nº. 1 a mais importante e a de nº. 5, a menos importante:

1. Eu acho nosso bairro bom, mas precisava ter mais segurança;

2. Eventos, diversão;
3. Escolas com mais organização;
4. Menos jovens perdidos, mais incentivos à eles;
5. Mais oportunidades para emprego.

8. O que você imagina que poderia ser feito para você ter melhores condições de vida e de trabalho. Liste em ordem de importância as 5 que você considera mais relevante.

1. Mais oportunidade de emprego;
2. Mais estabilidade;
3. Menos experiência, pois tem gente que não tem.
- 4.
- 5.

9. Caso precise de mais informações poderia contatar através de:

10. Atividades que mais participa:

Data: 10/2007.

Questionário aplicado aos usuários das intervenções sócio-comunitárias

II - Das necessidades que a comunidade apresenta

1. Nome: T. J. F.

2. Bairro onde mora: Jd. Europa – Zona Leste

3. Participa de qual entidade que atua na região do J Europa: Vicentinos – Jd. Europa

4. Idade:

12 13 14 15 16 17 18

5. Escolaridade:

fundamental incompleto;

fundamental completo;

médio incompleto;

médio completo;

6. Salário familiar

até 1 salário mínimo (R\$ 350,00 aproximadamente);

até 3 salários mínimos (R\$ 1050,00 aproximadamente);

até 5 salários mínimos (R\$ 1750 aproximadamente);

até 10 salários mínimos (R\$ 3500,00 aproximadamente);

mais de 10 salários mínimos;

7. Principal dificuldade que enfrenta no bairro. Liste em ordem de importância sendo a de nº. 1 a mais importante e a de nº. 5, a menos importante:

1. Assistência do posto médico (Médicos);
2. Assistência de creche.
- 3.
- 4.
- 5.

8. O que você imagina que poderia ser feito para você ter melhores condições de vida e de trabalho. Liste em ordem de importância as 5 que você considera mais relevante.

1. Aumentar a capacidade de atendimento do posto médico;
2. Aumentar a capacidade da creche;
3. Criar projetos de inclusão social no bairro.
- 4.
- 5.

9. Caso precise de mais informações poderia contatar através de:

10. Atividades que mais participa:

Data: 18 / 08 / 2007.

ANEXO 6: Mapas da região pesquisada

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)